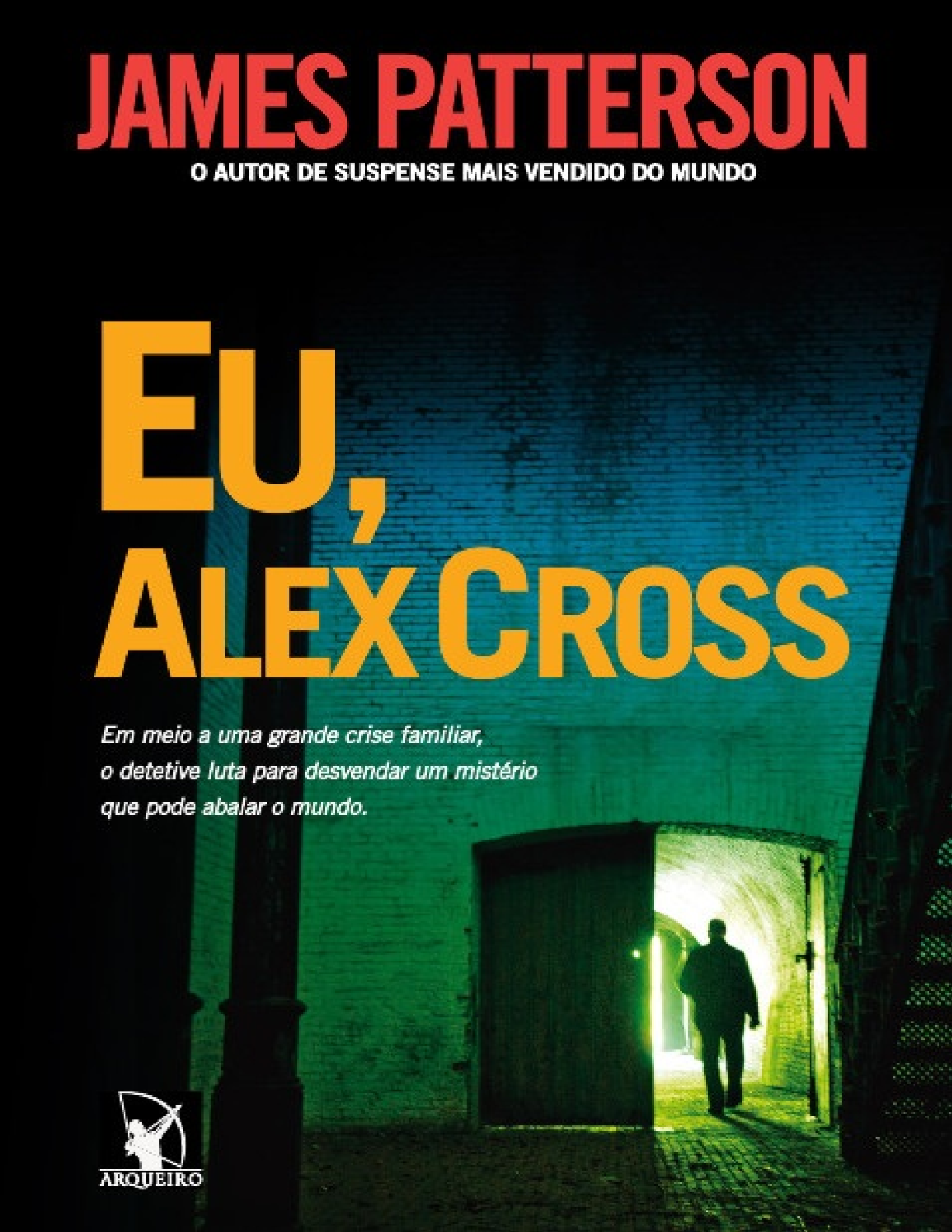
JAMES PATTERSON

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

EU, ALEX CROSS

Em meio a uma grande crise familiar,
o detetive luta para desvendar um mistério
que pode abalar o mundo.



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BIBLIOTECA
DO EXILADO

EU, ALEX CROSS



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JAMES PATTERSON

EU, ALEX CROSS



Título original: *I, Alex Cross*
Copyright © 2009 por James Patterson
Copyright da tradução © 2011 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, New York, New York, USA.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução:
Fabiano Morais

preparo de originais:
Rachel Agavino

revisão:
Ana Lúcia Machado e Luis Américo Costa

diagramação:
Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa:
Raul Fernandes

imagem de capa:
Yolande de Kort / Trevillion Images

geração de ePub:
Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P597e

Patterson, James, 1947-
Eu, Alex Cross [recurso eletrônico] / James Patterson [tradução de Fabiano Morais];.São Paulo: Arqueiro, 2012.
recurso digital

Tradução de: I, Alex Cross
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-043-3 (recurso eletrônico)

1. História de suspense. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

12-0032

CDD: 813
CDU: 821.111(7

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Judy Torres

PRÓLOGO

FOGO E ÁGUA

Um

HANNAH WILLIS CURSAVA O SEGUNDO ano da faculdade de direito da Universidade da Virgínia e seu futuro parecia favorável e promissor – exceto, é claro, pelo fato de ela estar prestes a morrer naquela mata escura, sombria e sinistra.

Corra, Hannah, dizia a si mesma. *Apenas corra. Pare de pensar. Ficar se lamentando e chorando não vai ajudar você agora. Correr talvez ajude.*

Ela tropeçou e cambaleou para a frente até suas mãos encontrarem outro tronco de árvore no qual se agarrar. Apoiou seu corpo dolorido nele, esperando recuperar as forças para respirar novamente e poder dar outro pique e seguir mais alguns passos adiante.

Não pare ou você vai morrer nesta mata. É simples assim.

A bala alojada em algum lugar da parte de baixo das suas costas tornava cada movimento e cada respiração uma agonia, causando mais dor do que Hannah jamais imaginara possível. Era apenas a ameaça de uma *segunda* bala ou talvez algo pior que a mantinha de pé e seguindo em frente.

A mata era quase um breu total. A lua crescente que pairava sobre as copas cerradas das árvores mal iluminava o chão. As próprias árvores não passavam de sombras. Era impossível ver os espinhos dos arbustos na vegetação rasteira; eles perfuravam e cortavam suas pernas até sangrar. A pouca roupa que usava – apenas um body caro de renda preta – agora pendia em frangalhos dos seus ombros.

No entanto, nada disso importava ou ao menos era registrado por Hannah. O único pensamento claro que conseguia atravessar a dor e o pânico era: *Corra, garota*. O restante era um pesadelo sem palavras nem sentido.

Por fim e muito de repente – teria se passado uma hora? Ou mais? –, a cobertura baixa das árvores se abriu acima da sua cabeça e ao seu redor.

– Mas o que...?

A terra se transformou em cascalho debaixo dos seus pés e, sem ter onde se

apoiar, Hannah caiu de joelhos.

Sob o luar opaco, ela conseguia ver o fantasma de uma faixa dupla no asfalto, revelando a curva de uma estrada. Era como um milagre. Ou meio milagre, pelo menos. Ela sabia que ainda não tinha escapado daquela encrenca.

Quando ouviu o barulho de um motor ao longe, Hannah se apoiou nas próprias mãos e empurrou o corpo para cima, levantando-se do cascalho. Reunindo uma força que não sabia ainda possuir, ficou de pé e então cambaleou até o meio da estrada. Suor e lágrimas embaçavam seu mundo.

Por favor, Deus, não permita que sejam eles. Não podem ser aqueles dois desgraçados.

O Senhor não seria tão cruel, seria?

Foi então que uma caminhonete vermelha dobrou a curva, vindo para cima dela depressa. Depressa demais! De repente ela estava tão cega quanto estivera antes na mata, mas dessa vez por causa dos faróis do veículo.

– Pare! Por favor, pare! Por favooor! – gritou ela. – *Pare, seu filho da puta!*

No último segundo, os pneus cantaram no asfalto. A caminhonete vermelha entrou por completo no seu campo de visão e parou imediatamente antes de atropelá-la como um animal na estrada. Ela conseguia sentir o calor que saía do motor através da grade.

– Ei, gatinha, bela roupa. Você só precisava ter esticado o polegar.

Ela não conhecia aquela voz – o que era bom, muito bom. Música country alta vinha da cabine também: *Charlie Daniels Band*, sua mente registrou de forma vaga, pouco antes de Hannah desabar no asfalto.

O motorista já havia saído da caminhonete quando, segundos depois, ela recobrou a consciência.

– Oh, meu Deus, eu não... O que aconteceu com você? Você está...? *O que aconteceu com você?*

– Por favor. – Ela mal conseguia falar. – Se eles me encontrarem aqui, vão matar nós dois.

As mãos fortes do homem a envolveram, roçando o buraco do tamanho de uma moeda de 10 centavos nas suas costas enquanto a erguiam. Ela apenas suspirou, fraca demais para gritar. Alguns segundos nebulosos e indistintos depois, eles estavam dentro da caminhonete e seguindo muito depressa pela rodovia de duas pistas.

– Aguente firme, querida. – A voz do motorista estava trêmula agora. – Me conte quem fez isso com você.

Hannah sentia que estava perdendo a consciência de novo.

– Os homens...

– Os homens? *Que homens*, querida? De quem você está falando?

Uma resposta pairou vagamente sobre a cabeça de Hannah e ela não soube ao certo se a disse em voz alta ou se apenas pensou nela antes de tudo escurecer.

Os homens da Casa Branca.

Dois

O NOME DELE ERA JOHNNY TUCCI, mas todos os garotos do seu bairro no sul da Filadélfia o chamavam de Johnny Cacoete, por causa do modo como seus olhos não paravam quietos quando ele ficava nervoso, o que acontecia a maior parte do tempo.

É claro que, depois dessa noite, os garotos do bairro poderiam ir se danar. Naquela noite Johnny entrou no jogo pra valer. Era hora de ser homem. Ele estava com "o pacote", não estava?

Era um serviço simples, mas dos bons, porque ele estava sozinho e precisava assumir toda a responsabilidade. Já havia apanhado o pacote. Teve medo, mas se saiu bem.

Ninguém falava com todas as letras, mas, assim que você começava a fazer entregas desse tipo, isso significava que estava vinculado de alguma forma à Família e que ela estava vinculada a você. Em outras palavras, havia um relacionamento. Depois daquela noite, Johnny não precisaria mais fazer apostas para os outros, nem catar migalhas nos bairros do sul. Era como aquele adesivo de para-choque que dizia: *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida.*

Então era natural que ele estivesse empolgado... e só um pouquinho nervoso.

O alerta de seu tio Eddie não parava de se repetir na sua mente, como uma gravação: *Não desperdice essa oportunidade, Cacoete. Estou colocando o meu na reta por você.* O tio dissera isso como se estivesse lhe fazendo um grande favor ao lhe dar esse serviço. Quer dizer, Johnny até achava que talvez estivesse realmente, mas mesmo assim. Seu próprio tio não precisava jogar isso na sua cara, precisava?

Ele estendeu a mão e aumentou o volume do rádio. Até a música country que eles costumavam tocar por ali era melhor do que escutar a falação de Eddie na sua cabeça a noite inteira. Estava tocando uma velha canção da Charlie Daniels Band, "The Devil Went Down to Georgia". Ele até conhecia um pouco da letra.

Mas nem isso fez com que a voz de Eddie saísse de sua mente.

Não desperdice essa oportunidade, Cacoete.

Estou colocando o meu na reta por você.

Puta merda!

Luzes azuis piscavam em seu retrovisor, vindas do nada. Dois, três segundos antes ele poderia ter jurado que estava sozinho na Interestadual 95.

Pelo jeito, não.

Johnny começou a sentir os primeiros espasmos no canto do olho direito.

Ele pisou no acelerador; talvez conseguisse fugir. Então se lembrou da porcaria do Dogde que estava dirigindo, roubado do estacionamento de um motel em Essington. *Que droga! Eu devia ter ido ao estacionamento do Marriott. Arranjado um carro japa.*

Mas era possível que ainda não tivessem denunciado o roubo do Dodge. O dono, seja lá quem fosse, provavelmente estava dormindo no motel. Com alguma sorte, Johnny poderia simplesmente sumir com a multa e ninguém jamais precisaria ficar sabendo.

Mas esse era o tipo de sorte que as outras pessoas tinham, não ele.

Os policiais levaram uma eternidade para sair da viatura, o que era um mau sinal – o pior de todos. Eles estavam conferindo o modelo e a placa do veículo. Quando enfim chegaram ao Dodge, parando um de cada lado, os olhos de Johnny já pareciam dois feijões saltadores mexicanos.

Ele tentou manter a calma.

– Boa noite, oficiais. Algum pro...

O que estava do seu lado, um sujeito alto com um sotaque caipira, abriu a porta do motorista.

– Bico calado. Saia do veículo.

Eles não demoraram nada para encontrar o pacote. Depois de vasculharem os bancos da frente e de trás, abriram o porta-malas, puxaram a lona que cobria o estepe e pronto.

– Nossa Senhora! – exclamou um dos policiais ao iluminar o porta-malas com sua lanterna. O outro engasgou quando viu o que havia ali. – *Que diabo você fez?*

Johnny não ficou por perto para responder à pergunta. Ele já estava correndo para salvar sua vida.

Três

NINGUÉM NUNCA TINHA ESTADO TÃO morto, ou sido tão burro, quanto ele agora. Johnny Tucci teve certeza disso enquanto saía do meio das árvores e começava a descer, deslizando, uma ribanceira que havia ao lado da rodovia.

Ele talvez pudesse se esconder daqueles tiras, mas não da Família. Nem na cadeia nem em qualquer outro lugar. Isso era um fato. Não se perdia um "pacote" como aquele sem que você mesmo se tornasse um pacote.

Vozes surgiram de cima do barranco, seguidas por fachos de luz dançantes. Johnny atirou-se no chão e se escondeu debaixo de um aglomerado de arbustos. Ele tremia dos pés à cabeça, seu coração tão acelerado que chegava a doer, seus pulmões ofegantes por conta do excesso de cigarros. Era quase impossível ficar parado, em silêncio.

Ai, merda, estou morto.

– Está vendo alguma coisa? Está vendo aquele desgraçado? Aquele doente?

– Ainda não. Mas nós vamos pegá-lo. Ele está aqui embaixo em algum lugar. Não pode ter ido longe.

Os policiais se dividiram, indo cada um para um lado, descendo a ribanceira. Muito calculistas e eficientes.

Embora ele já tivesse conseguido recuperar o fôlego, a tremedeira só piorava, e não apenas por causa dos tiras. Era porque tinha começado a se dar conta do que precisaria fazer em seguida. Estritamente falando, havia somente duas opções realistas. Uma envolvia o 38 que ele trazia no coldre em seu tornozelo. A outra, o pacote – e seu dono. Era apenas uma questão de como ele preferia morrer. E, sob aquele luar frio, não parecia haver muita escolha. Movendo-se o mais lentamente possível, ele estendeu a mão para baixo e sacou o 38. Tremendo muito, encaixou o cano dentro da boca. A porcaria do metal chacoalhava com força contra seus dentes e deixava um gosto amargo em sua língua. Ele sentiu vergonha das lágrimas que escorriam pelo seu rosto, mas não conseguia evitá-las. De qualquer

maneira, quem além dele ficaria sabendo?

Meu Deus, era assim mesmo que iria terminar? Com ele chorando feito um bebê, sozinho no meio da floresta? Que mundo terrível.

Ele conseguia até ouvir os garotos falando. *Deus me livre de acabar como Johnny*. Johnny Cacoete. Era isso que eles colocariam na sua lápide – só de crueldade. Aqueles malditos!

Durante todo aquele tempo, o cérebro de Johnny dizia *aperte o gatilho*, mas seu dedo não obedecia. Tentou novamente, com as duas mãos no cabo dessa vez, mas não adiantou. Nem isso ele conseguia fazer direito.

Por fim, cuspiu o cano da arma, ainda chorando como uma criança. De certa maneira, saber que iria viver mais um dia não o ajudou nem um pouco a conter as lágrimas. Ele apenas ficou deitado ali, mordendo os lábios, sentindo pena de si mesmo, até os tiras chegarem ao córrego no fundo da ribanceira.

Então Johnny Cacoete escalou rapidamente o mesmo caminho pelo qual havia descido, atravessou a interestadual e se jogou na mata do outro lado – perguntando-se como faria para sumir da face da Terra, mas sabendo que isso era totalmente impossível.

Ele havia *olhado*. Tinha visto o que estava dentro do "pacote".

PARTE UM

TEMPESTADE DE FOGO

capítulo 1

Comemorei meu aniversário com uma pequena festa, muito exclusiva, animada e divertida, na Rua 5. Exatamente como queria.

Damon tinha feito uma surpresa especial vindo do internato onde estudava, em Massachusetts. Nana estava lá, no comando da festa, junto com meus filhos, Jannie e Ali. John Sampson e sua família estavam presentes. Bree também, é claro.

Somente as pessoas que eu mais amava no mundo tinham sido convidadas. De que outra forma você gostaria de comemorar um ano a mais de idade e sabedoria?

Cheguei até a fazer um pequeno discurso naquela noite. Esqueci a maior parte dele quase na mesma hora, mas não as primeiras palavras:

– Eu, Alex Cross, prometo solenemente a todos os presentes nesta festa de aniversário me esforçar ao máximo para equilibrar minha vida pessoal e minha vida profissional e nunca mais mergulhar no lado sombrio.

Nana ergueu sua xícara de café em um brinde.

– Tarde demais – disse ela, arrancando boas risadas dos outros.

Então cada um dos presentes, sem exceções, fez todo o possível para garantir que eu envelhecesse com um pouco de humildade, mas também com um sorriso no rosto.

– Vocês se lembram daquela vez no estádio dos Redskins? – começou Damon com uma risada. – Quando papai trancou as chaves dentro do carro?

– Na verdade... – tentei me defender.

– Ele ligou pra minha casa e me tirou da cama depois da meia-noite – interrompeu Sampson, resmungando.

– Mas só depois de passar uma hora tentando arrombar o carro, porque não queria admitir que precisava de ajuda – falou Nana.

– Por que ele é quem? – perguntou Jannie, com a mão em concha atrás da

orelha

– O Sherlock Holmes americano! – responderam todos, em coro.

Estavam se referindo a um artigo que saíra alguns anos antes numa revista de circulação nacional e que, pelo jeito, jamais seria esquecido.

Dei uma golada generosa na minha cerveja.

– Uma carreira brilhante, ao menos é o que dizem por aí, dezenas de casos importantes solucionados, e pelo que sou lembrado? Posso estar enganado, mas acho que alguém deveria estar tendo um feliz aniversário hoje.

– Bem lembrado – disse Nana, ao mesmo tempo mordendo a isca e me ignorando. – Ainda está faltando uma coisa aqui. *Crianças?*

Jannie e Ali se levantaram com um salto, mais empolgados do que todos os demais. Pelo jeito, uma grande surpresa estava por vir. Ninguém queria dizer o que era, mas eu já ganhara óculos escuros Serengeti de Bree, uma camisa espalhafatosa e duas minigarrafas de tequila de Sampson e, das crianças, uma pilha de livros, que incluía o último romance de George Pelecanos e uma biografia de Keith Richards.

Outra *pista*, se é que posso chamá-la assim, era o fato de que Bree e eu tínhamos criado a fama de sempre cancelar nossos planos, com um fim de semana prolongado atrás do outro indo por água abaixo desde que nos conhecêramos. Era de imaginar que, trabalhando no mesmo departamento e na mesma divisão (a de Homicídios), seria mais fácil coordenarmos nossas agendas, mas na maioria das vezes era justamente o contrário.

Por isso eu tinha uma ideia, mas nada muito específico, do que poderia esperar.

– Alex, não se mova – ordenou Ali. Ele tinha começado a me chamar de Alex recentemente, o que não me incomodava, mas, por algum motivo, causava arrepios em Nana.

– A trama se complica – murmurei.

– A cada segundo – disse Bree com um sorriso e uma piscadela. – Do jeito que você gosta.

Ela estava no sofá, de frente para mim, sentada em uma das velhas poltronas. Eu sempre achava Bree bonita, mas preferia quando ela estava assim, com roupas informais e à vontade, de calça jeans e descalça. Seu olhar partiu do chão e foi subindo de encontro ao meu.

– Você vem sempre aqui? – perguntou ela.

– De vez em quando. E você?

Ela tomou um gole de sua cerveja e inclinou a cabeça, com um ar despreocupado.

– Quer sair daqui?

– Com certeza. – Apontei com o polegar na direção da porta da cozinha. – Assim que eu me livrar dessa chateação com a minha, hã...

– Família querida?

Não pude deixar de pensar que aquele aniversário estava ficando cada vez melhor. Agora eu tinha duas grandes surpresas por vir.

Ou melhor, três.

O telefone tocou no hall. Era a nossa linha fixa, não o meu celular, que todo mundo sabia que eu usava a trabalho. Eu também tinha um pager no aparador, onde poderia ouvi-lo. Por isso me pareceu seguro atender. Cheguei até a pensar que pudesse ser um amigo me ligando para desejar feliz aniversário ou, na pior das hipóteses, alguém tentando me vender alguma coisa.

Será que algum dia eu ia aprender? Provavelmente não nesta vida.

capítulo 2

– ALEX, AQUI É DAVIES. SINTO muito por perturbar você em casa.

Ramon Davies era o inspetor de detetives da Polícia Metropolitana, meu chefe.

– Hoje é meu aniversário. Quem morreu? – perguntei. Estava irritado, embora fosse muito mais comigo mesmo, por ter atendido o telefone.

– Caroline Cross – respondeu ele. Meu coração quase parou.

Nesse exato momento, a porta da cozinha se escancarou e minha família veio cantando. Nana trazia um bolo de aniversário cor-de-rosa e vermelho numa bandeja, com um envelope da American Airlines preso em cima.

– Parabéns pra você...

Bree ergueu a mão para silenciá-los. Minha postura e a expressão em meu rosto devem ter indicado algo. Todos pararam onde estavam. A cantoria alegre foi interrompida quase imediatamente. Minha família se lembrou de quem era aquele aniversário: *do detetive Alex Cross*.

Caroline era minha sobrinha, a única filha do meu irmão. Fazia 20 anos que eu não a via; desde que Blake tinha morrido. Isso queria dizer que ela estava com 24 anos.

No momento da sua morte.

O chão debaixo dos meus pés parecia ter desaparecido. Parte de mim queria chamar Davies de mentiroso. A outra parte, o policial, se pronunciou:

– Onde ela está agora?

– Acabei de falar ao telefone com a Polícia Estadual da Virgínia. Os restos estão no necrotério, em Richmond. Sinto muito, Alex. Detesto ser o portador desta notícia.

– Restos? – murmurei. Era uma expressão muito fria, mas me senti grato por Davies não ter ficado cheio de dedos comigo. Saí da sala, arrependido de ter repetido aquilo na frente da minha família, por menos revelador que fosse. – Imagino que estejamos falando de homicídio, não é?

– Temo que sim.

– O que aconteceu? – Meu coração esmurrava perigosamente o peito. Eu quase não queria saber.

– Não tenho muitos detalhes. – O modo como ele disse aquilo me deu uma pista na mesma hora: *ele está escondendo alguma coisa.*

– Ramon, o que está havendo? Me diga. O que você sabe sobre Caroline?

– Uma coisa de cada vez, Alex. Se você sair agora, consegue chegar lá em cerca de duas horas. Vou pedir que um dos policiais encarregados o receba.

– Já estou a caminho.

– E, Alex...?

Eu quase desliguei o telefone, com a mente em frangalhos.

– O que foi?

– Acho melhor você não ir sozinho.

capítulo 3

PISANDO FUNDO E USANDO A sirene durante a maior parte do trajeto, levei menos de uma hora e meia para chegar a Richmond.

O Departamento de Perícia Criminal ficava em um prédio novo na Marshall Street. Davies havia providenciado para que o detetive Corin Fellows, do Departamento de Informações Confidenciais da Polícia Estadual, nos recebesse – Bree e eu – no local.

– O carro foi rebocado até o nosso estacionamento na sede da divisão na Rota 1 – contou-nos Fellows. – Fora isso, está tudo aqui. Os restos estão no necrotério. Todas as evidências mais óbvias estão no laboratório deste andar.

Lá estava aquela palavra horrível novamente. *Restos*.

– O que vocês encontraram? – perguntou Bree.

– Os patrulheiros acharam peças de roupa femininas e uma bolsa preta embrulhadas em um cobertor no porta-malas. Peguei isto para mostrar a vocês.

Ele me entregou uma carteira de motorista de Rhode Island dentro de um envelope plástico. A única coisa que reconheci foi o nome de Caroline. A garota na foto era linda, parecia uma bailarina, com seu cabelo puxado para trás e a testa larga. E aqueles olhos grandes... eu me lembrava deles também.

Olhos tão grandes quanto o céu. Era o que Blake, meu irmão mais velho, sempre dizia. Eu conseguia vê-lo agora, ninando-a no velho banco na varanda da Rua 5 e rindo todas as vezes que a filha piscava para ele. Ele era apaixonado por aquela criança. Todos nós éramos. Doce Caroline.

Agora os dois estavam mortos. Meu irmão vítima das drogas. E Caroline? O que tinha acontecido com ela?

Devolvi a carteira de motorista para o detetive Fellows e pedi que ele nos levasse ao necrotério, para falar com o médico-legista encarregado. Se quisesse desvendar aquele caso, precisava me manter em movimento.

A legista, Dra. Amy Carbondale, nos recebeu no andar de baixo. Quando nos

cumprimentamos, suas mãos ainda estavam frias por conta das luvas de látex que estivera usando. Ela parecia extremamente jovem para aquele tipo de trabalho, devia ter pouco mais de 30 anos, além de estar um pouco insegura quanto ao que fazer comigo, o que me dizer.

– Dr. Cross, acompanho seu trabalho. Sinto muito pela sua perda – disse ela, num quase sussurro que transmitia compaixão e respeito.

– Se você puder apenas me comunicar os fatos do caso, eu ficaria agradecido – falei.

Ela ajeitou os óculos, de armação fina e prateada, preparando-se para me contar.

– Com base nas amostras que coletei, aparentemente 96% do corpo foram fragmentados. Algumas impressões digitais permaneceram intactas e conseguimos cruzar uma delas com o nome na carteira de motorista encontrada.

– Perdão, mas... *fragmentados*? – Eu nunca tinha ouvido a palavra nesse contexto.

Justiça seja feita: a Dra. Carbondale não teve medo de cravar seus olhos nos meus.

– Temos todos os motivos para crer que algum tipo de moedor foi utilizado... provavelmente um triturador de madeira.

Suas palavras me deixaram sem fôlego. Eu as sentia presas no meu peito. *Um triturador de madeira?* Então pensei: *Por que preservar as roupas e a carteira de motorista dela?* Uma prova da identidade de Caroline? Uma lembrança para o assassino?

A Dra. Carbondale continuava falando:

– Vou fazer um exame toxicológico completo, gerar um perfil de DNA e, naturalmente, buscar fragmentos de bala ou outros metais, embora vá ser difícil, se não impossível, provar a verdadeira causa da morte neste caso.

– Onde ela está? – perguntei, tentando apenas me concentrar. *Onde estão os restos de Caroline?*

– Dr. Cross, o senhor tem certeza de que este é o melhor momento...

– Ele tem certeza – disse Bree. Ela sabia do que eu precisava e fez um gesto na direção do laboratório. – Vamos logo com isso. Por favor, doutora. Somos todos profissionais aqui.

Nós seguimos a Dra. Carbondale por dois conjuntos de portas duplas até

chegarmos a uma sala de exames que parecia um bunker. O chão era de concreto cinza e o teto era alto e azulejado, equipado com câmeras e lâmpadas hospitalares. Por toda parte havia as pias e os materiais de aço inoxidável habituais, além de um único saco de cadáver sobre uma das estreitas mesas prateadas.

Logo de cara, percebi que havia algo de muito estranho. Algo de errado. *As duas coisas*.

O saco estava protuberante no meio, mas rente à mesa nas duas pontas. Eu temia aquilo de um jeito que não poderia ter imaginado de antemão.

Os restos.

A Dra. Carbondale parou de frente para nós e abriu o zíper.

– O isolamento térmico é nosso – disse ela. – Eu o fechei de volta depois do exame inicial que fiz mais cedo.

Dentro do saco de cadáver *havia um segundo saco*. Parecia feito de algum tipo de plástico industrial. Era um material branco fosco, transparente o bastante para revelar as cores de carne, sangue e osso lá dentro.

Senti minha mente entrar em pane por alguns segundos, o máximo de tempo que pude negar o que estava vendo. Havia uma pessoa morta dentro daquela bolsa, mas não um corpo.

Caroline, mas não Caroline.

capítulo 4

A VIAGEM DE VOLTA PARA WASHINGTON foi como um pesadelo interminável. Quando Bree e eu finalmente chegamos, a casa estava totalmente silenciosa e inerte. Pensei em acordar Nana, mas o fato de ela não ter se levantado sozinha me dizia que estava dormindo a sono solto e precisava descansar. Todas aquelas más notícias poderiam esperar até a manhã.

Meu bolo de aniversário estava intocado dentro da geladeira e alguém tinha deixado o envelope da American Airlines em cima da bancada. Eu o olhei por tempo suficiente para ver dois bilhetes para Saint John, uma ilha do Caribe que eu sempre quis visitar. Mas não importava; tudo isso estava em suspenso agora. Todo o resto também. Eu tinha a sensação de estar me movendo em câmera lenta; certos detalhes possuíam uma clareza sinistra.

– Você precisa se deitar – disse Bree, pegando minha mão e me conduzindo para fora da cozinha. – Nem que seja só para pensar nisso com mais lucidez amanhã.

– Você quer dizer hoje – falei.

– Eu quero dizer amanhã. Depois que você descansar.

Percebi que ela não tinha dito *dormir*. Nós nos arrastamos para o andar de cima, tiramos nossas roupas e fomos para a cama. Bree segurou minha mão e não soltou mais.

Cerca de uma hora depois, eu ainda estava olhando para o teto, ruminando a pergunta que vinha me consumindo desde que tínhamos saído de Richmond: Por quê?

Por que aquilo tinha acontecido? Por que com Caroline?

Por que um maldito triturador de madeira? Por que restos em vez de um corpo?

Como detetive, eu devia estar pensando nas evidências físicas e aonde elas poderiam me levar. Mas, deitado ali no escuro, eu não me sentia exatamente

como um detetive. Sentia-me como um tio, como um irmão.

De certa forma, já havíamos perdido Caroline antes. Depois da morte de Blake, a mãe dela não quisera mais saber da nossa família. Fora embora sem nem sequer uma palavra de despedida. Números de telefone foram trocados. Presentes de aniversário, devolvidos. Na época, pareceu a coisa mais triste que poderia acontecer, mas desde então eu havia compreendido – diversas vezes – a espantosa capacidade que o mundo possuía para o sofrimento e a autoflagelação.

Por volta das quatro e meia, pus as pernas para fora da cama e me sentei. Meu coração e minha mente não estavam dispostos a se acalmar.

A voz de Bree me deteve:

– Aonde você vai? Ainda é noite.

– Não sei, Bree – respondi. – Talvez para o escritório. Tentar adiantar alguma coisa. Volte a dormir.

– Eu não estava dormindo. – Ela se sentou atrás de mim e passou os braços em volta dos meus ombros. – Você não está sozinho nisso. Se alguma coisa acontece com você, acontece comigo também.

Baixei a cabeça e fiquei apenas ouvindo sua voz tranquilizadora. Bree tinha razão: nós estávamos juntos naquilo. Tinha sido assim desde que nos conhecêramos, o que era uma boa coisa.

– Vou fazer tudo ao meu alcance para que você e sua família superem isso – disse ela. – E amanhã você e eu vamos sair e começar a descobrir quem fez essa coisa terrível. Está me ouvindo?

Pela primeira vez desde o telefonema de Davie, senti meu coração se aquecer. Não era nada parecido com felicidade ou mesmo alívio, mas gratidão. Um motivo para ficar contente. Tinha passado a maior parte da minha vida sem Bree; agora não conseguia imaginar como.

– Como eu pude encontrar você? – perguntei. – Como dei tanta sorte?

– Não é sorte – disse ela, abraçando-me com ainda mais força. – É amor, Alex.

capítulo 5

GABRIEL REESE ACHAVA AO MESMO TEMPO tempo adequado e irônico que aquela estranha reunião no meio da noite, quase sem precedentes, acontecesse em um prédio originalmente construído para os departamentos de Estado, da Marinha e da Guerra. Tudo o que Reese fazia era permeado por uma profunda sensação de importância histórica. Podia-se dizer que Washington estava no seu sangue, corria pelas veias de sua família havia três gerações.

Ele havia sido convocado pelo vice-presidente em pessoa, que parecera consideravelmente tenso. E Walter Tillman, que fora diretor de duas das 100 maiores empresas do mundo, sabia muito bem o que era pressão. Não dera detalhes, dissera apenas que Reese fosse *imediatamente* para o Edifício do Gabinete Executivo Eisenhower. Tecnicamente, esse era o salão nobre dos vice-presidentes, o mesmo em que todos os antecessores de Tillman, desde Johnson até Cheney, haviam recebido líderes dos quatro cantos do mundo.

Mais importante, no entanto, era o fato de o edifício ficar longe da Ala Oeste e de quaisquer olhos e ouvidos que aquela reunião secreta pretendia claramente evitar.

As portas do gabinete estavam fechadas quando Reese chegou. Dan Cormorant, chefe do destacamento do Serviço Secreto da Casa Branca, estava parado diante delas. Havia outros dois agentes ali, um pouco mais afastados, um de cada lado do corredor.

Reese entrou. Cormorant o acompanhou e fechou as portas de madeira pesadas atrás de si.

– Senhor? – falou Reese.

O vice-presidente Tillman estava em pé, de costas para eles, do outro lado da sala. Uma fileira de janelas refletia o brilho dos globos de um complexo candelabro que pendia do teto, uma reprodução. Vários modelos de navios em redomas de vidro faziam referência mais direta à história do edifício. Aquele

gabinete havia pertencido ao general Pershing durante a Primeira Guerra Mundial.

Tillman se virou para falar.

– Temos um problema, Gabe. Sente-se. A situação é grave. Difícil imaginar como poderia ser pior.

capítulo 6

O AGENTE CORMORANT SE ADIANTOU e se posicionou ao lado do vice-presidente. Reese achou aquilo estranho e o nó em seu estômago se apertou um pouco mais. Ele era o chefe de gabinete da Casa Branca – não havia muita coisa que o Serviço Secreto devesse saber antes dele. Mas estava claro que, dessa vez, eles sabiam. Meu Deus, o que tinha acontecido? E com quem?

O vice-presidente meneou a cabeça, autorizando Cormorant a falar.

– Obrigado, senhor. Gabe, não manter sigilo sobre o que eu vou lhe contar provavelmente constitui crime. Você precisa saber disso antes que eu...

– Desembuche logo, Dan.

Gabe Reese até gostava de Cormorant, mas não da maneira como ele extrapolava os limites do seu cargo. Os dois acompanhavam Tillman desde a época em que ele era apenas um político na Filadélfia, então era de se esperar que gozassem de certa liberdade. Mas Cormorant sempre parecia se aproveitar mais disso do que Reese achava adequado. Por outro lado, Cormorant devia achar Reese certinho demais.

– Você já ouviu o nome Zeus mencionado em um contexto de trabalho? – perguntou o agente. – *Zeus*, como o deus grego.

Reese pensou um pouco. O Serviço Secreto tinha codinomes recorrentes para todas as pessoas que protegia, mas aquele certamente não lhe era familiar. E era claro que só podia ser de alguém do alto escalão.

– Acho que não – respondeu, balançando a cabeça. – Deveria?

Cormorant não respondeu à pergunta, limitando-se a prosseguir:

– No decorrer dos últimos seis meses, houve uma série de casos de pessoas desaparecidas, todas na região do Meio-Atlântico. Em sua maioria mulheres, mas alguns homens também, todos do mesmo ramo de trabalho, se é que você me entende, e tenho certeza que sim. Nada ligava uma vítima à outra.

– Até agora – inferiu Reese em voz alta. – Posso saber o que está havendo?

– Nossa divisão de inteligência interceptou três comunicações ligando esta palavra-chave, *Zeus*, a três casos diferentes. Na noite passada, ela apareceu de novo, relacionada a um homicídio. – Ele fez uma pausa de efeito. – Tudo isso é confidencial, naturalmente.

Reese sentiu que sua paciência estava se esgotando depressa.

– O que isso tem a ver com o vice-presidente? Ou com a presidente, já que vocês me convocaram? Nem sei se deveríamos estar tendo esta conversa.

Então Tillman se pronunciou, indo direto ao ponto, como sempre:

– Esse Zeus, seja lá quem for, tem alguma relação com a Casa Branca, Gabe.

– *O quê?* – Reese se levantou de repente de sua cadeira. – Que tipo de relação? Do que exatamente vocês estão falando? O que está acontecendo?

– Não sabemos – disse Cormorant. – Essa é a primeira parte do problema. A segunda é defender o governo de *seja lá o que isso for*.

– Seu trabalho é proteger a presidente e o vice-presidente, não o governo inteiro – retrucou Reese, levantando a voz.

Cormorant se manteve firme, com os dois braços cruzados sobre o peito.

– Meu trabalho é investigar e prevenir qualquer possível ameaça...

– Vocês dois, por favor, calem-se! – A voz de Tillman se tornou um grito. – Ou estamos todos juntos nisso ou esta reunião acaba agora mesmo. *Vocês dois* entenderam?

– Sim, senhor – responderam eles em uníssono.

– Dan, já sei o que você acha. Gabe, quero sua opinião sincera. Não tenho certeza de que devemos manter isso em segredo. Existe um grande risco de que acabe voltando para nos assombrar. E não estamos falando de uma bronca ou de um tapinha na mão. Não com este Congresso e com a imprensa. E certamente não se isso envolver mesmo assassinato.

Assassinato? Deus do céu, pensou Reese.

Ele passou a mão pelos cabelos, grisalhos desde os 20 e poucos anos.

– Duvido que uma resposta impensada a uma questão como essa vá servir de alguma coisa ao senhor ou à presidente. Isso é um boato? Existem provas concretas para sustentá-lo? Quais são os fatos? *A presidente já está ciente?*

– O problema é que sabemos muito pouco no momento. Droga, Gabe, o que o seu instinto lhe diz? Sei que você tem uma opinião. E *não*, a presidente não está ciente. *Nós* estamos.

Tillman acreditava muito em instinto e estava certo: Reese já formara uma opinião.

– Se levarmos a questão a público, não teremos como voltar atrás. Precisamos descobrir o que pudermos num período de tempo realmente curto. Dois ou três dias. Ou até segunda ordem do senhor – acrescentou, concordando com o agente Cormorant. – E vamos precisar de uma estratégia de saída. Algo que possa nos distanciar do caso se alguma coisa vier à tona antes do planejado.

– Concordo, senhor – atalhou Cormorant. – Estamos muito no escuro neste momento e isso é inaceitável.

Tillman respirou fundo, o que Reese interpretou como resignação e assentimento.

– Quero vocês dois trabalhando juntos. Mas sem telefonemas e, pelo amor de Deus, nada de e-mails. Dan, você pode me garantir que absolutamente nada disso vai passar pelo Centro de Gestão de Crises?

– Posso, senhor. Terei que falar com alguns dos meus homens. Mas é controlável. Por algum tempo.

– Gabe, você mencionou estratégias de saída.

– Sim, senhor.

– Pense em todas as situações possíveis. Preveja tudo. *Tudo*, entendido?

– Deixe comigo, senhor. Minha cabeça já está a mil por hora.

– Muito bem. Mais alguma pergunta?

Reese já havia começado a vasculhar sua memória em busca de algum precedente histórico ou legal, mais por hábito do que por qualquer outro motivo. A lealdade dele não estava em jogo. Sua única ressalva era quanto à situação em si. Deus Todo-Poderoso, *e se houvesse um serial killer ligado à Casa Branca? Ou qualquer tipo de assassino?*

– Senhor, se alguma coisa sobre esse assunto vazar, o que impede que qualquer outra pessoa, um repórter, na pior das hipóteses, fique sabendo e se aproveite disso?

Cormorant pareceu ofendido, mas deixou que o vice-presidente respondesse.

– Estamos falando do Serviço Secreto, Gabe, não de inteligência de fontes abertas.

Cormorant relaxou e Reese ficou tenso. Tillman continuou:

– Mas também não vou confiar nisso. Quero que resolvam tudo depressa,

senhores. Quero um trabalho rápido, limpo e meticuloso. Necessitamos de fatos concretos. *E de clareza*. Precisamos descobrir quem é esse Zeus e o que ele fez, então teremos que lidar com a situação *como se nunca tivesse acontecido*.

capítulo 7

OS GOLPES CONTINUAVAM VINDO, COM toda a força. Apesar da carteira de motorista de Rhode Island, Caroline passara os últimos seis meses morando em Washington, mas nunca havia tentado entrar em contato comigo. Seu apartamento de porão, ao estilo inglês, ficava na Rua C, perto da Seward Square, a menos de 2 quilômetros da nossa casa na Rua 5. Tinha passado pelo seu prédio dezenas de vezes durante meu jogging.

– Sua sobrinha tinha bom gosto – disse Bree, correndo os olhos pela sala de estar pequena mas cheia de estilo.

Notava-se uma influência asiática nos móveis e na decoração: muita madeira escura, bambu e plantas de aparência saudável. Em cima de uma mesa laqueada ao lado da porta de entrada, havia três pedras, uma delas com a palavra *Serenidade* gravada.

Não sei se isso parecia mais uma provocação ou um lembrete. Não queria estar no apartamento de Caroline naquele momento. Não me sentia pronto para isso.

– Vamos nos dividir – falei para Bree. – Daremos conta do apartamento mais rápido assim.

Comecei com o quarto, forçando-me a seguir em frente. *Onde você estava, Caroline? O que aconteceu? Como pôde morrer daquele jeito?*

Uma das primeiras coisas que chamaram minha atenção foi uma pequena agenda de couro marrom numa mesa próxima à sua cama. Quando a peguei, dois cartões de visita caíram no chão.

Eu os apanhei e vi que os dois eram de lobistas que atuavam no Congresso – embora não tenha reconhecido os nomes, somente as empresas.

A maioria das páginas da agenda de Caroline estava em branco. As demais tinham uma sequência de letras escritas, começando no início do ano e continuando por cerca de dois meses. Percebi logo de cara que cada sequência tinha 10 letras. A mais recente, datando de quase duas semanas antes de sua

morte, era SODBBLZHII. Dez caracteres.

A primeira coisa que me veio à cabeça foram números de telefone, supostamente codificados ou embaralhados para manter o sigilo.

E, se naquele momento me perguntei *por que*, foi só por estar postergando uma conclusão inevitável. Quando acabei de vasculhar a grande penteadeira de pau-rosa no seu closet, não restava dúvida sobre como minha sobrinha vinha conseguindo pagar por aquele belo apartamento e tudo o que havia nele.

As gavetas superiores estavam cheias de todo tipo de lingerie que eu poderia imaginar – e tenho uma ótima imaginação. Havia as usuais peças de renda e cetim, mas também couro, com ou sem tachas, látex e borracha – tudo dobrado e arrumado com capricho. Provavelmente do jeito que sua mãe lhe ensinara a organizar suas roupas quando criança.

As gavetas de baixo continham uma coleção de algemas, vibradores, brinquedos e acessórios. Eu balançava a cabeça diante de alguns deles, sem ter a menor ideia de para que serviam.

Separadamente, tudo o que eu havia encontrado não passava de indícios circunstanciais. Junto, aquilo me deixou deprimido muito rápido.

Fora por isso que Caroline se mudara para Washington? Fora por isso que ela morrera daquela maneira?

Fui para a sala de estar desnorteado, sem nem sequer saber se já estava preparado para falar. Bree estava agachada, com uma caixa aberta e várias fotos espalhadas no chão à sua frente.

Ergueu uma delas para que eu visse e falou:

– Eu reconheceria você em qualquer lugar.

Era uma foto de Nana, Blake e eu. Lembrava-me até da data: 4 de julho de 1976, o verão do Bicentenário. Na foto, meu irmão e eu usávamos chapéus com faixas vermelhas, brancas e azuis em volta. Nana parecia incrivelmente jovem e muito bonita.

Bree se levantou e parou ao meu lado, sem descolar os olhos da foto.

– Ela não se esqueceu de você, Alex. Caroline sabia quem você era. Então por que não tentou entrar em contato quando veio para Washington?

Eu não tinha direito de levar aquela foto, mas coloquei-a no bolso do meu paletó assim mesmo.

– Acho que ela não queria ser encontrada – falei. – Não por mim. Nem por

qualquer pessoa que a conhecesse. Ela era uma acompanhante, Bree. De alto nível. Do tipo que fazia de tudo.

capítulo 8

QUANDO VOLTEI AO ESCRITÓRIO, QUE estava fervilhando de atividade, recebi notícias do detetive Fellows, da Virgínia. As impressões digitais no carro roubado eram compatíveis com as de um certo John Tucci, da Filadélfia, que no momento estava foragido.

Como num rápido jogo de "ligue os pontos", parti de Fellows, na Virgínia, para um amigo no FBI, em Washington, depois para o escritório local do Bureau na Filadélfia, chegando por fim a uma agente, Cass Murdoch, que me entregou outra peça do quebra-cabeça: Tucci era um membro conhecido, mas pouco importante, dos Martino, uma família de criminosos.

A informação era ao mesmo tempo boa e ruim. Por mais que fosse uma pista específica logo no começo do caso, também sugeria que o motorista e o assassino talvez não fossem a mesma pessoa. Tucci provavelmente era parte de algo maior.

– Alguma ideia do que Tucci veio fazer por aqui? – perguntei à agente Murdoch. Bree e eu a havíamos colocado no viva voz.

– Eu diria que ele estava ou sendo transferido ou subindo na organização. Pegando trabalhos maiores, assumindo mais responsabilidades. Já havia sido preso, mas nunca cumpriu pena.

– O carro foi roubado na Filadélfia – disse Bree.

– Então sim, ele estava trabalhando desde que saiu de casa. *Estava*. Meu palpite é que deve estar morto a esta altura, depois de pisar na bola desse jeito, *seja lá* o que tenha acontecido na Interestadual 95.

– E quanto a possíveis clientes em Washington? – perguntei. – A família Martino tem algum negócio frequente por aqui?

– Não que eu saiba – falou Murdoch. – Mas é óbvio que tem mais alguém envolvido. John Tucci era um peixe pequeno demais para ter tramado isso sozinho. Devia até se achar sortudo por ter recebido a missão. Que idiota.

Desliguei o telefone e passei alguns minutos fazendo anotações e resumindo o

que Murdoch dissera. Infelizmente, cada resposta levantava uma nova pergunta.

Uma coisa, no entanto, parecia bem clara para mim: aquilo já não se tratava mais de um simples homicídio e não havia sido um crime individual. Talvez envolvesse algum maníaco fissurado em sexo e violência... mas também podia ter sido uma "cortina de fumaça". Ou as duas coisas?

capítulo 9

HAVIA MAIS, É CLARO, MUITO mais. O tipo de detalhe perturbador que mantém certas histórias nos noticiários por meses a fio. E, para variar, alguns deles surgiram de imediato. Eu estava voltando para casa quando a Dra. Carbondale me ligou. Bree estava em seu próprio carro.

– O exame toxicológico não revelou nenhum veneno conhecido no organismo de Caroline – disse ela. – Nenhum tipo de droga, além de 0,7 g/l de álcool no sangue. Isso significa que ela estava no máximo um pouco alta no momento da morte.

Então Caroline não tinha tomado drogas ou sido envenenada. Isso não me surpreendia.

– E quanto às outras possíveis causas? – perguntei.

– Estou cada vez mais certa de que não conseguiremos responder a essa pergunta. Tudo o que posso fazer é descartar algumas possibilidades. É impossível determinar, por exemplo, se ela foi espancada, estrangulada ou...

Ela se interrompeu.

As palavras saíram da minha boca como um jato de bile:

– Ou colocada diretamente na máquina.

– Exato – concordou a legista, tensa. – Mas tenho outra coisa para lhe dizer.

Trinquei os dentes e tive vontade de socar alguma coisa. Mas precisava ouvir.

– Nós isolamos os fragmentos restantes. Há indícios de marcas de mordidas anteriores à morte.

– Marcas de mordidas? – Olhei à minha volta, buscando um local para estacionar. – *Humanas*?

– Creio que sim, mas não posso dizer ao certo a esta altura. Mordidas podem ser quase idênticas a hematomas, mesmo na melhor das circunstâncias. É por isso que chamei um perito odontologista como consultor. Estamos trabalhando com fragmentos de ossos nos quais parte do tecido sobreviveu, então só posso

ver...

– Vou ter que retornar sua ligação outra hora – falei.

Parei na pista lateral da Pennsylvania Avenue e deixei as pessoas buzinarem e contornarem meu carro. Aquilo era demais: a injustiça, a crueldade, a violência, todas essas coisas com as quais eu geralmente lido tão bem.

Joguei a cabeça para trás e praguejei contra o teto do carro, ou contra Deus, ou as duas coisas. *Como uma coisa dessas pôde acontecer?* Então apoiei a cabeça no volante e meus olhos começaram a lacrimejar. E, parado ali, rezei por Caroline, que não teve ninguém ao seu lado quando mais precisou.

capítulo 10

EDDIE TUCCI SABIA QUE TINHA vacilado feio dessa vez. *Inacreditável!* Foi um erro terrível ter confiado aquele serviço, ou qualquer outro, a seu sobrinho Johnny. Não era à toa que o chamavam de Cacoete. Agora ele tinha sumido e Eddie passara os últimos três dias esperando que o resto da merda batesse no ventilador.

Mesmo assim, quando as luzes de seu bar se apagaram logo depois que ele fechou na noite de quarta-feira, Eddie não deu muita importância. O prédio estava caindo aos pedaços; o bairro inteiro, na verdade. Arrombadores eram a coisa mais comum.

Ele fechou a registradora e saiu de trás do bar. Atravessou a porta de vaivém em direção aos fundos. Havia um quadro de luz na parede oposta, se é que conseguiria encontrá-lo na escuridão.

Eddie não chegou tão longe.

Do nada, um saco foi jogado sobre a sua cabeça. Ao mesmo tempo, algo atingiu seu joelho direito pela lateral, com força. Eddie ouviu a articulação se quebrar antes de cair no chão, gemendo de dor.

Os gemidos não fizeram com que eles parassem. Alguém lhe deu uma poderosa chave de braço, enquanto outra pessoa amarrava seus tornozelos. Ele não podia dar um soco, um chute, nada. Estava totalmente imobilizado.

– Seus desgraçados! Vou matar vocês. Estão me ouvindo? *Estão me ouvindo?*

Pelo jeito, não. Eles o colocaram em cima da grande mesa nos fundos do bar e algemaram suas duas mãos às pernas dela. Eddie forçou as algemas, mas só conseguiu acabar com os punhos cortados. Mesmo que conseguisse se levantar, parecia que seu joelho nunca mais funcionaria direito. Dali em diante, seria um aleijado.

Então uma torneira foi totalmente aberta.

O que estava havendo?

capítulo 11

Quando tiraram o saco da sua cabeça, as luzes já haviam sido acesas. Isso era bom, certo?

Bem, não necessariamente. Eddie viu dois rostos voltados para baixo encarando-o, um branco e outro pardo, talvez porto-riquenho. Estavam vestidos no estilo correto para o bairro, mas seus cabelos curtos e seu modo de agir indicavam que eram agentes do governo ou militares, talvez os dois.

Foi então que Eddie soube quão assustado deveria estar. Estava na cara que aquela história, a cagada do seu sobrinho, tinha saído totalmente do controle.

– Estamos procurando Johnny – falou o homem branco. – Alguma ideia de onde ele esteja?

– Não tenho notícias dele! – Essa era a mais pura verdade. Não se devia brincar com aquelas pessoas. Pelo menos disso ele tinha certeza.

– Não foi isso que perguntei, Ed. Minha pergunta foi se você sabe onde ele está. – Seu tom era tranquilo, os dois o observavam como se ele fosse uma cobaia num laboratório.

– Juro por Deus, não sei onde Johnny se meteu. Vocês têm que acreditar em mim.

– O.k., já ouvi – falou o moreno, assentindo. – Acredito em você, Ed. Mas, só para que não reste dúvida...

O coração de Eddie saltou até a garganta antes mesmo de eles o pegarem. O homem branco lhe deu outra chave de braço forte, agarrou sua mandíbula e enfiou o cabo de uma chave de fenda em sua boca. Então usou dois dedos para tapar o nariz de Eddie.

O outro sujeito surgiu em seu campo de visão. Segurava o bico de uma mangueira verde, que posicionou sobre o rosto de Eddie, deixando a água cair dentro de sua boca.

Eddie engasgou feio. Que droga! A água descia tão rápido que era impossível

engolir. Ele não conseguia respirar; quase cravou os dentes no cabo da chave de fenda ao tentar cuspi-la.

Em instantes, seu peito começou a queimar, enquanto seus pulmões procuravam ar. Ele se inclinou para a frente na mesa, mas as algemas o puxaram de volta para baixo. A pressão estava aumentando atrás dos seus olhos e nariz e, de repente, ele percebeu que iria morrer.

Foi então que o pânico realmente o dominou. Já não havia mais dor, nem mesmo o barulho do sufocamento, apenas um medo esmagador. Era pior do que qualquer pesadelo que ele pudesse imaginar, porque era real. Estava acontecendo nos fundos do seu próprio bar na Filadélfia.

A princípio, Eddie nem percebeu que a água tinha parado de cair. O sujeito branco virou sua cabeça de lado, tirou a chave de fenda de sua boca e o deixou botar tudo para fora por alguns instantes. Ele parecia capaz de expelir um pulmão inteiro.

– A maioria das pessoas dura alguns minutos antes de ceder. Mas estou falando de soldados, é claro. – Um deles lhe deu um tapinha na barriga. – Você não se encaixa nem um pouco nessa descrição, Ed. Então, deixe-me perguntar de novo. *Você sabe onde está Johnny?*

Eddie mal conseguia falar, mas deu uma resposta rápida:

– Eu vou encontrá-lo. Juro por Deus!

– Está vendo, é por isso que odeio a gentalha. – A voz se aproximou um pouco mais da sua orelha esquerda. – Vocês simplesmente dizem qualquer coisa que for preciso, sempre que for preciso. Não têm integridade. Nada que desperte confiança.

– Me deem uma chance! Eu imploro!

– Você não está entendendo, Ed. Esta *é* a sua chance. Ou você sabe onde Johnny está ou não sabe. E então, qual vai ser?

– Eu não sei! – Ele estava balbuciando, quase enlouquecendo. – Por favor... *eu não sei*.

Eles quebraram dois dentes ao enfiar a chave de fenda de volta em sua boca. Eddie cerrou os maxilares, se debateu e implorou por sua vida, mas somente até a água o calar novamente. Pouco depois, encontrava-se na mesma situação que um minuto atrás, convencido de que estava prestes a morrer.

E, dessa vez, tinha razão.

capítulo 12

O BIZARRO CASO DE HOMICÍDIO FICAVA cada vez maior, mas uma pergunta pairava acima das demais: *Será que outras pessoas teriam morrido como Caroline? Haveria alguma possibilidade de isso ter acontecido? Alguma probabilidade?*

Obter um registro confiável de pessoas desaparecidas em Washington é mais difícil do que parece. Depois de falar com uma pessoa da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, que tinha um banco de dados centralizado, tive que ir de distrito em distrito para conversar pessoalmente com detetives de toda a cidade. Boletins de ocorrência eram documentos públicos, mas eu precisava ter acesso às anotações confidenciais sobre os casos.

Era a partir delas que eu poderia começar a fazer uma triagem e separar estudantes, jovens que fugiram de casa e, principalmente, qualquer pessoa com histórico ou suspeita de prostituição.

Trouxe para casa os arquivos que havia reunido e os levei para o meu escritório no sótão depois do jantar. Liberei uma parede inteira e comecei a prender tudo nela: fotos dos desaparecidos, fichas com anotações minhas sobre as informações essenciais dos casos. Acrescentei também um mapa de ruas da capital, com marcações em todos os locais onde as vítimas tinham sido vistas pela última vez.

Depois de terminar, me afastei e olhei para a parede, esperando que algum tipo de padrão se revelasse.

Havia Jasmine Arenas, 19 anos, dois antecedentes de prostituição. Ela trabalhava na esquina da Rua 4 com a K, onde foi vista pela última vez entrando em um BMW azul por volta das duas da manhã, no dia 12 de outubro do ano anterior.

Becca York tinha apenas 16 anos, muito bonita, aluna exemplar. Saiu da Dunbar High School no dia 21 de dezembro e desde então ninguém tornou a vê-la ou ter notícias dela. Seus pais adotivos suspeitavam que ela tivesse fugido para

Nova York ou para a Costa Oeste.

Timothy O'Neill era um garoto de programa de 23 anos que morava com os pais em Spring Valley quando desapareceu. Ele pegou o carro e saiu de casa por volta das 10 da noite no dia 29 de maio e nunca mais voltou.

Eu não estava exatamente esperando que um padrão interligando todos aqueles pontos surgisse do nada. Estava *juntando o palheiro*. No dia seguinte, começaríamos a procurar a agulha.

Isso significava muito trabalho de campo, investigar todos aqueles casos sórdidos. Se ao menos um deles tivesse alguma ligação com Caroline, poderia ser uma bomba. Esse era o tipo de homicídio que me fazia perguntar por que eu sempre acabava voltando à carga, ano após ano. Sabia que até certo ponto eu era viciado na caçada, mas costumava pensar que, se descobrisse o motivo disso, deixaria de precisar tanto dela e talvez até entregasse meu distintivo. Não era o que tinha acontecido. Muito pelo contrário.

Mesmo se Caroline não fosse minha sobrinha, eu ainda estaria no sótão às duas da manhã, olhando para aquele painel terrível, mais decidido do que nunca a descobrir quem a havia matado e talvez aqueles outros jovens – e por quê.

Restos.

Era essa palavra, ou talvez o conceito por trás dela, que eu não conseguia tirar da cabeça, mesmo que quisesse.

capítulo 13

DORMI PESADO NAQUELA NOITE E acordei da mesma forma, mergulhando no sono e tendo que ser arrancado dele. Tomei café da manhã com Nana, Bree e as crianças, mas quando saí de casa ainda não estava totalmente desperto. Não me parecia um bom presságio, se é que você acredita nesse tipo de coisa.

O único compromisso que não podia desmarcar naquele dia era meu encontro com Marcella Weaver. Três anos antes, a desarticulação do seu serviço de acompanhantes de luxo tinha sido notícia em todo o país e lhe rendera o apelido de "Madame do Arco Rodoviário". A suposta lista de clientes nunca viera a público, mas figurões de toda a cidade ainda tremiam nas bases.

Desde então, ela tinha dado a volta por cima, ganhara um programa de rádio, abrira duas lojas de lingerie e dava palestras pelas quais supostamente cobrava 5 mil dólares. *Por hora*, o que não deixava de ser irônico.

Eu não me importava com nada disso. Queria apenas sua opinião sobre os possíveis assassinatos de garotas de programa. Assim que concordei com a presença do seu advogado, ela aceitou me receber no seu apartamento, um duplex fabuloso próximo do bairro de Dupont Circle.

Ela atendeu a porta pessoalmente, vestida de modo informal mas refinado, com uma calça jeans e um suéter de caxemira preto. Também usava brincos de diamantes e um crucifixo cravejado das mesma pedras.

– Devo chamá-lo de detetive ou de Dr. Cross? – perguntou.

– Detetive, mas estou impressionado que tenha perguntado.

– É difícil se livrar de velhos hábitos, acho. Sou cautelosa. Faço meu dever de casa. – Ela abriu um sorriso espontâneo, muito mais relaxada do que eu esperava. – Entre, detetive.

Na sala de estar, apresentou-me ao advogado, David Shupike. Eu o reconheci de alguns casos envolvendo gente famosa. Ele era sisudo e calvo, o estereótipo do homem solitário. Não era difícil imaginar como ele e Marcella haviam se

conhecido.

Ela me serviu um copo alto de água mineral San Pellegrino e nos sentamos em um sofá de couro em frente à janela com vista para a cidade.

– Deixe-me começar logo com isto. – Eu deslizei uma fotografia de Caroline pela mesa de centro. – A senhora já viu essa moça antes?

– Não responda a essa pergunta, Marcella. – Shupike começou a empurrar a fotografia de volta, mas a Sra. Weaver o deteve. Ela analisou a foto, então sussurrou algo em seu ouvido até ele assentir.

– Eu não a reconheço – disse-me ela. – E, só para constar, se a reconhecesse não teria seguido o conselho de David. Quero ajudar em tudo o que puder, de verdade.

Ela me pareceu sincera e decidi acreditar em suas palavras.

– Estou tentando descobrir para quem Caroline trabalhava quando foi morta. Pensei que a senhora talvez pudesse me dar alguma orientação – falei.

Ela puxou o pé, pequeno e descalço, para cima do sofá enquanto pensava no assunto.

– Quanto ela estava pagando de aluguel?

– Cerca de 3 mil por mês.

– Bem, certamente não estava ganhando esse dinheiro todo nas ruas. Se já não fez isso, o senhor deveria conferir se ela tem perfil em alguma das agências. A maioria tem páginas na internet hoje em dia. Por outro lado, se ela fosse realmente de altíssimo nível, vai ser mais difícil.

– Por quê?

Ela sorriu, sem ser indelicada.

– Porque nem todos os fornecedores lidam com o tipo de clientela que usa o Google para encontrar as garotas que quer.

– Bem colocado. Na verdade, já conferi as agências. – Gostei daquela mulher, apesar do seu histórico profissional. – O que mais?

– Seria bom saber se ela atendia em sua própria casa ou fora, ou talvez os dois. Também se tinha algum tipo de especialidade. Dominadora, submissa, lesbianismo, massagem, orgias, esse tipo de coisa.

Assenti, mas aquilo não era fácil para mim. E estava ficando pior. Cada desdobramento do caso me lembrava de algo que eu não queria saber sobre Caroline. Bebi um gole de água.

– E quanto às garotas em si? De onde elas saem?

– Posso lhe dizer que jornais universitários eram a minha mina de ouro. Aquelas garotas acham que conseguem lidar com tudo. Muitas delas já odeiam homens. Outras só estão atrás de aventura. Já anunciei em vários lugares, mas você ficaria surpreso. – Ela apontou para o bolso em que eu havia guardado a foto de Caroline. – Ela podia estar trabalhando para pagar a faculdade de direito. Ou até de medicina, acredite se quiser. Uma das minhas melhores garotas se tornou cirurgiã.

Ela se interrompeu, inclinando-se na minha direção para me olhar nos olhos.

– Desculpe, mas... essa garota significa algo para o senhor? Espero que não se importe com a minha pergunta. O senhor parece... triste.

Normalmente, eu teria me importado, mas Marcella Weaver tinha sido totalmente prestativa e franca comigo até então.

– Caroline era minha sobrinha.

Ela se recostou de novo, levando a mão manicurada à boca.

– Nunca houve a menor violência contra qualquer uma das minhas garotas. Quem fez isso merece uma morte dolorosa, se quer saber minha opinião.

Mesmo achando que eu já havia falado demais, se aquele advogado não estivesse ali, provavelmente teria dito a Marcella Weaver que sentia exatamente o mesmo.

capítulo 14

EU SENTIA QUE O CASO estava tomando um rumo positivo, mas passei o resto do dia retomando aquelas terríveis investigações de pessoas desaparecidas. Sampson se juntou a mim à tarde e nós entrevistamos um parente arrasado após outro.

Quando chegamos aos pais de Timothy O'Neill, a única coisa que eu parecia ter conseguido de fato era trazer à tona sentimentos ruins.

A família O'Neill morava em um casa colonial de tijolos e pedra em Spring Valley. Era uma construção modesta para o bairro, mas ainda assim não valia menos de um milhão. Como a maioria das pessoas que viviam ali, os O'Neill eram parte da "máquina" de Washington. Eles me pareceram uma "boa" família católica de origem irlandesa e me perguntei como a história de seu filho desaparecido se encaixava naquele quadro.

– Nós amamos muito Timothy – foi a primeira resposta da Sra. O'Neill às minhas perguntas. – Sei o que está escrito nos arquivos dele e tenho certeza de que o senhor nos acha ingênuos, mas nosso amor por Timmy é incondicional.

Estávamos em pé na sala de estar, ao lado de um piano de meia cauda com fotos da família arrumadas sobre ele. A Sra. O'Neill estava segurando uma de Timothy, uma versão maior da que eu tinha no meu painel em casa. Torci, para o bem deles, que seu filho tivesse apenas decidido ir embora de Washington.

– A senhora disse que ele estava trabalhando como barman? – perguntou Sampson.

– Até onde nós sabíamos – respondeu o Sr. O'Neill. – Tim estava juntando dinheiro para morar sozinho.

– E onde ficava o trabalho dele?

Eles trocaram um olhar antes de responder. A Sra. O'Neill já estava chorando.

– É isso que é tão difícil – falou ela. – Nós nem sabemos. Era alguma espécie de clube privativo. Timothy teve que assinar um contrato de confidencialidade. Ele disse que não poderia nos contar nada a respeito... para sua própria

segurança.

– Na época, achamos que ele estava exagerando, mas... agora não sei mais no que acreditar – atalhou o Sr. O'Neill.

Eu achava que ele sabia, sim, no que acreditar, mas meu trabalho não era convencer os O'Neill de nada. Aquelas pessoas estavam desesperadas para ter seu filho de volta. Eu não iria me ressentir delas por fazerem tudo ao seu alcance para suportar outra entrevista com dois detetives da polícia.

Por fim, pedi para ver o quarto de Timothy.

Sampson e eu seguimos os O'Neill em direção aos fundos, passando pela cozinha e pela área de serviço anexa até o que eu supus ter sido algum dia um quarto de empregada. Havia uma entrada separada desde o corredor dos fundos e um quarto com banheiro; pequeno, mas com bastante privacidade.

– Nós não tocamos em nada – disse o Sr. O'Neill, acrescentando em tom quase afetuoso: – Dá para notar como ele era bagunceiro.

Minha primeira reação foi pensar que é fácil esconder as coisas em meio à bagunça. O quarto tinha tanta coisa espalhada pelo chão quanto em qualquer outro lugar. Pelo jeito, Timothy nunca tinha crescido de verdade.

Havia roupas empilhadas por todo lado – em cima da cama, de uma poltrona, da mesa. Algumas eram apenas jeans e camisetas, mas havia também muita coisa aparentemente cara. As únicas peças que ele parecia manter penduradas eram uma coleção de ternos e blazers, além de três jaquetas de couro. Duas eram Polo, a outra, Hermès.

Foi ali que encontrei a agulha no palheiro. Sampson e eu estávamos vasculhando o quarto havia uns 15 minutos quando tirei um pedaço de papel do bolso de um dos blazers.

Nele estava escrita uma sequência de 10 letras, como as da agenda de Caroline: AFIOZMBHCP.

Ergui o papel para que Sampson o visse.

– Olhe só isso, John.

A Sra. O'Neill tornou a entrar no quarto. Ela estava esperando diante da porta.

– O que é? Por favor, conte para nós.

– Pode ser um número de telefone, mas não tenho certeza – falei. – Timothy não teria saído sem o seu celular, teria?

– Não. Ele ficava grudado naquele aparelho 24 horas por dia. Mas quem não

fica hoje em dia?

Ela arriscou um sorriso tímido e eu tentei fazer o mesmo, mas era difícil. Tudo em que conseguia pensar era como havia ficado muito mais provável que ela nunca mais voltasse a ver Timothy.

capítulo 15

JOHNNY TUCCI VINHA SEGUINDO UM rígido sistema de sobrevivência desde que fora parado pela polícia na Interestadual 95. Para começar, nunca viajava na mesma direção por dois dias seguidos e nunca passava mais de 24 horas num único lugar. Na verdade, se a magrela que trabalhava na caixa do posto de conveniência em Cuttingsville não tivesse sido tão fácil, ou se Johnny ao menos se lembrasse da última vez que havia transado, ele provavelmente já estaria longe dali àquela altura.

Bem, não adianta chorar pelo leite derramado, pensou Johnny.

Ele estava no meio da segunda transa com a menina da caixa quando a frágil porta do quarto 5 do Park-It Motel se abriu. Dois homens de terno cinza entraram como se tivessem a chave ou coisa parecida. Como haviam aberto a porta? Não importava. Eles estavam lá dentro.

Na cama, Johnny deu um pulo de um metro de altura, puxando o lençol para cima para se cobrir. A garota fez o mesmo. Liz? Lisl?

– Johnny Tucci? *O* Johnny Tucci?

Um dos invasores, o que falou, era branco, o outro era latino. Brasileiro, talvez? Johnny não fazia ideia de quem eram eles, mas sabia muito bem por que tinham ido ao motel. Ainda assim, fez o melhor que pôde:

– Você entrou no quarto errado, cara. Nunca ouvi falar desse John não sei o quê. Agora, por favor, saia daqui!

O latino disparou antes mesmo de Johnny perceber que ele estava armado. Ele se encolheu bruscamente e quase teve um ataque do coração ali mesmo. Quando olhou, a garota, Liz/Lisl, estava recostada na cabeceira da cama, vesga, com um buraco na testa, o sangue escorrendo até a ponta do nariz e pingando em seus seios.

– Meu Deus do céu! – Johnny praticamente caiu da cama e então recuou como um caranguejo para um canto. Ninguém nunca havia atirado contra ele antes.

– Vamos tentar outra vez. Johnny Tucci? – falou o branco. – *O* Johnny Tucci?

– Está bem, está bem, *sou eu*! – Ele manteve as mãos para cima, uma delas do lado do rosto para não ter que ver a garota morta e pingando sangue. – Como vocês me encontraram? O que querem comigo? Por que machucaram a garota?

Os dois homens trocaram olhares e riram dele.

Era óbvio que aqueles caras não eram da Família. Eram "brancos" demais para isso, até o mais escuro.

– Quem são vocês? São da CIA ou coisa parecida?

– Pior ainda para você, John. Nós *trabalhávamos* para a DEA, a Agência de Combate às Drogas. Menos papelada, se é que você me entende.

Johnny entendia bem até demais. Eles não iriam relatar o que tinha acontecido com a pobre Liz ou Lisl. O que poderiam dizer? Que ela tentou sacar uma arma da vagina para atirar neles?

O homem branco atravessou o quarto com passos rápidos e acertou um chute ágil na virilha de Johnny.

– Mas isso não significa que gostamos de perder tempo correndo atrás de um lixo patético como você. Vamos. Vista suas calças.

– Não... posso. Aonde vamos? – Johnny estava com o corpo dobrado para a frente, as mãos na virilha, desejando apenas poder vomitar. Parecia que seu estômago tinha virado pelo avesso. – Só... atire em mim e acabe logo com isso.

– É, bem que você gostaria disso, não é? Se juntar à sua namoradinha no além. Mas temo que não vá ser tão fácil assim, meu amigo.

Os dois sujeitos se inclinaram e começaram a enrolá-lo no lençol do motel. Puxaram as beiradas para juntá-las e as amarraram firme. Johnny nem sequer conseguiu tirar as mãos de onde estavam. Então o arrastaram para fora como se ele fosse um saco de roupa suja.

Esse era o momento em que ele começaria a gritar, se tivesse fôlego para isso, pois foi quando Johnny Tucci percebeu para onde eles estavam indo e o que iria acontecer em seguida.

capítulo 16

A MÃE DE CAROLINE PAROU SEU Chevy Suburban preto no estacionamento do cemitério Rock Creek. Era a primeira vez que eu a via em mais de 20 anos. Tínhamos nos falado ao telefone sobre as providências do funeral, mas, agora que ela estava ali, eu não sabia o que esperar ou o que lhe dizer.

Abri a porta do carro.

– Oi, Michelle.

Ela não tinha mudado nada. Continuava bonita, com o mesmo cabelo longo e indomável, porém raiado de fios grisalhos e meio domesticado em uma trança que descia pelas suas costas.

A única coisa diferente eram seus olhos. Eles sempre tinham sido tão cheios de vida... Embora fosse possível notar que ela havia chorado, seus olhos estavam secos naquele momento. Secos, vermelhos nas beiradas e muito, muito cansados.

– Tinha esquecido como você se parece com ele – observou.

Ela estava falando de Blake. As semelhanças entre nós sempre foram evidentes, pelo menos as físicas, especialmente no rosto. Blake também estava enterrado naquele cemitério.

Estendi meu braço e fiquei um pouco surpreso que ela o tenha aceitado. Começamos a nos encaminhar para a capela St. Paul's, com o restante da família nos seguindo não muito longe.

– Michelle, quero que saiba que estou cuidando pessoalmente do caso de Caroline. Se eu puder fazer alguma coisa por você...

– Você não pode fazer nada, Alex.

A resposta saiu depressa, uma simples atestação de um fato. Quando ela voltou a falar, sua voz começou a tremer.

– Vou pôr minha garotinha para dormir... – Ela parou e respirou fundo, tentando se acalmar. – E então vou voltar para Providence. É o máximo que consigo fazer agora.

– Você não precisa passar por isso sozinha. Pode ficar lá em casa. Nana e eu ficaríamos felizes com isso. Sei que faz muito tempo...

– Muito tempo desde que você virou as costas para o seu irmão.

E lá estava. Vinte anos de mal-entendidos vindo à tona num piscar de olhos.

Pouco antes da morte de Blake, o vício tinha passado a falar mais alto que ele. Meu irmão havia me afastado quando comecei a insistir veementemente que ele fosse para uma clínica de reabilitação, mas é óbvio que não fora isso que ele dissera a Michelle. Ela também estava usando heroína na época, mesmo grávida de Caroline.

– Na verdade, foi o contrário – falei no tom mais gentil possível.

Pela primeira vez, ela ergueu a voz:

– Não posso, Alex! Eu não posso voltar para aquela casa, então não me peça.

– É claro que pode.

Nós dois nos viramos. Foi Nana quem falou. Ela estava cercada por Bree, Jannie e Ali, sua guarda de honra, seus protetores.

Nana se aproximou de Michele e passou os braços em volta dela.

– Nós perdemos o contato com vocês muito tempo atrás e agora perdemos Caroline para sempre. Mas você *ainda* é parte da nossa família. Sempre vai ser.

Nana recuou e pousou a mão sobre o ombro de Jannie.

– Janelle, Ali, essa é sua tia Michelle.

– Sinto muito pela sua perda – disse Jannie.

Nana prosseguiu:

– Tudo o que aconteceu até hoje ou qualquer coisa que venha a acontecer amanhã não tem nenhuma importância agora. – Sua voz estava ficando carregada de emoção e pude detectar traços de sua herança batista naquelas palavras. – Estamos aqui para nos lembrarmos de Caroline com todo o amor de nossos corações. Depois que nos despedirmos dela, nos preocuparemos com o que fazer em seguida.

Michelle parecia indecisa. Ela correu os olhos por todos nós, sem dizer uma palavra.

– Então está bem – disse Nana. Ela bateu no próprio peito algumas vezes. – Meu Deus, toda essa dor me trouxe uma sensação terrível. Michelle, você poderia segurar meu braço?

Eu sabia que o coração de Nana também estava partido. Caroline era sua

bisneta, por mais que nunca a tivesse conhecido de verdade e agora estivesse morta. Mas, enquanto isso, havia outra pessoa ali que precisava da sua ajuda. *Talvez seja aí que eu entre*, pensei. Às vezes, a melhor, ou única, maneira de ajudar os mortos é cuidando dos vivos.

capítulo 17

Michelle voltou para sua casa em Rhode Island naquela noite. Eu mesmo a coloquei em um avião para Providence, mas me certifiquei de que anotasse meus números de telefone e lhe disse que esperava receber notícias dela – quando ela estivesse preparada.

Na manhã seguinte, eu estava de volta ao trabalho, investigando o assassinato medonho da sua filha e, quem sabe, de outras pessoas.

Ao chegar ao escritório, a primeira coisa de que me ocupei foram os supostos números de telefone que havia encontrado no apartamento de Caroline e no quarto de Timothy O'Neill.

Meu plano B era pedir ajuda à CIA, mas tinha um bom pressentimento quanto àquelas sequências de letras. Se havia algum código para desvendá-las, provavelmente estaria em algo que Caroline e Timothy O'Neill pudessem usar com frequência. Eu apostava que conseguiria solucionar aquilo sozinho.

Comecei escrevendo todas as sequências que tinha em um pedaço de papel, só para colocar minha cabeça para funcionar.

Simplesmente substituir as letras de A a Z pelos números de 1 a 26 não parecia apropriado, pois qualquer coisa acima da letra J, ou 10, não se aplicaria a um teclado de telefone.

Mas e se a resposta estivesse no próprio teclado?

Abri meu celular sobre a mesa e anotei o que vi:

ABC – 2

DEF – 3

GHI – 4 (I = 1?)

JKL – 5

MNO – 6 (O = 0?)

PQRS – 7

TUV – 8

WXYZ – 9

As teclas 1 e 0 não tinham letras atribuídas a elas, mas I e O pareciam uma substituição intuitiva.

Isso ainda deixava G e H para o número 4 e M e N para o número 6.

Quando utilizei essa lógica para traduzir a primeira sequência, BGEOGZAPMO, o resultado foi 2430492760. Então peguei os primeiros três dígitos e pesquisei na internet qual seria o código de área. Mas 243 não era um número válido.

Ainda assim, me pareceu muito cedo para abandonar a ideia, então continuei a testá-la. Converti o restante da minha lista para números e fiz uma coluna com eles na página para ver se alguma coisa me saltava aos olhos.

Não deu outra. Quase metade dos números começava com *2*.

A partir daí, não demorei muito para notar que todos esses números tinham um 0 na quarta posição e outro 2 na sétima.

202 é o código de área de Washington.

Retornei ao primeiro número e sublinhei.

2430492760

As peças estavam começando a se encaixar. Quando olhei para as mesmas posições nas sequências que não formavam 202, quase todas me davam 703 ou 301, que equivalem às áreas da Virgínia e de Maryland, próximas da capital.

Os únicos três diferentes eram os códigos da Flórida, da Carolina do Sul e de Illinois – supostamente, clientes de fora da cidade.

Voltei à primeira sequência. Se as posições um, quatro e sete eram um código de área, não faria sentido que as posições dois, cinco e oito fossem os três primeiros dígitos? Escrevi os números novamente.

2430492760 = 202

2430492760 = 447

2430492760 = 3960

202-447-3960

A próxima pergunta era: os números 447 podiam ser os três primeiros dígitos de um telefone de Washington? Consultei a lista telefônica e descobri que sim.

Aquele estava começando a parecer o primeiro dia bom da minha investigação. Um dia muito bom.

Assim que acabei de decifrar tudo o que tinha até o momento, telefonei para Esperanza Cruz, uma amiga que trabalhava na companhia telefônica. Eu sabia que a pesquisa reversa que usávamos no trabalho só funcionava para números listados. Esperanza levou uns 15 segundos para encontrar o primeiro nome.

– O.k., agora você me deixou curiosa – disse ela. – O número que você me deu é de Ryan Willoughby e não consta da lista. O que *ele* fez? Além de ser um chato de galocha?

Fiquei surpreso, mas não chocado. Ryan Willoughby era o apresentador do jornal das 18 horas de uma emissora de TV da região de Washington.

– Esperanza, se nós dois estivéssemos tendo esta conversa, eu poderia lhe dizer, mas, já que não nos falamos hoje...

– Sei, sei, como sempre, Alex. Qual o próximo número?

Em questão de minutos, eu tinha uma lista de 15 nomes. Seis deles me eram familiares, incluindo um congressista, um jogador de futebol americano e o presidente de uma empresa de consultoria em energia de alto nível. A coisa estava começando a vir à tona. Pensar em como aqueles homens conheciam Caroline me dava engulhos.

Minha próxima ligação foi para Bree. Ela reconheceu mais dois nomes. Um deles era de um sócio da Brainard & Truss, uma empresa de relações públicas que prestava serviços para o Congresso. E Randy Varrick acabou se revelando uma mulher, assessora de imprensa do prefeito.

– A coisa está prestes a ficar bem feia – disse Bree. – Estamos falando de pessoas muito poderosas, que certamente vão contra-atacar com tudo.

– Pois que venham – falei. – Estaremos preparados para eles. Na verdade, vou fazer meu primeiro contato agora mesmo. Pessoalmente.

capítulo 18

Pessoas muito poderosas e, pelo jeito, havia muitas delas envolvidas. O que significava aquilo e como tinha provocado a morte de Caroline Cross? O que mais poderia provocar?

Levei menos de 15 minutos para ir do Edifício Daly, na Indiana Avenue, até a sede do Canal 9, na Wisconsin. Quando cheguei, ainda não tinha me acalmado nem um pouco. Usei meu distintivo para passar pelo guarda no saguão e subir ao terceiro andar, onde parei diante de uma recepcionista. Na parede atrás dela, havia um grande número 9, além de retratos em close, em tamanho de pôster, da equipe de notícias da emissora.

Tornei a mostrar meu distintivo e apontei para a parede.

– Preciso falar com *ele*.

Ela apertou um botão no telefone, sem desgrudar os olhos de mim.

– Judy? Há um policial aqui na recepção querendo falar com Ryan.

Ela tapou o fone com a mão e me perguntou:

– Qual é o assunto?

– Diga a ele que eu terei o maior prazer em compartilhar essa informação com qualquer um que queira ouvir se não estivermos cara a cara em dois minutos.

Cerca de 90 segundos depois, eu já havia saído da recepção, passado pela entrada do estúdio e estava sendo conduzido por um corredor de escritórios com janelas. Ryan Willoughby estava à minha espera, com uma cara de quem estava com a gravata apertada demais. Já o vira dar as notícias dezenas de vezes, com seus cabelos louros e seu jeito agradável e educado, que agora parecia ter desaparecido completamente.

– Do que se trata essa merda? – perguntou ele depois de fechar a porta. – Quem é você para vir entrando assim, como se fosse Eliot Ness ou Rudolph Giuliani?

Ergui uma fotografia de Caroline.

– Trata-se dela – falei com a voz mais baixa que consegui.

Demorou um segundo, então vi um lampejo de reconhecimento cruzar seu rosto, mas ele se recuperou logo em seguida. Willoughby era mais esperto do que parecia.

– Bela garota. Quem é?

– Está dizendo que nunca a viu antes?

Ele riu, na defensiva, e o tom de âncora de noticiário ficou um pouco mais evidente em sua voz.

– Eu preciso de um advogado?

– Nós encontramos o seu telefone no apartamento dela. Ela foi assassinada.

– Sinto muito pelo assassinato da garota. Muita gente tem o meu telefone. Ou pode conseguir.

– Muitas garotas de programa? – perguntei.

– Veja bem, não sei o que você quer comigo, mas isso obviamente é um engano.

Por mais famoso que fosse, aquele cara não passava de um verme para mim agora. Era óbvio que ele não se importava com Caroline ou com o que havia acontecido com ela.

– Essa garota tinha 24 anos – falei.

Tornei a erguer a fotografia.

– Alguém arrancou pedaços dela com os dentes. Provavelmente a estuprou antes de matá-la. Depois passou seu corpo por um triturador de madeira. Nós encontramos o que sobrou dela, os restos, em um saco plástico que estava sendo transportado por um mafioso.

– O que você... Por que está me contando isso? Não conheço essa garota.

Eu conferi meu relógio.

– Vou lhe propor um acordo, Ryan. Os termos valem por 30 segundos. Você conta como ficou sabendo a respeito dela agora mesmo e eu deixo seu nome fora da minha investigação. A não ser, é claro, que você seja culpado de algo muito mais grave do que exploração sexual.

– Isso é uma ameaça?

– Vinte segundos.

– Mesmo que eu fizesse alguma ideia do que você está falando, como posso saber que é mesmo quem diz ser?

– Não pode. Quinze segundos.

– Desculpe, detetive, mas você pode ir para o inferno.

Minha mão estava inclinada para trás, mas eu me contive. Willoughby se encolheu e recuou um passo.

– Saia do meu escritório, a não ser que prefira que eu mande tirarem você daqui.

Eu esperei que os 30 segundos terminassem.

– Vejo você no noticiário – falei. – E pode crer que você não estará dando as notícias.

capítulo 19

POUCO MAIS DE 30 QUILÔMETROS de mata espessa e antiga separavam a cabana de Remy Williams, na Virgínia, de praticamente todo o resto do mundo. Era um pedaço de natureza virgem com toda a privacidade que ele poderia querer. Era possível que alguém passasse a noite inteira gritando ali sem ser ouvido.

Não que houvesse muita gritaria ou estardalhaço por ali. Remy gostava de eficiência e era bom no que fazia.

Desova.

Ele não gostava era de surpresas, como os faróis brilhantes que passaram para lá e para cá pela janela de sua cabana logo depois que escureceu naquela noite.

Em poucos segundos, Remy saiu pela porta dos fundos com uma de suas três espingardas Remington 870, que ele mantinha por perto exatamente por este motivo: visitantes indesejados. Foi correndo até a lateral da cabana e assumiu uma posição em que podia ver perfeitamente o sedã que acabava de parar à entrada.

O veículo era um Pontiac preto ou azul-escuro.

Dois homens saíram dele.

– Alguém em casa? – gritou um dos dois. A voz era familiar, mas ainda assim Remy manteve a espingarda apoiada no quadril.

– O que vocês estão fazendo aqui? – gritou de volta. – Ninguém ligou avisando nada.

As sombras dos homens se viraram para onde ele estava no escuro.

– Relaxe, Remy. Nós o encontramos.

– Vivo?

– Por enquanto.

Remy deu a volta até a varanda, trocou a espingarda por uma lanterna e a acendeu.

– E quanto à outra? A garota que fugiu?

– Ainda estamos trabalhando nisso – disse o homem branco, que era o mais confiante.

Remy não sabia seus nomes, nem queria saber. Mas sabia que o latino era a parte inteligente e mais perigosa da dupla. Silencioso, porém extremamente mortífero.

Ele foi até a traseira do carro e bateu no porta-malas com a lanterna.

– Abram.

capítulo 20

O PIVETE DENTRO DO PORTA-MALAS ESTAVA nu como um recém-nascido, meio embrulhado em um lençol sujo, com duas camadas de fita adesiva em volta da boca. Assim que viu Remy, começou a se debater, como se houvesse algum lugar onde pudesse se esconder.

– Por que ele está pelado? Qual o sentido disso?

– Ele estava comendo uma garota quando o encontramos.

– E o que...

– Já demos um jeito nela.

– Puxa vida, vocês deviam tê-la trazido para que eu cuidasse dela também.

Remy se voltou para o garoto, que havia parado, com exceção dos olhos. Estes se mexiam o tempo todo.

– Ele é um vermezinho engraçado, não é?

Remy enfiou a mão no porta-malas e puxou o garoto para cima, então o girou para o outro lado para que ele pudesse ver o triturador de madeira com 20 anos de uso iluminado pelos faróis do carro.

– Bem, você sabe por que está aqui, então não vou perder tempo explicando os detalhes – disse Remy. – Só preciso de uma informação sua e quero que pense com muito cuidado antes de responder. Você contou a alguém sobre este lugar aqui? Para *uma* pessoa que seja?

O garoto balançou a cabeça muito mais do que precisava para dizer *não, não, não, não, não*.

– Tem certeza disso, filho? Você não mentiria para mim, certo? Especialmente numa hora dessas.

Sua cabeça mudou de direção e fez *sim, sim, sim*.

Remy riu alto.

– Estão vendo? Ele parece um daqueles bonecos idiotas que ficam balançando a cabeça nos painéis dos carros. – Remy se agachou para ficar cara a cara com o

garoto e segurou a cabeça dele com as duas mãos. Então começou a balançá-la para cima e para baixo, de um lado para outro, gargalhando sem parar. – Sim, sim, sim... não, não, não... sim, sim, sim...

Então, com a mesma rapidez, girou a cabeça bruscamente para um lado, provocando um estalo alto. Em seguida, deixou o garoto cair no chão, como um brinquedo quebrado.

– Era para isso que nós o queríamos vivo? – perguntou um dos outros dois. – Só para quebrar o pescoço dele?

– Ah, não faz mal – disse-lhe Remy, forçando um pouco seu sotaque caipira. – Eu tenho um bom pressentimento sobre esse assunto.

Os dois homens balançaram a cabeça como se ele não passasse de um lavrador ignorante, o que Remy considerou um elogio ao seu talento como ator.

– Ei, vocês não querem ficar para tomar um drinque? Tenho coisa da boa lá nos fundos.

– Temos que ir – disse o homem de pele escura. – Obrigado pelo convite. Fica pra próxima.

– Vocês é quem sabem. Sem problema.

Na verdade, não havia uma gota de álcool em parte alguma da propriedade. A única coisa que Remy bebia além de água mineral era o chá gelado que costumava fazer com ela de vez em quando. Álcool era um veneno para o corpo. Ele simplesmente gostava de deixar aqueles idiotas hipócritas pensarem o que quisessem a seu respeito.

Aqueles dois eram típicos agentes do governo, o jeito como viam tudo e nada ao mesmo tempo. Se prestassem um pouco mais de atenção, saberiam quando estavam sendo testados e com quem estavam lidando.

– Mais uma coisa – acrescentou Remy. – Chega de coletas. – Ele cutucou o garoto morto com o pé. – Essa parte não está dando muito certo, vocês não acham? Eu faço as desovas, a começar por ele.

– Combinado. Ele é todo seu.

Eles foram embora sem dar um aceno sequer. Remy deu tchau, então esperou até não conseguir ouvir mais o carro e começou a trabalhar.

O garoto era pele e osso, portanto não foi preciso cortar mais do que teria cortado uma garota para deixá-lo pronto. Dois talhos nos joelhos, dois nos quadris, dois nos ombros, um no pescoço. Depois uma incisão longa pelo meio

de seu pequeno tronco magricela. A faca fazia mais sujeira do que uma motosserra ou um machado, mas Remy gostava do trabalho sujo. Sempre gostara.

Depois de terminar, precisou de apenas uns 10 minutos para passar o pivete da Filadélfia pela máquina e colocá-lo em um saco plástico. Era impressionante como aqueles sacos sempre pareciam leves – como se ficasse algo mais do que gosma e resíduos dentro do triturador.

Ele pegou uma pá e uma lanterna dentro da cabana e jogou o saco em um carrinho de mão. Então começou a andar em direção à mata. Não importava a direção. Onde quer que aquele garoto fosse parar, ele desapareceria para sempre.

– Ninguém nunca mais o verá ou terá notícias dele – murmurou Remy para si mesmo. Balançou a cabeça para cima e para baixo e de um lado para o outro enquanto andava e então começou a rir. – Não. Não. Não. Não. Nunca mais. Não. Não. Não. Não.

capítulo 21

UM BARULHO ALTO ME ACORDOU no meio da noite. Alguma coisa parecia ter caído e se quebrado no andar de baixo. Eu tinha quase certeza disso.

Olhei para o relógio. Vi que eram pouco mais de quatro e meia da manhã.

– Você ouviu isso?

Bree levantou a cabeça do travesseiro.

– Ouvi o quê? Acabei de acordar. Se é que estou acordada.

Eu já estava fora da cama e vestindo uma calça de malha.

– Alex, o que está havendo?

– Não sei ainda. Vou descer para ver. Já volto.

Parei no meio da escada para ouvir, mas dali tudo parecia silencioso. Dava para ver o céu ficando azul do lado de fora, mas ainda estava escuro dentro de casa.

– Nana? – chamei com uma voz pouco mais alta que um sussurro.

Não houve resposta.

Bree também já estava de pé e parada no topo da escada, a poucos metros de distância.

– Estou bem aqui – disse ela.

Quando cheguei ao corredor de entrada, pude ver o interior da cozinha.

A porta da geladeira estava aberta e mal havia luz suficiente para que eu enxergasse Nana caída no chão. Ela não estava se movendo.

– Bree! Ligue para a emergência!

capítulo 22

NANA ESTAVA DEITADA DE LADO no chão, com seu velho roupão, seus chinelos favoritos e os cacos de uma tigela espalhados à sua volta. Seu rosto estava contorcido, como se ela estivesse sentindo uma dor terrível quando caiu.

– Nana! Está me ouvindo? – falei, irrompendo na cozinha.

Ajoelhei-me e tomei seu pulso.

Estava fraco, mas dava para senti-lo. O meu estava disparado.

Por favor, não. Agora não. Não desse jeito.

– Alex, tome! – Bree chegou correndo e me entregou o telefone.

– Emergência, em que posso ser útil?

– Minha avó acabou de desmaiar. Eu a encontrei inconsciente no chão. – Meus olhos sondaram seu rosto, seus braços, suas pernas. – Não há sinais de ferimentos, mas não sei o que aconteceu antes da queda. O pulso dela está muito fraco.

Bree começou a cronometrar a pulsação de Nana com o relógio da cozinha enquanto o atendente anotava meu nome e endereço.

– Senhor, estou enviando uma ambulância para a sua casa agora mesmo. A primeira coisa que quero que o senhor faça é se certificar de que ela continua respirando, mas não tente movê-la. É possível que ela tenha ferido a coluna ao cair.

– Está bem. Não vou movê-la. Deixe-me conferir.

O rosto de Nana estava virado na direção da porta. Eu me inclinei e pus as costas da mão sobre a sua boca. A princípio, e pelo que pareceu uma eternidade, não houve nada, mas então senti um leve deslocamento de ar.

– Ela está respirando, mas com dificuldade – falei ao telefone.

Um estertor fraco saiu do peito de Nana.

– Por favor, não demorem. Acho que ela está morrendo!

capítulo 23

O ATENDENTE ME EXPLICOU COMO FAZER algo chamado "deslocamento da mandíbula" para ajudar a abrir as vias aéreas de Nana. Tudo aquilo parecia um pesadelo, um delírio surreal. Eu não conseguia imaginar nada pior. Segurei a parte posterior de seu maxilar e o puxei para a frente e para cima, usando meu polegar para manter seus lábios abertos.

O ritmo da sua respiração aumentou, mas só um pouco e continuava irregular.

Então ouvi a voz de Ali atrás de mim, baixa e assustada.

– Por que Nana está caída no chão desse jeito? Papai, o que aconteceu com ela?

Ele estava parado no vão da porta da cozinha, segurando o batente como se não quisesse que o empurrassem mais para dentro do que isso.

Bree colocou sua mão sobre a minha na bochecha de Nana.

– Eu cuido dela – disse enquanto eu ia falar com Ali.

– Nana passou mal e caiu. Foi só isso – expliquei. – Uma ambulância está vindo para levá-la ao hospital.

– Ela vai morrer? – perguntou Ali, lágrimas enchendo seus olhos meigos.

Eu não respondi, mas mantive meus braços em volta dele e ficamos os dois parados ali. A única coisa que eu não podia fazer naquele momento era deixar Nana sozinha.

– Nós vamos ficar bem aqui e pensar em quanto amamos Nana, o.k.?

Ali assentiu devagar sem desgrudar os olhos dela.

– Papai?

Eu me virei e vi Jannie no corredor. Ela estava ainda mais chocada e com os olhos mais arregalados que o irmão. Eu a chamei com um gesto e ficamos todos esperando a ambulância chegar.

Por fim, ouvi o som baixo de uma sirene do lado de fora. Estranhamente, isso parecia piorar ainda mais a situação.

Assim que os paramédicos chegaram, verificaram os sinais vitais de Nana e lhe administraram oxigênio.

– Qual é o nome dela? – perguntou um deles.

– Regina. – A palavra quase ficou presa em minha garganta. O nome de Nana significa rainha e é exatamente isso que ela é para nós.

– Regina! Está me ouvindo? – O paramédico pressionou o punho contra o seu esterno e ela não se moveu. – Nenhuma reação à dor. Vamos medir o ritmo cardíaco.

Eles me fizeram mais algumas perguntas enquanto trabalhavam. Ela estava tomando algum remédio? Seu estado havia mudado desde que eu chamara a emergência? Ela ou alguém da sua família tinha histórico de problemas cardíacos?

Mantive uma de minhas mãos em Ali o tempo todo, para que ele soubesse que eu estava ali, mas para que eu também sentisse sua presença. Jannie continuou ao nosso lado.

Em questão de minutos, os paramédicos já haviam inserido um cateter intravenoso em Nana, passado um colar em volta do seu pescoço e colocado uma tábua de transferência debaixo dela. Jannie finalmente enterrou seu rosto na lateral do meu corpo, soluçando baixinho.

Isso fez com que Ali voltasse a chorar. E Bree também.

– Estamos arrasados – consegui dizer por fim. – Por isso que ela não pode nos deixar.

Eles ergueram o corpo pequeno de Nana até uma maca e nós os seguimos pelas salas de jantar e de estar e depois pela porta da frente. A familiaridade que nos cercava parecia ao mesmo tempo triste e assustadora.

Bree havia desaparecido por um minuto, mas então ressurgiu atrás de mim, estendendo-me meu celular, uma camisa e um par de sapatos. Então fez com que Ali se soltasse de mim e passou um braço ao redor de Jannie. Seus rostos eram como espelhos de tudo o que eu estava sentindo.

– Vá com Nana, Alex. Nós iremos atrás, no carro.

capítulo 24

GABE REESE ESTAVA ANDANDO DE um lado para outro, com os braços cruzados com força, em frente às portas do lobby da Ala Oeste da Casa Branca. Não estava acostumado a essa incerteza, a essa total falta de informações, a todo aquele mistério. Tinha várias fontes a seu dispor, só que não podia usar quase nenhuma delas desta vez. Não até ter certeza do que estavam enfrentando.

Ele estava esperando o vice-presidente e o assunto, naturalmente, era Zeus, o que tinha sido descoberto até o momento e que tipo de escândalo sem precedentes aquilo poderia se tornar. Tillman tinha uma reunião marcada com a Associação Nacional de Pequenos Empresários no Convention Center de 12h30 às 13h. O centro de convenções ficava a menos de 2,5km dali, o que significava um trajeto de cerca de cinco minutos de carro. Reese iria precisar de cada segundo.

Exatamente às 12h20, o vice-presidente apareceu no lobby com Dan Cormorant, do Serviço Secreto, de um lado e um vice-diretor de comunicações de outro.

Dois assistentes e outro agente do Serviço Secreto vinham atrás. O séquito habitual, sinal de poder e arrogância.

Tillman pareceu surpreso ao ver Reese parado ali, com seu característico chapéu Fedora na mão.

– Gabe, você vem conosco?

– Sim, senhor. Não perderia por nada. Nem uma palavra. Nem um arquear de sobrancelhas.

– Está bem. Então vamos.

Eles seguiram para fora, onde a limusine Cadillac do vice-presidente, dois Suburbans pretos e três policiais em motocicletas aguardavam com os motores ligados. Enquanto o vice-presidente entrava no carro, Reese pôs a mão no ombro de Cormorant.

– Precisamos de um pouco de privacidade, Dan.

O agente sênior estreitou os olhos, incomodado, então se virou para o segundo agente do Serviço Secreto.

– Bender, vá no carro dos assessores. Deixe este aqui comigo.

– Sim, senhor.

– Você sabe que isto terá que ser registrado – disse Cormorant assim que o outro agente se distanciou demais para ouvir.

– Não, não terá – respondeu Reese. Havia mais precedentes do que o necessário para esse tipo de pedido, até mesmo do próprio Reese. Cormorant entrou no carro logo depois de Reese e do vice-presidente. Então deu o sinal verde pelo rádio e o comboio partiu em direção à Rua 15.

capítulo 25

COM A DIVISÓRIA DA LIMUSINE LEVANTADA e o vidro fumê à prova de bala e de som dos dois lados, aquela reunião dentro da limusine era o máximo de privacidade que eles conseguiriam ter naquele dia, levando em conta a agenda atribulada do vice-presidente.

Reese tomou fôlego e foi logo contando o que havia descoberto. Para começar, tanto o FBI quanto a Polícia Metropolitana estavam investigando o caso – pelo menos como homicídio. Tudo indicava que havia acompanhantes envolvidos, tanto homens quanto mulheres. Zeus ainda não tinha sido identificado. *Se é* que existia um Zeus.

– Acabei de ser informado de que temos outro problema. – Ele se virou para encarar o agente do Serviço Secreto no banco removível. – Dan, você sabe quem é Alex Cross?

– Detetive da Polícia Metropolitana, especializado em casos hediondos: homicídios, assassinatos em série. Está trabalhando em algum dos assassinatos em questão? – perguntou Cormorant sem titubear. – Nós estamos cientes do envolvimento de Cross. Estamos de olho nele.

– E posso saber *por que* estou descobrindo isso sozinho?

– Nada de telefonemas, nada de e-mails, lembra? – rebateu Cormorant, contando nos dedos as duas exigências do vice-presidente. – Eu lhe darei as informações quando for possível, Gabe. Estamos falando de um detetive de homicídios.

– Espere um instante – atalhou o vice-presidente. – O que sabemos sobre Zeus, Dan?

– Rápido, por favor – acrescentou Reese. Eles já subiam a Rua K, que infelizmente estava menos movimentada do que de hábito.

– É complicado. Temos vários caminhos a seguir. Conseguimos coletar algumas informações sobre um clube privativo na Virgínia. Um local muito

discreto para encontros. É um bordel, senhor. É possível, ou melhor, provável, que Zeus tenha estado lá. A Casa Branca, na verdade, o Gabinete, é mencionado com frequência, mas pode ser por conta do codinome, *Zeus*. Espero que não seja mais do que isso.

A expressão de Tillman era sombria quando ele se inclinou na direção do agente do Serviço Secreto.

– É só? Isso é tudo o que você conseguiu?

– Estamos lidando com uma investigação de homicídio. Esses casos não costumam se resolver sozinhos. O clube se chama Blacksmith Farms. Temos os nomes de vários clientes. Ele é administrado pela Máfia.

Tillman perdeu a paciência.

– E por que *nós* não conseguimos descobrir quem é Zeus?

– Sinto muito, senhor, mas preciso tomar cuidado para não atrair mais atenção do que queremos. Nem mesmo temos certeza de que Zeus utilizou os serviços desse clube. Temos uma série de rumores, mas nada concreto.

Reese não gostou do tom que Cormorant usou para se dirigir ao vice-presidente, assim como não gostava quando o agente o usava para falar com ele.

– Uma série de rumores. Quem mais sabe sobre isso? – perguntou.

– Dois agentes seniores do Centro de Operações Conjuntas e um oficial de inteligência, mas está tudo sob controle. Nada relacionado ao gabinete da vice-presidência.

Cormorant tornou a estreitar os olhos para Reese.

– Você precisa se acalmar. Esse nervosismo não ajuda em nada. Estamos indo o mais rápido possível e temos muita coisa para verificar. As circunstâncias não poderiam ser piores.

A frase "vá se foder" passou pela mente de Reese, mas ele era esperto demais para perder a cabeça na frente de Tillman. Ainda assim, aquela situação estava cheirando a uma das maiores bombas a atingir Washington em anos. Um serial killer envolvido com o Gabinete... ou ligado à Casa Branca?

– Senhor, sugiro que classifique todos os registros do seu destacamento do Serviço Secreto como informação altamente confidencial até segunda ordem – disse Reese.

– Senhor, um pedido desse tipo faz com que suas impressões digitais fiquem gravadas exatamente onde menos queremos que elas estejam – exclamou

Cormorant.

– Mas, ao mesmo tempo, deixa essas informações totalmente fora de alcance – retrucou Reese.

Tillman tinha autoridade para passar por cima não só do Gabinete de Segurança da Casa Branca como também da Lei de Liberdade de Informação.

– Está bem. – Tillman assentiu, concordando com o chefe de gabinete. Estava decidido. Então perguntou: – E quanto a esse detetive Cross? Quanto devemos nos preocupar com ele?

Cormorant refletiu por um instante.

– É difícil saber até que ele descubra alguma coisa. *Se é* que vai descobrir. Estou de olho nele e, caso haja alguma mudança, informarei o senhor.

– *Não me informe* – disse Tillman com firmeza. – Dirija-se a Gabe. Daqui para a frente, tudo passa por ele.

– Sim, senhor.

Reese percebeu que estava passando a mão repetidamente pelos cabelos sem notar. Estavam chegando ao Convention Center; a pressão para que concluíssem aquela conversa era grande.

Ele falou depressa:

– Há algo mais que eu deva saber? Algo mais que você não tenha contado? *Como quem é esse desgraçado do Zeus?*

O rosto de Cormorant ficou vermelho, mas tudo o que ele disse foi:

– Chegamos, senhor.

capítulo 26

NANA ESTAVA VIVA. ERA ISSO que importava; essa era a única coisa que me interessava naquele momento. Mas não pude deixar de me perguntar por que, quando você perde uma pessoa importante na sua vida, ou está a ponto de perdê-la, ela se torna mais preciosa do que nunca.

Esperar que ela voltasse dos exames foi um inferno. Tive que ficar horas sentado em um corredor estéril de hospital, iluminado por lâmpadas fluorescentes, enquanto minha mente analisava todas as piores hipóteses possíveis – um mau hábito adquirido no trabalho. Tentei ocupar minha mente com lembranças de Nana, desde quando eu tinha 10 anos e ela substituíra meus pais na minha vida.

Quando ela finalmente saiu, empurrada numa maca, senti-me grato por simplesmente olhar em seus olhos. Ela chegara ali inconsciente e não havia nenhuma garantia de que eu fosse voltar a vê-la com vida.

Mas lá estava ela e ainda por cima falando.

– Dei um pequeno susto em você, não foi? – Sua voz estava fraca e ofegante e, deitada na maca, ela parecia ainda menor do que o normal, mas estava alerta.

– Pequeno é apelido – falei. Foi o melhor que pude fazer para não abraçá-la até espremer toda a vida que havia dentro dela. Contentei-me com um beijo demorado em seu rosto.

– Bem-vinda de volta, velhota – sussurrei em seu ouvido, só para fazê-la sorrir. Funcionou.

– É bom estar de volta. Agora vamos sair daqui!

capítulo 27

ASSIM QUE ACOMODAMOS NANA – *num leito hospitalar* –, a Dra. Englefield, a cardiologista de plantão, veio falar conosco. Ela parecia ter cerca de 50 anos. Tinha uma expressão compassiva, mas também o distanciamento profissional que eu já vira em diversos especialistas.

Ela consultou o prontuário de Nana enquanto falava.

– Sra. Cross, o seu diagnóstico geral é insuficiência cardíaca congestiva. Para ser mais clara, o seu coração não está bombeando sangue suficiente para o corpo. Isso significa que a senhora não está recebendo oxigênio ou nutrientes bastantes, o que provavelmente foi a causa do seu desmaio hoje pela manhã.

Nana assentiu, sem demonstrar nenhuma emoção. A primeira coisa que perguntou foi:

– Quando vou receber alta?

– O tempo médio de internação em casos como este é de quatro a cinco dias. Eu gostaria de ajustar sua medicação anti-hipertensiva e ver como estaremos dentro de alguns dias.

– Ah, eu vou estar ótima e em casa, doutora. E a senhora?

A Dra. Englefield riu educadamente, como se achasse que Nana estivesse brincando. Mas, logo que ela foi embora, minha avó se virou para mim:

– Você precisa falar com outra pessoa, Alex. Eu estou pronta para ir embora.

– Ah, é mesmo? – perguntei, tentando manter o tom de brincadeira.

– Sim, é mesmo. – Ela balançou a mão, tentando me enxotar do quarto. – Ande logo. Dê um jeito nisso.

Aquilo estava começando a me deixar desconfortável. Eu nunca antes precisara tomar decisões por Nana e agora, de repente, era exatamente o que eu tinha que fazer.

– Acho que vamos ter que confiar na médica desta vez – falei. – Se algumas noites no hospital significam que não teremos que repetir a manhã de hoje, eu

dou todo o apoio.

– Você não está me ouvindo, Alex. – Sua voz tinha mudado num piscar de olhos e ela agarrou minha mão. – Não vou passar nem mais um dia em um leito de hospital, entendeu? Eu me *recuso*. É um direito meu.

– Nana...

– Não! – Ela soltou minha mão e apontou para mim com um dedo trêmulo. – E também não vou tolerar esse tom de voz. Agora, você vai respeitar os meus desejos ou não? Se for preciso, eu mesma me levanto e faço isso. Você sabe que sou capaz, Alex.

Era uma sensação terrível ficar parado ali na outra ponta daquele dedo. Nana estava batendo o pé, mas também estava implorando que eu desse ouvidos aos seus desejos.

Eu me sentei na beirada da cama e me inclinei, encostando minha cabeça na dela. Quando falei, foi com os olhos fechados.

– Nana, preciso que você leve esta recuperação a sério. Desacelere um pouco e deixe acontecer. Você precisa disso. Então seja esperta. – Esta última frase era algo que Nana me dizia desde os meus 10 anos. *Seja esperto*.

O silêncio no quarto era quase absoluto, exceto pelo barulho de Nana se recostando de volta no travesseiro. Quando abri os olhos, havia lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

– Então é isso? É aqui que vou morrer?

Puxei uma cadeira e me sentei ao lado da cama. Mais tarde, eu dormiria naquela mesma cadeira.

– Ninguém vai morrer aqui esta noite – garanti.

PARTE DOIS

FOGO CONTRA FOGO

capítulo 28

TONY NICHOLSON JÁ ESTAVA MUITO ansioso, *alucinado* na verdade, e ficando atrasado também, graças a um caminhão de carga virado na saída da cidade. Quando chegou ao Blacksmith Farms, já passava das nove e meia e seus convidados importantes estariam lá em menos de meia hora. Entre eles haveria um muito especial.

Ele continuou no carro e tocou o interfone.

– Sim? – respondeu uma voz de mulher. Refinada. Britânica. Sua assistente, Mary Claire.

– Sou eu, M.C.

– Boa noite, Sr. Nicholson. O senhor está um pouco atrasado.

Não diga, Sherlock, pensou Nicholson, mas não o disse.

O portão se abriu e voltou a se fechar depois que ele entrou com seu Cayman S.

O longo caminho de acesso atravessava quase 1,5km de descampado, depois um bosque, composto basicamente de nogueiras e carvalhos, até desembocar em frente à casa principal. Nicholson estacionou no velho galpão de carruagens e entrou pelas portas francesas do terraço.

– Estou aqui, estou aqui, me desculpe.

Sua anfitriã para a noite, uma beldade de Trinidad e Tobago chamada Esther, estava dispondo portfólios encadernados em couro para os convidados sobre uma mesa Chippendale no foyer.

– Alguma coisa que eu precise resolver? – perguntou ele. – Algum imprevisto para esta noite?

– Nada, Sr. Nicholson. Está tudo perfeito. – Esther tinha modos maravilhosamente serenos que Nicholson adorava. Ela o acalmava na mesma hora. – O champanhe Bollinger está gelado, temos charutos Corona Flor de Farach nos umidores, as garotas estão todas lindas e já receberam as devidas

instruções e o senhor tem... – ela sacou um relógio do bolso; não havia relógios na casa – ...pelo menos 20 minutos antes de o primeiro convidado chegar. Eles ligaram com antecedência. Vão chegar na hora marcada. Pareciam muito... *empolgados*.

– Então está certo. Excelente trabalho. Você sabe onde me encontrar se precisar de mim.

Nicholson deu uma volta rápida pelo primeiro andar antes de subir. O foyer e as salas de estar daquele piso evocavam, acima de tudo, um clube de cavalheiros inglês, com seus painéis de mogno, utensílios de bronze nos bares e um monte de antiguidades ridiculamente caras. Parecia o tipo de lugar ao qual seu pai só poderia ter sonhado em se afiliar, graças ao vergonhoso sistema de classes britânico. Nicholson havia nascido em Brighton, numa família da classe operária, mas deixara toda aquela merda deprimente para trás havia tempos. Ali, ele era rei. Ou pelo menos um príncipe herdeiro.

Ele subiu as escadas principais até o segundo andar, onde muitas das garotas já estavam vestidas e esperando pela primeira leva de clientes, os "apressadinhos".

Estonteantes, elegantes *e* sensuais, as garotas conversavam sentadas em sofás baixos no mezanino, que também tinha almofadas confortáveis espalhadas pelo chão e cortinas leves que podiam ser fechadas ou abertas para oferecer mais ou menos privacidade, dependendo do propósito da festa.

– Boa noite, senhoritas – disse ele, avaliando-as com o olhar de um especialista. – Sim, sim, muito bem. Vocês estão fabulosas. Perfeitas, todas vocês, em todos os sentidos.

– Obrigada, Tony – respondeu uma delas um pouco mais alto do que as outras. Era Katherine, naturalmente, cujos olhos azul-acinzentados sempre se detinham sobre os traços nórdicos dele um pouco mais que os das outras. Ela adoraria fisgar o chefe e ele sabia que era por todos os motivos errados. *Como substituir sua esposa*.

Nicholson se inclinou para sussurrar algo no ouvido dela, passando os dedos pela bainha de seu minivestido de renda branca.

– Mas creio que seria melhor trocar de vestido, Kat. Nossas putas não podem parecer putas, não é mesmo?

Ele viu a linda garota se esforçar para manter o sorriso brilhante no rosto, como se ele tivesse acabado de dizer algo encantador e gentil. Sem nenhuma

outra palavra, ela se levantou.

– Preciso ir ao toalete – sussurrou e saiu.

Satisfeito por todo o resto estar na mais perfeita ordem, Nicholson continuou subindo para o seu escritório trancado a chave no terceiro andar. Aquele era o único lugar da casa que ele mantinha inacessível tanto aos convidados quanto aos funcionários.

Lá dentro, serviu-se de uma taça de um champanhe Bollinger de 700 dólares – um presente para si mesmo que pegara no estoque dos clientes – e se sentou. Tinha sido um dia agitado; agora ele enfim poderia relaxar.

Bem, não exatamente relaxar, mas pelo menos tinha o Bollinger.

Dois grandes monitores de tela plana dominavam a mesa à sua frente. Ele ligou o sistema e digitou uma senha longa.

À primeira vista, as imagens pareciam naturezas-mortas em miniatura, cada qual de uma área diferente da casa – hall, mezanino, suítes para convidados, salas de massagem, masmorra, salas de exibição. Havia 36 ao todo.

Nicholson parou somente por um instante para observar a ardilosa Katherine em um dos quartos de vestir, usando apenas uma calcinha, diante do espelho, os seios subindo e descendo enquanto retocava a maquiagem que havia escorrido de seus olhos. Por mais bonita que fosse, Katherine era um erro – muito ambiciosa, muito sagaz –, mas não era sua verdadeira prioridade naquele momento.

Ele clicou numa imagem do caminho de acesso e a arrastou para que saltasse para o monitor ao lado e se abrisse em tela inteira. Um relógio com data surgiu na parte de baixo da tela.

Ele clicou uma segunda vez em um botão triangular no canto: “gravar”.

Os primeiros carros estavam chegando. A festa estava prestes a começar.

– Que tenha início a orgia... seja ela mental ou física. Tudo que o apetite deles desejar.

capítulo 29

Às onze e meia, o caríssimo e muito exclusivo Blacksmith Farms estava a pleno vapor. Todas as suítes estavam ocupadas, as salas de massagem, a masmorra e até o mezanino pulsavam com sexo quente e todos os tipos de combinação: homem-mulher, mulher-mulher, homem-homem, mulher-homem-mulher, qualquer coisa que o cliente desejasse.

A casa havia sido fechada para uma despedida de solteiro naquela noite: cinco garotos de programa, 34 garotas, 21 convidados cheios de tesão, 150 mil dólares de pagamento, já transferidos para a conta numerada do clube.

O anfitrião – e padrinho do noivo – era um velho conhecido de Nicholson: chamava-se Temple Suiter e era sócio de uma das firmas de advocacia mais prestigiosas e bem relacionadas de Washington, cujos clientes incluíam o Family Research Council e a família real da Arábia Saudita, além de membros do governo anterior.

Nicholson tinha feito seu dever de casa, como sempre.

Benjamin Painter, o noivo homenageado, estava prestes a entrar para uma das dinastias de Washington. Na próxima semana, ele estaria chamando o senador mais antigo da Virgínia de "papai" e uma das mais queridas vítimas de cirurgias plásticas da capital de "mamãe". Muitos também acreditavam que ele próprio estava se preparando para concorrer ao Senado, um conjunto de fatores que tornava o Sr. Painter bastante valioso – do ponto de vista de Nicholson, pelo menos.

Neste exato momento, o futuro noivo e senador estava esparramado em uma poltrona na suíte A. Sasha e Liz, duas das garotas mais jovens, mais bonitas e menos ameaçadoras do clube, tiravam a roupa uma da outra na cama, enquanto uma terceira, Ana, alisava-o por cima de sua cueca boxer de algodão. As três pareciam adolescentes, mas tinham a idade legal. Dezenove anos, para ser exato. Mal tinham alcançado a maioridade.

Nicholson correu os dedos pelo seu touchpad para ajustar a imagem. As câmeras eram sem fio, do tamanho das borrachas acopladas à extremidade dos lápis, e tinham controle panorâmico, de inclinação e de zoom. Aquela em especial estava instalada no detector de fumaça do quarto.

Um microfone, tão pequeno quanto uma cabeça de fósforo, descia pelo teto e estava embutido no lustre bem em cima da cama king size, onde Sasha havia acabado de se sentar, sorrindo alegremente, *arrulhando*.

Ela montou Liz, ambas nuas àquela altura, exceto pelas joias de aparência cara, seus vestidos pretos justos amontoados em pequenas pilhas no chão.

Sasha estendeu a mão para o criado-mudo, abriu a gaveta e tirou lá de dentro um vibrador grosso, cor de carne. Ela o ergueu, balançando-o para que Benjamim Painter pudesse vê-lo. Os olhos dele se arregalaram apropriadamente.

– Você quer que eu coma Liz? – perguntou ela, sorrindo com falso pudor. – Eu *gostaria* de comê-la. Gostaria muito.

– Excelente – disse Painter, como se elogiasse um funcionário competente na empresa de seu pai. – Deixe-a pronta para mim, Sasha. E você... – Ele colocou a mão no topo da cabeça de Ana e ela se ajoelhou à sua frente. – Não tenha pressa, Ana. Devagar e sempre a gente chega lá, certo?

– Ah, eu não faria de outra forma, Benjamin. Também estou adorando.

Enquanto o Sr. Painter estava ocupado oferecendo um belo vídeo para Nicholson trabalhar, seu velho amigo da época do curso de direito na Universidade de Nova York, o Sr. Suiter, estava praticamente assinando um cheque em branco.

Suiter estava no spa com Maya e Justine, duas das garotas asiáticas mais bonitas do clube. Maya estava deitada de costas na plataforma azulejada da banheira, com suas pernas pequenas e torneadas balançando no ar, enquanto Suiter a penetrava, com movimentos furiosos. Ela parecia estar gostando, o que era questionável, uma vez que Maya e Justine eram um casal – recém-casadas no estado de Massachusetts, onde haviam nascido.

Justine, na verdade, estava proporcionando o "grand finale". Segurando-se em uma barra de apoio no teto, ela parou em cima de Suiter, com os joelhos ligeiramente dobrados, e atendeu a um chamado da natureza sobre os ombros e as costas dele.

Suiter começou a ofegar em sincronia com seus movimentos, a voz se

erguendo rumo ao clímax:

– Isso... Isso... Boa garota, boa garota.

Nicholson revirou os olhos, enojado, e emudeceu os sons dos três transando. Ele não precisava ouvir aquele idiota. Mais para o final da semana, escolheria um belo clipe de 30 segundos para enviar ao Sr. Suiter. Algo com nu frontal e palavras bem escolhidas sempre parecia funcionar melhor.

Afinal, por mais que aqueles homens estivessem dispostos a pagar para apanhar numa noite de sábado, ou apenas para transar com uma mulher que não perguntaria no que eles estavam pensando depois, Tony Nicholson sabia que eles sempre – *sempre* – estavam dispostos a pagar ainda mais pelo privilégio de guardar seus segredos sujos para si mesmos.

Todos, exceto Zeus.

capítulo 30

– O QUE VOCÊ TEM AÍ?

– Placa DLY 224, um Mercedes McLaren azul-escuro. Alugado para um tal Temple Suiter.

– O advogado?

– Provavelmente. Quem mais seria? O cara tem mais dinheiro que Deus.

Carl Villanovich baixou a câmera e esfregou os olhos com força. Já era a terceira noite seguida de vigilância na mata do Blacksmith Farms e ele estava de saco cheio daquele trabalho.

Pegou um tripé em sua mochila, desdobrou-o e montou a câmera sobre ele para descansar um pouco. A imagem passava no laptop ao seu lado enquanto ele a afastava para enquadrar o exterior da casa.

O lugar era imenso, aparentemente de pedra calcária, com colunas de três andares de altura na frente. Provavelmente tinha sido uma casa de fazenda em outros tempos. Havia um celeiro reformado nos fundos e vários outros anexos, todos com as luzes apagadas naquela noite.

– Lá vem mais um.

Seu parceiro, Tommy Skuba, tirou um monte de fotografias com sua câmera digital profissional de alta velocidade enquanto um Jaguar cupê vinho atravessava depressa a mata. Villanovich deu zoom no número da placa do carro quando ele fez o contorno em frente à casa.

– Pegou o número? – perguntou.

– Peguei – disse a voz em seu fone de ouvido. O centro de comando estava em Washington, a 120 quilômetros dali, assistindo a tudo em tempo real.

Não havia manobrista na entrada. O recém-chegado estacionou o carro sozinho e tocou a campainha. Quase imediatamente, uma negra alta e linda, com um vestido cintilante, abriu a porta sorrindo e o deixou entrar.

– Skuba, focalize as janelas.

– Eu sei, eu sei. Estou me esforçando ao máximo para deixar Spielberg orgulhoso. O Jaguar deve ser um frequentador assíduo.

Villanovich esfregou as duas mãos no rosto, tentando se manter alerta.

– Alguma chance de terminarmos mais cedo hoje à noite? Já temos mais do que o necessário aqui, não?

– Negativo – respondeu o comando na mesma hora. – Queremos que você esteja aí quando eles saírem.

Outra série de cliques da câmera de Skuba tornou a chamar a atenção de Villanovich para a casa. O motorista do Jaguar tinha acabado de passar por uma janela nas escadas, de braços dados com uma garota. Ela era alta e negra, mas não a mesma que abrira a porta.

– Meu Deus. – Skuba baixou a câmera e colocou seu fone de ouvido no mudo. – Você viu os peitos daquela? Não tenho vergonha de dizer que estou com um pouco de inveja. Hum... e excitado também.

– Não fique. Quantico está cuidando do caso agora – disse-lhe Villanovich, ainda observando a janela vazia. – Quando este lugar cair, todos eles vão cair junto.

capítulo 31

Antes de nana receber alta, eu me encontrei novamente com a Dra. Englefield. Entre as quatro paredes do seu consultório no primeiro andar do St. Anthony's, ela parecia consideravelmente mais relaxada, flexível e humana.

– Nós drenamos o peito de sua avó e regularizamos sua pressão sanguínea, mas isso é só o começo. Ela e o senhor terão que ficar muito atentos. Regina pode não admitir, mas está com mais de 90 anos. Isso é um problema sério.

– Eu entendo – falei. – E minha avó também, pode acreditar.

Nana já estava seguindo um esquema de medicação totalmente diferente: uma combinação de quatro anti-hipertensivos, cada um com uma ação específica, e dois deles especialmente eficazes em pacientes negros. Ela também precisaria de uma nova dieta, sem sal, além de monitorar diariamente seu peso para garantir que não estivesse retendo líquidos em excesso.

– É muita coisa com que se acostumar de uma vez só – disse a Dra. Englefield, oferecendo um raro sorriso. – A não adesão ao tratamento é um dos principais motivos de paradas cardíacas em pacientes na situação dela e o apoio da família é fundamental. Decisivo.

– Acredite, nós vamos fazer tudo o que for necessário – garanti-lhe.

Jannie havia até pesquisado sobre insuficiência cardíaca congestiva na internet.

– Eu também recomendaria que contratassem uma enfermeira sempre que você e sua esposa não estiverem em casa. – A Dra. Englefield só vira Bree uma vez, muito rápido. Não me dei o trabalho de corrigi-la. – Mas imagino que vá ser difícil convencer sua avó disso.

Eu sorri pela primeira vez.

– Vejo que vocês duas já estão começando a se conhecer. E, sim, já estamos procurando alguém.

A médica também sorriu, por uma fração de segundo.

– Regina teve sorte de ter alguém por perto quando desmaiou. Seria bom garantir que ela terá a mesma sorte se, ou quando, isso voltar a acontecer.

Não era difícil entender por que Nana havia apelidado a médica de "Dra. Raio de Sol". Mas, se o objetivo dela era me assustar, sem dúvida estava dando certo.

capítulo 32

A DRA. ENGLEFIELD E EU FOMOS juntos para o segundo andar ver Nana. Quanto mais gente, mais seguro, certo?

– Sra. Cross – começou a médica –, a senhora está se saindo muito bem, considerando todos os fatos. Recomendo mais uma noite de internação e depois poderemos lhe dar alta.

– Gosto desta palavra, *recomendo* – disse Nana. – Obrigada pela sua recomendação, doutora. Fico muito agradecida. Agora, se a senhora nos dá licença, meu neto vai me levar para casa. Tenho muito o que fazer hoje: bolos para assar, bilhetes de agradecimento para escrever, esse tipo de coisa.

Quando Englefield deu de ombros rapidamente, eu desisti. Ela também. Quarenta e cinco minutos depois, Nana e eu estávamos a caminho de casa.

No carro, Nana me fez lembrar de um velho labrador chocolate que nós tínhamos na Carolina do Norte, quando eu era criança, pouco antes de os meus pais morrerem. A janela estava abaixada e ela deixava o vento soprar no seu rosto enquanto o mundo passava voando do lado de fora. Eu meio que esperava que ele começasse a citar Martin Luther King: *Enfim livre, enfim livre...*

Ou talvez alguma frase de Morgan Freeman no filme *Antes de partir*.

Em vez disso, virou-se para mim e bateu no estofamento com as duas mãos.

– Como eles deixam esses bancos tão confortáveis? Eu dormiria muito melhor aqui do que naquela cama de hospital.

– Então não vai se importar se eu transformar o seu quarto numa sala de lazer – falei sem rir.

Ela soltou uma gargalhada e começou a reclinar o banco.

– Veja isso.

Porém, quando ela desceu demais, sua risada se tornou um acesso de tosse. Seus pulmões, que ainda estavam se recuperando, obrigaram-na a arquear o corpo para a frente, com um barulho forte e seco que me provocou um embrulho

no estômago.

Eu parei o carro e coloquei uma das mãos atrás dela até conseguir levantar o banco.

Ela dispensou a ajuda com um gesto, ainda tossindo, porém melhor. Meu coração estava mais acelerado do que o normal. Aquela recuperação seria interessante.

O episódio do acesso de tosse me pareceu uma boa deixa. Assim, quando voltamos à estrada, falei:

– Escute. Bree e eu estávamos pensando em arrumar alguém para ficar lá em casa...

Nana resmungou, mas não disse nada.

– Só para quando estivermos no trabalho. Talvez meio período.

– Não preciso de nenhum estranho solícito demais me seguindo o tempo todo e afofando meus travesseiros. É constrangedor. E uma despesa desnecessária. Precisamos de um telhado novo, Alex, não de enfermeiras particulares.

– Entendo o seu ponto de vista – declarei. Já esperava aquela resposta. – Mas não vou conseguir sair de casa tranquilo de outra maneira. Temos dinheiro suficiente.

– Ah, entendi. – Ela entrelaçou as mãos sobre o colo. – Então é tudo uma questão do que *você* quer. Agora entendo perfeitamente.

– Ora, não vamos discutir. Você está indo para casa – falei, mas então percebi que Nana revirou discretamente os olhos. Ela estava apenas implicando comigo, só para se divertir.

O que *não* significava que concordasse nem um pouco com aquela história de "enfermeira".

– Bem, pelo menos a paciente está de bom humor – comentei.

– É verdade – respondeu Nana. Estávamos chegando à Rua 5 e ela se empertigou um pouco mais no banco. – E ninguém, nem mesmo o grande Alex Cross, vai conseguir irritá-la em um dia tão bonito como este.

Poucos segundos depois, acrescentou:

– *Nada de enfermeiras!*

capítulo 33

Um cartaz feito às pressas pendia sobre a porta da frente; dizia *Bem-vinda de volta, Nana!* em meia dúzia de cores diferentes.

As crianças saíram correndo pela porta assim que nos viram. Eu interceptei Ali e o levantei do chão antes que ele pudesse derrubar Nana.

– Com cuidado! – gritei para Jannie, que já havia diminuído um pouco a velocidade.

– Sentimos tanta saudade! – berrou ela. – Oh, Nana, bem-vinda de volta! Bem-vinda, bem-vinda!

– Me dê um abraço de verdade, Janelle. Eu não vou quebrar. – Nana estava radiante como uma lâmpada e sorriu.

Ali insistiu em carregar a mala de Nana, puxando-a aos trancos pelos degraus atrás de nós, enquanto Nana enlaçava meu braço de um lado e o de Jannie do outro.

Quando chegamos à cozinha, Bree estava ao telefone. Ela abriu um grande sorriso para Nana e ergueu o dedo para pedir um segundo.

– Sim, senhor. Sim. Pode deixar. Muito obrigada! – falou Bree.

– Quem era? – perguntei, mas Bree já estava correndo para abraçar Nana.

– Com cuidado! – advertiu Ali, fazendo Nana cair na gargalhada.

– Eu não sou um cesto de ovos! – disse ela. – Sou dura na queda.

Nós nos acomodamos na cozinha depois que Nana deixou claro que iria para a cama quando "as pessoas de verdade" fossem.

Assim que nos sentamos, Bree pigarreou como se tivesse uma declaração importante a fazer. Ela olhou para cada um de nós e então começou:

– Andei pensando que essa ideia de contratar alguém para ficar aqui com Nana talvez não dê muito certo. Concordam?

– Sim! – exclamou Nana, lançando-me um olhar que dizia: *Está vendo? Não sou tão difícil assim de entender.*

– Então... eu vou reduzir o ritmo de trabalho e ficar em casa com a senhora por um tempo. Isto é, se a senhora me aceitar.

Nana ficou radiante.

– É muita consideração sua, Bree. E você colocou tão bem a questão. *Este* é o tipo de cuidado com que posso me acostumar.

Eu fiquei um pouco chocado.

– Reduzir o ritmo de trabalho? – perguntei.

– Isso mesmo. Estarei disponível para qualquer coisa que você precisar relacionada ao caso de Caroline, mas para todo o resto vou delegar tarefas. Ah, e Nana, *tome*. – Ela se levantou e pegou um maço de papéis no balcão. – Eu imprimi essas receitas da internet. Veja se lhe parecem boas ou não. A senhora é quem sabe. Quer um chá?

Enquanto Nana lia as receitas, segui Bree até o fogão. Bastou fitar seus olhos uma única vez para eu perceber que seria um erro perguntar se era isso mesmo que ela queria. Bree sempre fizera o que queria – e digo isso no bom sentido.

– Obrigado – falei baixinho. – Você é a melhor.

Bree sorriu para deixar claro que não havia necessidade de agradecer e que ela definitivamente era a melhor.

– Eu também amo Nana – sussurrou para mim.

– *Berinjela?* – Nana ergueu uma das páginas que estava lendo. – Não dá para fazer uma berinjela decente sem sal. É simplesmente impossível.

– Bem, continue olhando – falou Bree, indo se sentar ao lado de Nana. – Tem um monte de outras receitas. E quanto aos bolinhos de caranguejo?

– Bolinho de caranguejo pode dar certo – disse Nana.

Fiquei afastado, observando as duas por alguns instantes. Fui invadido por uma consciência muito forte do "ciclo da vida". Notei a maneira como Bree se inclinava para perto de Nana quando elas riam e como Nana sempre mantinha uma de suas mãos sobre Bree, como se fossem amigas a vida inteira. Se Deus quisesse, pensei, continuariam sendo por muito tempo.

– Bolo com cobertura de chocolate? – sugeriu Nana, uma expressão travessa iluminando seu rosto. – Está na lista de comidas liberadas, Bree? Pois deveria.

capítulo 34

NO DIA SEGUINTE, QUANDO RECEBI uma ligação de Ned Mahoney, meu amigo do FBI, eu não poderia imaginar que tinha a ver com o caso de Caroline. Tudo o que ele me disse ao telefone foi para encontrá-lo na praça de alimentação do Tysons Corner Center, em McLean. Se tivesse vindo de qualquer outra pessoa, esse seria um pedido estranho. Mas eu confiava cegamente em Mahoney, por isso sabia que era algo importante.

Ele era um figurão que já havia dirigido a Equipe de Resgate de Reféns do centro de treinamento do FBI, em Quantico. Agora ele tinha um cargo ainda mais elevado, como supervisor de agentes de campo em toda a Costa Leste. Tínhamos trabalhado juntos quando eu estava na Agência e em outra ocasião mais recente, durante um confronto bizarro com oficiais corruptos da SWAT e um grupo de traficantes de drogas em Washington.

Sentei-me de frente para Mahoney a uma mesa de plástico cor de laranja com cadeiras brancas também de plástico onde ele estava tomando café.

– Ando muito ocupado ultimamente. Que diabo você quer? – perguntei, abrindo um sorriso.

– Vamos dar uma volta – disse ele, e nos levantamos imediatamente. – Também estou ocupado. A propósito, Monnie Donnelley mandou um abraço.

– Outro para ele. Então, Ned, o que você tem em mente? Por que todo esse mistério? – perguntei enquanto saíamos da praça de alimentação a passos rápidos.

– Eu tenho algumas informações interessantes sobre Caroline – disparou ele à queima-roupa. – Sinceramente, Alex, eu não estaria falando com você se ela não fosse sua sobrinha. Essa história toda está ficando cada vez mais suspeita e perigosa.

Parei de andar em frente a uma livraria.

– Que história *toda*? Ned, me conte desde o começo. – Mahoney é um dos

policiais mais inteligentes que conheci, mas às vezes as informações se movem rápido demais em sua cabeça.

Ele voltou a andar, correndo os olhos pelo shopping. Estava começando a me deixar nervoso.

– Tínhamos uma equipe de vigilância num determinado local da Virgínia. Um clube privativo. Clientes muito poderosos. Alex, eu estou falando de gente que pode passar por cima de nós dois juntos, em mais de um sentido.

– Vá em frente – falei. – Estou ouvindo cada palavra.

Ele olhou para o chão.

– Você sabe que sua sobrinha era, hum...

– Sim. Tive acesso à perícia e a todos os outros detalhes. Eu a vi no necrotério.

Ele jogou o resto do café numa lata de lixo.

– É possível, até mesmo provável, que Caroline tenha sido assassinada por alguém daquele clube.

– Espere um instante. – Paramos outra vez. Deixei que uma loura com três filhos de cabelos claros e um monte de sacolas da Baby Gap passasse. – Por que o FBI está envolvido?

– Tecnicamente, Alex? Porque um corpo foi transportado de um estado para outro.

Pensei no mafioso que tinha sido encontrado e depois desaparecera: Johnny Tucci.

– Você está falando daquele pivete da Filadélfia?

– Não estamos interessados nele. O mais provável é que já esteja morto. Alex, esse clube é frequentado por algumas das pessoas mais importantes de Washington. A coisa ficou pesada no Bureau nos últimos dias. *Muito* pesada.

– Imagino que você esteja insinuando que Burns está envolvido. – Ron Burns era o diretor do FBI, um homem decente. Mahoney balançou a cabeça. Ele não responderia a essa pergunta diretamente, mas eu podia tirar minhas próprias conclusões.

– Ned, independentemente do que esteja acontecendo, só estou tentando ajudar.

– Eu já imaginava. Mas preste atenção, Alex. Você deveria partir do princípio de que está sendo vigiado neste caso. A coisa vai ficar tão feia que você não vai nem acreditar.

– Quanto mais feia, melhor. Significa que alguém se importa. É um risco que quero correr.

– Você já está correndo. – Ned me deu um tapinha no ombro e abriu um sorriso sombrio. – Só não sabia disso até agora.

capítulo 35

O ENCONTRO COM MAHONEY FOI ÚTIL, mas também me deu uma dor de cabeça, por isso eu estava ouvindo um pouco de Brahms no carro no caminho de volta até a Judiciary Square. Recebi uma mensagem de voz da secretária de Ramon Davies enquanto corria pelas ruas da capital. O inspetor queria me ver o mais rápido possível. Isso não me soou muito bem depois do alerta de Mahoney no shopping. Da última vez que Davies me ligara, fora para contar que Caroline havia sido assassinada.

Quando cheguei ao Edifício Daly, passei direto pelo elevador e subi trotando as escadas até o terceiro andar. A porta do escritório de Davies estava aberta e bati com os nós de dois dedos no umbral.

Ele estava debruçado sobre a papelada em sua mesa. A parede atrás dele estava coberta com sua vasta coleção de certificados, entre eles, o de Detetive do Ano do Departamento de Polícia Metropolitana em 2002. Eu recebera o prêmio em 2004, mas não tinha um escritório grande onde colocar uma placa. Na verdade, o certificado estava numa gaveta qualquer na minha casa, ou pelo menos eu achava que sim.

Davies meneou a cabeça ao me ver. Não éramos exatamente amigos, mas trabalhávamos bem juntos e respeitávamos um ao outro.

– Entre e feche a porta.

Enquanto me sentava, não pude deixar de notar minha própria caligrafia em algumas das fotocópias que ele estava analisando.

– Esse é o arquivo de Caroline? – perguntei.

Davies não respondeu de imediato. Recostou-se e me encarou por alguns instantes. Então disse:

– Recebi um telefonema da Divisão de Assuntos Internos hoje de manhã.

Pronto. Essa era a última coisa com que eu queria lidar naquele momento. A Divisão de Assuntos Internos antes se chamava Departamento de

Responsabilidade Profissional. Antes disso, chamava-se... Divisão de Assuntos Internos. A Polícia Metropolitana era assim mesmo, nem um pouco volúvel.

– O que eles queriam? – perguntei.

– Acho que você sabe. Você ameaçou Ryan Willoughby, aquele apresentador cretino do Canal 9? Ele disse que sim. A assistente dele também.

Recostei-me também e respirei fundo antes de responder.

– Besteira. O tempo fechou um pouco entre nós dois, só isso.

– Está certo. Recebi outra ligação ontem, de um congressista chamado Mintzer. Quer adivinhar por que ele ligou?

Inacreditável, embora fosse uma demonstração de poder e intimidação descarada típica de Washington.

– Os números de telefone dos dois foram encontrados no apartamento de Caroline.

– Não preciso que me explique o bê-á-bá da investigação. Pelo menos ainda não. – Ele ergueu a pasta de arquivo para ilustrar seu argumento. – Só preciso me certificar de que você está agindo de cabeça fria.

– Estou. Mas esta não é uma investigação de homicídio qualquer. E não digo isso só porque minha sobrinha foi morta e cortada em pedaços.

– Pode ter certeza que não, Alex. Essa é a questão. Essas reclamações podem se tornar um problema. Para você e para toda a investigação.

Eu estava conversando com Davies, mas também tentava refletir sobre aquilo. Reclamações de civis, quando investigadas, podem gerar uma de quatro conclusões: serem aceitas, consideradas infundadas, impossíveis de provar por falta de evidências, ou o oficial pode ser inocentado por não ter violado nenhum regulamento. Eu tinha confiança de que, na pior das hipóteses, me encaixava na última categoria.

Davies, no entanto, ainda não havia acabado.

– Nenhum outro detetive desta divisão tem tanta liberdade quanto você – disse ele.

– Obrigado. Está tudo sob controle, certo? Ainda que não pareça.

Isso me rendeu um sorriso quase imperceptível. Ele me analisou por mais alguns segundos. Quando começou a recolher suas anotações, eu soube que havíamos contornado aquele contratempo. Pelo menos por ora.

– Quero você nesta investigação, Alex. Mas acredite quando digo que, no

instante em que alguém tentar passar por cima de mim neste assunto, você está fora. Estou falando sério.

Então ele se levantou. Essa era minha deixa para sair dali enquanto ainda podia.

– Mantenha-me atualizado. Não quero ter quer ligar para você de novo.

– Claro – garanti a ele antes de sair. Se ficasse mais tempo por ali, teria que lhe contar sobre meu encontro com Ned Mahoney e isso era algo de que eu não podia me dar ao luxo no momento. Não quando Davies já estava considerando me pôr de lado.

Eu lhe contaria tudo mais tarde. Assim que conseguisse algumas respostas por conta própria.

capítulo 36

TONY NICHOLSON SE LEMBROU DE um conto muito popular quando ele ainda estava na escola. O nome era "O jogo mais perigoso de todos", achava ele. Bem, era exatamente isso que ele estava jogando agora, mas na vida real, o que era muito mais perigoso do que uma história em um livro.

Nicholson olhou para os monitores em sua mesa – observando e esperando, forçando-se a pegar leve no uísque. Zeus chegaria a qualquer momento, pelo menos tinha hora marcada, e Nicholson precisava tomar uma decisão.

Havia meses que o jogo com aquele louco era o mesmo. Nicholson mantinha o galpão de carruagens desocupado, reservava acompanhantes sempre que Zeus exigia e então se torturava ponderando se seria suicídio gravar alguma de suas festinhas.

Nicholson já vira muita coisa nas poucas sessões a que assistira, mas não fazia ideia do que exatamente Zeus era capaz, nem mesmo de quem ele era. Mas o homem sem dúvida jogava pesado. Na verdade, algumas das garotas que o atenderam tinham sumido do mapa – pelo menos nunca mais apareceram para trabalhar.

Pouco depois de meia-noite e meia, um Mercedes preto com janelas de vidro fumê parou em frente ao portão. Ninguém tocou o interfone. De seu escritório, Nicholson liberou a passagem do veículo e então se recostou, esperando que ele surgisse no início do caminho de acesso.

Seus dedos dançavam compulsivamente sobre o touchpad. *Gravo, não gravo, gravo, não gravo.*

Em instantes, o Mercedes passou diante da casa e contornou-a rumo ao galpão de carruagens, seu destino. Como sempre, as placas do carro estavam cobertas.

Antes de Zeus, aquele lugar havia sido uma suíte VIP para qualquer cliente pré-aprovado com dinheiro suficiente. Os preços começavam em 20 mil por noite, o que incluía apenas a estadia e a comida. A suíte estava abastecida com os

melhores destilados e vinhos, uma cozinha gourmet totalmente equipada, uma sauna de mármore com ducha suíça, duas lareiras e toda uma gama de eletrônicos, incluindo linhas telefônicas separadas com software de roteamento e encriptadores de voz multifrequência para que ligações para fora não pudessem ser rastreadas.

Nicholson abriu a imagem da sala de estar, onde duas garotas esperavam, conforme lhes fora ordenado. Tudo o que sabiam era que seria uma "festa individual" e que lhes haviam prometido pagar 50% a mais pela noite, um mínimo de 4 mil para cada.

Quando a porta da área de estacionamento se abriu no andar de baixo, as duas se levantaram ao mesmo tempo e começaram a se aprontar.

O corpo de Nicholson ficou tenso enquanto ele observava Zeus entrar na suíte, parecendo um cliente como outro qualquer, com seu terno azul, sua maleta na mão e um sobretudo marrom no braço.

Exceto por uma coisa: Zeus sempre usava uma máscara. Preta. Como a de um carrasco.

– Olá, senhoritas. Muito bonitas. Muito atraentes. Estão prontas para mim? – perguntou ele.

Isso era o que ele sempre dizia, também.

E no tom que sempre usava, muito grave para ser verdadeiro.

Mais um elemento de seu disfarce.

Então quem é esse desgraçado sinistro, poderoso e rico?

capítulo 37

ATRAVÉS DOS ORIFÍCIOS ESTREITOS DE sua máscara, Zeus analisou as duas garotas e as achou deslumbrantes, uma coisa linda de se ver. Uma era alta, com longos cabelos pretos e pele muito branca. A outra era uma beldade de pele escura, baixa e provavelmente latina.

Era óbvio que elas haviam sido instruídas a não perguntarem a respeito da máscara, de quem ele era nem qualquer coisa de natureza pessoal. Isso era bom – o humor dele não poderia estar melhor.

– Acho que vamos nos divertir hoje à noite – disse. Isso era tudo que elas precisavam saber por ora e, na verdade, ele não fazia ideia de como a noite seria, apenas que estava tudo sob o seu controle. Afinal, ele era Zeus.

As garotas interpretaram suas palavras como uma deixa para falar e se apresentaram como Katherine e Renata.

– Posso pegar o seu casaco? – perguntou Katherine, conseguindo de alguma forma fazer com que isso soasse sedutor. – Quer beber alguma coisa? O que o senhor prefere? Nós temos de tudo.

– Não, obrigado. Estou bem por enquanto. – Ele era educado, mas definitivamente reservado, até estranho. Para começar, nunca tocava nada fora do quarto. Seu pessoal sabia disso e cuidaria para que ele tivesse tudo de que precisasse lá dentro.

– Vamos entrar – disse ele. – Vocês são as garotas mais bonitas que já vi aqui, por sinal. Não sei qual das duas é mais linda.

Tudo no quarto estava disposto como deveria. As cortinas estavam fechadas; havia uma garrafa de vodca Grey Goose; uma caixa de luvas de látex na penteadeira; e nada mais. Nenhum objeto de decoração, carpete ou roupa de cama, exceto um lençol de borracha sob medida cobrindo o colchão.

– Interessante. – disse Katherine, sentando-se na cama e correndo a mão sobre o lençol de borracha.

Zeus não fez nenhum comentário.

Ele pediu que as duas garotas se despissem, então tirou suas próprias roupas, com exceção da máscara, dobrando todas as peças e guardando-as na penteadeira, para que pudesse deixar o clube de forma tão impecável quanto havia chegado.

Por fim, abriu sua maleta.

– Vou amarrar vocês, garotas – disse. – Nada de muito assustador. Foram avisadas sobre isso, certo? Ótimo. Alguma de vocês já foi algemada antes?

Renata, a mais tímida, balançou a cabeça negativamente. A outra, Katherine, olhou para Zeus de modo provocativo e assentiu.

– Algumas vezes – falou ela. – E quer saber de uma coisa? Ainda não aprendi a ser uma boa garota.

– Não faça isso, Katherine – alertou Zeus. Ela o encarou como se não soubesse do que ele estava falando. – Nunca represente para mim. Por favor. Apenas seja você mesma. Posso notar a diferença.

Antes que elas pudessem fazer mais alguma besteira, ele jogou um par de algemas em cima da cama.

– Coloquem-nas, por favor. Eu gostaria... quero que vocês as dividam. Uma algema para cada uma.

Enquanto as garotas botavam as algemas, ele calçou um par de luvas e pegou o restante de suas coisas na maleta: mais dois pares de algemas, um rolo de corda, duas mordaças de borracha vermelha em forma de bola, com correias de couro pretas passando pelo seu centro.

– Deitem-se de costas – disse ele, aproximando-se primeiro de Renata. Dessa vez, viu algo interessante em seus olhos, uma preocupação crescente, um princípio de medo. – Me dê sua mão livre – pediu. Então algemou seu punho ao pé da cama. – Obrigado, Renata. Você é muito dócil. Gosto de mulheres submissas. São o meu vício.

Enquanto ele dava a volta para o outro lado, Katherine arqueou um pouco as costas e arregalou os olhos, mais inexpressivos do que assustados.

– Por favor, não nos machuque. Faremos tudo o que você quiser, eu prometo – disse.

Ela já estava começando a irritá-lo. Como uma esposa que seduzisse o marido sem realmente estar a fim de transar; apenas cumprindo sua obrigação conjugal.

Ele fechou a última algema, prendeu-a a outro pé da cama e começou a colocar a mordaça em Katherine antes que ela dissesse mais alguma coisa e arruinasse a noite.

– Percebo que você ainda está representando, e não é nem um pouco boa nisso – disse ele. – Estou ficando um pouco zangado. Lamento. Não gosto de mim mesmo quando fico assim. Você também não vai gostar.

Ele prendeu a correia de couro em sua nuca. Usou toda a sua força, e era um homem vigoroso. A garota tentou dizer alguma coisa, mas só conseguiu produzir um gemido abafado. Ele lhe causara dor. Ótimo. Ela merecera.

Quando recuou, a expressão no rosto de Katherine havia mudado completamente. Ela agora estava com medo dele. Isso não era algo que se pudesse fingir.

– Muito melhor – disse Zeus. – Vamos ver se consigo pensar em algo para aprimorar essa sua performance. Ah, que tal isto?

Ele enfiou a mão em sua maleta preta e sacou uma arma de choque. E alicates.

– Que maravilha, Katherine. O seu progresso é simplesmente espantoso. O segredo está todo no olhar.

capítulo 38

NICHOLSON TINHA A SENSAÇÃO DE ter passado a noite inteira bebendo café, e não um uísque caro. Enquanto seguia pela Lee Highway, ele estreitava os olhos para os faróis dos outros carros, desejando apenas um último drinque, um soní fero e algumas horas longe dos seus próprios pensamentos torturados.

Pelo menos estava acabado. Havia formatado o HD e levado o disco consigo. Gravara a sessão de Zeus com as duas garotas. Testemunhara o show de horrores. A questão agora era o que fazer com isso.

Era tentador passar a noite toda dirigindo, guardar a gravação em seu cofre e, com alguma esperança, nunca mais pegá-la de volta. Por outro lado, se a necessidade surgisse, seria inteligente ter aquilo à mão. Só por segurança.

Nicholson nunca se permitira acreditar que seu esquema fosse durar para sempre. O equilíbrio entre o clube discreto e a chantagem sórdida era delicado. Com Zeus na jogada, era insustentável. Além do mais, o louco não dava sinais de que iria desacelerar.

Se Nicholson quisesse cair fora, teria que desaparecer – e logo.

Vários planos de emergência passavam por sua cabeça enquanto ele dirigia.

A conta nas ilhas Seychelles tinha pouco mais de 2 milhões de dólares. Temple Suiter estava para depositar 150 mil e, na semana seguinte, haveria a festa de Al-Hamad, que prometia render no mínimo a mesma quantia. Não era dinheiro para a vida toda, mas sem dúvida o bastante para tirá-lo do país e permitir que vivesse mais do que confortavelmente por um tempo. Alguns anos, talvez mais.

Ele poderia pegar um avião para Zurique e ficar algumas semanas escondido, até arranjar um segundo passaporte. Poderia consegui-lo em vários países; o da Irlanda talvez fosse o que atraísse menos atenção. Então o usaria para viajar de novo, talvez para o Oriente. Sempre tinha ouvido falar que o tráfico humano era escandaloso em Bangcoc. Talvez estivesse na hora de descobrir.

Enquanto isso, havia Charlotte.

Meu Deus, no que ele estava pensando quando se casou com ela? Que poderia transformar aquela inútil em algo que valesse a pena ter ao seu lado? Ela não passava de uma professorinha quando os dois se conheceram em Londres. Agora não passava de uma dona de casa americana. Era como uma brincadeira de mau gosto... e a vítima era ele.

Uma coisa era certa: a Sra. Nicholson definitivamente não faria a viagem para o Oriente, ou seja lá para onde ele fosse. A única questão era se ele deveria ou não encontrar alguém para dar um fim nela – àquela altura, seria apenas mais um corpo e valeria cada centavo dos 20 ou 30 mil que custaria. Qualquer coisa que mantivesse aquela matraca fechada depois que ele partisse.

Passava um pouco das quatro da manhã quando Nicholson finalmente chegou em casa. Sua mente ainda estava a mil quando ele subiu o caminho de acesso em curva e quase bateu na traseira do jipe preto de quatro portas estacionado bem em frente à sua garagem.

– Que porra é essa?

Os primeiros e inevitáveis pensamentos que passaram por sua cabeça foram sobre Zeus e o disco em seu porta-luvas. *Meu Deus, será possível que alguém já saiba da gravação? É isso mesmo que está acontecendo?*

Sem a menor vontade de descobrir, Nicholson engatou a marcha a ré, mas isso foi pouco e tarde demais.

Um homem gordo já estava ao lado da janela do motorista, apontando uma pistola para ele e balançando negativamente a cabeça.

capítulo 39

O QUE ERA AQUILO, A *FAMÍLIA* *Soprano*? Certamente foi o que pareceu a Nicholson.

Havia dois deles ali. Um segundo homem mal-encarado surgiu à luz dos faróis, apontando outra arma para a cabeça dele.

O gordo abriu a porta de Nicholson e recuou um passo. Abriu um pouco a boca. Sua camisa polo barata estava enfiada na calça, deixando a impressionante protuberância de sua barriga suspensa no ar. Parecia inconcebível que alguém de aparência tão lamentável trabalhasse para Zeus, o que conduzia à pergunta óbvia.

– Posso saber *quem* são vocês? – indagou Nicholson. – O que querem comigo?

– Nós trabalhamos para o Sr. Martino. – O sotaque era de Nova York, ou de Boston, ou de *algum lugar desses*. Da Costa Leste dos Estados Unidos.

Nicholson saiu do carro lentamente, mantendo as duas mãos à vista.

– Está certo. E quem é o Sr. Martino? – perguntou.

– Chega de perguntas idiotas. – O brutamontes indicou a casa com um gesto. – Vamos entrar. Estamos logo atrás de você.

Ocorreu a Nicholson que ele já estaria morto se aqueles homens estivessem ali apenas para executá-lo. O que significava que queriam algo mais. *O quê*?

Eles mal haviam passado pela porta da frente quando a voz fina, muito irritante, de Charlotte Nicholson veio descendo pelo corredor do segundo andar.

– Amor? Quem está aí com você? Não é tarde para visitas?

– Não é nada. Não é da sua conta. Volte para a cama, Charlotte.

Mesmo naquela situação, ele teve vontade de esganá-la, só por estar onde não devia.

Seus pés e pernas nus surgiram na luz que vinha do hall quando ela desceu um degrau da escada.

– O que está havendo? – insistiu Charlotte.

– Você não me ouviu? *Vá. Agora.* – Ela pareceu entender o tom de voz do marido e retornou à escuridão. – Fique aí em cima – ordenou ele. – Irei

encontrá-la mais tarde. Volte a dormir.

Ele levou seus dois convidados inesperados até o salão dos fundos para que tivessem mais privacidade. Além do mais, era ali que ficava o bar e Nicholson foi direto para ele.

– Não sei quanto a vocês, mas eu preciso de um drinque... – falou e logo depois sentiu uma pancada forte na nuca, que o fez cair de joelhos.

– O que você está achando? Que isto aqui é uma visitinha? – gritou o gordo.

Nicholson sentiu raiva suficiente para lutar, mas não estava em condições de fazê-lo. Nem de longe. Então se levantou e deixou-se cair no sofá. Felizmente, sua visão aos poucos voltava a entrar em foco.

– Então que merda vocês querem comigo às quatro da manhã?

O gordo pairou acima dele.

– Estamos procurando um dos nossos homens. Ele veio para cá há cerca de uma semana e meia e não temos notícias dele desde então.

Deus, como ele queria nocautear aquele gordo desgraçado, mas isso não iria acontecer, pelo menos não naquele momento. Mas um dia... em algum lugar.

– Vou precisar de mais informações do que isso. *Que* homem? Me dê uma pista.

– Ele se chama Johnny Tucci – falou o gordo.

– Quem? Nunca ouvi falar. Tucci? Ele esteve no meu clube? Quem é ele?

– Nem tente nos enganar, cara. – O menor dos dois marginais se aproximou, deslocando uma lufada de fedor de cigarro e suor. – Sabemos sobre o seu pequeno estabelecimento no campo, o.k.?

Nicholson se empertigou no sofá. Talvez aquilo tivesse mais a ver com Zeus do que ele pensara. Ou com seu negócio paralelo, quem sabe?

– Isso mesmo – continuou o marginal. – Ou você acha que o Sr. Martino manda os funcionários dele até aqui de férias?

– Vejam bem, eu ainda não faço ideia do que vocês estão falando – disse Nicholson. Pelo menos parte disso era verdade.

O gordo sentou na mesa de centro de madeira e baixou a arma pela primeira vez. Poderia ter sido uma brecha se o outro não estivesse tão perto.

– Então deixe-me esclarecer a situação para você – disse em tom quase conciliatório. – Um de nossos homens está desaparecido. Quem quer que tenha contratado os serviços do nosso chefe não é nada fácil de localizar. Até o

momento, tudo o que temos é você. E isso significa que o nosso problema acabou de se tornar o seu problema. Entendeu?

Nicholson temia que sim.

– O que vocês esperam que eu faça... sobre o *nosso* problema?

O gordo deu de ombros, então coçou a barba por fazer com o cano da arma.

– Resumindo, temos que entregar alguém para o Sr. Martino. Então você pode fazer umas perguntas por aí e descobrir alguma coisa, ou vai ser a pessoa que levaremos de volta.

– Ou a belezinha que está lá em cima – disse o outro.

– Vocês podem levá-la – respondeu Nicholson. – Assim ficamos quites.

O homem corpulento enfim sorriu e se levantou. O trabalho daquela noite tinha obviamente terminado.

– Vou aceitar aquele drinque para viagem – falou para Nicholson. – Não se mexa.

Ele foi gingando até o bar, onde seu companheiro já estava pegando o máximo de garrafas que conseguia carregar.

Assim que os dois foram embora, Nicholson pegou seu drinque e um pouco de gelo para sua cabeça. Então percebeu que eles haviam levado todas as suas garrafas de Johnnie Walker, deixando apenas um Dalmore 62 no bar. O fato de aquele ser um uísque de 400 dólares lhe pareceu um péssimo sinal.

Se ele estava na mira daqueles dois fracassados, então tudo estava degringolando mais rápido do que lhe parecia possível.

Quem é esse tal de Johnny Tucci?

capítulo 40

Todos os serviços que Suarez e Overton prestavam para Zeus eram feitos no escuro: nada de encontros cara a cara, esse era o acordo com seja lá quem estivesse de fato pagando pelo trabalho deles. A dupla entrava na suíte do Blacksmith Farms depois que Zeus saía, esterilizava o local e levava embora tudo o que fosse preciso, inclusive os corpos.

Pouco antes do amanhecer, os dois saíram em seu G6 sem identificação, sacolejando pela já conhecida estrada de terra no interior da Virgínia. A traseira estava um pouco rebaixada por conta do peso no porta-malas.

– Deixe-me perguntar uma coisa – disse Suarez ao seu parceiro. – É claro que ele é podre de rico. Por que corre esse risco? É o quê... doido de pedra?

– Até certo ponto.

– Até certo ponto? Que tal 24 horas por dia? Ele é mais maluco que um rato de esgoto viciado em anfetamina! Como consegue se safar?... *Como*?

– Para começar, você *sabe* quem ele é, Suarez?

– Tem razão, não sei. Mas alguém tem que saber. Alguém tem que parar esse cara um dia.

– O que posso lhe dizer? Bem-vindo ao mundo louco dos ricos e famosos. Você consegue soletrar *triturador de madeira*?

capítulo 41

Desde o início do contrato que Remy Williams não confiava nem um pouco naqueles dois caras. Quando estacionaram em frente à cabana e nem sequer saíram do carro, ele soube que havia algo errado. Era mais do que a velha rotina de sempre.

– Tudo certo, amigos? – Ele se aproximou arrastando os pés, como a escória da sociedade que deveria ser. – O que trouxeram pra mim desta vez?

– Duas mulheres. – O motorista ergueu os olhos, mas não chegou a encará-lo. O que significava aquilo? *Será que o latino tem consciência?* – Uma delas tem uma bala no peito. Você vai ver.

– Ah, é? Por que atirou nela?

– Não sei. Talvez porque ainda estejamos caçando a última que fugiu.

Remy conseguia perceber que estava sendo provocado, mas não sabia bem por que nem qual era a história por trás daqueles assassinatos. Ele era apenas uma peça do quebra-cabeça. Não conhecia as outras e achava que ninguém devia conhecê-las. Como no caso de JFK. Ou de RFK. Ou até de O.J.

– Parece que vocês também atiraram na última – falou, entrando na brincadeira. – Talvez ela nem tenha fugido. Neste exato momento, pode muito bem estar caída em algum lugar desta mata. Ou talvez tenha sido encontrada por alguém que passou caminhando pela trilha.

– É, pode ser. – O homem respirou fundo, começando a exibir sua irritação. – Veja bem, é só você limpar o porta-malas que nós damos o fora daqui, certo?

Remy coçou a virilha (com um pouco de exagero, talvez) e então arrastou os pés em direção à traseira do carro. O motorista abriu o porta-malas. *Meu Deus! O que é isso?*

Os dois corpos estavam embrulhados com duas camadas de filme de polietileno preto vedadas com fita adesiva. Aqueles caras eram profissionais; isso ele não podia negar. *Mas quem está matando essas garotas? Qual é o cenário geral*

ali? Quem é o assassino?

Ele tirou os dois "pacotes" do porta-malas e arrastou-os até a lona que já havia aberto no chão. Suas ferramentas já estavam dispostas em um grande toco de castanheira e havia um galão extra de gasolina ao lado do triturador.

– Qual delas você disse que levou o tiro? – perguntou.

– A mais alta. Peito esquerdo. Que desperdício. Era uma gata.

Ele girou o corpo da garota e cortou o plástico no meio, forçando a ponta da faca apenas o suficiente para deixar um pequeno rastro vermelho. Quando puxou o invólucro, viu um pequeno orifício em cima do seio esquerdo muito benfeito. O corpo ainda estava quente, cerca de 30, 32 graus. A morte ocorrera no máximo algumas horas antes.

– O.k., já achei. Quer que eu retire a bala ou tanto faz?

– Retire. Livre-se dela.

– Tudo bem. *Feito.* Mais alguma coisa.

– Sim. Feche o porta-malas.

Poucos segundos depois, os dois desgraçados metidos a espertinhos já tinham ido embora.

Apesar de sua desconfiança, Remy não se importava com a arrogância da dupla, principalmente por saber que ela o favorecia. Aqueles dois provavelmente nunca haviam pensado em como *eles* eram descartáveis.

Ou vulneráveis.

Na verdade, já haviam lhe poupado boa parte do trabalho ao apagar suas próprias identidades. Agora, não passavam de dois ex-agentes do governo, dois fantasmas; e Remy sabia muito bem que a coisa mais fácil de fazer desaparecer era um fantasma.

Ele poderia fazer isso... ora, já o fizera antes. Construíra uma carreira nessa área, na verdade.

Desembrulhou a segunda garota, que também era linda. Parecia ter sido estrangulada. E mordida? Massageou seus seios mornos, brincou um pouco mais e então levou as duas até o triturador.

Realmente, que desperdício. Quem faria uma coisa dessas? Alguém ainda mais louco que ele?

capítulo 42

TIVE OUTRO ENCONTRO CLANDESTINO COM Ned Mahoney no sábado à tarde – dessa vez em um estacionamento movimentado na Rua M, em Georgetown.

Enquanto estacionava, não pude deixar de pensar nas cenas do informante Garganta Profunda em *Todos os homens do presidente*, tanto o filme quanto o livro. Havia sem dúvida um quê de intriga naquela situação toda. Mas qual era o motivo? O que estava acontecendo?

Quando saí do carro, Mahoney já estava me esperando. Entregou-me um envelope com o selo do FBI. Dentro dele, encontrei algumas anotações e uma série de fotos, duas em cada página.

– O que é isso?

– Renata Cruz e Katherine Tennancour – respondeu ele. – As duas estão desaparecidas, supostamente mortas.

Cada foto mostrava uma das garotas em vários locais da cidade, com diversos homens muito mais velhos, brancos em sua maioria.

– Este aqui é *David Wilke*? – perguntei, apontando para alguém que se parecia muito com o atual presidente do Comitê das Forças Armadas do Senado.

Ele assentiu.

– Sim, é David Wilke. As duas têm homens poderosos como clientes assíduos. Era por isso que as estávamos seguindo. Sabemos que pelo menos Katherine Tennancour trabalhava naquele clube na Virgínia.

Eu não falei nada, apenas encarei Mahoney.

– Sei exatamente o que você está pensando – disse ele. – Por que não aproveitamos para devassar todo o governo de uma vez?

Aquela história estava ficando cada vez mais traiçoeira. Não havia como rastrear aquele assassino – ou sua quadrilha – sem expor todo tipo de sujeira. A vida de muitos familiares inocentes poderia ser arruinada e esse seria apenas o começo.

Maiorias na Câmara e no Senado – para não falar em eleições presidenciais e mandatos de governador – tinham sido perdidas por questões bem menos graves. Além do mais, ninguém cairia sem lutar; eu já sentira um gostinho amargo disso graças à Divisão de Assuntos Internos. Qualquer um que pense que os policiais ficam loucos para investigar um desses casos sensacionais, capazes de deslanchar uma carreira, nunca esteve envolvido em um deles.

– Meu Deus, Ned. É como se estivéssemos esperando um furacão atingir a capital.

– Na verdade, é mais como se estivéssemos correndo atrás dele, procurando encrenca. Uma verdadeira tempestade de merda categoria máxima. Você não adora Washington?

– Na verdade, adoro. Só que não neste momento.

– Então preste atenção, Alex. – A voz dele voltou a ficar séria. – O FBI está em cima desse caso. A coisa está prestes a estourar. Eu entenderia perfeitamente se você preferisse se afastar e, se decidir fazer isso, a hora é esta. É só me entregar o envelope cheio de guloseimas de volta.

Fiquei um pouco surpreso com a oferta. Achei que Mahoney me conhecesse bem melhor do que isso. O que significava que sua proposta continha uma advertência.

– Isso quer dizer que você está pronto para fazer uma batida no clube na Virgínia? – perguntei.

– Estou só aguardando o mandado da Justiça.

– E?

Mahoney sorriu e, se não me engano, pareceu um pouco aliviado.

– Acho melhor você deixar o telefone ligado hoje à noite. Vou telefonar.

capítulo 43

A BOA NOTÍCIA FOI QUE PUDE aproveitar um jantar agradável com minha família. E até consegui passar um tempo com as crianças, antes que tudo fosse para o inferno de uma maneira sem precedentes. Dependia de quem estaria no clube naquela noite.

Jannie estava ensinando a Ali um dos jogos mais chatos do universo, mas eu gostava de brincar de praticamente qualquer coisa com eles. Fazia palhaçadas entre as jogadas, roubava peças do tabuleiro e contava piadas velhas para Ali. Coisas do tipo: "Por que a galinha atravessou a rua?"

– Pra chegar ao outro lado! – gritava Jannie, às gargalhadas. Ela adorava bancar a desmancha-prazeres e Ali era a plateia perfeita. Ele adorava dar risada. Era, de longe, o menos sério dos meus três filhos.

Nana estava sentada ali por perto, nos observando por cima do seu exemplar de *A cidade do sol*, um desses livros de fazer chorar que ela andava lendo ultimamente. Ela e Bree estavam ensaiando uma parceria, com Bree aos poucos se afirmando dentro de casa e Nana aprendendo que podia abrir mão de algumas coisas que sempre havia controlado – como pôr os pratos na lavadora de louça.

Estava tudo bem – até o telefone tocar.

Em geral, quando isso acontecia, as crianças começavam a reclamar na mesma hora. "*Não atenda, papai*" havia se tornado um bordão em nossa casa. Então, quando os dois apenas desviaram o olhar, eu me senti pior ainda.

Conferi o número na tela. Era Mahoney. Conforme prometera.

– Sinto muito, tenho mesmo que atender – falei para Ali e Jannie.

O silêncio deles me pareceu retumbante enquanto eu saía para atender a ligação no corredor.

– Ned?

– Estamos liberados, Alex. Tem um Holiday Inn na Saída 72, em Arlington. Se você vier agora, posso encontrá-lo no estacionamento. Agora mesmo.

capítulo 44

O NOME DA OPERAÇÃO ERA COITUS Interruptus, o que só provava que algumas pessoas no FBI tinham senso de humor.

Toda a equipe de Mahoney tinha se reunido em uma pequena fazenda no condado de Culpeper, cerca de uma hora e meia a oeste de Washington e perto do Parque Nacional de Shenandoah. Era uma mistura estranha, fatídica: Mahoney e Renee Victor, sua parceira no caso; seis agentes da Equipe de Resgate de Reféns; três agentes especializados em negociação de crises do Grupo de Apoio Tático; e um grupo de 10 homens da SWAT.

Eu esperava uma equipe composta apenas de agentes de resgate, mas não estava nem um pouco preocupado. A SWAT tinha uma das melhores unidades táticas do mundo. Aquilo seria um espetáculo e tanto.

Havia também representantes da Polícia Estadual da Virgínia, com duas caminhonetes de prontidão. E eu, claro. Não sei bem que pauzinhos Mahoney teve que mexer para me colocar ali, mas estava grato. E também sabia que ele acreditava que eu fosse agregar algum valor. Todos nos reunimos ao redor da traseira de uma picape para receber uma breve orientação do nosso líder.

– Vai haver alguns figurões lá dentro, mas seguiremos o procedimento-padrão do início ao fim – orientou-nos Mahoney. – A SWAT entra primeiro, depois os agentes, e quero todas as saídas bloqueadas durante a operação. Vocês devem estar preparados para qualquer situação, incluindo atividade sexual e até resistência violenta. Não imagino que chegue a tanto, mas é possível; tudo é possível. A ideia é trabalhar rápido, sem correr riscos, e esvaziar o local da forma mais organizada possível.

A vigilância mostrara que a casa principal possuía entradas ao norte, ao sul e a leste. Portanto, Mahoney nos dividiu em três unidades. Eu entraria pela porta da frente com ele. Havia também vários anexos, que supostamente estavam vazios, pelo menos naquela noite. Eu não conseguia deixar de imaginar o tipo de festas

que devia acontecer dentro deles.

Antes de partirmos, Mahoney me deu uma jaqueta do FBI e um novo colete à prova de bala que pegou no porta-malas de seu carro. O colete, de fibra de aramida, era mais leve do que qualquer outro que eu já havia usado, o que era bom, pois teríamos que andar alguns quilômetros.

Levamos 45 minutos para chegar, atravessando uma mata bastante cerrada. Depois do primeiro quilômetro e meio, passamos a contar apenas com os óculos de visão noturna, os que estavam com o equipamento conduzindo os que não estavam.

Àquela altura, já não havia conversa nenhuma, exceto pelo eventual contato por rádio entre Mahoney e o comandante da SWAT.

A casa principal surgiu de repente depois de uma subida íngreme, com todos os seus três andares. Nós paramos a uns 70 metros da entrada, mal ocultados pela vegetação. Mahoney enviou a SWAT para fazer um breve reconhecimento do local. Enquanto esperávamos a ação começar, peguei um binóculo emprestado para ver melhor.

Era uma construção enorme de pedra calcária, uma *mansão* – não havia outra palavra para descrevê-la. E o caminho de acesso era praticamente uma exposição de automóveis naquela noite: Mercedes, Rolls-Royce, Bentley e até um Lamborghini *vintage* e uma Ferrari vermelha.

Havia janelas altas nas paredes do primeiro andar, que estava bem iluminado, mas, até onde eu conseguia ver, vazio. Supostamente, a ação estava acontecendo nos andares de cima, onde todas as janelas estavam escuras, ou pelo menos com as cortinas fechadas.

Será que Caroline fora assassinada ali? Esse pensamento embotava minha mente como uma mortalha. Será que fora ali que seu corpo tinha sido tão terrivelmente profanado? Estávamos prestes a invadir um açougue ou só o playground de um ricaço qualquer? Era uma sensação estranha não ter a mínima ideia do que esperar.

Por fim, Mahoney foi contatado. Eu não conseguia escutar nada do seu fone de ouvido, mas parecia que o espetáculo estava prestes a começar. Com seu rádio, ele se comunicou com as demais unidades, que estavam espalhadas ao redor da propriedade, pedindo que ficassem de prontidão. Então abriu um sorriso e me deu um gostinho do seu humor negro.

– Está pronto para o Coitus Interruptus?

– Sempre – respondi.

– Então lá vamos nós. Vai ser um barato. – Ele recolocou o fone e deu a ordem: – Todas as unidades a postos. Não machuquem ninguém. Não se machuquem.

Segundos depois, a SWAT estava fora da mata com o restante de nós no seu encalço, correndo em direção ao impressionante bordel de luxo.

capítulo 45

Uma porta de entrada de nogueira aparentemente cara se lascou e cedeu. A SWAT entrou sem dificuldades. Eu estava com minha Glock em punho, embora esperasse não precisar usá-la. Da última vez em que eu e Mahoney havíamos trabalhado juntos, nós dois tínhamos sido baleados.

Torci para que isso não voltasse a acontecer. Afinal, aquilo era um crime de colarinho branco, não era? Assim que recebemos o sinal de "liberado" da SWAT, Mahoney deixou dois homens junto à porta e conduziu todos os demais para dentro.

A primeira coisa que me chamou atenção foi apenas... bem, a *opulência*.

O foyer tinha três andares de altura, com um piso de mármore xadrez e lustres imensos pendendo do teto como joias escandalosas. A mobília era composta de antiguidades deslumbrantes e havia algo de estranho na luz. Era como se o interior da mansão fosse de ouro.

A segunda coisa que me chamou atenção foram as mulheres estonteantes – várias delas –, algumas com vestidos de noite, outras em vários estágios de nudez. Três estavam completamente nuas, sem a menor vergonha, com as mãos nos quadris como se nós tivéssemos arrombado um apartamento que todas elas dividiam.

Acompanhantes, e das mais caras. Desde americanas até garotas exóticas do Extremo Oriente.

Atravessei o foyer e virei à direita, passando por um agente que empurrava em direção à entrada dois homens de pele escura que falavam árabe e uma negra alta. Os três estavam nus e xingavam os agentes como se eles fossem serviçais.

Passei por salões vazios dos dois lados, então cheguei a uma sala para fumantes nos fundos da casa. O lugar tinha paredes de vidro, fedia a charuto e sexo. Não havia ninguém ali no momento.

Quando me virei de volta, ouvi gritos vindos da entrada. Alguém estava

protestando contra a nossa presença.

– Tire suas mãos de mim! Não toque em mim, seu imbecil!

Um homem louro e alto com sotaque britânico tentava descer a grande escadaria principal, enquanto dois agentes do FBI o impediam.

– Esta busca é ilegal, seus *desgraçados*!

Dava para ver que o inglês tinha brios. Foi preciso derrubá-lo no patamar de mármore só para colocar uma algema de plástico em seus punhos.

Subi as escadas dois degraus por vez até onde Mahoney estava tentando interrogar o sujeito.

– É você que está no comando aqui? Você é Nicholson, certo?

– Vá se catar! Já liguei para o meu advogado. O que vocês estão fazendo é invasão de propriedade.

Ele tinha bem mais de 1,80m de altura e não parecia estar perdendo a energia.

– Só de estarem aqui, já estão infringindo a lei. Esta é uma propriedade particular. Porra, me soltem! Isto é um absurdo. Esta é uma festa *privada* em uma residência *particular*.

– Mantenham-no separado dos outros – disse Mahoney aos agentes. – Não quero o Sr. Nicholson falando com mais ninguém.

Rapidamente estabelecemos algumas áreas de detenção no primeiro andar e começamos a trabalhar pela casa, separando clientes de funcionários e anotando nomes da melhor forma possível.

– Sim, meu nome é Nicholson – gritava ele. – Em breve vocês não poderão se esquecer disso! *Nicholson*, como o astro do cinema.

capítulo 46

AQUELA ERA A BATIDA MAIS bizarra que eu tinha visto desde que entrara para a polícia. Muito engraçada, na verdade, se você tiver um senso de humor como o meu.

Tiramos uma figura de um quarto com paredes de blocos de concreto. Ele estava algemado à parede usando apenas uma tanga, provavelmente sua dominatrix o largara ali. De fato, a maioria das pessoas que vimos estava em diferentes estágios de nudez – completamente nuas, apenas com lingerie de cetim, com exíguos roupões transparentes – e um casal ensopado, enrolado em toalhas, inclusive na cabeça, como turbantes, o homem fumando um charuto.

Os homens eram uma mistura de sauditas e americanos. Pelas informações que consegui coletar, um deles era um bilionário chamado Al-Hamad. Ele estava dando uma festa de aniversário naquela noite. *Parabéns pelos seus 50 anos. Isto sim é uma festa inesquecível.*

Mantivemos o gerente inglês – se é que essa era mesmo a nacionalidade dele – detido em um pequeno escritório no andar de baixo. Quando voltei a encontrá-lo, ele havia caído em um silêncio obstinado. Quando perguntei sobre o machucado em seu rosto, Mahoney me contou que ele havia resolvido cuspir no oficial que o estava prendendo. Essa é sempre uma péssima ideia.

Fiquei parado no vão da porta, olhando para ele, que estava de cara feia, sentado em um canapé antigo, cercado por prateleiras altas de livros que eu duvidava que já tivessem sido lidos. Estava na cara que ele era um filho da puta repugnante e provavelmente um cafetão. Mas será que também era assassino? E por que estava reagindo com tanta arrogância àquela batida?

Seu advogado chegou menos de uma hora depois, usando suspensórios e uma gravata-borboleta no meio da noite. Se eu o tivesse visto na rua, jamais imaginaria que estivesse envolvido com alguém daquele tipo. Ele era igual ao Dilbert, aquele personagem das tirinhas, mas sem o protetor de bolso.

Infelizmente, ele era muito bom no que fazia.

– O que é isso? – perguntou Mahoney quando o advogado lhe entregou alguns papéis.

– Uma ordem de revogação. A partir deste momento, seu mandado está suspenso e esta busca é ilegal. Meu cliente fará a gentileza de lhes dar cinco minutos para que se retirem. Depois disso, estaremos diante de descumprimento de ordem judicial e invasão de propriedade.

Mahoney olhou lentamente dos pequenos olhos de inseto do advogado para a ordem de revogação. Seja o que for que tenha visto nele pareceu surtir o efeito desejado. Ele largou as folhas no chão e foi embora enquanto elas caíam. Então o ouvi gritando ordens e interrompendo todo mundo, encerrando completamente a operação.

Peguei a ordem do chão e comecei a analisá-la.

– Que raio de juiz é esse que atende você à uma da manhã? – perguntei ao advogado.

Por incrível que pareça, ele ergueu a mão e virou a página para mim, apontando o nome.

– O meritíssimo Laurence Gibson.

Mas é claro, pensei. Havia senadores, deputados e bilionários entre os clientes. Por que não um juiz?

PARTE TRÊS

COM OU SEM VOCÊ

capítulo 47

CHEGUEI EM CASA NO COMEÇO da manhã de domingo, em algum momento entre os jornais começarem a ser entregues e os fanáticos por saúde saírem para correr no parque.

Ei! Mas o que é isso?

Encontrei Nana na varanda, dormindo em uma das cadeiras de vime. Exceto por suas pantufas cor-de-rosa, ela já estava pronta para ir à igreja, com uma saia de flanela cinza e um conjunto de suéter e blusa brancos. Aquela seria a primeira missa de Nana depois da internação e a família toda teria que ir.

Pus a mão em seu ombro e ela acordou com um sobressalto. Tudo de que precisou foi um breve olhar para meu rosto.

– Noite ruim? – perguntou.

Eu me deixei cair no sofá de dois lugares na sua frente.

– Sou tão transparente assim o tempo todo?

– Só para os iniciados. Está bem, me conte o que aconteceu. Fale comigo.

Se fosse qualquer outro caso, eu teria dito que estava exausto, mas Nana merecia saber. Ainda assim, omiti os detalhes. Não havia necessidade de frisar o lado sombrio da vida de Caroline. Nana sabia, eu tinha certeza. De alguma forma, ela sempre parecia saber.

Quando cheguei à parte sobre o advogado com a "ordem de revogação", comecei a me irritar de novo. Tinha desperdiçado uma noite inteira e largado Ali e Jannie para isso.

– Por outro lado, acho que Jannie já faz aquele beicinho e aquela cara de indiferença no automático – falei. – Como eles ficaram depois que saí?

– Ah, você sabe. Eles vão sobreviver – disse ela, acrescentando em seguida: – Considerando que isso é tudo que você precisa que eles façam.

Era como um carinho na cabeça e um tapa na cara ao mesmo tempo. Mais Nana Mama, impossível.

– Então era sua irmã gêmea acenando para mim da porta ontem à noite? Me dizendo que estava tudo bem? Nossa, eu poderia jurar que era você.

– Não banque a vítima comigo, Alex. – Ela se empertigou um pouco na cadeira e esticou o pescoço, massageando-o de um lado. – Só estou dizendo que as crianças nem sempre estão interessadas em *por que* você não está presente. Elas só sabem que você não está. Especialmente o pequeno Damon.

– Você quer dizer Ali.

– Foi o que eu disse. Afinal, ele só tem 6 anos.

Eu me inclinei para a frente para olhá-la melhor.

– Quantas horas a senhora dormiu na noite passada?

Ela fez seu "*psiu*" de desdém característico.

– Velhos não precisam dormir. É uma das vantagens secretas de envelhecer. É por isso que ainda consigo dar uma surra em você numa discussão. Agora, me ajude a levantar que vou preparar um café. Você parece estar precisando.

Eu estava com uma das mãos em seu cotovelo e ela já estava quase de pé quando parou de repente e cedeu um pouco.

– O que foi? – perguntei.

– Nada. É só que, hum...

A princípio ela pareceu confusa. Então, de repente, seu rosto se crispou de dor e ela caiu para a frente nos meus braços. Antes mesmo que eu conseguisse sentá-la novamente, Nana já estava desmaiada.

Oh, meu Deus, não.

Seu pequeno corpo parecia não ter peso nenhum. Eu a deitei com cuidado no sofá e tentei encontrar seu pulso no pescoço. *Não havia pulsação alguma*.

– Nana? Está me ouvindo? Nana?

Meu coração estava disparado. Os médicos do St. Anthony's tinham me dito quais sinais deveria buscar: ausência de movimento, de respiração, ela ficar simplesmente parada, terrivelmente imóvel.

Nana estava sofrendo uma parada cardíaca.

capítulo 48

FOI OUTRO PESADELO – OS paramédicos na casa, a viagem de ambulância, perguntas na sala de emergência. E depois a terrível espera.

Passei o dia e a noite inteiros com Nana no St. Anthony's. Ela sobrevivera à parada cardíaca, o que era o máximo que podiam me dizer por ora.

Eles a haviam colocado em um respirador, entubada. Uma pinça estava presa ao seu dedo para medir o nível de oxigênio e um tubo intravenoso administrava continuamente sua medicação. Havia fios conectando o peito de Nana ao monitor cardíaco ao lado da cama, suas linhas pulsantes uma espécie de vigília eletrônica. Ao mesmo tempo que eu odiava aquela tela, confiava nela.

Amigos e parentes vieram visitá-la durante todo o dia e até o começo da noite. Tia Lia chegou com alguns de meus primos, seguida por Sampson e Billie. Bree trouxe as crianças, mas elas não puderam entrar, o que foi até bom. Elas já tinham visto mais do que o suficiente em casa quando a ambulância chegou para levar Nana outra vez.

E ainda precisei aturar as conversas "necessárias". Vários membros da equipe queriam falar comigo sobre a Ordem para Não Ressuscitar em seu prontuário, sobre as opções de assistência a doentes terminais, sobre crença religiosa, tudo *só por precaução*. Precaução contra o quê? A hipótese de Nana nunca mais acordar?

Ninguém tentou me expulsar após o horário de visitas – como se eles fossem conseguir! –, mas me senti grato pela consideração. Fiquei sentado com os antebraços apoiados na beirada da cama, às vezes para descansar minha cabeça, outras para rezar por Nana.

Então, em algum momento no meio da noite, ela finalmente deu sinal de vida. Sua mão se moveu debaixo do cobertor e foi como se todas as nossas preces tivessem sido atendidas naquele pequeno movimento.

Em seguida, outro movimento quase imperceptível e seus olhos se abriram lentamente.

As enfermeiras tinham me dito que eu deveria manter a calma e falar baixinho se isso acontecesse. Só para constar, não era nada fácil.

Pousei minha mão em seu rosto até ela parecer notar que eu estava ali.

– Nana, não tente falar nada agora. Nem tente discutir. Eles colocaram um tubo em sua garganta para ajudar você a respirar.

Ela começou a correr os olhos à sua volta, assimilando tudo, fitando meu rosto.

– A senhora desmaiou em casa, lembra?

Ela assentiu, mas muito de leve. Acho que sorriu também, o que me pareceu excelente.

– Vou chamar a enfermeira e ver em quanto tempo poderemos tirá-la dessa máquina, está bem? – Estendi a mão para tocar a campainha, mas, quando olhei de volta, seus olhos haviam tornado a se fechar. Tive que conferir o monitor só para me certificar de que ela estava apenas dormindo.

Todas as linhas amarelas, azuis e verdes estavam nos conformes.

– Está bem, vamos deixar para amanhã de manhã – acrescentei; não que ela pudesse me ouvir, mas eu precisava dizer alguma coisa.

Eu só esperava que houvesse amanhã de manhã.

capítulo 49

NO DIA SEGUINTE, ÀS 12H, Nana estava totalmente desperta e fora do respirador. Seu coração estava inchado e ela se encontrava fraca demais para sair do CTI, mas tínhamos bons motivos para acreditar que ela voltaria para casa. Comemorei levando as crianças ao quarto às escondidas, para a mais rápida e silenciosa festa que a família Cross já havia feito.

A outra notícia promissora veio do trabalho. Uma advogada do FBI chamada Lynda Cole demonstrou a existência de fundada suspeita e conseguiu que o Bureau voltasse à propriedade na Virgínia. Quando consegui falar com Ned Mahoney pelo celular, o FBI já estava com uma equipe de perícia no local.

À tarde, Bree me rendeu no hospital – tia Lia a renderia mais tarde – enquanto eu voltava até a Virgínia para fazer outra busca no Blacksmith Farms.

Mahoney me encontrou na porta da mansão para liberar minha entrada. A principal área de interesse era um pequeno apartamento nos fundos. O acesso se dava por uma escada interna que começava na garagem, com espaço para três carros.

O lugar parecia uma suíte do hotel Hay-Adams. Os móveis eram todos estofados de tecidos leves, em sua maioria de tons claros. A área de jantar tinha o teto rebaixado e uma lareira com console de nogueira lustrado com esmero.

Tirando os peritos com suas calças cargo castanhas e camisas polo azuis, o lugar estava impecável.

– O quarto é um quebra-cabeça – disse Mahoney. Atravessamos um par de portas francesas cortinadas. – Nenhum carpete, nenhum objeto de decoração, nenhuma roupa de cama, nada – prosseguiu, afirmando o óbvio.

Exceto pela cama sem lençóis, a penteadeira e os dois criados-mudos, era como se alguém tivesse acabado de se mudar dali.

– Impressões digitais e fibras não revelaram nada. Então partimos para o luminol.

Isso explicava as lâmpadas ultravioleta portáteis instaladas no quarto. Mahoney apagou a luz do teto e fechou a porta.

– Podem começar – ordenou à equipe.

Assim que as lâmpadas foram acesas, o quarto pareceu ficar radioativo. As paredes, o chão, a mobília, tudo assumiu um tom azul florescente berrante. Era um daqueles momentos em que a minha vida realmente parecia um episódio de *CSI*.

– Quem limpou este quarto fez um ótimo trabalho – disse Mahoney. – E não estou falando de uma diarista qualquer.

Uma das limitações do luminol era que, embora pudesse ressaltar vestígios de sangue, ele também reagia aos produtos que as pessoas costumam usar para se livrar do sangue, como alvejante comum. Era isso que estávamos vendo. Parecia que o quarto tinha sido pintado com Clorox.

Aquilo sem dúvida parecia a cena de um crime. Talvez de um assassinato.

capítulo 50

NINGUÉM TINHA PREVISTO O QUE aconteceu em seguida. Deve ter sido cerca de meia hora depois e eu ainda estava trabalhando no caso no Blacksmith Farms.

Havia um barulho de conversa na sala de estar, então Mahoney e eu saímos para ver o que estava acontecendo. Vários peritos estavam reunidos em volta de um homem barbudo em cima de uma escada pequena, próximo à porta. Ele estava com a tampa de um detector de fumaça em uma das mãos, com o dispositivo exposto no teto. Era para lá que todos estavam olhando.

O perito apontou com um lápis uma inócua pecinha de plástico enfiada no meio da fiação.

– Tenho certeza de que é uma câmera. Muito sofisticada.

Na mesma hora, Mahoney ordenou uma segunda busca no apartamento e na mansão. Os celulares foram todos desligados e os televisores e computadores que conseguimos encontrar, desconectados. Isso os impediria de interferir com os detectores de ondas de rádio.

Assim que a busca começou, o trabalho foi rápido. Noventa minutos depois, a maior parte da equipe estava reunida no foyer da casa principal para se inteirar dos fatos. Eu vi alguns rostos conhecidos, como o vice-diretor adjunto Brad Foley e Elaine Kwan, da Unidade de Análise Comportamental, meu antigo departamento.

Era surpreendente que o caso ainda não tivesse sido classificado como prioritário, levando em conta o nível das pessoas que estavam ali.

A agente especial no comando da equipe de perícia era Shoanna Spears. Ela era alta, tinha uma estrutura óssea larga e uma pequena tatuagem de hera despontando do colarinho de sua camisa de botões branca. De pé na escadaria, dirigiu-se ao grupo:

– Basicamente, não há nenhuma parte da casa que não seja coberta pelo sistema de vigilância. Nós encontramos câmeras em todos os cômodos,

incluindo os banheiros e os apartamentos dos fundos.

– Como podemos descobrir o que todas essas câmeras estavam *filmando*? – disse Foley, formulando a pergunta que estava na cabeça de todos os presentes.

– Difícil dizer. Todos os dispositivos são sem fio. Podem transmitir para qualquer central em um raio de 300 metros, talvez mais. Encontramos um disco rígido com o software adequado no terceiro andar, mas nenhum arquivo. Isso significa ou que toda a vigilância era feita ao vivo ou que alguém removeu os arquivos do local, o que é mais provável.

– Se for esse o caso, o que estamos procurando? – perguntou Mahoney. – CDs? Um laptop? E-mails?

A agente Spears assentiu com a cabeça.

– Isso mesmo – disse. – Continuem a busca. Esses arquivos não têm nada de muito sofisticado, podem estar armazenados em praticamente qualquer lugar.

O desânimo foi geral. Estávamos todos esperando uma boa notícia. Então ela chegou.

– Além disso – prosseguiu a agente –, parece haver apenas um conjunto de impressões digitais nos equipamentos do andar de cima. Agora estamos conferindo se elas constam em nosso banco de dados.

capítulo 51

– Não estou entendendo nada, Tony. Por que você não me diz ao menos *para onde estamos indo*? É pedir demais?

A verdade – e Nicholson tinha descoberto isso naquela tarde – era que ele não tinha estômago para assassinato a sangue-frio. Não com suas próprias mãos, pelo menos. Sempre havia acreditado que, se precisasse, poderia facilmente sufocar Charlotte com um travesseiro ou colocar veneno em seu café da manhã, mas isso não iria acontecer, iria? E agora era tarde demais para mandar alguma outra pessoa matá-la, o que seria perfeito.

Ele jogou mais algumas coisas em sua bolsa de viagem, enquanto, do outro lado da cama, Charlotte tagarelava. A mala Louis Vuitton que Nicholson havia separado para ela ainda estava vazia e a paciência dele se esgotava. A vontade de lhe dar um murro na cara era grande. Mas de que adiantaria isso?

– Querida. – A palavra quase ficou presa em sua garganta. – Apenas confie em mim. Nós temos que pegar um avião. Explicarei tudo no caminho. Agora, pegue algumas poucas coisas e vamos embora. Vamos *embora*, meu bem. – *Antes que eu fique puto de verdade e mate você com minhas próprias mãos.*

– Tem a ver com aqueles homens que vieram aqui na outra noite, não tem? Eu sabia que tinha alguma coisa de errado com eles. Você está devendo dinheiro para alguém? É isso?

– Puta merda, Charlotte, você está me ouvindo? Não é seguro aqui, sua idiota. Para nós dois. A esta altura, a melhor hipótese para nós seria ir para a cadeia. A *melhor*, entende? A partir daí, só piora.

Dependendo de quem nos pegar primeiro, concluiu ele em pensamento.

– *Nós*? Como assim para *nós*? Eu não fiz nada a ninguém.

Nicholson deu a volta na cama às pressas e jogou uma braçada de roupas do armário de Charlotte dentro da mala, com cabides e tudo.

Em seguida, jogou a caixa de joias de couro vermelho que comprara para ela

na Flórida, havia uma eternidade – uma vida inteira atrás, quando ele ainda era jovem, apaixonado e definitivamente tão burro quanto um saco de tijolos com uma ereção.

– Nós estamos indo. *Neste minuto*.

Ela o seguiu, mais por medo de ficar sozinha do que qualquer outra coisa. Era exatamente com isso que Nicholson estava contando. Conseguiram chegar até o hall de entrada antes de Charlotte perder totalmente o controle. Ele ouviu algo entre um gemido e um grito e, quando se virou, deparou com a esposa meio agachada no chão de ardósia. Filetes negros de maquiagem escorriam por suas faces junto com as lágrimas. Ela sempre usava rímel de mais, como se fosse algum tipo de puta, e ele já deveria esperar aquilo.

– Estou muito assustada, Tony. Estou tremendo. Você não vê? Não consegue enxergar nada além das suas próprias necessidades? Por que está fazendo isso comigo?

Nicholson abriu a boca para dizer algo gentil e conciliatório, mas em vez disso o que saiu foi:

– Você é mesmo uma completa idiota, sabia?

Ele largou sua bolsa e a agarrou com truculência pelo braço, pouco se importando se iria deslocá-lo ou não. Charlotte resistiu, chutando o ar e berrando, enquanto ele a arrastava pelo chão. Tudo o que precisava fazer era colocá-la dentro do carro, depois aquela vaca burra e teimosa que sua mulher havia se tornado poderia ter um aneurisma que ele não estaria nem aí.

Foi então que ouviu a primeira pancada na porta.

Algo – não alguém – tinha acabado de se chocar contra ela do lado de fora, com força suficiente para abrir uma rachadura longa e bifurcada na madeira. Nicholson olhou rápido por uma janela e entendeu o que era: um aríete. E, nesse momento, soube que talvez fosse tarde demais para salvar até mesmo sua pele.

O segundo golpe poderoso veio logo em seguida. Ele arrebentou a fechadura e o trinco como se fossem de brinquedo e a porta se escancarou com um estrondo.

capítulo 52

Tony nicholson deu um único conselho à esposa antes de largar o braço dela e correr em direção à porta dos fundos:

– Corra!

Naquele momento, todas as prioridades passaram a ser relativas. Só a sobrevivência importava. E ela poderia estar reservada ao mais apto.

Ele conseguira chegar até a cozinha quando ficou cara a cara com um latino baixo e robusto vindo da direção oposta. *Que porra é essa agora?*

Houve um movimento rápido, mas Nicholson só conseguiu ver um borrão, seguido por uma pancada excruciante na lateral de seu joelho. Ele mal registrou a chave de grifa na mão do homem enquanto caía pesadamente no chão, para não se levantar mais.

A princípio, tudo o que sentiu foi a dor, como uma bola grande e vermelha explodindo de cima a baixo em sua perna.

Então vieram as algemas. Elas machucaram seus pulsos antes mesmo de ele notar que estavam ali.

Algemas?

Em seguida, o invasor latino o arrastou pelo colarinho de volta até a sala de estar, largando-o bem no meio do tapete.

Charlotte estava sentada em uma das cadeiras Barcelona com a boca tapada por um pedaço de fita adesiva prateada.

Um segundo homem – será que só havia dois deles? – estava parado perto dela, observando Nicholson sem muito interesse, quase entediado, como se fizesse aquele tipo de coisa todos os dias.

Eles não eram do FBI ou da polícia, isso estava claro. E não se pareciam em nada com os dois capangas da outra vez. Suas roupas eram escuras. Eles usavam luvas de látex e máscaras pretas, mas elas agora estavam puxadas para cima, sem cobrir seus rostos.

Não exatamente tiras, mas perto disso. Ex-policiais? Agentes das Forças Especiais?

O homem que o atacara tinha o nariz achatado, com olhos negros que pareciam, acima de tudo, estar olhando para um espécime imprestável.

– O disco? – foi tudo o que ele disse.

– Disco? – Nicholson cuspiu a palavra por entre os dentes cerrados. – Do que você está falando? Quem são vocês dois?

– *Dois*... gosto deste número.

O homem olhou para o seu relógio de aço inoxidável.

– Você tem dois minutos.

– Dois minutos para quê? – perguntou Nicholson, mas então viu qual era a resposta para sua pergunta.

O mais alto pegou um saco plástico transparente e o colocou na cabeça de Charlotte. Ela tentou resistir, mas ele não teve problema para passar a fita prateada em volta do seu pescoço, lacrando sua cabeça dentro do plástico.

Nicholson viu a expressão de Charlotte mudar à medida que ela entendia o que estava acontecendo. Sentiu uma pontada de pena, talvez até mesmo de amor perdido, algo emotivo e, bem, humano. Pela primeira vez em anos, sentiu-se conectado a sua esposa.

– Vocês são loucos! Não podem fazer isso! – gritou para os homens, que seguravam Charlotte.

– É *você* quem está fazendo isso, Sr. Nicholson. O controle da situação é todo seu, não nosso. Tudo depende de você. Pelo amor de Deus, nos faça parar.

– Mas eu nem sei o que vocês querem. Digam o que é!

Ele se lançou em direção à Charlotte, mas o joelho ferido o fez cair de volta, prendendo-o de modo vergonhoso entre o sofá e a mesa de centro.

– Por favor, me digam o que querem! Não entendo! – gemeu Nicholson do chão, implorando a plenos pulmões da forma mais convincente possível. Era a melhor atuação da sua vida e não podia ser diferente.

Quando conseguiu se erguer até o sofá, Charlotte já estava imóvel.

Seus olhos azuis estavam arregalados. Sua cabeça pendia contra o ombro, como se fosse um fantoche esperando para ser manipulado. O saco plástico continuava no mesmo lugar, o que tornava a cena grotesca e facilitava a reação de Nicholson.

– Seus desgraçados! Seus filhos da puta, vocês a mataram! Agora acreditam em mim? Era disso que precisavam?

Os dois homens continuavam mais frios do que nunca. Trocaram olhares. Deram de ombros.

– Melhor a gente ir – falou o branco. O outro assentiu e, por um instante, Nicholson achou que tinha conseguido, que talvez "a gente" significasse apenas os dois invasores. Não era o caso. Um deles pegou Charlotte e o outro começou a arrastar Nicholson.

Enquanto era forçado a mancar com sua perna boa em direção à porta, e só Deus sabia para onde em seguida, Nicholson teve o mesmo pensamento estranho que o perseguira durante todo o dia. Ele desejava ter sido mais gentil com a esposa.

capítulo 53

NED MAHONEY E EU ESTÁVAMOS no meu carro, seguindo para leste na Interestadual 66, em direção a Alexandria, quando recebemos uma ligação nos informando de que era tarde demais. A Polícia Estadual da Virgínia comunicou que havia encontrado a casa de Nicholson vazia. Havia sinais de arrombamento e luta, além de duas malas deixadas para trás. Os dois carros do casal ainda estavam na garagem.

Um alerta para todas as unidades já havia sido transmitido, mas, sem um veículo específico para procurar, não havia muita esperança de apreensão.

O plano ainda era que todos se encontrassem na casa de Nicholson. O vice-diretor adjunto Foley estava chamando outra equipe de perícia imediatamente. E Mahoney telefonou para alguém no Edifício Hoover, pedindo uma investigação rápida sobre Nicholson.

Ele também tinha um Toughbook no carro, uma linha de laptops ultrarresistentes produzidos sob encomenda para o FBI, o que lhe permitiu dobrar o ritmo da pesquisa. Mahoney começou a me repassar informações a toda a velocidade, do jeito que sempre faz quando está tenso.

– Bem, nosso homem nunca foi preso ou naturalizado, não é funcionário federal ou militar... ou seja, nenhuma grande surpresa. Também não tem nenhum codinome. E não há referência ao seu nome em nenhum dos arquivos do FBI, seja como Tony, seja como Anthony Nicholson.

– Não acho que ele seja o nosso assassino – falei.

Mahoney parou o que estava fazendo e prestou atenção em mim.

– Por quê?

– Porque há muitas peças soltas neste quebra-cabeça – expliquei. – Nicholson sem dúvida é uma delas, mas é só isso, Ned.

– Isso quer dizer que Nicholson é o quê?... *O babaca* da história?

– Acho que alguém veio atrás da mesma coisa que estamos procurando, mas

conseguiu chegar a ele antes. O que significa que essas pessoas têm mais peças do quebra-cabeça nas mãos do que nós.

– Ou ele simulou o próprio desaparecimento – sugeriu Mahoney, levantando um dedo. – Não seria difícil. Bastaria deixar algumas malas largadas, destruir alguns móveis e pronto. A esta altura ele já está no meio do Atlântico com sua pequena coleção de filmes *snuff* enquanto ainda estamos procurando impressões digitais pela casa.

Ficamos debatendo possibilidades por mais um tempo, até recebermos outra ligação. Fosse lá o que fosse, serviu para deixar Mahoney empolgado novamente. Ele digitou um endereço em seu laptop.

Alguns segundos depois, estávamos seguindo o GPS até o Arco Rodoviário na direção de Alexandria, mas não para a casa de Nicholson.

– Condomínio Avalon – disse Mahoney. – O nome de Nicholson surgiu em um banco de dados de locatários. Imagino que tenha se esquecido de pagar um aluguel ou coisa parecida.

– Um imóvel alugado? Na mesma cidade em que ele mora?

Mahoney assentiu.

– Mora com a *esposa* – disse ele. – E aposto que ela é pelo menos 15 anos mais velha do que a mulher que vamos encontrar atrás da porta número dois. O que me diz?... Vinte pratas?

– *Estou fora*.

capítulo 54

TONY NICHOLSON SE INCLINOU PARA a frente no banco de trás até onde suas algemas permitiram. Conseguia ver que as luzes no segundo andar estavam acesas.

– Não precisamos ir lá – disse ele. – Ela não sabe de nada. Eu juro.

O homem que havia ferido a perna de Nicholson abriu a porta do carona.

– Quem sabe? Talvez você fale dormindo.

Ele saiu do carro e foi até a porta da frente. Então usou uma das chaves de Nicholson para entrar.

Nicholson pensava que talvez ainda conseguisse salvar a si mesmo e possivelmente até Mara. Não conseguia tirar da cabeça uma imagem surreal de seu lindo rosto preso dentro de um saco plástico.

O motorista era alto e louro, como ele, com olhos claros e uma testa quadrada. Parecia mais inteligente do que o latino. Talvez também fosse mais razoável.

– Ouça – sussurrou Nicholson. – Sei o que vocês estão procurando. Posso ajudá-los a encontrar, mas não sem algum tipo de estratégia de saída para mim.

O homem continuou parado, com as costas retas, olhando pelo para-brisa como se Nicholson não tivesse falado nada.

– Estou disposto a fazer um acordo, é isso que estou dizendo.

Nenhuma resposta do banco da frente.

– Pelo disco. De *Zeus*. Está me ouvindo? Vou lhes dizer onde ele está.

– Sim – disse o louro enfim. – Vai mesmo.

– Então... por que não fazemos um acordo? Agora? Aqui? Por que não?

Os dedos do motorista tamborilaram de leve o volante.

– Porque nós vamos matar você de qualquer maneira. Você e sua namorada.

Nicholson sentiu as batidas surdas de seu coração no peito. Estava finalmente tendo a sensação de que nada mais importava. Ele deu uma risada um pouco desesperada.

– Meu Deus, amigo! Não quero lhe dizer como fazer seu trabalho, mas então

por que eu iria cont...

De repente o motorista se virou, estendeu a mão para baixo e apertou o joelho destroçado de Nicholson.

A dor foi atordoante. Seu queixo caiu ao mesmo tempo em que sua garganta se fechou. Nicholson não conseguia respirar, muito menos gritar, e nesse estranho silêncio a voz baixa do seu torturador era fácil de ouvir.

– Porque vai chegar uma hora, amigo, que você vai parar de querer viver e pedirá para morrer. Entendeu? E se a essa altura ainda não tiver nos contado o que queremos saber... acredite, você vai contar.

capítulo 55

A PORTA DO CARRO SE ABRIU e os quadris magros de Mara foram a primeira parte do seu corpo a entrar. A mão do outro homem segurava sua cabeça loura. Nicholson o viu guardar uma pistola 45 na cintura antes de bater a porta atrás dela.

Sua namorada parecia em pânico, o que era compreensível. Afinal, tinha apenas 23 anos. Seus braços se juntavam na frente do corpo, com um suéter jogado por cima deles para esconder as algemas. Ele lhe dera aquele suéter de presente. Caxemira. Da loja da Polo em Alexandria. Bons tempos.

– Você está bem?

– Meu Deus, Tony, o que está havendo? Ele me disse que era da polícia. Mostrou um distintivo. É verdade?

– Não diga nada – disse-lhe Nicholson baixinho. Sua perna ferida parecia prestes a explodir. Era quase impossível se concentrar e o fato de Mara estar ali só piorava as coisas. E muito, na verdade. Nicholson a amava.

Ela era o oposto de Charlotte. Para começar, sabia demais. Além disso, era uma nova-iorquina de ascendência irlandesa e italiana. Manter a boca calada não era exatamente o forte da maioria dos nova-iorquinos.

– O que eles querem? – insistiu ela. – Para onde estão nos levando? Tony, *me diga.*

– Essa é uma boa pergunta – falou Nicholson, chutando a parte de trás do banco com seu pé bom. Ele gritou para os homens: – Para onde vocês pensam que estão nos levando, porra?

Isso lhe rendeu um golpe no rosto com a 45. Nicholson sentiu a dor, mas estava ficando difícil se importar com ela. Na verdade, a dor poderia ser considerada uma boa coisa. Significava que ele ainda estava vivo, não é?

– Seja lá o que estiver acontecendo aqui, eu não trabalho mais para ele – disse Mara aos dois homens na frente. – Vocês têm que acreditar em mim. Vou lhes

contar tudo o que quiserem saber. Eu era a contadora dele.

– Cale a boca, Mara – falou Nicholson. – Não vai adiantar nada.

– Ele anda chantageando os outros. Pessoas importantes. Por dinheiro. Ele as filma e...

Nicholson se inclinou para perto da namorada – era tudo o que podia fazer.

– Mara, estou avisando...

– Ou o que, Tony? Está um pouco tarde para avisos, não acha? Eu nem deveria estar aqui.

Os olhos castanho-escuros dela lampejaram de medo e raiva. Ele estava sentindo as mesmas coisas, por isso era difícil culpá-la.

– Estou falando de figurões – continuou ela. – Homens ricos. Políticos, gente de Wall Street, advogados, esse tipo de coisa...

– Sei, sei – interrompeu o motorista. – Agora nos conte algo que ainda não saibamos. Ou então, como disse seu namorado, cale a boca, Mara.

capítulo 56

MAHONEY COMUNICOU NOSSA NOVA POSIÇÃO quando saímos do Arco Rodoviário e pegamos a Eisenhower Avenue. Estava escurecendo, mas as estradas continuavam cheias de gente que voltava do trabalho. Eu me perguntei vagamente quando um expediente "de nove às cinco" havia se tornado coisa do passado.

Depois de subirmos por 2,5km a Eisenhower, chegamos a uma fileira de prédios de quatro andares idênticos, de frente para a rua.

Um desvio na estrada marcava a entrada, com uma placa dando as boas-vindas aos visitantes do condomínio Avalon at Cameron Court.

O GPS nos conduziu pelo minilabirinto do complexo. Era um daqueles empreendimentos de luxo totalmente autossuficientes. Os aluguéis ali chegavam a 3.500 dólares por mês, de acordo com Mahoney e seu laptop.

– Sabe, minha tia mora em um lugar como este em Vero Beach, na Flórida. Eles têm um limite de dois bichos de estimação por morador, mas ela tem quatro cachorrinhos idênticos. Simplesmente sai com dois deles de cada vez.

Fiquei ouvindo sem prestar muita atenção, até chegarmos ao bloco de Nicholson.

– Ei, Ned. Está vendo aquilo? – Um sedã azul-escuro estava saindo de um caminho de acesso a uns 50 metros de distância. – Aquele ali é o prédio de Nicholson?

Mahoney se empertigou e fechou o laptop.

– Pode ser. Vamos descobrir.

O outro carro começou a subir o quarteirão, vindo direto na nossa direção. Sua placa era de Washington. Dois homens na frente, dois passageiros mais difíceis de enxergar atrás.

Enquanto passávamos, olhei para dentro do veículo e, por um instante, meu olhar cruzou com o de Tony Nicholson.

capítulo 57

ASSIM QUE LIGUEI A SIRENE, o sedã azul-escuro disparou pelo quarteirão e dobrou a esquina. Não fazia ideia de quem eram aqueles caras – Máfia, mercenários, ou sabe-se lá o quê –, mas a maneira como fugiram dali me dizia que Nicholson e sua namorada estavam muito encrencados.

Mahoney já estava ao telefone.

– Aqui é Mahoney. O alvo, Nicholson, está no meu campo de visão. Estamos perseguindo um Pontiac G6 azul, com placa de Washington.

Fiz outra curva e os vi parados na saída do condomínio.

– Ponto para os mocinhos! – disse Mahoney, cerrando o punho. O tráfego pesado da Eisenhower os impedia de sair e, por um segundo talvez, achei que conseguiríamos resolver aquilo de forma limpa.

Então as portas do Pontiac se abriram de ambos os lados e dois homens saíram... atirando!

Uma bala atravessou meu para-brisa com um barulho surdo antes que eu e Mahoney pudéssemos sair. Escancarei minha porta e rolei para a rua. Mahoney também saiu pelo lado do carona e se manteve agachado.

De onde eu estava, numa sarjeta, conseguia ver apenas o motorista do sedã. Ele me parecia militar, alto, com um cabelo louro cortado à escovinha – e não parava de atirar. Não ousei revidar os disparos.

O problema eram os carros parados atrás dele. Seria arriscado demais. Ele pareceu perceber isso e saiu correndo em direção ao edifício mais próximo.

Quando passou pela placa grande em frente ao condomínio, dei dois tiros rápidos e calculados. O segundo o derrubou.

Mas ainda não havia acabado. Mahoney estava de pé e atirando. Eu conseguia ver o outro homem mais à frente. Havia um buraco ensanguentado na perna de sua calça, mas ele tornou a se levantar.

– Largue sua arma! – gritou Mahoney enquanto o homem se afastava

mancando.

Assim que fiz a volta para dar cobertura de outro ângulo, o homem ergueu uma 45 para Mahoney.

Nós dois atiramos antes dele. O homem se contorceu duas vezes ao ser atingido e ainda conseguiu apertar o gatilho uma última vez. Seu tiro quase acertou Mahoney, que se agachou e disparou de volta. A última bala o atingiu no ombro.

O atirador estava vivo quando chegamos a ele, com os olhos arregalados e trêmulo, o dedo ainda no gatilho. Mahoney pisou no seu punho e tirou a 45 de sua mão.

– Aguente firme – falei. – A ambulância está a caminho.

Mas ele estava em péssimas condições. Uma ferida na barriga sangrava copiosamente. Enquanto Mahoney corria em direção a Nicholson e à mulher, tirei meu paletó e o pressionei contra o ferimento.

– Para quem você trabalha? – perguntei.

Não tinha certeza se ele conseguia me ouvir. Não parecia assustado, mas seus olhos estavam rasos. Quando tentou engolir, brotou sangue de seus lábios. Meu paletó já estava encharcado.

– *Me diga!* – gritei. – Quem mandou você aqui?

A respiração do atirador ficou ofegante e ele agarrou meu braço com mais força. Logo depois seu corpo ficou flácido. Ele morreu sem dizer uma palavra que pudesse nos ajudar a entender o que estava acontecendo.

capítulo 58

Nossos dois mortos logo se tornaram três, quando Charlotte Nicholson foi encontrada, com o rosto azul e o corpo ainda quente, no porta-malas do Pontiac.

Tony Nicholson e sua suposta namorada, Mara Kelly, ficaram mudos, exceto para dizer que não haviam feito nada de errado e não tinham ideia de quem eram os dois homens mortos. Isso foi o máximo que conseguimos arrancar deles antes que o FBI os levasse sob custódia.

A essa altura, a equipe que atendera à chamada havia aumentado para três carros do FBI, a polícia municipal, paramédicos e oficiais da delegacia local. Assim que pude, telefonei para Bree para saber se estava tudo bem.

Foi então que percebi que meu telefone estava desligado havia horas, desde a busca no clube privativo em Culpeper. Quando o liguei, havia três mensagens de voz a minha espera, todas de Bree.

Fiquei apreensivo.

Ouvi a primeira mensagem.

– Oi, sou eu. Ouça, os médicos estão preocupados com a função renal de Nana. Disseram que a eliminação de líquidos não está como deveria. Ainda não há um prognóstico, mas seria melhor você me dar uma ligada. Te amo.

Eu me virei em direção ao meu carro e comecei a andar, sem saber ao certo se queria ouvir a segunda mensagem.

– Alex, é Bree. Liguei para o Bureau, mas ninguém sabe onde você está. Não tenho o celular de Mahoney. Não sei mais o que fazer. Nana está mal. Espero que você ouça logo esta mensagem.

Eu estava correndo, mas o terceiro recado quase me fez parar imediatamente.

– Alex, cadê você? Detesto dizer isto ao telefone, mas... Nana entrou em coma. Estou voltando para o hospital agora, então você não vai conseguir mais falar comigo. Vá para lá o mais rápido que puder.

capítulo 59

A RECEPÇÃO DAQUELA NOITE NO ONE Observatory Circle, a residência oficial do vice-presidente, era relativamente informal: uma caranguejada para vários funcionários de médio escalão do gabinete e seus familiares. Isso significava paletós sem gravata – até que, antes do jantar, o vice-presidente ficou em mangas de camisa e seus convidados homens o imitaram.

O agente Cormorant, no entanto, não tirou o paletó. Ele era feito sob medida para ocultar uma pistola calibre 357 debaixo do braço direito e, embora o evento claramente não oferecesse muito risco, baixar a guarda não fazia parte do DNA profissional de Cormorant, sobretudo nos últimos dias.

O Serviço Secreto protegia aquela mansão vitoriana desde 1972. Os Rockefeller nunca chegaram a se mudar para lá, mas ela já havia sido a residência das famílias Mondale, Bush, Quayle e Cheney antes dos Tillman. Cada canto da casa era literalmente bem documentado. Cormorant a conhecia melhor do que seu próprio apartamento de dois quartos na Rua M.

Então, quando precisou falar em particular com o vice-presidente, foi por instinto que se encaminhou à biblioteca por uma sala de estar dos fundos, para evitar ser visto por algum dos convidados.

Tillman se serviu de um uísque com gelo e esperou ao lado do console da lareira enquanto Cormorant trancava as duas portas de acesso à sala.

– O que é isso que não pode esperar, Dan? – perguntou Tillman.

– Preciso lhe dizer, senhor, que estou prestes a exceder em muito os limites da minha função – alertou Cormorant.

Tillman tomou um gole de seu drinque.

– Isso é novidade. O aviso, quero dizer.

Os dois eram amigos, tanto quanto homens em suas posições poderiam ser. Algum dia sairiam para pescar e passariam os feriados juntos, mas, por ora, ainda era Sr. vice-presidente e agente Cormorant: protegido e protetor.

– Acho que está na hora de o senhor comunicar à presidente sobre Zeus. Especialmente sobre o fato de que alguém ligado à Casa Branca ou ao Gabinete pode ser um assassino.

A expressão de Tillman endureceu de imediato e ele pousou a bebida na mesa.

– Até aí, a presidente já sabe. Eu cuidei disso. Mas ainda precisamos de fatos. De um nome.

Tillman já havia sido informado sobre a batida do FBI na Virgínia, mas não sobre os últimos desdobramentos. Cormorant logo o atualizou, especialmente a respeito das câmeras encontradas no clube.

– Ninguém ainda falou no nome Zeus, mas, se alguma gravação for encontrada, não vai importar como ele se chame.

– Quando isso veio à tona? – perguntou Tillman, visivelmente abalado.

– Hoje à tarde.

– E como você já está sabendo?

Cormorant não desgrudou os olhos do vice-presidente, mantendo o que esperava ser um silêncio respeitoso.

– Está bem – disse Tillman. – Deixe pra lá. Prossiga, por favor. Desculpe-me pela interrupção.

– Na verdade, talvez o procurador-geral possa fazer algo sobre esse assunto. Se houvesse algum pretexto aceitável para contornar a investigação ou até mesmo desacelerá-la...

De repente, Tillman pareceu irritado, mas era sempre difícil ter certeza com ele.

– Espere um instante. Você quer que a presidente peça ajuda ao procurador-geral? Você ao menos entende o que está sugerindo? Um membro do Gabinete pode estar envolvido.

– A questão não é o que eu quero, senhor. Nossa meta sempre foi proteger a presidente Vance e seu governo.

Uma explosão de gargalhadas veio de trás da porta que dava para o salão. Cormorant não vacilou, apenas baixou um pouco a voz:

– Não estou sugerindo que tentemos abafar este escândalo. Só preciso de um pouco de tempo para ver se conseguimos descobrir quem é Zeus. Se puder fazer isso, então a Casa Branca estará mais bem preparada para controlar a informação quando ela vazar... e *vai* vazar, senhor, mais cedo ou mais tarde.

– O que Reese acha disso? – perguntou Tillman. – Você falou com ele? Reese sabe das câmeras?

– Eu comuniquei ao chefe de gabinete hoje à tarde, mas nada foi dito sobre levar tudo à presidente. Preferi falar com o senhor antes.

– Não me coloque contra ele, Dan. E não me coloque contra a presidente Vance. Ela tem minha total lealdade.

– Não estou tentando fazer isso, senhor...

– Não. Está bem. O que você vai fazer é o seguinte. – Tillman tinha o hábito de passar de um tom inquisitivo para um tom imperativo sem aviso, exatamente como acabara de fazer. – Fale com Gabe sobre isso e seja franco com ele. Se ele quiser trazer a questão de volta para mim, trabalharemos a partir daí. Caso contrário, nós dois nunca tivemos esta conversa.

O vice-presidente já estava a meio caminho da porta quando Cormorant ergueu a voz pela primeira vez.

– Walter! – Esse era o tipo de quebra de protocolo que poderia rebaixar um agente num piscar de olhos, pelo menos na maioria das vezes. – Eu posso encontrá-lo. Zeus. Só preciso que me dê tempo para isso.

Tillman parou de andar, mas não se virou.

– Converse com Gabe. – Era tudo o que ele iria dizer antes de sair da sala.

O agente Cormorant não teve escolha senão segui-lo.

A conversa havia terminado e a caranguejada estava esfriando no salão.

capítulo 60

Mantive a sirene ligada o tempo todo enquanto atravessava o rio Potomac em direção à cidade, até parar no estacionamento em frente ao St. Anthony's Hospital. Minha mente estava a mil desde que eu ouvira os recados de Bree. Como aquilo podia ter acontecido? Naquela mesma manhã, Nana estava sentada na cama; conversado conosco; *melhorando*.

Quando saí do elevador no sexto andar, o primeiro rosto conhecido que vi foi o de Jannie. Ela estava sentada na beira de uma das cadeiras de plástico na entrada da UTI. Assim que me viu, correu para os meus braços e me abraçou apertado.

– Nana está em coma, papai. Eles não sabem se ela vai acordar.

– Shhh. Eu sei, eu sei. Estou aqui agora. – Senti seu corpo amolecer quando ela começou a chorar, liberando a tensão. Jannie era ao mesmo tempo tão forte e tão frágil. *Igual a Nana*, não pude deixar de pensar enquanto a abraçava. – Você já foi vê-la? – perguntei.

Ela assentiu com a cabeça contra meu peito.

– Só por um minuto. A enfermeira me disse para esperar aqui fora.

– Venha – falei, pegando sua mão. – Acho que preciso de você para fazer isso.

Encontramos Bree sentada ao lado da cama de Nana, na mesma cadeira em que eu havia dormido na noite anterior. Ela se levantou e nos abraçou.

– Que bom que você está aqui – sussurrou ela.

– O que aconteceu? – sussurrei de volta. Para o caso de Nana poder ouvir, acho.

– Os rins dela entraram em parafuso, Alex. Eles a colocaram na diálise e voltaram a lhe dar hidralazina, betabloqueadores...

Eu mal conseguia ouvir as palavras de Bree ou registrar seu significado. Minhas pernas estavam fracas, minha cabeça girava rápido em pequenos círculos.

Nada poderia ter me preparado para ver como Nana parecia pior.

Ela estava novamente ligada ao respirador, mas desta vez tinham feito uma traqueostomia. Havia também um tubo de alimentação em seu nariz, além da diálise. Mas o pior, de longe, era seu rosto: todo franzido e esgotado, como se sentisse dor. Eu tinha imaginado que ela pareceria apenas adormecida, mas era muito pior do que isso.

Eu me espremi para sentar ao seu lado.

– Sou eu, Alex. Estou aqui agora. Sou eu, velhota.

Era como se eu estivesse do outro lado de um pedaço de vidro grosso. Podia falar com Nana, tocá-la e vê-la, mas não conseguia me comunicar com ela de verdade. Nunca havia me sentido tão impotente. Tive a sensação terrível, nauseante, de saber o que aconteceria em seguida.

Em geral, eu lido bem com crises, afinal de contas, esse é o meu trabalho, mas estava a ponto de desmoronar. Quando Jannie se aproximou, não me dei o trabalho de tentar esconder as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

Aquilo não estava acontecendo somente com Nana, mas com todos nós.

E enquanto ficávamos parados ali, observando-a, uma lágrima rolou pela sua face.

– *Nana* – falamos todos ao mesmo tempo. Mas ela não respondeu, nem sequer tentou abrir os olhos.

Apenas verteu aquela lágrima solitária.

capítulo 61

Durante toda aquela noite, se eu não estava dormindo ou saindo do caminho das enfermeiras quando elas vinham conferir sua paciente, fiquei conversando com Nana. A princípio, me limitei a amenidades – como nós a amávamos, como estávamos torcendo por ela ou mesmo o que acontecia no quarto no momento.

Com o tempo, me dei conta de que tudo o que Nana sempre queria ouvir era a verdade, não importava qual fosse. Então comecei a lhe contar sobre o meu dia. Exatamente como costumávamos conversar, sem pensar na realidade de que nossas conversas teriam que acabar um dia.

– Tive que matar uma pessoa hoje.

Talvez houvesse mais a dizer sobre isso, mas, depois que falei aquilo, simplesmente fiquei sentado ali, em silêncio. Imaginei que esse era o momento em que Nana diria alguma coisa.

E foi o que ela fez. Bem, mais ou menos... na forma de lembrança de quando tivéramos uma conversa parecida.

Ele tinha família, Alex?

Nana me fizera essa pergunta antes de qualquer outra. Eu tinha 28 anos na época. Foi um assalto à mão armada numa pequena mercearia no sudoeste de Washington. Eu nem estava de serviço quando aconteceu, mas só voltando para casa. Nunca vou me esquecer do nome do ladrão: Eddie Clemmons. Foi a primeira vez que alguém atirou em mim e a primeira vez que revidei em legítima defesa.

Sim, eu havia falado para Nana, *ele tinha uma esposa, embora não morasse com ela. E dois filhos.*

Lembro-me de estar parado no hall de entrada da Rua 5, ainda usando meu sobretudo. Nana estava carregando o cesto de roupa lavada quando cheguei e nós acabamos nos sentando ao pé da escada, dobrando roupas e conversando sobre o tiroteio. Achei aquilo estranho a princípio, a maneira como ela ficava me

dando coisas para dobrar. Então, depois de um tempo, percebi que, em algum momento, minha vida voltaria a parecer normal.

Você vai ficar bem, dissera-me ela. *Talvez não exatamente o mesmo, mas ainda assim ficará bem. É um oficial de polícia.*

Nana tinha razão, é claro. Talvez esse fosse o motivo por que eu precisava tanto ter aquela mesma conversa com ela novamente. Era estranho, mas tudo o que eu queria era que ela me dissesse que tudo ficaria bem.

Peguei sua mão e a beijei, pressionando-a contra a minha face – num esforço de estabelecer algum tipo de contato com ela, acho.

– Vai dar tudo certo, Nana – falei.

Mas eu não sabia dizer se isso era verdade ou não, ou quem exatamente eu tentava enganar.

capítulo 62

ACORDEI COM A MÃO DE alguém pressionando meu ombro e um sussurro perto do meu ouvido.

– Hora de ir para o trabalho, querido. Já cheguei.

Tia Lia colocou a meus pés a enorme bolsa de lona em que carregava seus apetrechos de tricô. Eu tinha acordado e voltado a adormecer meia dúzia de vezes durante a noite. Era estranho estar ali, sem janelas, sem noção de tempo e com Nana tão doente.

Naquela manhã, ela me pareceu igual a antes. Não sabia ao certo se isso era bom ou ruim. Um pouco dos dois, talvez.

– Vou esperar o turno da manhã – falei para minha tia.

– Não, querido, você vai embora. – Ela cutucou meu braço para me tirar da cadeira. – Não tem espaço suficiente para nós dois aqui e minhas panturrilhas estão me matando. Então ande logo. Vá trabalhar. Depois pode voltar e contar tudo para Nana, como sempre faz.

O tricô foi sacado da bolsa automaticamente, com as agulhas de madeira grandes e coloridas que ela sempre usava. Vi que dentro da bolsa também havia uma garrafa térmica e um exemplar do *USA Today*. O modo como tia Lia se acomodou me lembrou de que ela já havia passado por aquilo antes, primeiro com meu tio, depois com Anna, sua irmã mais nova. Minha tia era quase uma profissional quando o assunto era cuidar de doentes terminais.

– Eu ia trazer um livro daquele autor que você gosta, David Whyte – disse tia Lia. A princípio, achei que estivesse falando comigo. – Mas então pensei melhor e resolvi manter você indignada, por isso trouxe o *jornal*. Sabia que a construção da estátua do memorial de Martin Luther King está sendo terceirizada para a China? *China?* Dá pra acreditar, Regina?

Tia Lia não era uma mulher sentimental, mas, à sua maneira, era uma santa. Também sabia que ela jamais deixaria Nana vê-la chorando, estivesse em coma

ou não. Inclinei-me para beijar o topo da cabeça de minha tia. Beijei Nana também.

– Tchau, tia, tchau, Nana. Vejo vocês mais tarde.

Minha tia continuou tagarelando, mas ouvi Nana me responder. Outro eco, ou lembrança, ou fosse lá o que fosse aquilo.

Comporte-se. E tenha cuidado, Alex.

Na verdade, eu não estaria correndo nenhum perigo de imediato. Tecnicamente, estava de licença depois do tiroteio da véspera. O inspetor Davies me dera dois dias de folga, mas, embora eu me sentisse grato por isso, não podia me dar ao luxo de perder esse tempo. Precisava falar com Tony Nicholson e Mara Kelly. Agora. Então pedi que Sampson marcasse alguns interrogatórios em seu nome. Depois, eu simplesmente me juntaria a ele como mais um par de olhos e ouvidos.

capítulo 63

O CENTRO DE DETENÇÃO EM ALEXANDRIA é um grande edifício de tijolos no final da Mill Road, uma rua sem saída.

Foi lá que eles mantiveram Zacarias Moussaoui detido até ele ser sentenciado e mandado para o presídio de segurança máxima em Florence, Colorado – que, por coincidência, era o último destino conhecido de Kyle Craig, um serial killer e a peça principal de um assunto pendente que eu precisaria retomar algum dia. É impressionante como o mundo dos grandes crimes pode começar a parecer pequeno e incestuoso quanto você passa tempo suficiente mergulhado nele, como eu. Só de pensar em Kyle Craig eu ficava angustiado.

Nicholson e a Srta. Kelly estavam detidos no primeiro e no segundo andar, respectivamente. Nós os havíamos colocado em salas de interrogatório separadas e agora precisávamos ir de uma para outra de elevador.

A princípio, nenhum dos dois estava disposto a dizer nada além de que tinham sido vítimas de um sequestro seguido de agressão. Deixei isso rolar por várias horas, então dei a entender a Mara Kelly que seu namorado estava se mantendo fiel a essa versão. Queria alimentar sua confiança em Nicholson antes de tentar reduzi-la a nada.

Na próxima vez que voltei à sala, larguei uma fotocópia em cima da mesa à sua frente.

– O que é isso? – perguntou Mara.

– Veja com seus próprios olhos.

Ela se inclinou para a frente, prendendo uma mecha solta de cabelo com uma unha pintada em estilo francesinha. Mesmo ali, naquela sala de interrogatório, Mara tinha um tipo de elegância que me parecia mais adquirida pela prática do que natural. Dizia ser contadora, mais havia cursado apenas um ano de faculdade.

– Passagens de avião? – perguntou ela. – Não entendo. Para quê?

Sampson curvou seu corpo rente à mesa. Ele tinha mais de dois metros de altura e podia ser mais do que um pouco intimidador quando queria; o que era a maior parte do tempo em que estava trabalhando.

– De Montreal para Zurique, saindo na noite passada. Você leu as passagens? Viu os nomes nelas?

Ele bateu com o dedo na folha de papel.

– Anthony e Charlotte Nicholson. Seu namorado estava se preparando para fugir, Mara. Com a *esposa*.

Ela empurrou a folha de papel para longe.

– Sei. Eu também tenho um computador e uma impressora colorida.

Saquei meu celular e o ofereci a ela.

– Aí tem o número do telefone da Swissair. Quer ligar para lá e confirmar a reserva, Sra. Nicholson?

Quando ela não respondeu, decidi lhe dar alguns minutos sozinha para processar a informação. Na verdade, Mara tinha razão. Nós havíamos forjado os bilhetes. Quando voltamos, ela já estava pronta. Dava para notar que tinha chorado e também que tentara apagar qualquer vestígio de lágrimas.

– O que vocês querem saber? – perguntou, estreitando os olhos em seguida. – O que eu ganho com isso?

Sampson a encarou com firmeza.

– Vamos fazer tudo ao nosso alcance para ajudá-la.

Eu assenti.

– É assim que funciona, Mara. Quem nos ajuda primeiro recebe nossa ajuda.

Liguei o gravador e o pus sobre a mesa.

– Quem eram os homens no carro? Vamos começar por aí.

– Não faço ideia – respondeu ela. – Nunca os tinha visto.

Acreditei nela.

– O que eles queriam? O que disseram?

Neste momento, ela fez uma pausa. Eu tinha a sensação de que talvez estivesse pronta para entregar Nicholson, mas essa não era uma guinada que daria de uma vez só.

– Bem, eu avisei a ele que algo desse tipo poderia acontecer.

– Algo de que tipo, Mara? – perguntou Sampson. – Seja um pouco mais específica.

– Ele vinha chantageando clientes do clube. Era para ser o dinheiro que bancaria nossa "nova vida". Era isso que Tony dizia. Que bela nova vida, não? – Ela indicou a sala com um gesto. – Era *disto* que ele estava falando?

– E os nomes? Nomes de pessoas mortas, nomes inventados, qualquer coisa que você tenha ouvido. O que sabe sobre as pessoas que ele estava chantageando?

Mara Kelly estava começando a colaborar e, à medida que isso acontecia, seu tom ia ficando mais amargo e sarcástico.

– Eu sei que ele sempre se resguardava. De todas as maneiras possíveis. Assim, se alguém falasse, todos sairiam perdendo. E, se alguma coisa acontecesse com Tony, eu deveria botar a boca no trombone. – Ela se recostou e cruzou os braços finos. – Essa era a ideia, pelo menos. A ameaça que ele fazia aos otários que chantageava por terem dado uma trepadinha.

– E todos pagavam? – perguntou-lhe Sampson.

Os olhos dela tornaram a correr pela sala como se ela não conseguisse acreditar que estava ali, que tudo havia acabado daquela forma.

– Bem, se todos pagassem, nós não estaríamos tendo esta conversa.

capítulo 64

NÃO DEMOROU MUITO PARA TONY Nicholson abrir o bico sobre o clube e o esquema de chantagem. Isto era algo que eu já tinha visto várias vezes: a maneira como os suspeitos se voltam um contra o outro quando percebem que o jogo está virando. Na versão dele, Mara Kelly tinha se encarregado de toda a etapa final do plano: desde o banco asiático obscuro até a criptografia de chave pública – tudo de que precisavam para se manter fora de alcance por todo o tempo necessário.

– Por que vocês acham que eles também foram atrás dela? – disse ele. – Não se deixem enganar por aquela carinha bonita. Aquela vaca não é nem de longe tão burra quanto parece.

Aqueles dois já não eram um problema. Agora, as coisas poderiam ficar interessantes.

Havia horas que Nicholson estava sentado naquela mesma cadeira dobrável bamba, sua perna ferida esticada para o lado, imobilizada por uma tala. Pelo jeito como seu rosto estava retorcido, já estava mais do que na hora de ele tomar um analgésico.

– O.k. – falei. – Isso já é um começo, Tony. Agora vamos falar sobre o verdadeiro motivo da nossa presença aqui.

Peguei uma pasta de arquivo e comecei a espalhar fotos na mesa.

– Timothy O'Neill, Katherine Tennancour, Renata Cruz, Caroline Cross.

Uma surpresa genuína cruzou seu rosto por um breve instante, mas logo se dissipou. Nicholson se mantinha frio sob pressão.

– O que têm essas pessoas?

– Todas trabalharam para você.

– É possível – disse ele. – Muita gente trabalha para mim.

– Não foi uma pergunta. – Apontei para a foto de Caroline. – Ela foi encontrada mutilada a ponto de ficar irreconhecível. Você também filmou isso, Nicholson?

– Realmente não sei do que você está falando. Não faço a menor ideia de aonde pretende chegar. Tente fazer algum sentido quando se der o trabalho de abrir a boca.

– Como ela morreu?

Algo pareceu estalar de repente, como uma fagulha, na expressão de Nicholson. Ele baixou o olhar para a fotografia e então tornou a erguê-lo para mim.

– Você disse Caroline Cross? Esse é o seu sobrenome, não é? – Quando não respondi, sua boca se abriu em um sorriso. – Sinto muito, detetive, mas acho que isso está acima da sua competência.

Eu me levantei muito rápido. Se a mesa não estivesse aparafusada ao chão, talvez eu a tivesse usado para prender Nicholson contra a parede oposta.

Mas Sampson chegou primeiro. Contornou a mesa como um raio e puxou a cadeira em que ele estava sentado. Nicholson caiu no chão como um peixe fisgado e começou a gritar:

– Minha perna! A porra da minha perna! Seus desgraçados! Vou processar vocês dois!

Sampson não pareceu dar ouvidos.

– Você sabe que existe pena de morte no estado da Virgínia, não sabe?

– Que porra é esta aqui? A prisão de Abu Ghraib? Saia de cima de mim! – Nicholson cerrou os dentes e esmurrou o chão. – Eu não matei ninguém!

– Mas sabe quem matou – gritei de volta.

– Se eu tivesse algo para dar em troca, vocês não acham que já teria usado? Me ajudem a levantar, seus idiotas! Me ajudem. Ei! *Ei!*

Em vez disso, nós fomos embora. E levamos as cadeiras.

capítulo 65

Quatro horas depois, sob o pretexto de "abrir o jogo" e nos contar o que sabia, mas, acima de tudo, para conseguir o melhor acordo possível, Nicholson nos ofereceu acesso a um cofre bancário em Washington. Disse que, dentro dele, havia evidências que poderiam nos ajudar. Eu tinha minhas dúvidas, mas decidi aceitar que meu progresso com ele seria com um passo de cada vez.

Deu um pouco de trabalho, mas na manhã seguinte Sampson e eu estávamos em frente ao Exeter Bank, em Connecticut, com toda a papelada necessária, uma chave que pegamos da mesa de Nicholson e duas maletas vazias, para o caso de haver mesmo evidências a serem coletadas.

Aquele não era um banco qualquer, a começar pelo fato de que precisávamos tocar um interfone e esperar do lado de fora até que alguém abrisse a porta. O lobby dava uma sensação de "proibido tocar"; não havia um só panfleto ou envelope de depósito à vista.

Da recepção, fomos conduzidos ao mezanino, composto de uma fileira de escritórios com paredes de vidro. Dentro de um deles, uma mulher colocou o telefone no gancho e se virou para nos olhar enquanto subíamos a escada.

Sampson sorriu e acenou para ela.

– Parece um filme de James Bond – falou entre dentes.

– Entre, Dr. Cross. Estávamos esperando o senhor.

Christine Currie, a gerente da agência, estava de fato nos esperando. Seus sorriso e aperto de mãos breves não foram muito calorosos, para se dizer o mínimo.

– Isso tudo é um pouco incomum para nós – disse ela. Seu sotaque era empolado e britânico, mais aristocrático que o de Nicholson. – Espero que possa ser feito com discrição. É possível, detetives?

– Naturalmente – garanti-lhe. Nós dois queríamos a mesma coisa: que eu e Sampson saíssemos dali o mais rápido possível.

Uma vez que a Sra. Currie se mostrou satisfeita com a nossa papelada e conferiu a assinatura de Nicholson em meia dúzia de documentos diferentes, ela nos levou até um elevador na parte de trás do mezanino. Entramos e começamos a descer, muito rápido.

– Vocês abrem contas sem taxas? – perguntou Sampson.

Eu apenas olhei para a frente, sem dizer uma só palavra. Ambientes pomposos às vezes o irritavam. Gente pomposa também. Mas o que realmente o tirava do sério eram bandidos, criminosos e quaisquer pessoas que os auxiliem e acobertem.

Saímos em uma pequena antessala. Havia um guarda armado diante da única porta e um funcionário engravatado numa mesa enorme. A Sra. Currie registrou pessoalmente nossa chegada e então nos levou direto para a caixa-forte.

O cofre de Nicholson, de número 1.655, ficava nos fundos e era um dos maiores que havia ali.

Depois de passarmos a chave na portinhola, a Sra. Currie retirou uma longa bandeja retangular, carregando-a em seguida até uma das saletas de inspeção em um corredor contíguo.

– Estarei aqui fora quando vocês acabarem – disse ela em um tom que soava como *Não demorem muito com isso*.

Não demoramos. Dentro da bandeja, encontramos três dúzias de discos, cada um dentro de sua própria capa de plástico e datado à mão com um marcador de CD preto. Havia também dois fichários de couro cheios de anotações, listas, endereços e dados contábeis manuscritos.

Poucos minutos depois, saímos com tudo aquilo em nossas maletas.

– Deus abençoe Tony Nicholson – falei para a impassível Sra. Currie.

capítulo 66

SAMPSON E EU PASSAMOS O resto da tarde enfurnados em meu escritório com dois laptops. Dedicamos nosso tempo a pesquisar e catalogar a vida sexual extraconjugal dos ricos e, na maioria dos casos, famosos. Para nossa surpresa, foi um trabalho bastante repetitivo, especialmente se levarmos em conta tudo que Tony Nicholson tinha a oferecer no clube.

O rol dos poderosos, no entanto, era uma surpresa atrás da outra. Pelo menos metade dos rostos era conhecida, o tipo de gente que você veria em uma cerimônia de posse presidencial. Na primeira fila.

Os clientes não eram só homens. Havia 20 deles para cada mulher, mas elas estavam presentes, incluindo uma ex-embaixadora dos Estados Unidos nas Nações Unidas.

Eu precisava manter em mente que cada uma daquelas pessoas era, pelo menos tecnicamente, suspeita de assassinato.

Criamos um registro, usando as datas que apareciam nas gravações. Para cada vídeo, anotávamos os nomes dos clientes que reconhecíamos e assinalávamos os que não conseguíamos identificar. Eu também anotava em que lugar do clube cada "cena" acontecia.

Meu maior interesse era o apartamento no galpão de carruagens, que passei a considerar uma espécie de marco zero de todo aquele sórdido quebra-cabeça.

– John, deixe-me ver o que você conseguiu até agora. Quero conferir uma coisa.

Havíamos feito todas as nossas anotações à mão, então dispus as páginas lado a lado e comecei a analisá-las.

– Aqui... aqui... aqui...

Todas as vezes que via que alguém tinha usado o apartamento, eu circulava a data com uma caneta vermelha, eliminando as demais entradas. Então voltei para conferir tudo o que havia circulado.

– Está vendo? Durante um tempo o apartamento dos fundos foi usado com bastante regularidade, então, há cerca de seis meses, eles pararam de usá-lo de uma hora para outra. Não houve mais nenhuma festa ali.

– E o que aconteceu seis meses atrás? – perguntou Sampson. A pergunta era retórica, uma vez que nós dois sabíamos a resposta.

Foi quando começaram os assassinatos.

Sendo assim... onde estava o restante dos discos de Nicholson?

capítulo 67

Depois do trabalho, comprei comida tailandesa na Rua 7 e levei para Bree no hospital. Não era o tipo de jantar romântico que ela merecia, mas qualquer coisa que não fosse bife e gelatina do refeitório já seria um grande avanço.

Parecia que ela estava levando a sério a ideia do escritório móvel, com seu laptop, uma pequena impressora e pastas de arquivo espalhadas no balcão nos fundos. O laptop estava aberto na Web MD, uma página de internet sobre saúde, e Bree estava fazendo anotações, compenetrada.

– Alguém aqui pediu curry panang e macarrão tailandês? – falei, da porta.

– Acho que fui eu – respondeu Bree.

Ela saiu do meio da sua parafernália e veio me receber com um beijo.

– Como vai a nossa garota? – perguntei.

– Ainda lutando. Ela é incrível, de verdade.

Tive a impressão de que Nana estava um pouco mais serena, porém, fora isso, parecia na mesma. A Dra. Englefield já havia nos alertado de não nos concentrarmos muitos nos detalhes. Você poderia enlouquecer se ficasse analisando cada pequena mudança, quando o mais importante era estar sempre presente e nunca perder as esperanças.

Enquanto eu desembalava a comida, Bree me contou como tinha sido o dia. A Dra. Englefield queria manter Nana com os betabloqueadores por enquanto. Seu coração continuava fraco, mas pelo menos havia se estabilizado. E eles iriam reduzir a diálise para três vezes ao dia.

– Há um novo médico residente, o Dr. Abingdon. Você deveria falar com ele – disse Bree. – Tenho o telefone dele aqui.

Troquei um prato de comida e uma garrafa d'água pelo número do telefone.

– Você está fazendo tanto por nós – falei.

– Isso é o mais próximo que eu já cheguei de ter uma família de verdade – rebateu ela. – Você sabe disso, não sabe?

Eu sabia. Quando Bree tinha apenas 5 anos, sua mãe morrera e seu pai nunca demonstrara muito interesse pelos filhos depois disso. Ela foi criada principalmente pelos primos e, desde que saiu de casa, aos 17 anos, nunca mais olhou para trás.

– Mesmo assim – insisti –, você não pode se afastar do trabalho por tempo indeterminado.

– Querido, escute. Detesto que isto esteja acontecendo. Não tem nada de bom nesta situação. Mas, enquanto ela durar, eu estarei exatamente onde quero estar. Fim de papo, o.k.? Não é um problema para mim.

Ela girou o garfo, fazendo um rolo de macarrão de arroz e levando-o à boca com um sorriso que eu não via fazia algum tempo.

– Além do mais, o que eles vão fazer no trabalho, me substituir? Sou boa demais para isso.

Não havia dúvidas quanto a isso.

Para ser franco, não sei se seria capaz de fazer tudo o que Bree estava fazendo. Talvez não seja tão generoso assim. Ela fazia com que eu me sentisse sortudo e incrivelmente grato. Eu nunca poderia agradecer-lhe à altura, mas Bree não parecia querer nada em troca.

Passamos o restante da noite com Nana, lendo em voz alta *Numa terra estranha*, um de seus livros favoritos. Então, por volta das dez horas, lhe demos um beijo de boa-noite e, pela primeira vez desde que aquilo acontecera, fui para casa dormir na minha própria cama. Bem ao lado de Bree, onde era o meu lugar.

capítulo 68

QUANDO NED MAHONEY ME LIGOU no dia seguinte falando que eu deveria encontrá-lo no jardim de esculturas do Museu Hirshhorn, não o questionei nem por um instante. Saí do escritório imediatamente e fui para lá.

A batida continua. Em marcha acelerada. O que Ned quer agora? O que será que descobriu?

Ele estava me esperando sentado em um dos muros baixos de cimento quando desci a rampa do lado do National Mall. Antes mesmo de eu alcançá-lo, ele se levantou e saiu andando. Quando cheguei ao seu lado, começou a me atualizar sem nem sequer dizer olá. Eu conhecia Mahoney bem o suficiente para entender quando deveria simplesmente ficar calado e ouvir.

Ao que parecia, o FBI já havia obtido uma intimação administrativa para quebrar o sigilo bancário de Tony Nicholson no exterior. Com isso, conseguiram uma lista completa de depósitos, com as contas de origem e os nomes de seus titulares, por meio de algo chamado programa Swift.

A sigla Swift significa Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication, ou Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Globais. Trata-se de uma cooperativa global com sede na Bélgica que rastreia algo em torno de seis trilhões de transações financeiras por dia. O banco de dados não inclui operações bancárias de rotina – eles não sabem necessariamente quando eu vou a um caixa eletrônico –, mas quase todo o resto está lá. O programa estava sendo alvo de todo tipo de verificação legal desde que viera a público que o governo dos Estados Unidos o estava utilizando para rastrear células terroristas depois do 11 de Setembro. No entanto, quaisquer que fossem os obstáculos, o FBI conseguira contorná-los.

– Se este caso fosse meu, eu seguiria os números – disse Mahoney, ainda me bombardeando com informações. – Começaria com os depositantes que transferiram as maiores quantias para a conta de Nicholson e iria descendo a

partir daí. Mas não sei quanto tempo ainda lhe resta, Alex. Esta coisa é inacreditavelmente quente. Tem algo de muito errado nesta história.

– O Bureau ainda não está investigando? Tem que estar, certo?

Era a primeira pergunta que eu fazia em cinco minutos de falação ininterrupta. Nunca tinha visto Mahoney tão frenético – e isso não é pouco, visto que ele geralmente é como uma serra elétrica regada a Red Bull.

– Sinceramente, não sei – respondeu ele, dando de ombros.

Enfiou as mãos nos bolsos e começamos a dar uma segunda volta pelo jardim subterrâneo.

– Algo está acontecendo, Alex, sem dúvida. Vou lhe dar um exemplo. Não entendo por que, mas o caso foi transferido para a sucursal de Charlottesville, que é uma agência satélite. Imagino que eles pretendam trabalhar com Richmond.

– Transferido? Isso não faz o menor sentido. Por que eles fariam isso?

Eu sabia por experiência própria que o FBI não transferia casos em andamento de um lado para outro sem motivo algum. Isso quase nunca acontecia. Podiam improvisar uma força-tarefa entre escritórios para cobrir uma área mais ampla, mas nada parecido com aquilo.

– Recebemos um comunicado do escritório do diretor-adjunto ontem e os arquivos foram transferidos *durante a noite*. Não sei quem é o novo agente especial encarregado, nem se existe algum. Ninguém falou comigo sobre este caso. Até onde eles sabem, sou apenas um cara que coordena um monte de agentes de campo. Eu nem deveria mais estar envolvido nisso. E, definitivamente, não deveria estar *aqui*.

Se possível, eu gostaria de acalmar um pouco Mahoney. Queria que ele falasse devagar o suficiente para que eu pudesse acompanhá-lo.

Ele parou em frente ao grande Rodin no jardim, pegou minha mão e a apertou de um jeito estranhamente formal.

– Tenho que ir.

– Ned, você está me assustando um pouco...

– Veja o que consegue fazer. Eu vou descobrir o que puder, mas não dependa do Bureau nesse meio-tempo. *Para nada.* Entendeu?

– Não, Ned, não entendi. E quanto a essa lista de bancos da qual você acabou de falar?

Ele já estava se afastando, subindo a escada de pedra em direção à Jefferson Drive.

– Não sei do que você está falando – disse ele por sobre o ombro, mas deu tapinhas no bolso do paletó ao dizer isso.

Esperei que ele fosse embora, então conferi meu bolso. Dentro dele, junto com minhas chaves, havia um pen drive preto e prateado.

capítulo 69

Ned poderia perder mais do que seu emprego por me entregar aquele tipo de informação confidencial. Ele também poderia ir para a cadeia. Eu precisava fazer o melhor possível com aquela lista, devia isso a ele. Então segui seu conselho e comecei do topo, com o maior de todos os "benfeitores" de Tony Nicholson.

Se, um mês antes, alguém tivesse me dito que o senador Marshall Yarrow, da Virgínia, estava envolvido num escândalo daqueles, eu teria levantado sérias dúvidas. O homem tinha muito a perder e não estou falando só de dinheiro – embora isso ele também tivesse muito.

Antes dos 50 anos Yarrow já era bilionário, tendo aproveitado a onda "ponto com" na década de 1990 e depois saído fora. Ele transformara parte de sua fortuna em uma fundação ao estilo Bill Gates, dirigida por sua esposa e concentrada em programas de saúde infantil nos Estados Unidos, na África e na Ásia Oriental. Depois aplicou toda essa boa vontade, além de outro montante de dinheiro, em uma campanha para o Senado que ninguém levou muito a sério – até ele vencer. Agora Yarrow estava no seu segundo mandato e não era segredo que já havia formado um comitê de sondagem extraoficial visando à próxima eleição presidencial.

De modo que, sim, ele tinha muito a perder, mas não seria o primeiro político de Washington a mandar tudo pelos ares por excesso de arrogância.

Depois de algumas ligações, descobri que Yarrow teria um almoço de negócios em seu escritório naquele dia, seguido por uma reunião à uma e meia, ambos no edifício do Senado. Isso significava que ele estaria no lobby da ala sudoeste logo antes do horário da reunião.

E foi neste horário e local que o interceptei.

Às 13h25, ele saiu do elevador com uma comitiva de assessores com ternos que transpiravam poder, todos falando ao mesmo tempo. Yarrow estava ao telefone.

Entrei em seu campo de visão, mostrando meu distintivo.

– Com licença, senador. Gostaria de um minuto do seu tempo.

A única mulher do grupo de assessores, uma jovem extraordinariamente loura, atraente, de 20 e tantos anos, se colocou entre nós dois.

– Em que posso ajudá-lo, policial?

– É detetive – rebati, mas sem descolar os olhos de Yarrow, que tinha pelo menos tapado o celular com a mão. – Só preciso fazer algumas perguntas ao senador. Estou investigando um caso importante de fraude de cartão de crédito na Virgínia. É possível que alguém ande usando os cartões do senador... num clube privativo em Culpeper.

Yarrow era muito bom. Ele nem sequer vacilou quando me referi ao Blacksmith Farms.

– Bem, desde que seja rápido – disse ele, relutante na medida certa. – Grace, diga ao senador Morehouse que não comece sem mim. Vocês podem ir andando. Deixem o detetive comigo. Não tem problema, Grace.

Poucos segundos depois, o senador e eu estávamos sozinhos, na medida do possível em um lugar como aquele. Até onde eu sabia, a cúpula de três andares acima de nós poderia carregar o som para qualquer lado.

– Então, de que cartão de crédito estamos falando? – perguntou ele com o rosto perfeitamente impassível.

Mantive a voz baixa:

– Senador, eu gostaria de lhe perguntar sobre as transferências no total de meio milhão de dólares que o senhor fez para uma determinada conta no exterior nos últimos seis meses. O senhor prefere conversar sobre isso em outro lugar?

– Sabe de uma coisa? – disse ele, sorrindo como se estivesse sendo entrevistado num programa de TV. – Acabei de me lembrar de uma pasta que preciso levar para essa reunião e já mandei meus assessores irem na frente. O senhor se importaria de me acompanhar?

capítulo 70

A PRIMEIRA COISA QUE NOTEI NO escritório de Marshall Yarrow foi a quantidade de fotos dele penduradas nas paredes. Parecia haver uma panelinha de pessoas "importantes" com as quais ele queria ser visto. Havia uma com a presidente e outra com o vice. Tiger Woods. Bono. Arnold Schwarzenegger. Bob Woodward. Robert Barnett. Yarrow era obviamente um homem bem relacionado e queria que todos que entrassem em seu escritório soubessem disso imediatamente.

O senador se encostou na beirada de uma imensa mesa embutida de cerejeira e fez questão de não me convidar a sentar.

Eu sabia que precisaria ser agressivo a princípio, mas agora queria descobrir o que poderia conseguir com um pouco de tato. Se Yarrow resolvesse levantar uma muralha de fogo, seria difícil contorná-la sem intimações.

– Senador, deixe-me começar tirando de questão qualquer associação que o senhor possa ter com aquele clube privativo. Não é por isso que estou aqui – falei. Isso não era totalmente verdadeiro, mas serviria por ora.

– Eu nunca disse estar associado a nenhum clube – retrucou ele. Foi um momento de muita coragem e frieza de sua parte, especialmente levando em conta as estripulias sexuais que eu o vira praticar em mais de uma das fitas de Nicholson.

Não forcei a barra.

– Tudo bem, mas o senhor deve saber que estou me concentrando em extorsão, não em favorecimento à prostituição.

– Por favor, não venha me oferecer algumas peças do quebra-cabeça e ocultar outras, detetive – falou Yarrow, ficando agressivo de repente. – Sou inteligente e ocupado demais para isso. O que *exatamente* o senhor pretende conseguir aqui?

– Boa pergunta e tenho uma resposta para ela. Quero que o senhor me diga se aquelas transferências bancárias são exatamente o que acho que são.

Houve um longo impasse; imagino que ele estivesse esperando que eu

piscasse.

Então finalmente disse:

– Certo, está bem, vamos esclarecer isso. Eu estive em Blacksmith Farms, mas apenas em busca de entretenimento. E *não* para mim mesmo. Estamos falando de convidados de fora da cidade, doadores, visitantes do Oriente Médio, esse tipo de coisa. Faz parte do trabalho, infelizmente.

Depois de uma pausa, ele prosseguiu:

– Eu os levo até lá, tomo um ou dois drinques e depois os deixo fazerem o que quiserem. Isso é tudo. Pode acreditar. – Ele ergueu a mão esquerda e balançou um dedo com uma aliança de ouro. – Não posso me dar ao luxo de irritar Barbara e muito menos todo o meu eleitorado. Não tenho nenhum envolvimento com prostituição. Nada que justifique chantagem. Fui claro?

Eu estava começando a ficar de saco cheio de ver as pessoas fingirem que nada daquilo estava acontecendo.

– Sinto muito, senador, mas tenho provas do contrário. Gravações em vídeo. O senhor tem certeza de que quer seguir por este caminho?

O senador Yarrow não titubeou nem por um instante. Lembrou-se até de pegar a pasta que supostamente esquecera no escritório.

– Bem, detetive, minha reunião começou há cinco minutos. Tenho um projeto de lei muito importante para defender hoje e, se não conseguir, ele não vai chegar a lugar nenhum. Se o senhor não tem nenhuma acusação contra mim, vou ter que pedir que me dê licença.

– Quanto tempo a reunião vai durar? – perguntei.

Ele retirou um cartão do bolso e o estendeu para mim, segurando-o entre dois dedos.

– Ligue para Grace. Nós arranjaremos um espaço na agenda para o senhor.

Eu conseguia sentir a muralha de fogo começando a subir, cada vez mais alto e mais rápido.

capítulo 71

Levei um pouco de música para o quarto de Nana naquela noite, um CD com vários artistas, muitos dos grandes nomes da época em que ela frequentava clubes com meu avô e seus amigos: Count Basie, Sarah Vaughan, Lena Horne e o próprio Sir Duke, o grande Mr. Ellington.

Coloquei o CD para tocar baixinho no laptop de Bree durante nossa visita.

Os cantores de jazz não eram as únicas vozes familiares no quarto. Eu também levara Jannie e Ali. Era a primeira noite que as enfermeiras permitiam que Ali entrasse. Ele ficou muito calado e comportado, sentado ao lado da cama de Nana. É um garoto tão bonzinho.

– Pra que serve isso, papai? – perguntou ele no tom de voz mais infantil que usa quando se sente um pouco nervoso e inseguro.

– Este é o monitor cardíaco. Está vendo aquelas linhas? Elas estão mostrando os batimentos cardíacos de Nana. Dá para ver que se estabilizaram agora.

– E aquele tubo ali?

– É assim que eles dão comida para Nana enquanto ela está em coma.

Então ele falou de repente:

– Eu queria que Nana voltasse logo pra casa. É a coisa que eu mais quero. Fico rezando por ela o dia inteiro.

– Você pode falar isso para ela, Ali. Nana está bem aqui. Se quiser dizer algo, vá em frente.

– Ela consegue me ouvir?

– Provavelmente. Acho que sim.

Pus sua mão sobre a de Nana e a minha por cima das duas.

– Pode falar – incentivei-o.

– Oi, Nana! – disse Ali, como se ela estivesse surda. Foi difícil conter o riso.

– Não precisa falar tão alto, parceiro – alertou Bree. – Mas gostei de ver o entusiasmo. Aposto que Nana conseguiu ouvir.

capítulo 72

Jannie foi mais reservada com a bisavó. Ela se movia um tanto sem jeito pelo quarto, como se não soubesse como deveria se comportar. Durante a maior parte do tempo ficou parada ao lado da porta, até que a chamei para perto.

– Venha cá, Janelle. Quero mostrar a você e Ali uma coisa interessante.

Ali se agarrou ao meu braço e Jannie veio olhar por cima do meu ombro. O espaço ao lado da cama era apertado, mas eu gostava do fato de estarmos daquele jeito, unidos, preparados para o que desse e viesse.

Eu vinha carregando comigo a fotografia que encontrara no apartamento de Caroline. Tirei-a da carteira.

– Olhem, estes aqui são Nana Mama, o seu tio Blake e eu. Em 1976. Vocês acreditam?

– Papai! Você está ridículo! – falou Jannie, apontando para o chapéu vermelho, branco e azul enfiado no meu penteado afro estilo anos 1970. – O que é *isso* na sua cabeça?

– É um chapéu de palha. Era o dia do Bicentenário, o aniversário de 200 anos dos Estados Unidos, e cerca de um milhão de pessoas estavam usando chapéus iguais na ocasião. Mas poucos ficaram tão elegantes.

– Nossa, que desastre! – Jannie soava ao mesmo tempo envergonhada e compadecida de seu pobre pai sem noção.

– Enfim – prossegui –, uns cinco minutos depois de tirarmos esta foto, um enorme carro alegórico dos Washington Redskins apareceu no desfile. Eles estavam jogando bolas de futebol americano em miniatura e Blake e eu ficamos enlouquecidos, tentando pegar uma. Corremos atrás do carro por vários quarteirões, sem pensar nem por um segundo na pobre Nana Mama. Então vocês já sabem o que aconteceu depois, não é?

Estava contando essa história para as crianças, mas também para Nana; como se estivéssemos em volta da mesa da cozinha e ela estivesse diante do fogão,

ouvindo às escondidas. Conseguia imaginá-la parada ali, mexendo algo gostoso e fingindo não estar prestando atenção, enquanto preparava uma tirada mordaz para mim.

– Ela levou horas para nos encontrar e, acreditem, quando nos achou... vocês nunca viram Nana tão nervosa. Nem de longe.

Ali olhou para Nana, tentando imaginar.

– Ela ficou muito nervosa? Quanto?

– Bem, você se lembra de quando ela desistiu da gente e saiu de casa por um tempo?

– Lembro.

– Mais nervosa que nesse dia. E lembra quando uma certa pessoa – falei, cutucando Ali nas costelas – saiu "dirigindo" o aspirador de pó escada abaixo e arranhou a madeira toda?

Ele entrou na brincadeira, deixando seu queixo cair.

– Mais nervosa do que isso?

– Dez vezes mais, rapazinho.

– O que aconteceu, papai? – perguntou Jannie.

A verdade era que Nana tinha nos dado tapas na cara, antes de nos abraçar até dizer chega e depois nos comprar dois algodões-doces vermelhos, brancos e azuis tão grandes quanto nossos cabelos black power. Nesse sentido, ela costumava ser bem antiquada. Não que eu tenha guardado rancor pelas vezes em que Nana me bateu. No nosso tempo, era assim que funcionava. Um jeito duro de amar, mas acho que deu certo para mim.

Peguei sua mão e olhei para ela, tão frágil e inerte na cama, como uma espécie de substituta da mulher que eu conhecia havia tanto tempo e amava tanto, possivelmente desde antes de conseguir me lembrar.

– Você garantiu que nós nunca mais fugíssemos daquele jeito, não foi, Regina?

Dois segundos antes, eu estava fazendo piadas. Agora me sentia desolado. Se tivesse que adivinhar, diria que estava sentindo em grande parte as mesmas emoções que Nana sentira naquele dia, antes de encontrar Blake e eu sãos e salvos.

Eu me sentia assustado e desesperado, provavelmente por estar exausto de tanto combater as terríveis hipóteses que rondavam minha cabeça. Acima de tudo, queria ver nossa família reunida, da maneira que deveria ser, como sempre

tinha sido.

Mas duvidava que isso fosse acontecer e ainda não conseguia aceitar esse fato. Talvez jamais conseguisse.

Não nos abandone, Nana.

capítulo 73

A MANHÃ SEGUINTE COMEÇOU CEDO – cedo demais para a maioria dos outros detetives no caso. Eu tinha uma lista de nomes retirada dos diários no cofre de Nicholson, e Sampson confirmara os endereços atuais de 22 acompanhantes que, em algum momento, haviam trabalhado no clube na Virgínia.

A partir das oito, enviei cinco equipes compostas de dois oficiais uniformizados para que trouxessem o maior número de acompanhantes listadas que conseguissem encontrar.

Em tese, estávamos atrás de pessoas que trocavam o dia pela noite. A primeira hora da manhã parecia ser uma boa aposta. Queria falar com o máximo possível delas antes que o boca a boca começasse a embaralhar as coisas e deixasse essa investigação ainda mais difícil.

Sampson havia cobrado um favor de nossa amiga Mary Ann Pontano, da Unidade de Combate à Prostituição. Ela havia conseguido que usássemos o escritório que eles dividiam com a Divisão de Narcóticos na Rua 3 e Mary Ann também estaria presente durante algumas entrevistas. Eu queria ter uma mulher branca do nosso lado da mesa, pois aquelas garotas de programa eram quase todas brancas.

Às 10 horas, já havíamos trazido 15 das 22 acompanhantes listadas, um número impressionante.

Eu as espalhei em cada sala de reuniões e de interrogatório, cubículo e corredor disponível. Duvido que tenha feito algum novo amigo na Divisão de Narcóticos naquela manhã. Que pena. Não me importava nem um pouco se estava sendo inconveniente.

O lugar era um verdadeiro zoológico, incluindo os quatro oficiais extras que mantive de plantão para evitar que alguém fugisse. Mandei que o restante da equipe fosse procurar as garotas que não tinham sido encontradas. A possibilidade de que algumas delas nunca o fossem era algo com que eu teria que

me preocupar mais tarde.

Os interrogatórios começaram devagar. Nenhuma daquelas lindas mulheres confiava em nós e eu não podia culpá-las por isso. Não poupamos detalhes sobre o assassinato de Caroline ou sobre a possibilidade de haver outros casos como aquele. Queria que aquelas jovens percebessem o tipo de perigo que estavam correndo trabalhando para Nicholson ou para qualquer um no ramo da prostituição. Qualquer coisa que as fizesse falar conosco.

Algumas das mulheres logo admitiram reconhecer Caroline ao ver a fotografia. Ela era chamada de Nicole quando trabalhava no clube, o que, ao que tudo indicava, não era frequente. Ela era "legal" e "discreta". Em outras palavras, não me disseram nada que eu pudesse usar para encontrar seu assassino.

Em vez de almoçar, fui dar uma volta pelo quarteirão para clarear as ideias, mas não adiantou muito. Será que estava perdendo meu tempo? Fazendo as perguntas erradas? Não seria melhor simplesmente liberar as garotas e tentar salvar a tarde fazendo outra coisa?

Este era o meu problema clássico: eu nunca sabia quando parar, porque parar sempre me parecia o mesmo que desistir. E eu ainda não estava preparado para isso. Para começo de conversa, a lembrança dos "restos" de Caroline ainda estava vívida na minha cabeça. Temia que várias outras tivessem morrido daquela mesma maneira terrível.

Estava voltando pela Rua 3, sentindo-me tão mal quanto antes, quando meu celular tocou. Mary Ann Pontano foi o nome que apareceu no identificador de chamadas.

– Estou na rua – falei ao atender. – Tentando clarear as ideias... se é que isso é possível. Dando uma caminhada.

– O único lugar em que eu não procurei – disse ela. – É melhor voltar para cá e falar novamente com aquela garota, Lauren.

Comecei a andar mais rápido.

– Ruiva, casaco de lã vermelho?

– Essa mesma, Alex. Parece que a memória dela está voltando. Tem algumas coisas interessantes a dizer sobre uma das garotas desaparecidas, Katherine Tennancour.

capítulo 74

COMO TODAS AS OUTRAS GAROTAS que havíamos trazido naquele dia, Lauren Inslee era esguia, sensual e absolutamente deslumbrante. Tinha sido modelo em Nova York e Miami, se formara pela Universidade Estadual da Flórida e trabalhara como acompanhante para homens com preferência pelo tipo "animadora de torcida sapeca". Nicholson obviamente tinha vários tipos de gostos a satisfazer, mas, em geral, sua estética se resumia à palavra "caro".

– Katherine está morta, não está? – Essa foi a primeira coisa que Lauren perguntou quando me sentei diante dela. – Ninguém me conta nada. Vocês querem que *a gente* fale, mas não dizem uma palavra sobre o que aconteceu.

– Porque não sabemos de nada, Lauren. É por isso que estamos falando com vocês.

– O.k., mas o que vocês *acham*? Não quero parecer mórbida. Quero apenas saber. Ela era minha amiga, uma garota da Flórida como eu. Pretendia ser advogada. Tinha sido aceita na Stetson, que é uma ótima universidade.

Enquanto falava, Lauren mexia incessantemente num guardanapo de papel, fazendo-o em pedacinhos. Uma fatia de pizza que havíamos trazido continuava intocada no prato ao lado dos restos de papel. Eu acreditava que tudo o que ela queria ouvir era a verdade. Então decidi contá-la a ela:

– O relatório da polícia diz que não há indícios de que ela tenha feito as malas no seu apartamento. Levando em conta o tempo que já passou... sim, é provável que ela não vá voltar.

– Oh, meu Deus. – A garota desviou o olhar, lutando contra as lágrimas, abraçando o próprio corpo com força.

A cada segundo que passava, aquele lugar ficava mais deprimente. Estávamos em uma das maiores salas de interrogatório. As paredes eram cobertas de grafites e marcas de guimbas de cigarros amassadas por anos a fio se espalhavam pelo chão.

– A detetive Pontano disse que você mencionou algo sobre um cliente específico no Blacksmith? E talvez sobre Katherine. Lauren, me fale sobre esse cliente.

– Não sei – disse ela. – Talvez. Quero dizer, eu sei o que Katherine me contou. Mas aquele lugar era um poço de fofocas.

Mantive minha voz o mais controlada e tranquilizadora possível:

– O que ela lhe contou, Lauren? Não vamos prender você por nada que disser aqui. Pode acreditar em mim. Este é um caso de homicídio muito importante. Não estou interessado em enquadrar ninguém por prostituição.

– Ela me disse que tinha uma festa particular com alguém. Ela o chamou de Zeus. Essa foi a última vez que falei com Katherine.

Anotei o nome. *Zeus?*

– Isso é algum tipo de apelido? Ou era o código de Katherine para o cliente?

Ela secou os olhos.

– Um apelido. Quase todos os clientes usam pseudônimos. Sr. Shakespeare, Pigskin, Dirty Harry, o que for da preferência deles. É claro que, no fim das contas, a gente ficava cara a cara com eles. Mas pelo menos seu nome verdadeiro não está anotado em nenhum lugar. Acredite, é mais seguro para todos assim.

– É claro – falei, assentindo. – Então, Lauren, você sabe quem é Zeus? Tem alguma ideia?

– Não sei. Sinceramente. É isso que estou tentando dizer. *Supostamente*, ele tem algo a ver com o governo, mas, por outro lado, Katherine podia ser muito ingênua. Não dei muita atenção quando ela me contou isso.

Minha mente estava acelerada.

– Como assim ingênua? Você poderia explicar isso melhor? O que quer dizer?

Lauren se recostou e passou as duas mãos pelo cabelo, afastando-o do rosto. Tive a impressão de que falar sobre Katherine era um alívio para ela, e para mim também.

– Tem uma coisa que o senhor precisa entender – disse ela, inclinando-se mais para perto. – Os clientes mentem sobre suas profissões o tempo todo. É como se acreditassem que, se achássemos que são mais importantes do que são de verdade, nos esforçaríamos mais, faríamos sexo anal ou realizaríamos qualquer uma de suas fantasias malucas. Então eu nunca acredito em metade do que dizem. Na verdade, simplesmente parto do princípio de que todos os que falam

sobre suas vidas *estão* mentindo. Os homens poderosos de verdade? Esses não contam nada a ninguém.

– E Zeus?

– Para ser sincera, nem sei se ele existe. É só um nome. O nome de um deus grego, não é? *Grego?* Será que isso é uma pista? A preferência sexual dele?

capítulo 75

NUNCA CHEGUEI A TIRAR MINHAS próprias conclusões sobre a história de Lauren – porque, na manhã seguinte, recebi tudo de bandeja.

Estava abastecendo meu carro alugado em um posto perto de casa, na Rua L, pensando em quanto sentia falta do meu próprio carro. Ele estava na oficina para trocar o para-brisa depois do tiroteio em Alexandria e eu o queria de volta – *pra ontem*. Nada pode substituir a familiaridade, a boa e velha zona de conforto, nem que seja apenas o porta-copos no exato lugar que sua mão alcança.

Quando o celular tocou, o identificador de chamadas indicou número confidencial, mas eu vinha atendendo qualquer ligação desde que Nana havia sido internada. Nem pensava duas vezes.

– Dr. Cross? – Era uma voz de mulher, um pouco formal, ninguém que eu conhecesse. – Por favor, aguarde que o chefe de gabinete da Casa Branca vai falar com o senhor.

Antes que eu pudesse responder, fui colocado na espera. Fiquei pasmo, não só pela ligação em si, mas pelo timing dela. *O que estava acontecendo? E essa agora? A Casa Branca me telefonando? Aquilo era sério?*

Gabriel Reese não demorou muito para entrar na linha. Reconheci sua voz na mesma hora, provavelmente de tanto vê-lo no noticiário e em alguns programas matinais de domingo.

– Olá, detetive, como vai o senhor? – começou ele em tom bastante animado.

– Isso depende, Sr. Reese. Posso saber como conseguiu o meu número?

Ele não respondeu, naturalmente.

– Gostaria de me encontrar com o senhor o quanto antes. Aqui no meu escritório seria o ideal. Estou com a agenda toda liberada. Quando o senhor estaria disponível?

Pensei em Ned Mahoney e em como ele me parecera agitado da última vez que havíamos nos encontrado, paranoico quanto à possibilidade de as

informações sobre a investigação vazarem. Bem, parece que ele tinha razão.

– Desculpe-me, Sr. Reese, mas do que se trata? Posso pelo menos lhe perguntar isso?

Houve uma pausa do outro lado da linha, calculada talvez, mas eu não podia ter certeza. Então Reese falou:

– Acho que o senhor já sabe.

Bem, eu sabia mesmo.

– Posso chegar aí em 15 minutos – falei.

Reese me surpreendeu novamente:

– Não. Diga-me onde o senhor está. Nós vamos buscá-lo.

capítulo 76

Um carro oficial com um motorista militar chegou ao local onde eu estava em poucos minutos. O motorista me seguiu até um estacionamento próximo, esperou e então me levou até a Casa Branca.

Entramos pelo Portão de Visitantes Noroeste, junto à Pennsylvania Avenue. Tive que mostrar minha identificação duas vezes, primeiro para a sentinela no portão e depois para o guarda armado que me recebeu na rotatória da Ala Oeste. A partir dali, um agente do Serviço Secreto me conduziu diretamente pela entrada mais próxima ao Jardim de Rosas.

Eu já havia estado na Casa Branca vezes bastantes para saber que estava fazendo o trajeto rápido, indo direto para o escritório do chefe de gabinete.

Também entendi que eles não queriam que minha visita chamasse atenção, por isso a escolta.

Gabriel Reese tinha fama de ser só um fanfarrão, mas possuía um tipo de poder secreto ali dentro. Ele e a presidente Vance estavam juntos havia anos. Mais de um especialista já dissera que ele era o verdadeiro vice-presidente. O que para mim significava que ou Reese convocara aquela reunião por conta própria ou a pedido da presidente. Eu não gostava de nenhuma das duas hipóteses.

O agente do Serviço Secreto me conduziu até a dona da voz que eu tinha ouvido antes ao telefone. Ela me ofereceu café, que eu recusei, então me levou direto ao encontro de Gabriel Reese.

– Detetive Cross, obrigado por ter vindo. – Ele apertou minha mão e fez um gesto para que eu me sentasse em uma das cadeiras de braços altos. – Sinto muito por sua sobrinha. Deve ter sido um choque terrível. Não posso sequer imaginar.

– Foi mesmo, obrigado – falei. – Mas devo confessar que estou um pouco desconfortável com a quantidade de informação que o senhor parece ter sobre este caso.

Ele fez um ar surpreso.

– Seria muito mais estranho se eu não tivesse. O trabalho do Serviço Secreto é saber qualquer coisa relacionada à Casa Branca.

Tentei esconder meu espanto. *O que o homicídio que eu estava investigando tinha a ver com a Casa Branca? O que estava acontecendo?*

– Sendo assim, imagino que deveria me encontrar com eles – falei. – Com o Serviço Secreto.

– Uma coisa de cada vez – retrucou Reese.

Está certo, isso era o máximo que meus nervos conseguiriam aguentar, de qualquer maneira.

Não havia agressividade alguma nos modos de Reese. Ele parecia apenas muito seguro de si. Na verdade, parecia mais jovem pessoalmente, até um pouco mauricinho, com uma camisa social abotoada até o colarinho e uma gravata conservadora. Só de vê-lo você nunca imaginaria que suas impressões digitais estavam espalhadas pela política norte-americana em todo o mundo.

– Por enquanto – prosseguiu ele –, eu gostaria de saber como está indo a investigação. Quero que me atualize quanto a sua perspectiva da situação, o que descobriu até o momento.

Aquela conversa estava ficando cada vez mais estranha.

– Ela está indo muito bem, obrigado.

– O que quero dizer...

– Acho que sei o que o senhor quer dizer. Mas, com todo o respeito, Sr. Reese, eu não estou subordinado à Casa Branca. – *Pelo menos não por enquanto*.

– Entendo. O senhor tem razão, é claro. Toda a razão. Desculpe-me se reagi de forma exagerada.

Eu já havia ido mais longe do que pretendia, mas Reese também. Decidi continuar na ofensiva.

– O senhor já ouviu o nome Zeus relacionado a esse assunto? – perguntei.

Ele refletiu sobre a pergunta por um instante.

– Não que eu me lembre. E creio que não me esqueceria de um nome como Zeus.

Tinha quase certeza de que ele estava mentindo, o que me fez pensar em algo que Lauren Inslee dissera sobre seus clientes: por que alguém como Reese ao menos se daria o trabalho de responder à minha pergunta, *exceto* para mentir?

Quando o telefone em sua mesa tocou, ele o atendeu de imediato. Ficou me

observando enquanto ouvia, então se levantou assim que desligou.

– O senhor me daria licença por um instante? Sinto muito. Sei que é um homem ocupado.

Enquanto ele saía do escritório, um agente do Serviço Secreto entrou pela porta aberta e se postou com as costas viradas para mim. Não pude deixar de imaginar o que aconteceria se eu tentasse ir embora. Em vez disso, fiquei simplesmente sentado ali, tentando colocar a cabeça em ordem. Por que o chefe de gabinete da Casa Branca estava envolvido no meu caso? Como?

Em instantes, vozes surgiram do lado de fora, apenas um murmúrio que eu não conseguia entender de onde estava sentado.

O agente parado diante da porta saiu e outro tomou seu lugar. Ele entrou e correu os olhos pelo escritório. Seu olhar passou por mim sem se deter, como o fez pelo restante da mobília.

Então ele se afastou para dar passagem à presidente, que entrou sorrindo.

– Alex Cross, já ouvi falar muito sobre o senhor. E só coisas boas – disse ela.

capítulo 77

A PRESIDENTE TRANSMITIA UMA ENERGIA TOTALMENTE diferente da de Reese. A maneira como ela apertou minha mão e se sentou no sofá de couro acolchoado, em vez de atrás da mesa, foi quase amistosa. Não que isso tenha ajudado a me tranquilizar.

– Eu li o seu livro – disse-me ela. – Anos atrás, mas me lembro muito bem. Muito interessante. E também bastante assustador, por ser tudo verdade.

– Obrigado, senhora presidente.

Eu admirava Margaret Vance. Ela havia se esforçado muito para fomentar o diálogo entre democratas e republicanos. Ela e seu marido, Theodore Vance, eram pessoas poderosas não só em Washington, mas em todo o mundo. Em condições normais, eu teria gostado de trabalhar com ela. Mas as condições definitivamente não eram nada normais.

– Eu gostaria de lhe pedir um favor, Dr. Cross. – Ela assentiu para o agente, despachando-o, e eu esperei que ele fechasse a porta.

– Relacionado à minha investigação?

– Exatamente. Creio que o senhor concorde que é importante garantir que os desdobramentos deste caso não ponham em risco pessoas inocentes, a segurança do país ou mesmo as operações cotidianas de nosso governo. Alegações podem ser tão nocivas quanto acusações se vierem à tona da maneira errada. O senhor sabe disso, naturalmente.

– Sim – concordei. – Tenho alguma experiência no assunto.

– Então consegue entender como esta situação é delicada. – Ela estava falando cada vez mais para mim do que comigo e parecia pensar que já estava tudo acertado entre nós. – Gostaria que o senhor conhecesse um de nossos principais agentes, Dan Cormorant, que o atualizasse e deixasse o caso aos cuidados dele.

– Creio que não estou em posição de fazer isso – disse a ela. – Por vários motivos.

– Isso não vai ser um problema. A divisão uniformizada do Serviço Secreto

tem a mesma autoridade legal que a Polícia Metropolitana.

Eu assenti.

– Dentro dos limites da cidade, sim.

Pelo modo como a presidente prosseguiu, era como se eu nem sequer estivesse falando.

– E, naturalmente, todos os recursos de campo que qualquer investigação possa vir a necessitar. Temos os melhores agentes do mundo a nosso serviço. – Ela se deteve e me encarou por sobre os óculos. – Com exceção do meu convidado, é claro.

Ora, ora, ora. É uma sensação verdadeiramente diferente ter a líder do mundo livre puxando seu saco. Pena que não pude aproveitá-la por mais que alguns segundos. Eu tenho uma bússola interna bastante precisa e, pelo que via, ela estava me mandando na direção de um precipício do qual eu nunca mais conseguiria voltar.

– Presidente Vance – falei. Meu coração podia estar esmurrando o peito, mas minha mente continuava clara. – Eu gostaria de levar tudo o que a senhora disse em consideração e responder em no máximo 24 horas, por escrito ou pessoalmente, como a senhora preferir.

Ela não tentou esconder como se sentiu diante disso. Um par de linhas surgiu em volta da sua boca como dois parênteses.

– Não estou aqui para negociar, Dr. Cross. Esta reunião é uma cortesia, uma cortesia extraordinária, por sinal. Imaginei que um homem como o senhor preferiria que não passassem por cima dele. Obviamente, eu me enganei. – Ela se levantou e eu fiz o mesmo. – Para ser franca, estou surpresa. Fui informada de que o senhor era um homem inteligente e patriota.

– Um patriota em uma posição muito difícil no momento, senhora presidente.

Vance não tornou a se dirigir a mim depois disso. A última vez que ouvi sua voz foi quando ela falou com o agente do outro lado da porta ao sair.

– Acompanhe o Dr. Cross até a saída. Já terminamos aqui.

PARTE QUATRO

QUEIMANDO A CASA

capítulo 78

O MISTÉRIO QUE RONDAVA AQUELE ASSASSINATO estava se tornando uma espécie de praga, espalhando-se e contaminando todos que entravam em contato com ele, como se fosse um vírus mortal.

Adam Petoskey se sentou de repente no sofá, onde havia esticado seu corpo de 1,63m de altura. Seu coração batia forte no peito. Algo além de um pesadelo apavorante o havia despertado, embora também viesse tendo muitos deles ultimamente.

O que houve?

O que foi agora?

Seu apartamento estava escuro, exceto pela luz da TV. Ele estava assistindo a *The Daily Show* quando pegou no sono, encontrando consolo no humor peculiar de Jon Stewart.

Agora havia um comercial no ar, pessoas rindo e gritando sobre alguma porcaria para perder peso. Talvez tivesse sido isso que o acordara.

A paranoia havia se tornado sua companheira nos últimos dias e ela era de lascar. Havia uma semana que ele não saía do apartamento. Literalmente. Os telefones estavam desconectados, as cortinas permaneciam fechadas o tempo todo e o lixo se empilhava ao lado da porta dos fundos – desde que ele a fechara com pregos naquela primeira noite em que não conseguiu dormir um segundo sequer.

Adam Petoskey sabia de certas coisas – coisas que ele desejava com todas as forças não saber.

Trabalhar para Tony Nicholson e sua namorada, Mara, maquiando a contabilidade e fazendo vista grossa, tinha sido muito ruim. Mas, no fim das contas, não trabalhar para ele, não ter nenhuma notícia sua, era pior ainda.

Como naquela noite, por exemplo. Ele se levantou do sofá, ainda um pouco trêmulo.

No meio do caminho até a cozinha, parou. Pela centésima vez naquela semana, teve quase certeza de que havia alguém atrás dele.

Então, antes que pudesse sequer virar para trás, notou que *havia alguém ali.*

Um braço forte envolveu seu pescoço e o puxou até seus pés quase saírem do chão. Uma fita adesiva foi colada em sua boca. Pôde senti-la se rasgar na nuca, colar-se e ficar apertada.

– Não resista, Sr. Petoskey. Se lutar, vai perder e acabar morto.

Um dedo firme pressionou o ponto entre suas omoplatas, empurrando-o em direção à porta do quarto.

– Vamos. Por aqui, meu amigo.

O cérebro de Petoskey se contorceu. Afinal de contas, ele era um homem dos números. Conseguia calcular equações e probabilidades como uma máquina e, naquele instante, todo seu conhecimento mandava-o obedecer àquele homem. Era até um estranho tipo de alívio, seguir as ordens de alguém depois de sete dias de solidão naquele buraco.

No quarto, o homem acendeu a luz. Petoskey não o reconheceu – era alto, branco, com cabelos escuros ficando grisalhos. Sua arma tinha uma daquelas extensões na ponta, um silenciador, a julgar pelos que apareciam na TV.

– Faça uma mala – disse ele. – Não se esqueça de nada. Roupas, carteira, passaporte, tudo o que precisar para uma viagem longa.

Petoskey não hesitou, mas uma série de novas perguntas invadiu sua mente enquanto ele começava a arrumar suas coisas. Para onde iria? Que tipo de viagem longa iria fazer? E como poderia convencer quem quer que fosse da verdade, que ele não tinha a menor intenção de contar a ninguém o que sabia?

Uma coisa de cada vez, Petoskey. Roupas, carteira, passaporte...

– Agora vá para o banheiro – disse o homem. – Pegue tudo o que precisar de lá.

Certo, pensou ele, atendo-se à tarefa em questão. *Não se esqueça de nada. Escova de dentes, pasta de dentes, barbeador... camisinhas? Claro. Por que não ser otimista?*

O banheiro principal era minúsculo, mal havia espaço para ficar de pé entre a pia, a privada e o chuveiro.

Petoskey abriu o armário de remédios, mas então sentiu outra cutucada entre as omoplatas.

– Entre na banheira e deite-se.

Aquilo não fazia sentido, mas nada fazia àquela altura. Ele seria amarrado na banheira? Roubado? Deixado ali, no fim das contas?

– Não – disse o homem. – De bruços, com a cabeça virada para o ralo.

E, de repente, tudo ficou terrivelmente claro. Pela primeira vez, Petoskey gritou, ouvindo como sua voz era insignificante por trás da fita adesiva. Era isso. Não tinha mais jeito. Naquela noite, ele desapareceria para sempre.

Petoskey sabia demais – os nomes famosos, todos os seus segredos sujos.

capítulo 79

O NÚMERO DE PESSOAS COM AS quais eu podia falar sobre aquele caso era cada vez menor. Para minha sorte, Nana ainda era uma delas.

Durante algum tempo evitei falar no assunto com ela. De alguma forma, me parecia errado levar ainda mais estresse para seu quarto de hospital. Mas, com o passar dos dias e à medida que minhas visitas assumiam um certo ar de normalidade, comecei a perceber uma coisa. Se Nana estivesse acordada durante todo aquele tempo, teria perguntado sobre o caso de Caroline todos os dias. Eu não tinha a menor dúvida disso.

Então, deixei de sonegar informações.

– Não está indo nada bem, velhota. O caso de Caroline – contei-lhe naquela noite. – Para ser sincero, não sei o que fazer. Nunca estive numa situação como esta na vida. Não que eu me lembre, pelo menos.

Depois de uma pausa, prossegui:

– Ramon Davies está prestes a me afastar da investigação. O FBI está vindo com tudo e agora nem sei mais em que pé ela está. Para completar, ainda tenho a Casa Branca atrás de mim, acredite se quiser. *Pode acreditar.* E esses eram para ser os mocinhos da história, Nana. Sei lá. Está cada vez mais difícil saber a diferença. É como dizem: você pode amar este país e odiar nosso governo.

O quarto estava silencioso, como sempre. Sempre que estava ali, eu mantinha o volume do monitor cardíaco baixo, então os únicos sons além da minha voz vinham do respirador e de um ou outro trecho de conversa no posto de enfermagem no final do corredor.

O quadro de Nana continuava igual, mas ela parecia mais doente para mim. Menor, mais abatida, mais distante. Era como se tudo na minha vida estivesse degringolando ultimamente.

– Não sei para onde ir desta vez. De um jeito ou de outro, a coisa vai vazar e, quando isso acontecer, vai ser grave. Tão grave quanto Watergate, velhota. Vai

haver audiências e mentiras e provavelmente ninguém nunca vai saber o que aconteceu de verdade... mas tenho a sensação de que sou a única pessoa disposta a abrir essa porta. Eu quero saber. Preciso saber.

Tinha outra coisa sobre o silêncio. Nele, eu podia ouvir Nana conversando comigo.

Pobre Alex. Um exército de um homem só, não é? O que mais você tem?

Não era uma pergunta retórica. Ela queria mesmo saber. Então refleti um pouco a respeito... Eu tinha Sampson do meu lado. E Bree, é claro. Tinha Ned Mahoney... em algum lugar lá fora.

E tinha mais uma ideia para dias ruins que vinha postergando. Era o tipo de coisa que, depois de começada, não podia ser desfeita. Mas, por outro lado, não achava que a situação fosse ficar pior do que já estava.

Passei as mãos pela beirada da cama e as coloquei sobre as de Nana. Coisas como o toque haviam se tornado mais importantes do que nunca para mim – qualquer forma de me conectar com ela, pelo máximo de tempo possível.

O respirador chiou. Alguém riu no corredor.

– Obrigado, velhota – falei. – Onde quer que você esteja.

Por nada, disse-me ela de alguma forma e nós deixamos por isso mesmo. Como sempre, a última palavra era de Nana.

capítulo 80

E AS PESSOAS CONTINUAVAM MORRENDO. QUALQUER um que soubesse de alguma coisa estava correndo risco.

Eu estava a mais de 3 mil quilômetros da Virgínia, na ilha de Trinidad, mais especificamente na casa azul-clara em que Esther Walcott tinha sido criada, nas cercanias da capital, Port of Spain. Foi para lá que ela fugira depois da batida no clube do Sr. Nicholson.

Sua mãe e seu pai a haviam recebido de braços abertos e, o que era mais importante, não tinham feito perguntas sobre sua vida nos Estados Unidos, que ela abandonara tão de repente.

Dois anos como anfitriã e "caça-talentos" para o clube na Virgínia tinham lhe rendido no mínimo uma bela conta bancária e ela pretendia investir o dinheiro em um salão de beleza, talvez até mesmo algo no Westmall, como ela sempre havia sonhado quando criança. Parecia a maneira perfeita de recomeçar sua vida.

Mas, quando acordou naquela terceira noite com a mão de um homem pressionada com força contra a sua boca e ouviu o sotaque americano dele, Esther soube que deveria ter ido para mais longe.

– Se olhar para mim uma só vez, vou matar todo mundo na casa. *Todo mundo.* Está me entendendo, Esther? Responda com a cabeça.

Era quase impossível não gritar. Sua respiração estava acelerada, saindo em arquejos agudos, mas ela conseguiu assentir.

– Boa garota. Esperta. Como costumava ser naquele clube nos Estados Unidos. Onde está sua mala? – Ela apontou para o closet. – O.k. Agora quero que você se sente, bem devagar.

Ele a sentou na cama e colocou um pedaço de fita adesiva em sua boca antes de soltá-la. Fazia 24 graus lá fora, mas ela tremia como se estivesse abaixo de zero. O toque das mãos ásperas do homem em sua barriga e nos seios fazia com que ela se sentisse praticamente nua. E vulnerável. E triste.

Quando uma luz surgiu debaixo de sua porta, o coração de Esther saltou no peito, enchendo-a primeiro de esperança, depois de medo. *Alguém estava vindo*!

O invasor virou-se para ela na penumbra e levou um dedo aos lábios, lembrando-lhe o que estava em jogo. Sua família.

Logo em seguida, ouviu-se uma batida de leve.

– Esther?

Era a voz de sua mãe. Aquilo foi mais do que ela podia suportar. Ela jogou sua mão direita para cima e arrancou a fita da boca.

– Corra, mamãe! O homem está com uma arma! Corra!

Em vez disso, a porta do quarto foi escancarada. Por um instante, Esther viu o vulto de sua mãe recortado contra a luz do corredor.

Ouviu-se um estalo baixinho, nada parecido com um tiro comum, mas Miranda Walcott levou a mão ao peito e desabou no chão sem dizer mais nada.

Então Esther começou a gritar – e não poderia ter evitado, mesmo que quisesse. A próxima coisa que ouviu foi a voz de seu pai, se aproximando. Ele estava correndo!

– *Esther? Miranda?* – gritou ele.

O invasor saiu do seu lado, indo em direção à porta, e ela se jogou atrás dele, tentando pelo menos agarrar seus tornozelos, derrubá-lo de alguma forma.

Em vez disso, ela caiu no chão e ouviu novamente aquele estalo terrível.

Algo se estilhaçou no corredor e seu pobre pai se chocou contra a parede.

Fagulhas de luz branca brincaram nos cantos da visão de Esther e o quarto rodopiou enquanto ela tornava a subir na cama. Com as duas mãos, empurrou e arrancou a unhadas a tela que cobria a janela.

Os arbustos de sálvia negra lá embaixo não ficavam a uma grande distância e ela estava mais fora do que dentro do quarto quando mãos fortes agarraram seus tornozelos e começaram a puxar. Seu corpo raspou com força no parapeito de madeira quando ela deslizou na direção oposta.

Esther gritou mais uma vez, sabendo que os vizinhos a ouviriam, mas sabendo também que era tarde demais para fazer alguma diferença.

Eles iriam matar todos que soubessem de qualquer coisa.

E todos que estivessem no caminho.

capítulo 81

DAMON TINHA VINDO PASSAR O fim de semana em casa, o que era uma ótima notícia para todos. Eu havia comprado sua passagem e lhe pedido que viesse, em parte por causa de Nana, em parte porque tudo aquilo fazia com que sentíssemos mais falta dele do que nunca.

Enfim, eu queria todos os meus filhos juntos num só lugar, mesmo que fosse apenas por alguns dias.

Começamos com um jantar de boas-vindas para Damon, que incluía vários de seus pratos favoritos: salada Caesar para todos, com anchovas para mim; carne moída da Nana servida em cumbucas de pão azedo que os dois caçulas tinham raspado; e o pão doce de Jannie para sobremesa. Era a primeira vez que ela fazia a receita sozinha, sem a ajuda de Nana. Tudo naquela visita de Damon era feliz e triste ao mesmo tempo.

Era interessante ver as mudanças na casa do ponto de vista de Damon. Jannie, Ali e eu tínhamos nos acostumado com Bree coordenando os horários, ajudando com os deveres de casa e servindo as refeições. Para Damon, no entanto, tudo aquilo era novidade. Na maioria das vezes, ele se limitava a dizer um monte de "obrigados", pelos quais Bree ficava muito grata.

Esperei que ele terminasse de contar tudo sobre a vida na Cushing Academy enquanto aproveitávamos nossa refeição juntos antes de falar sobre Nana Mama.

– Vamos conversar sobre Nana – disse por fim.

Jannie suspirou. Embora se mantivesse mais informada do que todos, acredito que, emocionalmente, fosse mais difícil para ela do que para qualquer um de nós. Ela e Nana eram incrivelmente próximas; faziam tudo juntas desde que Jannie era bebê.

– O que você quer dizer, papai? – perguntou Damon. – Todos nós sabemos o que está acontecendo. Não é?

– Só acho que devemos conversar. Nana pode melhorar em breve. É por isso

que estamos torcendo. Ou pode continuar em coma por um bom tempo. Também é possível... que ela não volte a acordar.

– Ela pode *morrer* – disse Jannie, em um tom um pouco grosseiro. – Nós já entendemos, papai. Até Ali já entendeu.

Eu olhei para Ali, mas ele parecia estar bem por enquanto. À sua maneira, era maduro para a idade que tinha. Tanto Nana quanto eu conversávamos com ele como se fosse um adulto, respeitando sua inteligência, desde seus 4 anos. Uma de minhas teorias, e de Nana também, sobre como criar filhos era que amor nunca era demais, porém o ambiente dentro de casa deveria ser parecido com o que eles enfrentariam do lado de fora. Ou seja, nada de excesso de mimos ou de relevar comportamentos inaceitáveis.

Eu assenti para Janelle.

– Todos nós entendemos. E estamos todos tristes e com raiva. Venham cá, todos vocês. Talvez eu seja o único que precise de um pouco de ajuda agora.

Nós nos juntamos para um abraço coletivo e foi melhor assim: pensar em Nana sem falar.

Bree foi a primeira a cair em prantos e então todos começaram a chorar. Não havia nada de vergonhoso nisso, era apenas uma demonstração de amor. Isso poderia não dar certo para todas as famílias, mas para a nossa dava, sem dúvida.

capítulo 82

NA SEGUNDA-FEIRA, EU JÁ ESTAVA pronto para dar meu próximo passo na investigação. O nome dela era Wylie Rechler, embora seus leitores a conhecessem simplesmente como "Jenna". Ela já havia ajudado o FBI e a Polícia Metropolitana antes; e em especial a Unidade de Combate à Prostituição.

Wylie Rechler era uma colunista de fofocas, dona de um blog imensamente popular chamado Jenna Knows. Havia conseguido alguns pequenos furos no decorrer dos anos – como a indicação de Angelina Jolie para o Conselho de Relações Internacionais, o tabagismo secreto de Barack Obama –, porém, na maior parte do tempo, se dedicava à vida social e sexual das "pessoas que mais importavam", como as chamava no blog.

Sampson e eu encontramos a popular colunista naquela tarde, na loja de departamentos Neiman Marcus, no bairro de Friendship Heights. Wylie estava lançando um novo perfume, também chamado Jenna Knows.

Ela estava parada no meio da loja, perto das escadas rolantes. Garotas bonitas com aventais pretos borrifavam os clientes, enquanto a própria Jenna autografava frascos de uma grande pirâmide de caixas vermelhas e pretas em um balcão.

Quando viu nossos distintivos, ela levou sua mão perfeitamente manicurada ao peito.

– Oh, meu Deus! Eu finalmente fui longe demais? – exclamou Jenna, arrancando boas risadas das pessoas reunidas atrás de nós.

– Será que eu conseguiria convencê-la a nos dar cinco minutos de sua atenção? – perguntei. – É importante.

– *Mais oui*. – Wylie se levantou com um pequeno floreio. – Com licença, meninas, mas a fofoca me chama. A Polícia Metropolitana sabe de tudo. Mas... será que vão me contar ?

Parte da teatralidade desapareceu assim que nos afastamos do grupo.

– Não estou encrencada, estou? – perguntou ela.

– Nada disso – respondeu Sampson, segurando a porta aberta para que ela saísse para a Wisconsin Avenue. – Só precisamos da sua ajuda.

Esperamos até estarmos dentro do meu carro para prosseguir. Então perguntei-lhe à queima-roupa.

– Eu gostaria de saber se você já ouvir falar sobre um clube privativo para figurões. Na Virgínia. Um lugar chamado Blacksmith Farms. Estamos buscando, antes de tudo, algum tipo de confirmação.

Ela estava remexendo dentro de uma bolsa de mão vermelha, mas parou no ato.

– Quer dizer que é verdade?

– Estou apenas querendo saber o que você ouviu falar. Nomes, histórias, qualquer coisa.

– Faz tempo que não ouço nada – disse ela, sacando um batom da bolsa. – Pelo menos nada que valesse uma matéria. Bem, imaginei que não passasse de uma ridícula lenda *suburbana* ridícula.

– O seu negócio não é publicar boatos? – perguntou-lhe Sampson.

– Querido, o meu negócio é ser o mais exata possível e não tomar um processo. Aprendi isso do jeito mais difícil, quando escrevi sobre a vida amorosa de Condi Rice. E, só para constar, não existem boatos antigos em Washington.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei.

– Que não dá para fazer nada por aqui sem dar de cara com algum repórter investigativo querendo ficar famoso. Os boatos ou viram manchete muito rápido ou morrem na praia. Quando não ouvi mais nada sobre esse de que vocês estão falando, imaginei que fosse perda de tempo.

Ela sorriu alegremente e começou a pintar seus lábios de vermelho, olhando-se pelo retrovisor.

– Pelo menos até agora.

– Tem outra coisa – falei, olhando-a nos olhos. – Preciso que você guarde segredo sobre este assunto por enquanto.

– *Como assim?* Você sabe qual é o meu ganha-pão, não sabe?

– E imagino que você saiba qual é o meu – falei. – Estamos investigando um homicídio, Jenna, isto não é um jogo. Está me entendendo?

– O.k., agora você está me assustando – disse ela, devolvendo o batom à bolsa.

Então finalmente abriu o bico e me entregou alguns dos nomes supostamente ligados ao clube. Nomes *novos*, o que era útil.

– Preste atenção – falei, entregando-lhe dois dos meus cartões de visita. – Ligue se ficar sabendo de mais alguma coisa e, por favor, me dê seu telefone também. Assim que esta história estiver pronta para vir a público, vou lhe dar tudo o que tiver. Combinado?

– Depende. – Ela se abanou com os cartões. – Como vou saber que você é do tipo que retribui favores?

Escolhi minhas palavras com cuidado:

– Nós estamos tendo esta conversa porque eu preciso de você e sei que já ajudou a Polícia Metropolitana antes. Isso também significa que não posso me dar ao luxo de irritá-la. Isso lhe parece honesto o suficiente?

Ela sacou uma pequena caneta dourada, anotou seu telefone e então beijou o cartão. Entregou-o de volta para mim com uma marca de batom ao lado do número.

– Delícia – falou ela.

Peguei o cartão.

– Não, você acertou na mosca um minuto atrás: assustador.

capítulo 83

FIQUEI SURPRESO AO TER NOTÍCIAS de um dos advogados de Tony Nicholson na tarde do dia seguinte. Não foi o nerd de gravata-borboleta e suspensórios da noite da batida. O advogado em questão era totalmente diferente e parecia ainda mais caro. Meu identificador de chamadas dizia que seu código de área era 202. O coração do coração da capital.

– Detetive Cross, meu nome é Noah Miller. Da Kendall & Burke. Acredito que o senhor conheça meu cliente, Anthony Nicholson.

– Venho tentando encontrar o seu cliente desde a semana passada – falei para ele. – Já deixei várias mensagens para *Anthony*.

– Na Nyth-Klein? – perguntou ele.

– Exatamente.

– Sim, eles representam a empresa e suas subsidiárias na Virgínia. Nós assumimos a representação individual do Sr. Nicholson, o que me leva ao motivo desta ligação. Quero deixar bem claro que estou dando este telefonema a pedido dele, que decidiu ignorar meus conselhos quanto a esse assunto.

Isso despertou meu interesse.

– Quando posso me encontrar com Nicholson? – perguntei.

– O senhor não pode. Não é por isso que estou ligando. Por favor, escute com atenção. O que eu tenho para o senhor é a chave de um cofre bancário, se quiser vir buscá-la. Segundo o Sr. Nicholson, é importante para a sua investigação. Ele também acredita que a Polícia Metropolitana é sua melhor chance de continuar vivo. Não quer negociar com o FBI.

Eu estava pesquisando sobre a Kendall & Burke no Google durante a nossa conversa.

– Eu já estive no cofre bancário de Nicholson – disse a ele enquanto o site da firma surgia na tela. Grande, renomada, na Rua K.

– Sim, eu sei. Mas estou falando de outro cofre, no mesmo banco – disse o

advogado.

Ao ouvir isso, minhas mãos pararam sobre o teclado. O que Nicholson poderia ter em um segundo cofre? E, o que era mais importante, como isso poderia protegê-lo? E de quem?

– Posso supor que o senhor irá buscá-la hoje mesmo? – prosseguiu Miller.

– Com certeza, mas deixe-me perguntar uma coisa – falei. – Por que a Polícia Metropolitana? Por que eu? Por que Nicholson não quer que isso caia nas mãos do FBI?

– Para ser franco, meu cliente não confia nas pessoas que os estão detendo... ou, sinceramente, na integridade da investigação deles. E mais um detalhe: ele quer se certificar de que sua cooperação não passe despercebida.

Não pude deixar de sorrir. Que estranho, de repente estar do mesmo lado que Tony Nicholson, ou melhor, Anthony. Parecia que ele estava ficando tão paranoico quanto eu – e talvez por um bom motivo.

– Rua K, número 2020, quarto andar? – perguntei, imprimindo o endereço na tela.

– Excelente, *detetive* Cross. Chegue entre uma e meia e duas da tarde. Não estarei aqui depois disso.

– Nos vemos à uma e meia – falei, desligando o telefone na cara do advogado Miller antes que ele pudesse desligar na minha.

capítulo 84

Pegar a chave com o advogado de Nicholson na Kendall & Burke foi rápido, porém levei ainda menos tempo para entrar e sair do Exeter Bank. Era como se o advogado, Noah Miller, e a gerente do banco, a Sra. Currie, estivessem competindo para ver quem se livraria mais depressa de mim. Eu achei ótimo.

No fim das contas, a única coisa que havia no novo cofre era um disco, sem nada escrito, o que não foi nenhuma grande surpresa. Peguei-o e fui direto para o Edifício Daly. No caminho, liguei para Sampson. Ele já estava lá, por isso não tive problema em encontrá-lo assim que cheguei com o disco.

Na verdade, quando entrei em meu escritório, Sampson estava lá, sentado com os pés para cima, brincando com um laptop.

– Você sabia que Zeus também era chamado de o Amontoador de Nuvens? – disse ele. – Seus símbolos são o trovão, a águia, o touro e o carvalho. Ah, e ele também era pederasta. Pelo menos é o que dizem.

– Fascinante – respondi. – Tire os seus sapatos da minha mesa e coloque isto no laptop.

Eu lhe entreguei o disco e fechei a porta atrás de mim.

– O que é isto? – perguntou Sampson.

– Tony Nicholson acha que é uma espécie de seguro de vida.

Segundos depois, o vídeo começou a passar na tela.

Reconheci imediatamente o quarto do apartamento no galpão de carruagens do clube de Nicholson. Parecia idêntico, exceto pela roupa de cama limpa e talvez alguns objetos de decoração a mais.

No canto inferior da tela, um relógio com data mostrava que a gravação havia sido feita no dia 20 de julho do verão passado, à uma e meia da manhã.

– Esses números podem ser falsificados? – perguntei a Sampson, referindo-me à data e à hora no vídeo.

– Sem dúvida. Por quê? Acha que Nicholson está nos enrolando?

– Talvez. Provavelmente. Não sei ainda.

Depois de uns 30 segundos, a imagem saltou e o relógio avançou até as 2h17.

Agora havia uma garota na cama, nua, exceto por uma calcinha de renda preta. Ela era loura e do tipo mignon, com algemas negras nos pulsos, que estavam presos às colunas da cama acima de sua cabeça. Suas pernas estavam tão abertas quanto era humanamente possível.

Não havia som, mas a maneira como ela se movia me parecia mais sedutora do que assustada ou defensiva. Ainda assim, senti um nó apertado no estômago. Seja lá o que estivesse acontecendo, eu não achava que queria continuar assistindo.

Um homem apareceu na tela – uma figura bizarra, vestida em estilo sadomasoquista dos pés à cabeça, tanto as calças quanto a camisa de manga comprida feitas de borracha ou látex. Também usava botas pesadas e um capuz apertado com um zíper que descia até a nuca. Eu não podia dizer muito mais sobre ele além do fato de ser alto e musculoso.

– Ele sabe que a câmera está ali – falou Sampson. – Talvez quisesse filmar isso.

– Vamos apenas assistir, John.

Eu não conseguia falar muito naquele momento. Estava pensando no que havia acontecido com Caroline, possivelmente naquele quarto e talvez pelas mãos daquele mesmo doente que víamos na tela.

Zeus, ou seja lá quem fosse, se inclinou sobre a garota e tapou seu olhos com uma venda preta.

– Ele está usando um anel – falei. – Na mão direita.

Parecia um anel de formatura, mas a imagem não era boa o suficiente para que tivéssemos certeza.

Ele não parecia ter pressa. Tirou mais alguns acessórios da penteadeira: uma barra, que prendeu aos dois tornozelos da garota; um pequeno frasco marrom, provavelmente de nitrato de amila.

Quando passou o frasco debaixo do nariz da loura, o rosto dela ficou muito vermelho. Então sua cabeça começou a balançar de um lado para o outro.

Sampson e eu ficamos observando em silêncio enquanto eles faziam sexo. Durante a maior parte do tempo, o homem manteve uma das mãos no colchão, para se equilibrar, e a outra no pescoço da garota. Parecia que ele estava praticando asfixiofilia, controlando o oxigênio dela, permitindo-lhe que

respirasse e depois cortando novamente a entrada de ar.

A garota entrou no jogo e não parecia aflita, o que tornava o espetáculo angustiante. Então ele arqueou o corpo para cima, afastando-se dela, aparentemente chegando ao orgasmo, e ergueu sua mão do colchão como se tivesse acabado de ganhar algum tipo de competição.

Todo o seu peso parecia estar sobre o pescoço da garota e, de repente, os movimentos dela se tornaram espasmódicos e desesperados. Suas pernas se retesaram debaixo do homem. Era uma coisa terrível de se ver, como se estivesse acontecendo naquele exato momento e não pudéssemos fazer nada para evitar.

Quanto mais a garota se debatia, mais excitado ele ficava, até que seu corpo enfim ficou flácido e ela parou de se mover. Só então ele a beijou.

– Oh, meu Deus – disse Sampson baixinho. – O que há de errado com o mundo?

O assassino saiu da cama em seguida. Ele não se demorou no local, não tratou o corpo como objeto de fetiche. Em menos de um minuto, já havia saído da suíte privativa.

Vinte segundos depois, o vídeo acabou.

– Venha, John. Iremos para Alexandria. Precisamos descobrir se aquele era Zeus.

capítulo 85

SAMPSON E EU ATRAVESSAMOS a área de visitação do centro de detenção de Alexandria. Seguimos por um caminho familiar, passando pela Sala de Registro e pela Porta 15, onde os detentos eram libertados, até chegarmos ao Centro de Comando.

Ali, nossos distintivos bastaram para que nos deixassem passar por outra porta de aço até a mesa de recepção.

Essa era a parte simples.

Como sempre, havia três guardas a postos na mesa. Dois deles eram homens de meia-idade e se mantiveram afastados. Um sujeito mais jovem tinha o trabalho desagradável de registrar a chegada de visitantes como nós. Um dente de ouro reluziu quando ele falou.

– Quem são vocês e o que querem?

– Detetives Cross e Sampson, Departamento de Polícia Metropolitana. Precisamos de uma ordem de custódia temporária para dois prisioneiros, Anthony Nicholson e Mara Kelly.

– Vocês deram entrada no pedido? – Ele já estava pegando o telefone.

– Nós já os interrogamos antes – falei. – Só precisamos fazer mais algumas perguntas e damos o fora daqui.

Não custava nada tentar. Talvez pudéssemos nos aproveitar de alguma brecha.

O agente não ficou muito tempo ao telefone e, ao desligar, balançou a cabeça para mim.

– Bem, em *primeiro* lugar, vocês não têm um pedido para hoje e, em *segundo*, isso não faria diferença. Eles já saíram, os dois.

– Saíram? – Eu não podia acreditar no que ouvia. – Por favor, me diga que eles foram transferidos.

– Eu quero dizer que eles *saíram*, cara. – Ele abriu uma pasta preta em cima da mesa. – Sim, está bem aqui. Às 11 da manhã de hoje. Alguém chamado Miller

pagou... *meu Deus...* a fiança integral dos dois em dinheiro vivo. Duzentos e cinquenta mil cada.

Isso chamou a atenção dos outros dois guardas e eles vieram olhar por cima do ombro do colega. Um deles assobiou baixinho.

– Devem ser bacanas – disse o outro.

– Pois é – concordou o que estava nos atendendo.

Eles não tinham culpa de nada daquilo, mas eram quem estava na minha frente.

– O que está havendo aqui? – perguntei. – O risco de Nicholson fugir é enorme. Ninguém se deu o trabalho de checar isso? Ele tinha passagens de avião compradas para o dia em que foi preso!

O guarda mais novo estava olhando para mim agora. Os outros dois estavam com as mãos em seus cassetetes.

– Eu entendo, cara, mas é melhor se afastar *agora mesmo*.

Senti Sampson puxar meu ombro.

– Não perca seu tempo aqui, Alex. Vamos embora. Nicholson e a garota já estão longe.

– Isto é um desastre, John.

– Eu sei, mas está feito. Venha.

Deixei que ele me arrastasse dali, mas teria pagado uma bela grana para dar um soco em alguém. Em Tony Nicholson, por exemplo. Ou em Miller, aquele advogado esnobe.

Enquanto saíamos, pude ouvir os guardas conversando sobre seus ex-detentos.

– Malditos riquinhos, cara. Sempre conseguem salvar a própria pele e a de todo mundo que esteja com eles.

– Pode crer. É como dizem, os ricos ficam mais ricos e os pobres...

– Trabalham aqui.

A última coisa que ouvi foram as risadas dos guardas.

capítulo 86

QUE CIRCO INCRÍVEL! MESMO QUE tenha sido o dinheiro do próprio Nicholson que o livrou da cadeia, ele ainda teria precisado de um juiz federal para assinar o Formulário 41 e de alguém ainda mais bem posicionado na hierarquia para intermediar o acordo.

Aquele acobertamento estava ficando maior, mais profundo e sujo a cada dia. Acho que essa história toda estava me deixando mais temeroso do que chocado e, o que era pior, eu suspeitava que ela não estivesse nem perto de acabar.

John e eu corremos até a casa de Nicholson e depois até o apartamento de Mara Kelly, mas encontramos exatamente o que esperávamos.

As portas estavam isoladas por faixas amarelas, mas, ao que tudo indicava, ninguém aparecia ali havia dias. E, mesmo que alguém tivesse ido, já estaria bem longe. Eu duvidava que fosse ver Nicholson ou Kelly novamente.

Antes de voltar para a rodovia, pedi que Sampson parasse no posto Exxon perto do apartamento de Mara Kelly. Comprei um pequeno celular pré-pago da Nokia por 39 dólares e o usei para discar o número que havia pegado alguns dias atrás.

Wylie Rechler atendeu ao primeiro toque.

– Aqui é Jenna. Fale comigo.

– É o detetive Alex Cross, Jenna. Nós nos encontramos outro dia em Friendship Heights – falei. – Está pronta para entrar em ação?

Ouvi um pequeno arquejo melodramático do outro lado da linha.

– Querido, eu estava pronta da última vez que conversamos. O que você tem para mim agora?

– Já ouviu o nome Tony Nicholson?

– Acho que não. Não, definitivamente não. Deveria?

– Ele é o dono da listinha negra em que você adoraria pôr as mãos, mas nenhum de nós dois vai ter esse privilégio. Até as 11 da manhã de hoje, ele estava

sob custódia do governo federal. Foi libertado após o pagamento da fiança e, se eu tivesse que adivinhar, diria que está prestes a sair do país. Com sua listinha negra.

– O que isso significa para mim?

– Pode significar muita coisa, Jenna. *Se* você me ajudar. Quero que coloque uma pulga atrás da orelha de Sam Pinkerton, do *Post* – falei. – Você poderia fazer isso?

– Imagino que sim. – Ela fez uma pausa e então sua voz ficou mais baixa. – Sam faz a cobertura da Casa Branca. Você sabe disso, certo?

– Sei.

– Oh, meu Deus, estou molhadinha... Perdoe meu linguajar. O.k., então o que o Sr. Pinkerton vai ter para mim quando eu telefonar? *Se* eu telefonar.

Falei a verdade para Jenna.

– Talvez nada de imediato. Mas vocês dois podem formar uma bela dupla. Vão poder cobrir todos os ângulos importantes.

– Acho que estou apaixonada por você, detetive.

– Tem mais uma coisa – falei. – Sam simplesmente me odeia. É bem capaz de você chegar muito mais longe com ele se não mencionar meu nome.

Quando desliguei, Sampson estava me encarando do banco do motorista.

– Achei que você e Sam Pinkerton fossem amigos.

– E somos. – Guardei o telefone novo no bolso, ao lado do antigo. – Estou apenas tentando fazer com que continuemos sendo.

capítulo 87

EU TINHA QUE IR A mais um lugar naquela tarde e pedi que Sampson me deixasse lá.

Hilton Felton, um dos filhos favoritos de Washington – e uma das minhas pessoas favoritas também –, morrera havia algum tempo, cedo demais, aos 60 anos. Eu passara incontáveis noites ouvindo Hilton tocar no Kinkead's, no bairro de Foggy Bottom. Ele tinha sido o pianista da casa desde 1993 e era lá que estava havendo um concerto em sua homenagem.

Cerca de 150 pessoas estavam espremidas no local para celebrar a vida de Hilton e, naturalmente, ouvir seus amigos tocarem um pouco de boa música. Foi tudo muito bonito, descontraído e maravilhoso à sua maneira. A música só poderia ter sido melhor se o próprio Hilton estivesse ali para tocar.

Quando Andrew White subiu ao palco e tocou uma das composições de Hilton, eu me senti incrivelmente sortudo por ter conhecido o homem por trás daquela música, mas também experimentei uma tristeza profunda diante da certeza de que nunca mais o ouviria tocá-la da maneira que apenas Hilton sabia fazer.

Sentia uma falta terrível dele e, durante todo o tempo em que estive ali, também não pude deixar de pensar em Nana Mama. Foi ela quem me levou para ouvir Hilton pela primeira vez.

capítulo 88

DEPOIS DE MINHA PARADA SENTIMENTAL no Kinkead's, peguei um táxi para a Rua 5 e subi até o sótão para trabalhar. Como se as coisas já não estivessem suficientemente interessantes, nós recebemos dois visitantes indesejados naquela noite. Eram cerca de 11 horas quando Bree foi até meu escritório para me dar a notícia.

– Alex, temos companhia lá fora. Dois caras em um Ford Explorer, estacionado do outro lado da rua há uma hora. Copos no painel, ninguém entra ou sai do carro. Estão apenas sentados ali, observando a casa. Talvez observando você aqui em cima.

Não conhecia ninguém com instintos melhores que os de Bree, então não tive dúvidas de que estávamos com um novo problema. Coloquei minha Glock no coldre e vesti um blusão para escondê-la.

Depois parei no quarto de Damon enquanto descia, para pegar seu velho taco de beisebol Louisville Slugger. Uma bela peça de madeira, não de alumínio.

– Por favor, não saia – pedi a Bree diante da porta. – Ligue para a central se acontecer alguma coisa.

– Se acontecer alguma coisa, vou ligar para a central *e* sair – disse ela.

Cruzei a porta e desci a varanda. O Explorer estava parado logo depois da casa, do outro lado da rua. O motorista saía do veículo quando dei meu primeiro golpe com o taco e detonei sua lanterna traseira esquerda.

– Que porra é essa? – gritou ele para mim. – Você está louco, cara?

Sob as luzes dos postes, dava para ver que ele era corpulento, mas não gordo, com a cabeça raspada e um nariz que já havia sido quebrado algumas vezes. A princípio, achei que fosse um agente federal, mas, olhando para ele, me parecia mais um detetive particular desses que anunciam seus serviços nas Páginas Amarelas.

– Por que você está vigiando minha casa? – gritei de volta para ele. – Quem é

você?

Seu parceiro também saiu do carro, mas os dois mantiveram distância.

– Alex? – Ouvi a voz de Bree vindo de trás de mim. – Você está bem?

– Tudo certo – gritei de volta. – Placa de Washington, DCY 182.

– Anotado – falou ela.

O careca mostrou as palmas das mãos para mim.

– Sério, baixe um pouco esse tom, cara. A gente sabe que você é da polícia.

– Eu vou baixar o tom quando vocês me disserem o que estão fazendo na frente da minha casa.

– A gente não pretende pegar pesado, está bem? Eu nem estou armado. – Ele abriu a camisa por cima para me provar isso. – Alguém nos contratou para ficar de olho em você por um tempo. Só isso.

– Em *mim*? – Eu inclinei o taco um pouco para cima. – Ou em mim e na minha família?

– Em você. *Só você*. – Eu não sabia se ele estava dizendo a verdade ou apenas o que eu queria ouvir.

– Para quem estão trabalhando? – perguntei.

– Não sabemos. Sério. É só um bico. Tudo o que sei é como você é e onde esteve hoje.

Isso não fez com que eu ficasse mais calmo. Dei alguns passou e destruí a outra lanterna traseira.

– *E onde eu estive?*

– Você está trabalhando em um caso de homicídio para a Polícia Metropolitana. Tem alguma coisa a ver com um detento em Alexandria, mas, pelo amor de Deus, deixe o carro em paz!

Aquele caso tinha acabado de sofrer uma reviravolta. Tive certeza disso, de uma maneira que não podia negar. *As pessoas que eu vinha perseguindo agora estavam começando a me perseguir.*

– Sabe, você deveria tomar mais cuidado – disse-me o segundo detetive particular.

Dei um passo em sua direção.

– Posso saber por quê?

– Não é com a gente que deveria se preocupar. Essas pessoas, seja lá quem forem, e seja lá o que não querem que você faça... elas têm bala na agulha. É só

isso que eu digo. Interprete como quiser.

– Obrigado pelo aviso. – Apontei para a rua. – Vocês não têm mais nada o que fazer aqui. Se pegar qualquer um dos dois pelas redondezas outra vez, vou prendê-los e mandar este carro ser rebocado, entendido?

– Vai nos prender? – Agora que o pior tinha passado, o primeiro sujeito resolveu mostrar um pouco de peito. – E sob qual alegação?

– Eu sou um tira, esqueceu? Posso pensar em alguma coisa.

– E quanto ao meu carro, cara? Você me deu umas 500 pratas de prejuízo!

– Cobre dos seus clientes – respondi. – Acredite, eles podem pagar.

capítulo 89

NA MANHÃ SEGUINTE, FUI NOVAMENTE chamado ao escritório de Ramon Davies. Quando cheguei, vi que ele tinha até colocado um de seus assistentes para me esperar em frente à porta da minha sala.

– O que ele quer comigo? – perguntei ao funcionário. Nenhuma possibilidade boa passava pela minha cabeça, somente algumas muito ruins, como mais corpos.

– Não sei. Apenas falar com o senhor. Foi tudo o que ele me disse.

Eu tinha ouvido falar que Woody Allen costuma deixar seus atores em paz quando eles estão se saindo bem e só os dirige se houver algum problema. Davies é mais ou menos assim. Eu odiava aquelas visitas ao seu escritório.

Quando entrei na sala, havia outra pessoa esperando junto com ele. Reconheci o rosto da Casa Branca, mas não me lembrei do nome antes de Davies nos apresentar.

– Alex Cross, este é o agente especial Dan Cormorant. Ele é do Serviço Secreto e gostaria de conversar com você.

Cormorant era o agente que havia acompanhado a presidente Vance até o escritório do chefe de gabinete no dia da minha visita. Supus que ele estivesse ali a pedido de sua chefe.

– Nós meio que já fomos apresentados – falei, apertando sua mão. – Imagino que você não tenha nada a ver com os dois detetives particulares que estavam em frente à minha casa ontem à noite.

– Não sei do que você está falando – respondeu ele.

– É claro que não.

– Alex! – cortou-me Davies, erguendo a voz e fazendo um gesto com a mão. – Fique quieto e vamos logo com isso.

Cormorant e eu nos sentamos à mesa, de frente para ele.

– Não vou perder tempo explicando como chegamos até aqui – prosseguiu

Davies, e as implicações disso eram claras. Nós conversaríamos depois, em particular. – Mas vou lhe dizer o que virá em seguida. Alex, você vai ficar à disposição do agente Cormorant e fornecerá todas as informações relacionadas ao caso de que ele precisar. Quando terminar, vai voltar a mim e me informar que está pronto para uma nova missão. Tenho um homicídio quádruplo em Cleveland Park sob medida para você. Caso grande, crime grave.

Ouvi aquelas palavras, mas minha mente estava distante. Se tivesse que adivinhar, diria que Davies estava constrangido por ter o Serviço Secreto nas suas costas, provavelmente a mando da própria chefe de governo. Ele nunca havia falado comigo daquele jeito antes, mas decidi morder a língua até ter uma chance de ver aonde aquele tal de Cormorant queria chegar.

A reunião terminou pouco depois e eu saí junto com Cormorant, de volta para o meu escritório.

– Há quanto tempo você está no destacamento presidencial? – perguntei-lhe. – Não dá para chegar muito mais alto do que isso.

– Estou no Serviço há oito anos – disse ele, sem responder exatamente a minha pergunta. – Antes, era do Departamento de Polícia da Filadélfia e, só para constar, eu sei que você não me quer por aqui.

Em vez de morder a isca, indaguei:

– Então, o que vocês sabem sobre Tony Nicholson até o momento? Onde ele está agora? Se é que posso fazer esse tipo de pergunta.

– Quanto você já sabe? – ele devolveu a pergunta, sorrindo.

– Que ele estava em Alexandria até as 11 da manhã de sexta-feira e agora está desaparecido. Pelo menos até onde nós sabemos.

– Então nós temos a mesma informação – falou Cormorant. – Esse é, em parte, o motivo da minha presença. Este é um *grande* mistério, detetive Cross. E também é perigoso.

Ele me pareceu mais flexível do que a maioria dos caras do Serviço Secreto que eu conhecia, embora isso seja sempre relativo. E eu ainda tinha uma dúvida: ele estava ali para de fato dar continuidade ao caso ou para enterrá-lo?

Quando chegamos ao meu escritório, peguei o último disco de Nicholson e o entreguei para ele.

– A maior parte das evidências físicas está com o FBI, mas esta é nova.

Ele girou o disco em suas mãos.

– O que é isto?

– O nome Zeus lhe soa familiar? Imagino que sim.

Ele me encarou, mas não respondeu.

– Cormorant, você quer minha ajuda ou não? Eu realmente gostaria de ajudar.

– Sim, já ouvi o nome Zeus – disse ele.

– Supostamente, é ele quem está aí. Na gravação.

– Supostamente?

– É um homicídio. Praticado por um homem branco com um anel característico na mão direita. Não vou tirar conclusões precipitadas e você também não deveria.

São comentários como este último que eu deveria me esforçar um pouco mais para não fazer. Notei que Cormorant ficou tenso na mesma hora.

– O que mais você tem? – perguntou. – Tenho que saber de tudo, detetive.

– Preciso de algum tempo para organizar minhas anotações. Mas posso lhe dar tudo o que tenho amanhã – falei.

– E quanto a cópias? – quis saber o agente, erguendo o disco que eu havia lhe dado. – Quantos destes estão espalhados por aí?

– Esse é o único de que tenho notícia – falei. – Veio do cofre bancário de Nicholson. Ele o estava usando como moeda de troca. É claro que, se pudéssemos encontrá-lo...

– Então está bem. – Ele tornou a apertar minha mão. – Nos falamos em breve.

Depois que ele foi embora, repassei a conversa na minha cabeça e anotei tudo de que pude me lembrar. Quantas mentiras Cormorant já teria me dito àquela altura? E, da mesma forma, quantas mais eu precisaria contar a ele – excluindo a que acabara de contar sobre as cópias do disco de Nicholson – antes de tudo aquilo acabar?

capítulo 90

PARA VOCÊ TER UMA IDEIA de como as coisas estavam ficando loucas e paranoicas, eu tinha parado de usar meu próprio telefone e me limitado a celulares pré-pagos, trocando de número mais ou menos a cada 48 horas.

Depois da reunião com Cormorant, saí correndo para comprar um novo e o usei para ligar para Sam Pinkerton, do *Washington Post*.

Sam e eu tínhamos nos conhecido na academia em que nós dois malhávamos. Ele gostava mais de Shotokan, enquanto eu preferia boxe tradicional, mas nós treinávamos juntos assim mesmo e também saíamos para tomar um drinque de vez em quando. Então não era algo totalmente sem precedentes que eu ligasse para ele e perguntasse se não queria beber alguma coisa no Union Pub depois do trabalho.

Passei o resto da tarde seguindo os rastros de Tony Nicholson, simplesmente sem chegar a lugar nenhum pelo qual já não tivesse passado antes.

Então, pouco depois das cinco, subi a Lousiana Avenue e atravessei o Columbus Circle para me encontrar com Sam.

Enquanto tomávamos algumas cervejas, pusemos o papo em dia, falamos sobre nossos filhos, o que pensávamos sobre o fiasco que era o orçamento para a educação de Washington e até sobre o clima. Foi bom sentar e ter uma conversa relativamente normal por um momento. Nos últimos tempos, meus dias andavam frenéticos demais para esse tipo de coisa.

Na segunda rodada, a conversa esquentou e ficou bem menos inofensiva.

– Então, quais as novidades no trabalho? – perguntei.

Ele se recostou no sofá do cubículo que ocupávamos e me encarou, inclinando a cabeça.

– Isso significa que a nossa reunião começou?

– É. Estou trabalhando em um caso e queria saber como anda a temperatura por aí.

– Você quer dizer, *por lá*? – perguntou ele, apontando na direção da Casa Branca, que era o seu território e ficava a poucos quarteirões do bar. – Estamos falando sobre a legislatura ou outra coisa? Acho que já sei a resposta.

– Outra coisa – falei.

– Imagino que o assunto não seja o aniversário de 60 anos da presidente.

– Sam.

– Porque posso colocar seu nome na lista de convidados, se quiser. A comida vai ser excelente. Você gosta de Norah Jonas? Ela vai tocar. Mary Blige também.

Ele sabia que estava me fazendo um favor, então não iria perder a chance de me sacanear um pouco por isso.

– O.k., vou lhe contar uma coisa – disse ele. – Sabe aquele blog, Jenna Knows? Recebi uma ligação da própria Jenna um dia desses. Bem, é preciso levar em conta a fonte em algo assim, mas basta dizer que ela me contou umas coisas bem cabeludas. Não posso entrar em detalhes agora. Talvez seja melhor você me pagar outra bebida daqui a uns dois dias. – Ele terminou sua cerveja. – A não ser que queira me dizer que raio de caso é esse em que está trabalhando.

– Sem comentários. Ainda não – falei para ele. E pensei também: *missão cumprida*. Fosse lá o que acontecesse, pelo menos o pontapé inicial havia sido dado. A bola continuaria rolando independentemente de eu estar ou não em campo. – Mas há outro detalhe – acrescentei. – É um pouco incomum.

– Do jeito que eu gosto – disse ele, girando um dedo no ar para que a garçonete trouxesse outra rodada.

– Isto fica em off. Se alguma coisa acontecer comigo nos próximos dias ou nas próximas semanas, quero que você investigue.

Sam ficou imóvel e me encarou.

– Meu Deus, Alex!

– Sei que isto é um pouco estranho. Mais que um pouco, imagino.

– Não tem, sei lá, um departamento de polícia inteiro de olho em você?

– Depende do que você quer dizer com isso – falei, enquanto a próxima rodada chegava à mesa. – Digamos que eu esteja pedindo reforços.

capítulo 91

HAVIA APENAS *UMA* SEMANA, TONY Nicholson estava matando a sede com garrafas de champanhe de 500 dólares. Agora, lá estava ele, encolhido na chuva em uma parada de caminhões imunda na Interestadual 95 como algum tipo de imigrante fugitivo do Terceiro Mundo.

Mara estava esperando do lado de dentro, olhando através da janela de vidro laminado da lanchonete Landmark Diner. Quando ele olhou para trás, ela cutucou o próprio pulso e encolheu os ombros, como se ele pudesse ter se esquecido de que os dois deveriam estar em outro lugar.

Ele sabia.

A alternativa àquela situação tinha sido impensável: apodrecer em uma cela no Centro de Detenção de Alexandria. Agora, pelo menos, havia a esperança de conseguirem passaportes, passagens de avião e dinheiro suficiente para saírem daquele maldito continente de uma vez por todas.

Mas seu contato estava atrasado e Nicholson ficava um pouco mais paranoico a cada minuto. Para completar, seu joelho machucado piorava com a chuva e o frio, latejando de tanto ficar em pé.

Finalmente, cinco minutos depois, ele detectou um movimento em seu campo de visão.

Uma espécie de furgão piscou os faróis do outro lado do estacionamento. Nicholson olhou para lá e o motorista o chamou com um gesto.

Então tornou a gesticular – com mais insistência.

O coração de Nicholson saltou até a garganta. *Algo estava errado*. Era para ser um carro, não um furgão, e o ponto de encontro seria bem ali, onde as pessoas podiam ver. Onde nada de estranho pudesse acontecer.

Tarde demais. Quando ele voltou a olhar para a lanchonete, Mara tinha sumido. Um garotinho estava no seu lugar, com as mãos em forma de concha em volta do rosto atrás do vidro, olhando para ele como se aquilo fosse uma

refilmagem de *A aldeia dos amaldiçoados*.

Com o coração disparado, Nicholson sinalizou para o motorista que voltaria logo e foi mancando em direção à porta, no que esperava ser uma passada natural o bastante.

Lá dentro, o restaurante e a banca de jornal estavam quase vazios e não havia sinal de Mara.

Uma olhada rápida no banheiro feminino deserto confirmou o que ele já sabia: aquilo tinha acabado de se tornar uma competição individual. Ele saiu pela porta traseira próxima aos sanitários e continuou andando. Finalmente, começou a correr.

O estacionamento dos fundos estava silencioso e parecia vazio. Ele havia estacionado o carro alugado a uns 50 metros de distância, o que naquele momento lhe pareceu longe demais. Quando olhou por cima do ombro, viu alguém sair pela mesma porta que ele acabara de usar – talvez o motorista do furgão, talvez não; era difícil saber em meio a toda aquela neblina e chuva.

Nicholson disparou em uma corrida dolorosa, claudicante, mas então ouviu passos mais rápidos que os seus no asfalto molhado atrás dele.

Com o canto do olho, tornou a ver o furgão dando a volta no estacionamento. *Açougue do Pete* estava escrito na lateral e, apesar de tudo, alguma parte do seu cérebro registrou a ironia.

Minha Nossa Senhora, estou morto. Mara também. A esta altura, ela já deve estar mesmo.

Ele chegou a alcançar a porta do carro alugado, mas uma mão calejada cobriu sua boca, abafando qualquer grito que ele pudesse emitir. Os braços do homem eram fortes e Nicholson sentiu seu corpo ser girado como se fosse o de uma criança pequena.

Por uma fração de segundo, teve certeza de que seu pescoço estava prestes a ser quebrado. Em vez disso, algo o golpeou debaixo do queixo, gerando um lampejo de dor e desorientação de revirar o estômago.

Sua visão girou. O estacionamento, o céu e o carro se misturaram num borrão, até o pano cair para Tony Nicholson e tudo ficar muito, muito distante.

capítulo 92

NICHOLSON ACORDOU NO ESCURO, NO chão frio, mas pelo menos estava vivo. Percebeu que estava nu em pelo, com os pulsos e tornozelos amarrados.

Uma dor terrível subiu queimando pelo seu pescoço quando tentou olhar em volta. Mas ele ainda estava no jogo, o que era a única coisa que importava àquela altura, certo?

Havia uma espécie de construção atrás dele, cujo interior era iluminado por uma luz fraca. Todo o resto não passava de sombras e árvores. Uma pilha de lenha, talvez. Uma máquina de algum tipo ao lado da construção. O que era aquilo? Um removedor de neve? Um cortador de grama?

– Ele está acordando – disse uma voz, não muito longe.

Nicholson ouviu passos e o som de água espirrando. Quando os passos chegaram perto, o facho de uma lanterna iluminou o chão à sua frente. Ele viu dois pés calçados com sapatos de cordovão escuros.

– Bem-vindo de volta, Tony. Estávamos achando que tínhamos perdido você. Tome!

Quando a água o atingiu, foi como se ele tivesse levado um choque. Seu corpo inteiro ficou gelado e sua respiração começou a sair numa série de arquejos alucinados que ele não conseguia controlar.

– Levantem-no – ordenou outra pessoa.

Eles o carregaram pelas axilas até seu traseiro nu aterrissar em uma cadeira de madeira. A lanterna só lhe permitia vislumbrar as coisas à sua volta: um rosto, um toco de madeira, um objeto prateado na mão de alguém. Seria uma arma? Um telefone?

– Onde está Mara? – perguntou com voz arrastada, lembrando-se dela de repente.

– Não se preocupe com ela agora. Esse é o menor dos seus problemas. Acredite.

– Nós tínhamos um acordo! – Ele soava patético e sabia disso. – Me fizeram promessas. Eu cumpri minhas ordens à risca!

Algo afiado cutucou o topo da sua cabeça.

– Quem mais sabe a respeito de Zeus? – perguntou um dos homens. Seu tom era sereno, informal.

– Ninguém! Eu juro! Ninguém sabe. Eu fiz minha parte. Mara também!

Uma linha ardente, quase como fogo, correu por trás da sua orelha até a nuca. Havia uma pequena brisa, uma corrente de ar, mas ela serviu apenas para aumentar a dor, como se fosse ácido.

– Nem Adam Petoskey? Nem Esther Walcott?

– Não! Quero dizer... eles podem ter descoberto alguma coisa por conta própria. Adam já não estava sendo tão cuidadoso quanto no início. Mas juro por Deus...

Mais dois cortes, um ao longo do seu peito e outro descendo pelo seu abdome. Nicholson gritou nas duas vezes.

Ele encolheu os músculos da barriga como se pudesse escapar da lâmina à medida que ela continuava a descer lentamente, separando a pele, até parar bem na base do seu pênis.

– Quem mais, Nicholson? Este é um bom momento para desembuchar.

– Ninguém! Meu Deus, não faça isso!

Ele estava chorando a essa altura, gemendo descontroladamente. Era tão injusto. Passara toda a sua vida adulta contando uma mentira atrás da outra e agora lá estava ele, enrascado por estar dizendo a verdade.

– Não sei o que vocês querem – balbuciou. – Não sei de mais nada...

Uma terceira voz veio de alguma parte da escuridão atrás dele. Era diferente das outras duas, com o tipo de sotaque caipira que Nicholson desprezava desde que havia chegado aos Estados Unidos.

– Ei, pessoal, vamos logo com isso, está bem? Tenho meus próprios assuntos pra resolver aqui.

E foi então que Nicholson entregou a última peça, sua *boia salva-vidas*... ou pelo menos ele esperava que assim fosse.

– Eu entreguei um disco para a polícia. Zeus está na gravação. O detetive Alex Cross está com ele!

capítulo 93

Custe o que custar. Essa sempre foi uma das expressões favoritas de Nana – metade teimosia, metade otimismo –, e ela não saía da minha cabeça nos últimos dias. Eu não iria desistir daquele caso, assim como não iria desistir de Nana.

Àquela altura, já estava bastante familiarizado com toda a UTI do St. Anthony's. Eu conhecia todas as enfermeiras e alguns dos parentes dos outros pacientes. Na verdade, estava no corredor naquela noite, conversando com uma recém-conhecida sobre a lesão cerebral de seu pai, quando o alarme começou a soar no quarto de Nana.

Alarmes nem sempre eram motivo para pânico por ali. Eles soavam o tempo todo, por conta de uma pinça que escapara de um dedo ou de algum defeito eletrônico qualquer. A regra geral era que quanto mais alto e insuportável o som ficasse, mais você precisava se preocupar.

O de Nana começou baixo, mas, quando cheguei ao seu quarto, ele já havia se tornado uma verdadeira sirene. Uma das enfermeiras, Zadie, estava lá dentro.

– O que foi? – perguntei a ela. – Aconteceu alguma coisa?

Ela estava ajustando a pinça do medidor de oxigênio de Nana e observando o padrão das ondas no monitor, por isso não respondeu de imediato.

Outra enfermeira, Jayne Spahn, surgiu atrás de mim.

– A pletismografia está errada? – perguntou ela.

– Não – respondeu Zadie. – Está correta. Chame o Dr. Donald Hesch. – Ela pressionou o botão de oxigênio 100% no respirador e começou a aspirar Nana imediatamente.

Meu coração esmurrava o peito.

– Zadie, o que está havendo?

– Ela está em processo de dessaturação, Alex. Ainda não há motivo para se preocupar.

Eu não tinha tanta certeza disso. Mesmo com o respirador, o excesso de

líquido retido no corpo de Nana obrigava seu coração a travar uma luta constante para fazer circular oxigênio suficiente. Até onde eu sabia, ela estava se afogando diante dos meus olhos.

O Dr. Hesch chegou alguns minutos depois, com Jayne e um dos fisioterapeutas. Eles se espremeram entre os aparelhos para cuidar de Nana. Tudo o que eu podia fazer era ficar ali, ouvindo e tentando me manter informado.

– Hoje pela manhã ela estava com pressão arterial média de 40 e foi administrada medicação intravenosa para aumentar a pressão. Estou aspirando catarro com sangue desde que Jayne foi chamar o senhor.

– A paciente tem uma gasometria coletada hoje?

– Não. As coletas de sangue nela são muito difíceis; a última foi há dois dias.

– O.k., continue até a paciente estabilizar e tente fazer uma nova coleta daqui a uma hora. Vamos ver qual o resultado da diálise pela manhã. Enquanto isso, vou conferir as radiografias dela.

Hesch tornou a sair sem dizer mais nada e Jayne me segurou pelo cotovelo no corredor.

– Ela está tendo uma noite difícil, Alex, mas vai superar isso.

Observei Nana pela porta. Zadie e o fisioterapeuta ainda trabalhavam nela. Era uma sensação tão grande de impotência, não poder lhe dar o que ela precisava, nem mesmo algo tão básico como oxigênio. Especialmente algo assim.

– Alex, você me ouviu? – Percebi que Jayne ainda estava falando. – Não haverá nenhuma novidade até amanhã de manhã. Alguém pode ligar e vir por volta das sete...

– Não – falei. – Vou passar a noite aqui.

Ela pousou uma de suas mãos no meu ombro.

– Não tem necessidade, mesmo.

– Eu entendo.

Só que não era mais uma questão de necessidade. Era uma questão do que eu podia controlar ou não. Durante os últimos 10 minutos, não havia pensado apenas sobre a possibilidade de perder Nana. Eu me perguntara: *E se eu não estivesse presente?* E se ela morresse e não houvesse ninguém com ela no momento?

Eu nunca me perdoaria, pensei. Então, se isso significava voltar para o turno

da noite por um tempo, era exatamente o que eu iria fazer.

Custasse o que custasse, eu estaria ali, ao lado de Nana.

capítulo 94

O SENADOR MARSHALL YARROW ESTAVA TIRANDO um saco de tacos de golfe da traseira do seu Navigator quando viu Sampson e eu atravessando o estacionamento do Washington Golf and Country Club. Pela sua cara, eu tinha acabado de arruinar sua manhã de sábado perfeita. Imagine só. Que pena.

– Posso saber o que vocês estão fazendo aqui? – perguntou ele enquanto nos aproximávamos do seu veículo.

– Três encontros marcados, três cancelamentos – falei. – Pode me chamar de louco, senador, mas eu diria que o senhor está me evitando. Ou melhor, *estava*.

– E quem é esse? – Ele olhou Sampson de cima a baixo, mais para cima, na verdade, considerando a altura de meu amigo.

– Este é meu parceiro, o detetive Sampson. O senhor pode fingir que ele não está aqui. Ele é perfeito para a ocasião, não é? Nós dois, aliás. Como carregadores de tacos, talvez.

Yarrow bufou para mim e acenou para alguém que esperava na entrada do clube.

– Mike, encontro você lá dentro. Peça um espresso para mim, sim?

Então percebi que o outro homem era Michael Hart, um senador da Carolina do Norte, democrata, ao contrário de Yarrow, que era republicano.

– O senhor prefere conversar no meu carro? – perguntei-lhe. – Ou talvez no seu?

– Eu tenho cara de quem quer entrar em um carro com o senhor, detetive Cross?

Fiquei surpreso por ele ter se lembrado do meu nome.

O senador então recuou, sumindo de vista entre o seu próprio utilitário e o outro carrão estacionado ao lado dele, um Hummer H3T novo em folha. Levando em conta a taxa de adesão de 100 mil dólares que aquele lugar deveria cobrar, duvido que alguém estivesse muito preocupado com o preço da gasolina.

– Não vou tomar muito do seu tempo, senador – falei –, mas acho que o senhor gostaria de saber que estamos ficando sem pistas. O único passo seguinte que consigo imaginar é começar a divulgar as gravações do clube de Tony Nicholson.

Yarrow desviou o olhar para Sampson. Imagino que estivesse se perguntando se nós dois o víramos em ação ou só eu. Suas mãos se apertaram sobre a capa do taco TaylorMade no saco.

– Então, a menos que o senhor possa nos oferecer algum outro caminho a seguir...

– Por que eu poderia? – perguntou ele, mantendo a calma.

– É só um pressentimento meu. Algo a ver com todos aqueles encontros que o senhor cancelou.

Ele respirou fundo e passou a mão sobre a barba por fazer no seu queixo.

– Bem, é claro que antes preciso falar com meu advogado.

– Essa é provavelmente uma boa ideia – concordei. – Mas, só para sua informação, este é um sábado de trabalho para nós. Precisamos resolver uma ou outra coisinha ainda hoje.

Yarrow estava tão desconfortável que eu quase me senti mal por ele. Não lhe restava mais nenhuma boa opção e ele sabia disso. Quando estou com sorte, isso faz as pessoas dizerem logo a verdade.

– Só para eu ter uma ideia – disse ele –, o que vocês poderiam me oferecer em termos de imunidade?

– Por enquanto, nada. Isso é com o promotor público.

– Certo, porque vocês nunca negociam por fora, não é mesmo?

– Podemos lhe oferecer o seguinte: o senhor nos conta o que sabe e então, quando o Serviço Secreto for atrás do senhor, e eles vão fazer isso, não vai ser por obstrução da justiça e conspiração para acobertar uma série de assassinatos.

Eu só podia imaginar quanto Yarrow devia me odiar àquela altura. Sem desgrudar seu olhar do meu por um instante sequer, ele disse:

– Me diga uma coisa, detetive Sampson. O senhor diria que o seu parceiro aqui é um homem vingativo?

Sampson pousou sua mão grande no teto do carro de Yarrow.

– Vingativo? Não, Alex não é assim. Eu diria que ele está mais para *realista*. Talvez esta seja uma boa palavra para o senhor ter em mente agora.

A princípio, pensei que o senador Yarrow iria sair andando ou talvez estourar de raiva usando um daqueles seus tacos TaylorMade. Em vez disso, enfiou a mão no bolso e as portas do seu Lincoln se abriram com um apito.

– Entre no carro.

capítulo 95

O ESTOFADO DE COURO DO CARRO de Yarrow fedia a café e cigarro. Eu poderia apostar que ele era do tipo que prefere charutos.

– Antes de mais nada, deixe-me esclarecer algumas coisas – comecei. – O senhor era um cliente pagante daquele clube, sim ou não?

– Próxima pergunta.

– O senhor estava ciente de que garotas ligadas ao clube tinham morrido.

– Não. Isso não é verdade – reagiu ele. – Eu estava apenas começando a suspeitar que havia algo de errado logo antes de toda essa confusão.

– E o que o senhor planejava fazer com essa informação? Com suas suspeitas?

Yarrow se virou de repente e apontou um dedo para a minha cara.

– Não me interrogue, Cross. Sou um senador dos Estados Unidos, não um bandido de meia-tigela do sudoeste de Washington.

– É exatamente aí que quero chegar, Sr. Yarrow. O senhor é um senador dos Estados Unidos; deveria ter consciência. Agora, tem algo para nós ou não?

Ele ficou em silêncio por tempo suficiente para pegar um maço de Marlboro vermelho do painel. Notei que a chama no seu isqueiro dourado do Senado tremeu quando ele o usou.

Depois de duas longas tragadas consecutivas, Yarrow voltou a falar, olhando para o retrovisor.

– Tem um homem com o qual o senhor deveria falar. O nome dele é... Remy Williams. Se eu tivesse que adivinhar, diria que está envolvido até o pescoço nesta história.

– Quem é ele? – perguntei.

– Essa é uma ótima pergunta, na verdade. Acho que costumava trabalhar para o Serviço Secreto.

Essas duas últimas palavras se acenderam em minha mente como fogos de artifício.

– Para o Serviço Secreto? Qual divisão? – perguntei.

– Serviço de Proteção.

– Na Casa Branca?

Yarrow fumava quase sem parar, enquanto os nós dos dedos de sua mão livre ficavam brancos de tanto apertar o volante.

– Isso mesmo – falou, soltando a fumaça. – Na Casa Branca.

Sampson olhava para mim por sobre o encosto de cabeça e tenho certeza de que estava se perguntando a mesma coisa que eu. Seria essa a conexão com a Casa Branca de que já tínhamos ouvido falar? Ou o tipo de coincidência que embaralha investigações como a nossa o tempo todo?

O senador Yarrow continuou falando sem que eu precisasse insistir mais.

– A última notícia que tive foi que Remy estava vivendo em algum barraco deplorável, lá para os lados do condado de Louisa, como um daqueles malucos que se preparam para alguma catástrofe, com direito a água mineral, espingardas e tudo. No melhor estilo *Na natureza selvagem*.

– Qual a sua associação com ele? – perguntou Sampson.

– Foi ele quem me apresentou ao clube.

– Isso não responde a nossa pergunta – observei. – Olhe, senador, não estou gravando nada disso. Pelo menos, ainda não.

Yarrow abriu a janela e bateu o resto das cinzas do seu cigarro no asfalto e, em seguida, apagou a guimba no cinzeiro. Percebi que estava começando a voltar para a defensiva.

– Ele é irmão da minha ex-mulher, o.k.? Faz um ano que não vejo o desgraçado. A questão é que, se pegarem a estrada e forem para lá, talvez tenham algo mais para fazer com o sábado de vocês do que atormentar servidores públicos.

capítulo 96

O LOCAL FICAVA A POUCO MAIS de duas horas da fronteira oeste do condado de Louisa, o que também era cerca de uma hora ao sul do clube de Nicholson. Essas duas localidades faziam uma triangulação perfeita com o ponto da Interestadual 95 em que Johnny Tucci, da Filadélfia, tinha sido parado com os restos de minha sobrinha no porta-malas. Talvez estivéssemos mesmo chegando a algum lugar naquela investigação.

As vagas coordenadas de Yarrow nos levaram a fazer algumas curvas erradas até encontrarmos a estrada de cascalho correta que saía da Rota 33. Depois de atravessarmos a mata por vários quilômetros, chegamos a um bloqueio improvisado, com uma fileira de pedras obstruindo o caminho. Era óbvio que alguém as tinha colocado ali e não levamos muito tempo para removê-las.

Além desse ponto, havia duas trilhas de terra que se embrenhavam na mata. Só depois de mais meia hora de progresso lento vimos algo feito pelo homem. O vizinho mais próximo de Remy Williams parecia ser o Lake Anna State Park a leste.

O caminho de acesso, por assim dizer, dava nos fundos de um casebre de um pavimento cercado bem de perto por pinheiros. De onde estávamos, parecia inacabado, com telhado de aço galvanizado, mas apenas placas de madeira compensada empenada sobre fibra de polietileno nas paredes.

– Excelente – Sampson murmurou, ou talvez tenha rosnado. – Igualzinho ao Unabomber.

Era maior que a famosa cabana de Ted Kaczynski, na qual eu já estivera antes, mas a sensação era basicamente a mesma: louco no pedaço.

Na frente, as duas janelas pequenas dando para a varanda coberta pareciam escuras. Havia um pátio de terra grande o bastante para vários carros, mas nenhum sinal de veículo. O lugar parecia completamente deserto e parte de mim torcia para que de fato estivesse.

Só depois que dei a volta quase completa com o carro vi o triturador de madeira ao lado da casa.

– Sampson?

– Estou vendo.

Era um velho modelo industrial, com dois pneus e um engate de reboque enferrujado apoiado em um bloco de concreto. A maior parte da pintura já havia saído, sobrando apenas algumas partículas impressionistas de verde e amarelo na carcaça. Ao lado dele, uma lona azul estava dobrada no chão, com uma lata de gasolina de 8 litros de capacidade em cima.

Quando saímos, mantive o carro ligado e saquei minha Glock.

– Alguém em casa? – chamei, desanimado.

Ninguém respondeu. Tudo que eu ouvia era o vento, alguns pássaros cantando nas árvores e o motor do carro.

Sampson e eu entramos na varanda, um de cada lado, para conferir primeiro as janelas e depois a porta.

Quando espiei para dentro da casa, meus olhos levaram alguns segundos para se ajustarem à penumbra. Então vi um homem, sentado em uma cadeira contra a parede oposta. Estava muito escuro para discernir os detalhes; não conseguia nem saber se ele estava vivo ou morto. Não ao certo. Pelo menos por enquanto.

– Merda – murmurou Sampson.

Isso mesmo. Era exatamente o que eu estava pensando.

capítulo 97

A PORTA DA FRENTE DA CABANA não tinha fechadura, apenas um trinco de ferro batido. Assim que a abri, fomos atingidos pelo cheiro.

Era aquele aroma ao mesmo tempo adocicado e pútrido tão característico e tão difícil de suportar. Como frutas ou carne que estivessem apodrecendo há dias no mesmo barril.

O lugar estava praticamente vazio, com apenas alguns móveis: uma cama de metal, um aquecedor a lenha e uma mesa de madeira longa.

A única cadeira estava ocupada e, ao que parecia, Remy Williams tinha morrido nela.

Seu queixo estava caído e parte do seu rosto havia sido estourada. Uma espingarda Remington continuava meio agarrada em sua mão esquerda, com o cano apontado para o chão de pinho.

A outra mão pendia ao lado do corpo e parecia haver algo escrito no antebraço. *Algo escrito? Era isso mesmo?*

– Que porra é essa? – Sampson cobriu a boca e o nariz com o braço e se agachou para enxergar melhor. – Ah, não. Ele não fez isso.

Quando apontei minha lanterna para o braço, vi que a mensagem tinha sido *entalhada*, não escrita.

Uma faca de caça de 15 centímetros estava no chão aos pés de Williams. As letras ainda eram bastante legíveis:

SINTO MUITO

capítulo 98

VÁRIAS COISAS ACONTECERAM MUITO DEPRESSA depois que encontramos Williams. Em poucas horas, tínhamos novos representantes de todos os envolvidos no caso – a Polícia Estadual da Virgínia em Richmond e a equipe do FBI em Charlottesville. Eu não conhecia ninguém ali, o que talvez fosse uma boa coisa, ou não. Não tardaria a descobrir.

A equipe de perícia do FBI era composta de funcionários de aparência séria especializados em sorologia, análise de vestígios, armas de fogo, fotografia e coleta de impressões digitais. Eles montaram uma tenda e espalharam longas folhas de papel pardo sobre placas de compensado apoiadas em cavaletes.

O solo ao redor do triturador de madeira foi dividido em quadrados de 20 centímetros de lado e eles começaram a analisá-lo imediatamente, peneirando de forma meticulosa um quadrado por vez, colhendo evidências em potencial e separando-as da terra e dos detritos.

O triturador em si seria desmontado num laboratório em Richmond, mas os reagentes aplicados já haviam detectado traços de soro sanguíneo. Uma inspeção a olho nu também encontrou fragmentos de ossos humanos nas lâminas do mecanismo.

Tudo foi devidamente fotografado, documentado, posto para secar ou guardado em envelopes de papel pardo.

A parte mais rápida do trabalho acabou sendo a busca na mata. O tenente-coronel que chefiava a equipe da polícia estadual pediu dois cães farejadores e, logo nas primeiras horas, eles encontraram um pedaço de terra revirado recentemente, pouco menos de um quilômetro a leste da cabana.

Uma escavação cautelosa trouxe à tona duas sacolas plásticas de "restos" enterradas a um metro e meio de profundidade. Todos no local estavam com a expressão arrasada. Ninguém nunca está preparado para uma cena de crime como aquela.

Os novos restos eram idênticos aos de Caroline e o consenso foi de que haviam passado no máximo três dias enterrados ali. Pensei na mesma hora em Tony Nicholson e Mara Kelly, que ainda estavam oficialmente desaparecidos.

– Faz sentido, pelo menos em tese – falei para Sampson. – Era só tirá-los da cadeia para poder sumir com os dois de uma vez por todas. Nós pensaríamos que eles haviam saído do país.

– Que maneira sinistra de cobrir seus rastros – disse Sampson. – Mas devo admitir que é muito eficaz.

Estávamos sentados na beirada da varanda por volta de uma da manhã, observando um agente etiquetar o que restava dos mortos como evidência antes de colocá-los em sacos de cadáver. John não conseguia desgrudar os olhos da cena, mas eu já tinha visto o suficiente. Era deprimente saber que o assassinato de minha sobrinha estava se tornando o caso mais macabro que eu já havia investigado.

Mas esse fato também me fazia seguir em frente. Pela quarta vez em quatro horas, disquei o número do telefone de Dan Cormorant.

Para variar, desta vez o agente do Serviço Secreto atendeu.

– Onde vocês se meteram? – perguntei a ele. – Estão pelo menos acompanhando isto aqui?

– Você obviamente não está assistindo à TV agora – disse ele. – Parece que só a ESPN não está nessa mata.

– Cormorant, preste atenção. Remy Williams não era Zeus, da mesma forma que Tony Nicholson e Johnny Tucci não eram. Williams pode ser um assassino frio e calculista, mas não é o homem que estamos procurando.

– Concordo – disse Cormorant. – E sabe por quê? Porque acabamos de pegar Zeus. *Agora mesmo*. Se quiser ficar de fora da atração principal, não saia daí. Mas, se quiser estar presente quando acabarmos com esta história de uma vez por todas, sugiro que volte para a cidade. Imediatamente, detetive Cross. Este caso está prestes a ser solucionado. Você não deveria perder isso.

capítulo 99

LAMENTAVELMENTE, EU ESTAVA FUNCIONANDO À base de pura adrenalina e cafeína quando chegamos ao Edifício do Gabinete Executivo Eisenhower, em frente à Ala Oeste. Eram quase quatro da manhã, mas o Centro de Operações Conjuntas estava agitado como se fosse meio-dia.

A atmosfera na sala de reuniões era tensa, para dizer o mínimo. Um dos 12 televisores de tela plana dispostos na parede estava ligado na CNN, mostrando uma tomada aérea da cabana de Remy Williams, com a legenda *Agente do Serviço Secreto encontrado morto*.

Na frente da sala, um agente cinquentão em mangas de camisa gritava ao telefone, alto o suficiente para que todos o ouvissem:

– Não me interessa com quem você precise falar; ele não é do Serviço Secreto. Mude essa maldita legenda agora!

Eu já havia identificado várias pessoas que conhecia, incluindo Emma Cornish, nosso contato na Força-Tarefa de Combate a Crimes Hediondos do Serviço Secreto, e Barry Farmer, um dos dois agentes do Serviço lotados na Unidade de Homicídios da Polícia Metropolitana. Era como se os dois departamentos tivessem se fundido bem ali, na calada da noite.

Só de fachada, talvez?

Ainda era cedo para dizer.

Estávamos todos reunidos ao redor de uma longa mesa oval para a primeira reunião. O homem com um vozeirão na frente da sala era Silo Ridge, o agente especial encarregado. Ele era o chefe ali e estava do lado do agente Cormorant.

– Estou distribuindo um boletim informativo – disse Ridge, dividindo uma pilha de papéis em duas e entregando metade para cada lado. – O nome do indivíduo em questão é Constantine Bowie, também conhecido como Connie Bowie, ou *Zeus*. A maioria de vocês já sabe disso, mas Bowie foi um agente do Serviço Secreto de 1988 a 2002.

Fui o único, além de Sampson, talvez, a me encolher ao ouvir isso. Era como se um novo mapa da investigação estivesse se desdobrando à nossa frente.

Levantei a mão.

– Alex Cross, Polícia Metropolitana. Estou me atualizando no caso agora, mas qual é a relação, se é que existe alguma, dele com Remy Williams? Além do fato de os dois supostamente terem sido agentes no passado?

– Detetive Cross, é um prazer tê-lo aqui – disse Ridge, fazendo mais algumas cabeças se virarem na minha direção. – O foco desta operação é o ex-agente Bowie. Por enquanto, todas as demais informações são restritas àqueles que precisam conhecê-las.

– Só estou perguntando porque...

– Agradecemos a participação da Polícia Metropolitana, como sempre. Este assunto é visivelmente delicado, mas não vamos começar a destrinchá-lo agora.

Dei a Ridge o benefício da dúvida, pelo menos por enquanto. Essa ainda não era uma ponte que eu precisasse cruzar. Ou queimar.

A imagem das credenciais de Bowie, de 2002, surgiu em uma das telas. Para mim, ele era igual a um milhão de outros agentes: no melhor estilo "branco, anglo-saxão e protestante", com queixo quadrado e cabelo castanho penteado para trás. Só faltavam os óculos escuros.

– Bowie esteve envolvido no assassinato de pelo menos três mulheres – continuou Ridge –, todas garotas do suposto clube de cavalheiros no condado de Culpeper. Elas são Caroline Cross, Katherine Tennancour, Renata Cruz... – Fotos tiradas pela equipe de vigilância, que eu já tinha visto, passaram em uma exibição de slides. – E esta é Sally Anne Perry.

Um vídeo começou a passar e reconheci de imediato a gravação que entregara a Cormorant poucos dias antes. Como Ridge dissera, *o Serviço Secreto agradecia a participação da Polícia Metropolitana.*

– Essas imagens não são nem um pouco agradáveis – disse Ridge –, mas vocês precisam saber quem estamos perseguindo. O homem que vai entrar no quarto em instantes é Constantine Bowie, ou *Zeus*. E ele está prestes a cometer assassinato.

capítulo 100

TODOS MANTIVERAM A COMPOSTURA PROFISSIONAL enquanto o vídeo era passado. O agente Ridge continuou falando durante a exibição:

– Um pouco de história para vocês. Bowie foi recrutado para o Serviço Secreto do Departamento de Polícia da Filadélfia em 1988. Durante 13 anos, não há muito o que contar, mas, logo depois do 11 de Setembro, seu desempenho começou a cair. Então, em fevereiro de 2002, após um disparo indevido, sobre o qual não vou entrar em detalhes agora, Bowie foi afastado do Serviço Secreto sem benefícios.

Cormorant assumiu a partir daí e apresentou o slide de um prédio comercial de aparência comum.

– Em 2005, ele abriu uma empresa chamada Galveston Security aqui em Washington...

– Galveston? – perguntou alguém.

– É a sua cidade natal – disse Cormorant. – Atualmente, possui filiais na Filadélfia e em Dallas, com um patrimônio líquido de mais ou menos 7 milhões de dólares. As ligações com a Filadélfia não provam nada, mas vale notar a existência de pelos menos alguns contratos de empreitada fora do estado com os Martino, a família de criminosos.

Cormorant olhou para mim antes de prosseguir:

– Outra coisa que podemos lhes dizer é que os registros telefônicos mostram duas ligações do celular de Bowie para o telefone que foi encontrado hoje na cabana de Remy Williams. Uma dessas ligações foi feita há dois meses e a outra há quatro dias.

– Onde está Bowie agora? – perguntou um dos agentes.

– Segundo a equipe de vigilância, em casa, desde as 11 da noite de ontem. Temos meia dúzia de agentes vigiando o local.

– Quando poderemos agir? – quis saber outra pessoa. Era possível sentir a

impaciência no ar. Imagino que ninguém quisesse encarar aquela operação, mas sim se livrar logo dela.

O agente Ridge conferiu o relógio.

– Assim que vocês estiverem prontos – falou, ao que todos começaram a se levantar.

capítulo 101

O SILÊNCIO ERA ARREPIANTE QUANDO ESTACIONAMOS diante de uma fileira de casas de tijolos com telhados planos na Winfield Lane, na região noroeste de Washington. Uma dupla de tenistas jogava do outro lado da rua, nas quadras ainda molhadas de Georgetown. Se Nana estivesse em casa, estaria se levantando e se arrumando para ir à igreja, pensei.

Tínhamos quatro agentes da SWAT a postos na retaguarda, com viaturas da Polícia Metropolitana nas duas extremidades do quarteirão e uma equipe de paramédicos de prontidão. O restante de nós saiu para a rua várias portas antes da casa de Bowie, onde uma van branca acabava de parar.

Assim que Ridge deu o sinal verde, uma equipe de cinco homens com uniformes à prova de bala saiu da van e subiu os degraus de entrada da casa de Bowie em fila indiana. Foi uma operação silenciosa. Eles arrombaram a porta e então desapareceram lá dentro.

Depois disso, esperamos por dez longos minutos enquanto eles avançavam pela casa, liberando um cômodo após outro. Ridge manteve a cabeça baixa e uma das mãos sobre o fone de ouvido enquanto o comandante da SWAT lhe sussurrava o progresso da equipe. Ele ergueu dois dedos para indicar que os homens tinham chegado ao segundo andar e, alguns minutos depois, três.

Então, se empertigou de repente. Eu conseguia ouvir gritos vindos da casa.

– Eles o pegaram! – disse Ridge. Mas em seguida acrescentou: – Esperem.

Houve uma rápida troca de informações, com Ridge respondendo abruptamente aos comunicados.

– Sim? Estou ouvindo. Mantenha-se firme. – Depois de um tempo, falou: – O.k., me dê um instante.

Ele se virou para falar conosco:

– Chegamos a um impasse lá dentro. Bowie está armado e resistindo. Disse que não vai falar com o Serviço Secreto.

Eu nem precisei pensar.

– Deixe-me falar com ele – pedi.

Ridge levantou um dedo e voltou a falar no microfone no punho de sua camisa.

– Peters, vou enviar um telefone com linha direta...

– Não – falei. – Cara a cara. Tudo o que ele está vendo lá dentro são cinco oficiais armados. Não estamos aqui para fazer número, Ridge. Você nos trouxe para cá por um motivo e agora sabemos qual é.

Houve outra longa troca de informações entre Ridge, a SWAT e Constantine Bowie. Por fim, eles chegaram a um acordo. Bowie os deixaria vasculhar o restante da casa para se certificarem de que não havia mais ninguém no local e então eu entraria. De repente, alguém estava me entregando um colete à prova de bala enquanto Ridge me dava as instruções.

– Mantenha a SWAT entre você e Bowie o tempo todo. Se puder convencê-lo a se entregar, faça isso, senão, vá embora. Não prolongue a negociação. – Ele tornou a conferir o relógio. – Quinze minutos. Não mais que isso. Ou tiro você lá de dentro pessoalmente.

capítulo 102

O PSICÓLOGO EM MIM ESTAVA TRABALHANDO a todo vapor enquanto eu entrava sozinho na antessala da casa de Bowie. O lugar era arejado e bem equipado. Uma grande quantia de dinheiro tinha sido gasta em antiguidades e obras de arte do período colonial. A casa era extremamente organizada; nenhuma revista ou jornal espalhado ou quinquilharia fora do lugar. Eu via uma boa dose de controle em ação naquela casa. *Era ali que Zeus morava? Teria ele cometido assassinatos ali também?*

O quarto principal ficava no terceiro andar, logo no topo da escada.

Dois oficiais da SWAT no corredor assentiram para mim enquanto eu subia, mas não disseram nada. Eu também conseguia ver dois dos três que estavam dentro do quarto, cobrindo Bowie de diferentes ângulos com suas submetralhadoras MP5. Chamei o assassino pelo nome.

– Bowie, meu nome é Alex Cross. Sou da Polícia Metropolitana e estou entrando, o.k.?

Houve uma pausa, seguida por uma voz tensa:

– Entre. Mas quero ver seu distintivo.

Ele estava sentado no chão, só de cueca boxer e suando em bicas. Alguém obviamente dormira na cama king size e a gaveta da mesinha de cabeceira estava aberta.

Ele havia se encurralado debaixo de uma janela, entre a cama e um dos dois armários. Seus braços estavam esticados para a frente, com uma pistola calibre 357 apontada para o oficial mais próximo.

A outra coisa que notei foi o anel na sua mão direita – de ouro, com uma pedra vermelha, como o do vídeo que todos já tínhamos visto àquela altura.

Nossa, ele estava facilitando demais para nós. Por quê? Seria mesmo Zeus?

Mantive minhas próprias mãos esticadas com o distintivo à vista e fui somente até o vão da porta. Todos os demais continuaram parados como estátuas.

– Bela casa – falei. – Há quanto tempo você mora aqui?

– *O quê?* – Bowie me avaliou com o olhar por meio segundo, então voltou a encarar seu alvo.

– Perguntei há quanto tempo você mora aqui. Só isso. Quebrando o gelo.

Ele deu uma risada sarcástica.

– Conferindo minha acuidade mental?

– Exatamente.

– Eu moro aqui há dois anos. A presidente dos Estados Unidos é Margaret Vance. Sete vezes oito é 56. Satisfeito?

– Então imagino que compreenda a gravidade do que está fazendo – falei.

– É aí que você se engana – disse ele. – Não faço a menor ideia do que está acontecendo aqui.

– Bem, então vou lhe contar. Ou tentar, pelo menos. Tecnicamente, você está preso pelo assassinato de Sally Anne Perry.

Seus olhos lampejaram de raiva, mas não se moveram.

– Não me venha com essa! Eles estão atrás de mim desde que fui expulso.

– De quem você está falando?

– Do Serviço Secreto. Do FBI. Da maldita presidente Vance, até onde sei.

Eu me detive e respirei fundo, torcendo para que ele fizesse o mesmo.

– Você está me dando sinais contraditórios, Bowie – falei. – Em um momento me parece lúcido, no outro...

– Sei, mas o fato de eu ser paranoico não significa que eles não queiram me pegar, certo?

Por estranho que pareça, eu não tinha como contra-argumentar, então segui em frente:

– Por que não me diz o que precisa ouvir para baixar essa arma?

Ele indicou o oficial mais próximo com o queixo.

– Eles que baixem primeiro.

– Ora, Constantine. Você sabe que isso não vai acontecer. Coopere comigo. Se for mesmo inocente, então estarei do seu lado. Onde conseguiu esse anel?

– Pare de fazer perguntas. Pare.

– Está bem.

Seus braços eram musculosos, mas, depois de no mínimo 20 minutos esticados, estavam começando a tremer. Ele até se ajeitou, dobrando a perna para

descansar o braço que segurava a arma em cima do joelho.

– Bowie, eu...

Então ouvi o barulho de vidro se partindo. Uma das pequenas vidraças atrás dele se despedaçou e Bowie caiu de cara no carpete com um minúsculo buraco escuro na nuca.

Eu não conseguia acreditar. Não queria acreditar. A SWAT entrou em ação imediatamente. Alguém me puxou para trás em direção ao corredor enquanto os demais cercavam Bowie.

– Um tiro, o alvo caiu! Precisamos de paramédicos aqui em cima agora mesmo!

Poucos segundos depois, abri caminho até o quarto aos empurrões. Meu corpo tremia de raiva. Por que tinham atirado nele? Por que agora? Eu estava tentando fazer com que ele falasse. Bowie estava esparramado no chão, com os braços estendidos para os lados. Através da janela quebrada, eu conseguia ver outro oficial no telhado oposto, agachado com seu rifle.

– Cancele os paramédicos – dizia o comandante. – Vamos encontrar vocês no primeiro andar e subimos de volta juntos.

E então dois deles estavam me conduzindo para fora do quarto e pelas escadas abaixo com truculência. Eu obviamente não tinha mais utilidade ali.

Quando chegamos à varanda, os paramédicos estavam esperando. Chamá-los fazia parte do protocolo, mas, àquela altura, não passava disso. Eu vira o bastante para saber que Constantine Bowie não tinha como ficar mais morto do que já estava.

E que eu não tinha passado de uma isca naquela maldita operação. Eles pretendiam matá-lo desde o início.

Fossem *eles* quem fossem.

capítulo 103

TUDO PARECIA MUITO CERTINHO, MUITO fácil, mas isso não significava que Constantine Bowie não fosse o assassino. Os próximos dias se resumiram a lidar com uma montanha de papéis. Duvido que a maioria das pessoas tenha ideia de quanta tinta é necessária para se arquivar um caso de homicídio, especialmente um dessa magnitude.

Mesmo que o FBI e o Serviço Secreto afirmem que foi feita justiça.

Tive que ir a inúmeras reuniões e, depois disso, a audiências públicas. Uma comissão parlamentar de inquérito havia sido prometida, em meio a toda sorte de especulações infundadas dentro do Capitólio e na mídia. O país estava em polvorosa: tanto no que dizia respeito à lista de clientes de Tony Nicholson quanto ao envolvimento do Serviço Secreto e até mesmo a que outros envolvidos na matança generalizada de Bowie poderiam estar à solta.

Assim que terminei com a papelada, tirei o resto da semana de folga. Saí tarde do escritório na quarta-feira e fui direto para o hospital. Nana andava com uma aparência muito mais serena ultimamente, como um anjo, o que era bom, mas também difícil de aceitar. Passei a maior parte daquela noite acordado, apenas olhando para ela.

Então tia Lia me rendeu mais cedo na quinta-feira e consegui pegar Bree ainda na cama quando finalmente cheguei em casa. Ela estava apenas começando a se mexer quando me deitei ao seu lado e a abracei.

– Faça o que quiser – sussurrou ela. – Só não me acorde.

Mas então ela riu e se virou para me dar um beijo de bom-dia. Seus pés e pernas continuaram entrelaçados aos meus debaixo das cobertas.

– Está bem, só faça o que quiser comigo – falou por fim.

– Isto é gostoso. Lembra?

Ela assentiu, com sua testa colada à minha, e eu estava pensando que talvez nunca precisasse estar em nenhum outro lugar que não fosse ali. Nunca mais.

Então a porta do quarto se abriu. *É claro.*

– Papai, você está em casa? – Ali esticou a cabeça para dentro e pulou em cima da cama antes que eu pudesse mandá-lo embora.

– Homenzinho, quantas vezes já falei para você bater antes de entrar? – perguntei.

– Um milhão de vezes – respondeu ele, rindo e se enfiando entre nós dois de qualquer maneira.

Para não ficar para trás, Jannie chegou logo em seguida e os dois começaram a tagarelar, como se não fossem apenas seis e meia da manhã. Mesmo assim, era bom estarmos todos juntos de novo.

Às sete, eu estava preparando uma porção de bacon, ovos e sanduíches de tomate enquanto Bree fazia café e servia o suco de laranja. Jannie e Ali estavam procurando meu nome no jornal da manhã e eu havia até colocado Gershwin para tocar na sala de estar. Não era a mesma coisa que estar no quarto com Bree, mas também não era nada mau.

Justo quando eu estava tirando minhas criações para o café da manhã da frigideira, um telefone começou a tocar no andar de cima, alto o suficiente para o escutarmos, apesar da música.

Todos interromperam o que estavam fazendo e olharam para mim, parado ali com minha espátula engordurada na mão.

– O que foi? – falei, com os olhos arregalados e a maior cara de inocente. – Não estou ouvindo nada.

Isso me rendeu uma vibração em coro das crianças e até um tapinha na bunda por parte de Bree.

Quem quer que fosse, teve o bom senso de não voltar a ligar.

capítulo 104

ALGUMAS HORAS DEPOIS, BREE E eu estávamos de volta depois de termos deixado as crianças na escola e passado na farmácia e no mercado.

– Já para o quarto – falei para ela antes mesmo de a porta se fechar atrás de nós. – Temos um assunto pendente para resolver.

Ela pegou a sacola de compras das minhas mãos e me deu um beijo.

– Estou indo. Não comece sem mim.

Eu já estava no meio da escada quando ela me chamou de volta da cozinha.

– Alex! – Sua voz estava tensa. Qual o problema agora? – Temos *companhia*.

Quando desci, ela estava parada no vão da porta que dava para o solário, olhando para fora.

– Adivinhe quem está aqui? – disse ela.

Andei até ela e vi Ned Mahoney sentado no nosso quintal, tamborilando os dedos na mesa de piquenique.

– *Puta merda!* – exclamei.

Ele continuou ali enquanto eu saia para o solário e descia até o quintal para descobrir o que estava acontecendo.

– Foi você quem ligou mais cedo? – perguntei.

Mahoney assentiu e, antes que ele falasse uma palavra sequer, percebi que o caso não havia terminado.

– Quer entrar?

– Vamos conversar aqui fora – respondeu ele.

Fui pegar uma jaqueta e dois copos de café dentro de casa e voltei para a mesa de piquenique.

Mahoney tomou um grande gole de seu café enquanto eu me sentava. Parecia exausto. Toda sua efusividade habitual tinha desaparecido ou pelo menos fora desgastada.

– Você está bem? – perguntei.

– Só um pouco cansado. Ainda não desisti desse assunto, Alex. Perdi todos os meus dias de folga, minhas férias inteiras. Kathy está prestes a me matar.

Eu assenti.

– Bree também. E ela tem uma arma.

– Ainda assim, valeu a pena. Ah, se valeu. Tenho uma pessoa que quero que você conheça. O nome dele é Aubrey Lee Johnson. Ele vive no Alabama, mas tem um negócio de carretilhas personalizadas para varas de pesca que o faz vir bastante à Virgínia.

Mahoney terminou o seu café e deslizei o meu para o seu lado da mesa. Ele já estava recuperando parte da sua agitação habitual.

– Esse cara tem uma história que acha que talvez seja importante. E sabe de uma coisa, Alex? Ela é *mesmo*.

capítulo 105

NÃO HAVIA A MENOR CHANCE de Mahoney conseguir passagens aéreas para aquela viagem. Mesmo se o caso fosse dele – o que não era –, o FBI cuida do dinheiro do contribuinte ao exigir que agentes usem os escritórios locais para entrevistas interestaduais. Ned já havia trocado alguns e-mails com a sucursal do Bureau em Mobile, mas, no fim das contas, decidimos pagar de nossos bolsos a viagem para o Alabama.

Chegamos ao Aeroporto Regional de Mobile no final da manhã seguinte e alugamos um carro.

Aubrey Johnson morava na ilha de Dauphin, cerca de uma hora ao sul. Era uma viagem sonolenta, pelo menos naquela época do ano, e não tivemos problema para encontrar sua loja: Big Daddy's Fishing Tackle, na Cadillac Avenue.

– É por isso que estamos aqui? Para conhecer a Big Daddy's Fishing Tackle? – perguntei a Mahoney.

– Por incrível que pareça, este é o fim da estrada. É aqui que a conspiração cai por terra. Isto é, se tivermos sorte.

– Então vamos começar a fazer nossa sorte.

Johnson era um cinquentão alto e sociável. Ele nos convidou a entrar em sua loja como se fôssemos dois velhos amigos, para então passar dois trincos na porta atrás de nós.

Mahoney já o havia interrogado por telefone, mas Johnson repetiu sua história para mim: como estava dirigindo tarde da noite na Rota 33, na Virgínia, cerca de um mês antes, quando uma linda garota vestindo um *négligé* saiu cambaleando do meio da mata em frente à sua caminhonete.

– Verdade seja dita, achei que fosse minha noite de sorte – disse ele –, até ver o estado terrível em que ela estava. Se aquela bala nas suas costas fosse de um calibre maior, ela teria morrido.

Ainda assim, a garota insistira em que Johnson continuasse dirigindo, pelo menos até eles terem cruzado a divisa do estado. Ele finalmente a levou a um pronto-socorro nas cercanias de Winston-Salem.

– Ela se chamava Annie? – perguntei.

– Já vou chegar a essa parte – respondeu Johnson.

– Por que ela não veio a público antes? – perguntei aos dois. Tudo o que sabia era que o contato entre o Sr. Johnson e Mahoney tinha começado antes de os nomes Constantine Bowie e Zeus sequer aparecerem nos jornais.

– Isto é um pouco complicado – falou Johnson. – Ela ainda não nos contou tudo. Nem sabemos seu nome verdadeiro; só a chamamos de Annie para simplificar. Quando tentei sondar algumas pessoas sobre o assunto, não tinha muito a dizer, então duvido que elas tenham me levado a sério. Pelo menos não até o agente Mahoney aqui retornar minha ligação. Ele entrou em contato por causa de um telefonema que eu tinha feito para a sucursal do FBI em Mobile.

– E onde ela está agora, Aubrey? – perguntou Mahoney.

– Não muito longe. – Johnson se levantou e pegou um molho de chaves de cima do balcão. – Vou deixar que ela fale por si mesma, mas lhes direi o seguinte: aquele sujeito que vocês estão chamando de Zeus no noticiário? Segundo ela, vocês pegaram o cara errado. Ela não é Annie; e ele não é Zeus.

capítulo 106

JOHNSON NOS LEVOU DE VOLTA pela cidade em sua caminhonete, quase até a ponte que ligava a ilha ao continente.

Então fez o retorno e parou na marina da ilha de Dauphin. Menos da metade dos berços de atracação estava ocupada e tanto a oficina quanto o quiosque da orla pareciam fechados para a estação.

Nós o seguimos ao longo de um dos três píeres compridos até um barco de pesca esportiva chamado *The May*. Uma mulher corpulenta, aparentemente a Sra. Johnson, esperava no convés. Ela olhou para nós de um modo bem mais desconfiado do que seu marido.

– São eles? – perguntou.

– Você sabe que sim, May. Vamos.

Ela não se moveu.

– Essa garota comeu o pão que o diabo amassou, estão me entendendo? Vocês precisam pegar leve com ela.

Não fiquei melindrado com aquela atitude; na verdade, me senti grato por ela. Garantimos à Sra. Johnson que trataríamos bem a garota e então descemos junto com ela até a pequena cabine debaixo do convés.

"Annie" estava sentada na beirada do sofá da área de jantar, parecendo tensa e nervosa. Mesmo assim, era óbvio que se tratava de uma garota bonita, com o tipo de traços de boneca de porcelana que Tony Nicholson parecia preferir para o Blacksmith Farms. Sua calça cargo e seu moletom cor-de-rosa folgado eram ou emprestadas ou compradas em algum bazar beneficente. Uma tipoia de lona cinza sustentava seu braço direito. Ela estava inclinada para a frente e, quando se moveu, pude notar que suas costas, onde ela havia levado o tiro, ainda doíam bastante.

Mahoney começou nos apresentando e perguntou se ela estaria disposta a nos dizer seu nome.

– É Hannah – disse ela, um pouco hesitante a princípio. – Hannah Willis. Vocês poderiam me ajudar nesse sentido? A me tornar outra pessoa? Proteção de testemunhas ou seja lá que nome vocês dão a isso.

Mahoney explicou que a promotoria pública dos Estados Unidos ainda iria decidir se ela precisaria testemunhar, mas, se fosse o caso, sim, ela se encaixaria perfeitamente no Programa de Proteção a Testemunhas. Enquanto isso, disse Ned para tranquilizá-la, nós não gravaríamos nada do que ela tivesse para nos dizer.

– Vamos começar com o que aconteceu com você – falei. – Na noite em que Aubrey a encontrou na estrada.

Ela assentiu devagar, vasculhando a memória, ou talvez apenas reunindo forças para contar aquela história. May Johnson se sentou ao seu lado, segurando-lhe a mão o tempo todo.

– Era para ser algum tipo de festa particular no Blacksmith – disse Hannah. – Nós não sabíamos de nada além do codinome do cliente, *Zeus*. Bastante convencido, não? Para usar um deus como codinome.

– Essa festa aconteceria no apartamento em cima do galpão de carruagens? – perguntei.

– Exatamente. – O fato de eu já saber disso pareceu surpreendê-la. – Eu nunca tinha ido lá. Sabia que pagava melhor.

– O que você quis dizer com "nós"? – perguntou Ned. – Quantas de vocês estavam lá com Zeus?

– Só eu e mais outra garota, Nicole. Mas duvido que esse fosse seu nome de verdade.

Também não era a primeira vez que eu ouvia aquele nome em uma conversa daquele tipo. Conseguia sentir meu coração esmurrando o peito enquanto enfiava a mão no bolso e sacava a foto de Caroline que vinha carregando comigo desde o começo daquela confusão terrível.

– Esta é ela, Hannah? – perguntei.

Ela fez que sim com a cabeça e as lágrimas começaram a escorrer em seu rosto.

– Sim, senhor. Esta é a garota que morreu. Esta é Nicole.

capítulo 107

Escutei com bastante atenção, mantendo minha raiva afastada das informações que Hannah estava nos dando sobre o assassinato de Caroline e sobre seu próprio suplício no Blacksmith Farms.

Ela descreveu como Zeus as algemara na cama e então usara seus punhos e seus dentes, concentrando-se mais em Caroline do que nela, por motivos que não conseguia explicar nem mesmo agora.

– Depois que ele estuprou nós duas, Nicole estava quase inconsciente e a capa que cobria o colchão estava escorregadia de tanto sangue.

Ele foi embora logo em seguida e Hannah começou a ter esperanças de que o pior houvesse passado, até que dois homens apareceram para levá-las embora. Um era alto e louro, o outro era latino e atarracado. Então ela entendeu o que viria em seguida, considerando o que tinha acontecido quando estavam com Zeus, *considerando o que ela e Caroline sabiam a respeito dele.*

– Eles trabalharam depressa, como se já tivessem feito aquilo antes. Limparam a bagunça – disse Hannah. – Ainda consigo vê-los. A expressão entediada em seus rostos.

Então as duas garotas foram carregadas para fora e colocadas no porta-malas de um carro. Hannah nos contou como segurou a mão de Caroline no escuro e tentou mantê-la falando pelo maior tempo possível. Pouco depois, no entanto, Caroline parou de responder. Quando chegaram ao seu destino e o porta-malas voltou a ser aberto, ela já estava morta.

Eles estavam na mata, perto de uma espécie de cabana. Havia um terceiro homem ali, que parecia mandar nos outros dois. A única luz que os iluminava vinha da sua lanterna e ele a apontava para o rosto de Hannah, examinando-a como se ela fosse um pedaço de carne. Então a largou no chão para analisar melhor Caroline, certificar-se de que ela estava mesmo morta.

Foi então que Hannah decidiu que não tinha mais nada a perder, uma vez que

eles sem dúvida a matariam também. Ela chutou a lanterna e saiu correndo em direção à mata.

Os três homens a seguiram, é claro, e atiraram. Um dos disparos a atingiu nas costas. De alguma forma, ela conseguiu seguir em frente. Não conseguia explicar como, ou mesmo se lembrar do episódio com muita clareza, pelo menos até chegar à estrada e ver os faróis da caminhonete de Aubrey Johnson se aproximando.

Tudo naquela história estava em sintonia com o que eu já sabia: as marcas de mordida nos restos de Caroline, a cabana na mata, a descrição dos dois homens com o carro. Havia apenas uma pergunta pendente.

A pergunta.

– Quem era ele, Hannah? Quem era Zeus? Como vocês descobriram sua identidade?

– Nós descobrimos porque ele mostrou o rosto. Tirou aquela máscara horrível e disse que não se importava que Caroline e eu o víssemos.

– Hannah – falei em seguida. – Quem é ele? Quem é Zeus?

E então, mesmo com tudo o que já sabia sobre aquele caso, sua resposta me deixou perplexo.

capítulo 108

O GRAND FOYER DO KENNEDY CENTER, o principal centro de artes da capital, estava iluminado como uma vitrine natalina da Macy's para o espetáculo que era a recepção do prêmio anual outorgado pela instituição. Cinco dos melhores e mais brilhantes membros da indústria do entretenimento haviam recebido suas medalhas naquela noite e metade de Los Angeles parecia estar presente, confraternizando com metade de Washington. Aquela era uma noite sem igual para a cidade, mais repleta de estrelas do que qualquer outra.

Para Teddy, era sem dúvida uma ocasião comemorativa. Se você perguntasse a qualquer uma daquelas celebridades sobre as manchetes da semana, nove entre 10 contariam a mesma história. Zeus estava morto. Um homem muito mau tinha feito coisas terríveis e pagado o preço mais alto por sua imprudência. Um verdadeiro clássico.

E, como todo bom conto de fadas, era uma mentira apenas vagamente inspirada em fatos. Na verdade, Zeus estava bem no meio daquelas pessoas, aproveitando os coquetéis de lagosta e o champanhe como qualquer um. *Bem, não exatamente como qualquer um*. Teddy vivia em um mundo no qual até a elite mais poderosa beijava seu traseiro regularmente e as pessoas pagavam um bom dinheiro só para estar no mesmo ambiente que ele. Se esse não era um privilégio digno de ser preservado, ele não sabia qual seria.

Ainda assim, havia a questão dos seus "anseios": comer garotas bonitas, vê-las sofrer, matar. Ainda não sabia se seria capaz de manter esses "anseios" sob controle, mas a oportunidade de deixar tudo para trás não poderia ter sido melhor. Ele havia se safado. Ganhara uma segunda chance.

Então Teddy empurrou todos aqueles pensamentos sacanas para o fundo de sua mente, onde era o lugar deles por enquanto, e voltou a flanar pelo salão como só ele conseguia fazer. Aquilo era Teddy em sua essência, na sua melhor forma.

Ele conversou por alguns instantes com Meryl Streep e John McLaughlin no

bar. Elogiou o porta-voz da Casa Branca por sua entrevista arrasadora no *Meet the Press*. Parabenizou Patti LuPone, uma das premiadas da noite, por todo o seu formidável sucesso – fosse ele qual fosse. E continuou se movendo, sem nunca ficar muito tempo em um só lugar, sem nunca abusar da receptividade de ninguém, sem nunca revelar absolutamente nada sobre si mesmo. Essa era a beleza e o encanto dos coquetéis.

Algum tempo depois, topou com Maggie no Hall das Nações, batendo papo com o novo governador democrata da Geórgia e sua esposa com cara de cachorro, cujo nome Teddy nunca conseguia lembrar.

– Por falar no diabo – disse Maggie, enlaçando seu braço. – Olá, querido. Estávamos falando de você agora mesmo. Douglas, Charlotte e eu.

– Olá, Doug, Charlotte. Só coisas boas, espero – disse ele, ao que os outros riram, como se essa fosse a reação esperada, o que era verdade.

– Sua esposa estava nos contando que você monta a cavalo como ninguém – disse o governador.

– Ah – respondeu Teddy. – Meu segredo mais oculto. Tenho tão poucos atualmente. Não gosto que venham à tona.

– Teremos que levá-los ao sítio um dia desses. Há umas trilhas maravilhosas perto da nossa casa de veraneio.

– Isso me soa excelente, "o sítio" – disse ele, contando o tipo de mentira que não machuca ninguém. – E vocês têm que passar uma noite na Casa Branca comigo e com a presidente. – Ele olhou para Maggie, sorrindo com serenidade. – Não é, querida?

capítulo 109

Ao voltarmos de carro do aeroporto naquela noite, Ned Mahoney e eu participamos de uma teleconferência que havia sido providenciada enquanto ainda estávamos no avião. Tínhamos a informação de que Theodore "Teddy" Vance estava com sua esposa, a presidente dos Estados Unidos, na cerimônia do prêmio Kennedy Center. Nós o havíamos apanhado. A questão era como proceder.

A maior parte da resistência veio do Serviço Secreto, que, ironicamente, era quem menos tinha poder de decisão neste caso, tirando eu mesmo. A vice-diretora de investigações deles, Angela Riordan, era quem mais falava.

– Não vamos tolerar essa história de voz de prisão nem nada desse tipo, entendido? Estamos falando do primeiro-cavalheiro dos Estados Unidos. Se o FBI sequer pensar em cruzar nossa linha de segurança, vamos tirá-lo do local antes de qualquer um poder entrar no prédio. Preciso repetir?

– Não temos o menor problema com isso, Angela. – Quem estava falando era Brad Foley, o vice-diretor do FBI encarregado do caso antes de ele ser transferido para Charlottesville. O próprio diretor do FBI, Ron Burns, também estava na linha, assim como alguns funcionários do departamento legal. – Ninguém está falando em prisão por enquanto – prosseguiu Foley. – Só queremos conversar com ele. A esta altura, Vance é uma pessoa interessante para nós.

– Então não há motivo para que isso não possa esperar até amanhã – reconheci o leve sotaque do advogado pessoal de Vance, Raj Doshi, que estava vindo de carro de Maryland enquanto conversávamos.

– Na verdade, há um excelente motivo – falei. – Pessoas já morreram por conta deste acobertamento. Não fazer nada esta noite significa arriscar mais vidas e o fato de estarmos tendo esta conversa só aumenta esse risco.

– Me perdoe... detetive Cross, não é? – perguntou Angela. – Mas nós não vamos tomar decisões táticas com base nos seus palpites ou na sua paranoia.

– Com todo o respeito, a senhora não faz ideia se eu estou sendo paranoico ou não – retruquei. Não quis ser mais claro do que isso, porém Ned Mahoney e eu tínhamos mais cartas na manga do que qualquer outra pessoa naquela ligação.

No fim das contas, acho que Angela reconheceu que não tinha opção e concordou em chamar Vance para ser interrogado.

Quando Doshi insistiu que o interrogatório fosse realizado fora do centro de artes, o FBI não levantou objeções à exigência. Eles logo se decidiram pelo Edifício Eisenhower.

– Cross falando novamente. Suponho que Dan Cormorant esteja em serviço no Kennedy Center, correto?

– Por que o senhor quer saber? – Desta vez, a voz era a do agente Silo Ridge. Eu nem tinha percebido que ele estava na linha.

– Cormorant era meu contato no Serviço Secreto no que dizia respeito a Zeus – falei. – Eu ficaria surpreso se ele *não* tivesse informações que possam nos ser úteis.

A verdade completa era que eu tinha algumas perguntas a fazer a Cormorant e queria encontrá-lo cara a cara antes de falar qualquer coisa da qual pudesse me arrepender mais tarde.

Eles não chegaram a me responder, mas não importava. Eu descobriria em breve. Já podia ver o Kennedy Center assomando bem à nossa frente.

capítulo 110

PROVAVELMENTE NUNCA HOUVE UMA DETENÇÃO como aquela em toda a história da polícia. E, definitivamente, não em minha carreira.

Nós nos reunimos no River Terrace do Kennedy Center, em frente ao Grand Foyer, onde a festa estava a pleno vapor. Eu já tinha visto um punhado de estrelas de cinema passar pelas janelas de 18 metros de altura, mas nenhum sinal de Teddy Vance. *Nenhum sinal de Zeus?*

Luke Hamel, do FBI, havia trazido com ele outro agente sênior, James Walsh, que eu não reconheci e imaginava nunca ter encontrado antes. Ron Burns, meu antigo chefe, estava mantendo certa distância desta vez, mas também garantiu que houvesse espaço para mim e Mahoney ali. Eu retribuiria o favor um dia se pudesse.

Do Serviço Secreto, vieram Angela Riordan e Silo Ridge, além da equipe operacional que já estava no local. Isso significava duplas de agentes de smoking em todas as portas, uma presença ostensiva de oficiais da Polícia Metropolitana no nível da rua, assim como um helicóptero e paramédicos de prontidão – ou seja, o padrão para qualquer evento presidencial.

Com exceção da Casa Branca, sem dúvida não havia prédio mais seguro em Washington naquela noite. Eu conseguia sentir a tensão se espalhando por todo o meu corpo.

Assim que nos posicionamos, Angela determinou que o centro ficasse temporariamente "interditado" – ninguém entrava ou saía até o marido da presidente ser retirado do local. Em seguida, o tráfego foi desviado do edifício. Vários motoristas seriam gravemente prejudicados, mas esse era o menor dos nossos problemas àquela altura.

Era quase certo que o primeiro-cavalheiro fosse um assassino.

Menos de um minuto depois, Dan Cormorant saiu do prédio vestindo smoking. Ele se encaminhou diretamente para Angela Riordan, ignorando todos

os demais.

– Senhora, estamos prontos para agir lá dentro.

– Certo. Queremos resolver isto da forma mais discreta possível, entendido, Dan? Montana sairá por aqui e nós seguiremos para o Edifício Eisenhower.

– Sim, senhora.

Cormorant notou que eu estava olhando para ele quando se virou para ir embora. Não sabia o que já haviam lhe dito, mas minha presença falava por si só. Era impossível que ele não soubesse o que estava acontecendo ali. Ainda assim, eu não conseguia saber o que se passava em sua cabeça. Seja como for, ele já estava voltando, transmitindo ordens através do microfone na manga de sua camisa.

– Aqui é Cormorant. Preciso que o destacamento de Montana esteja preparado para agir às minhas ordens. Central, vamos precisar de transporte completo para o Pátio Norte. *Imediatamente*.

Por instinto, eu me inclinei para perto do agente Ridge e falei baixinho:

– O senhor deveria ir com ele.

Ele não olhou para mim.

– Obrigado pela dica, detetive.

– Estou falando sério – insisti, mas ele estendeu sua mão para me manter afastado, praticamente me empurrando para trás.

– Cross, um dia você vai ser o rei do mundo, mas, até lá, segure sua onda.

Isso era algo muito difícil de fazer. Não estava gostando nem um pouco daquilo – não se Theodore Vance fosse de fato nosso assassino.

capítulo 111

HAVIA ALGO ERRADO. TEDDY conseguiu sentir a tensão emanando de Cormorant antes mesmo de o agente do Serviço Secreto falar ao pé do seu ouvido.

– Com licença, senhor. Pode me acompanhar, por favor? É importante.

Maggie também notou e sabia exatamente como reagir. Ela abriu seu melhor sorriso estilo "Festa de Gala".

– Não o segure por muito tempo, está bem, Dan?

– Sim, senhora.

– Governador, continue pensando – falou Terry para o convidado. – Eu já volto.

Então, sem saber muito bem por que, inclinou-se e beijou sua esposa no rosto.

– Eu te amo, querida – sussurrou, ao que ela piscou de volta.

Doce Maggie. O mundo provavelmente jamais saberia como aquela mulher podia ser boa. Não que ele a amasse de verdade ou sequer pudesse imaginar como seria sentir isso. Mas funcionava. *Eles* funcionavam. Não importava quanto ela viesse a saber a seu respeito, isso nunca poderia apagar o que havia de verdadeiro entre os dois. A soma das partes e tudo o mais. Era complicado, como qualquer relacionamento.

Ele apertou o passo para alcançar o agente enquanto eles atravessavam o foyer.

– O que está acontecendo, Dan?

– Senhor, preciso que mantenha a calma – disse Cormorant. – O FBI quer lhe fazer algumas perguntas. Eles estão esperando lá fora para nos seguir até o Edifício Eisenhower.

Teddy parou na mesma hora.

– Espere um instante. Você está querendo... – Ele inclinou a cabeça para o lado e sorriu para dois idiotas que estavam passando. Então, deu as costas para o salão. – Está querendo que eu tenha uma porra de um ataque do coração aqui?

– Senhor, eu sei o que estou fazendo. De verdade. Preciso que confie em mim.

– Confiar em você? Você está me levando direto para eles!

Cormorant enfiou a mão com o microfone no bolso e sua voz se reduziu a um sussurro irritado:

– Será que ainda não provei o suficiente para o senhor? Pelo amor de Deus, Teddy, controle-se. Eles só querem fazer algumas perguntas.

– Por que será que não acredito nisso, Dan? Isso é ruim. Muito ruim, não é?

– Preste atenção. – O agente desviou o olhar para a saída mais distante e então voltou a encará-lo. – A única maneira viável de sair desta situação é por aquelas portas ali. Ou nós continuamos andando, ou eles vão entrar atrás do senhor. Não há para onde correr, Teddy. Se eles entrarem aqui, vai ser um vexame para a presidente.

Foi então que ele os viu, um monte de oficiais com ternos escuros no River Terrace, incluindo aquele detetive da Polícia Metropolitana que o estava caçando. Alex Cross. Ele deveria ter sido morto e desovado muito tempo antes.

– Senhor, temos que ir.

– Mas que droga, *não me apresse*! Esqueceu com quem está falando? Eu sou Teddy Vance.

Teddy ajeitou sua gravata e pegou uma taça de champanhe de um garçom que passava por ali. Precisou se esforçar para não tomar tudo de uma só vez. Apenas um gole por enquanto e outro sorriso casual para o salão, enquanto o sangue latejava em seus ouvidos.

– Está bem – disse ele. – Vamos logo com isso. Com certeza posso responder a algumas de suas perguntas.

capítulo 112

DAN CORMORANT FOI DISCRETO E eficiente, isso eu não podia negar. Ele desapareceu no Grand Foyer e retornou cerca de 45 segundos depois com Theodore Vance ao seu lado. Até ali, tudo parecia sob controle.

Então Vance parou antes de eles chegarem à porta. Ele se virou para dizer alguma coisa para o agente do Serviço Secreto. Cormorant enfiou a mão com o microfone no bolso. Aquilo não era bom, nada bom.

Do meu lado, Angela Riordan colocou a mão em concha sobre o seu fone de ouvido, tentando escutar.

– Dan, o que você está fazendo?

Ele não respondeu.

– Cormorant, continue andando. Dan! Tire Montana daí agora mesmo – ordenou Angela.

Ela fez sinal para que o agente Ridge entrasse, mas então o puxou de volta quando Vance se virou sozinho e começou a vir em nossa direção. Ele estava olhando direto para nós.

Ele era mesmo Zeus? Segundo Hannah Willis, sim. E eu acreditava nela.

Cormorant o seguia a um passo de distância, com outros três agentes do destacamento de Vance bem na sua frente, cercando o primeiro-cavalheiro. Um agente empurrou a porta e saiu primeiro, segurando-a para o seu chefe passar.

O resto aconteceu num piscar de olhos. Um daqueles instantes efêmeros, mas que ficam gravados na mente para nunca serem esquecidos.

Cormorant estava quase invisível atrás de Vance e eu vi apenas a parte de trás de seu paletó voar para cima.

Demorei um segundo para sacar minha Glock, mas já era tarde demais.

Cormorant sacou a pistola calibre 357 e disparou na nuca de Theodore Vance, que foi lançado para a frente e caiu pesadamente no chão de cimento.

O que se seguiu foi o caos. Incompreensão. Terror. Incredulidade. Quase

imediatamente, Cormorant levou uma série de tiros simultâneos dos agentes à sua volta. Em questão de segundos ele também estava caído e uma loucura absoluta havia tomado conta do local.

Centenas de pessoas gritavam e tentavam correr em direção às saídas. Na mesma hora, as cortinas do foyer começaram a ser fechadas, isolando a cena do tiroteio.

Nesse meio-tempo, vislumbrei um grupo compacto de agentes do Serviço Secreto correndo com o que supus ser a presidente em direção à sala de proteção mais próxima montada no local. Perguntei-me se ela sabia que seu marido tinha sido baleado.

Angela gritava em seu rádio, tentando ser ouvida em meio ao barulho.

– Tiros! Montana caiu; repito, Montana caiu! Precisamos de uma equipe médica avançada no River Terrace. Lado norte. *Agora!*

O destacamento de Teddy Vance havia formado dois círculos ao seu redor, um rente ao chão e outro virado para fora, com as armas em punho. Mahoney e eu recuamos, abrindo um perímetro mais amplo.

Os jornalistas já estavam tentando se infiltrar pelas beiradas, loucos para conseguir seus furos, para conseguir *qualquer coisa*. Havia policiais por toda parte, sirenes soavam alto nas ruas e uma gritaria ensurdecedora vinha de todos os lados ao mesmo tempo.

Era muito cedo para teorias oficiais, mas eu achava que sabia o que acabara de testemunhar. Cormorant era um agente veterano, um patriota, pelo menos era o que pensava de si mesmo. Ele havia esperado Teddy Vance sair do prédio, então disparara uma só bala letal, sabendo que o resultado seria uma saraivada de tiros para matar. Era ao mesmo tempo um assassinato e um suicídio – o último ato de um acobertamento sangrento e, à maneira do agente Cormorant, o último gesto que poderia oferecer à sua presidente para minimizar o estrago.

capítulo 113

ABALADO E EXAUSTO, CHEGUEI EM casa por volta das quatro e meia da manhã, talvez a última vez que chegaria àquela hora da madrugada por algum tempo. Se Bree já não estivesse de pé, eu iria acordá-la para lhe contar o que havia acontecido...

Mas ela nem estava lá. Bree não estava em parte alguma da casa.

Percebi isso assim que vi a grande bolsa de tricô de Tia Lia no chão, ao lado da mesa da cozinha. Ela viera para ficar com as crianças, enquanto Santa Bree tinha ido cobrir meu pernoite no hospital. Naturalmente. Assim como eu, ela não queria que Nana ficasse sozinha.

Quase voltei para o carro, porém fazia mais sentido render Bree de manhãzinha e deixar minha tia ir para casa. Já estávamos sobrecarregados demais.

Então subi e me deitei em cima das cobertas, totalmente acordado e inquieto por conta de tudo o que acontecera, não só naquela noite, mas ao longo das últimas semanas. Não tinha dúvidas de que o impacto daquilo tudo iria reverberar durante meses, talvez anos. Ainda não sabíamos quantas vítimas haviam morrido como Caroline e talvez nunca viéssemos a descobrir. Tampouco sabíamos quanto havia sido acobertado para proteger Zeus, ou quem fora o responsável por isso. Além de tudo, Theodore Vance tinha sido um empresário bem-sucedido e muito rico. Possuía recursos para fazer tudo o que quisesse, realizar todas as suas fantasias. Pelo jeito, era exatamente isso que havia feito.

Mais tarde naquele mesmo dia, teria que ligar para minha cunhada Michelle. Também precisaria decidir quanto da história de sua filha iria lhe contar. Alguns dos detalhes não mereciam estar na memória de uma mãe. Às vezes eu me perguntava se mereciam estar na minha.

Menos de meia hora após eu chegar em casa, o telefone tocou no corredor.

Saltei da cama para atender antes do terceiro toque. Levando em conta os acontecimentos das últimas 24 horas, muita gente poderia estar tentando falar

comigo.

– Alex Cross – atendi com um sussurro.

E, num piscar de olhos, a vida sofreu outra reviravolta.

– Alex, aqui é Zadie Mitchell. Você pode vir ao hospital o mais rápido possível?

capítulo 114

CORRI.

Saí depressa em direção ao carro.

Deixei a sirene ligada por todo o caminho até o St. Anthony's e subi a toda a velocidade quatro lances de escada até o quarto de Nana.

Quando entrei, Bree estava lá dentro, com lágrimas escorrendo pelo rosto. E, ao seu lado, na cama, com olhos que não passavam de frestas – mas *abertos* –, estava Nana Mama.

Ainda não seria desta vez que Regina Hope Cross, a pessoa mais durona que eu conhecia, nos deixaria sozinhos.

Sua voz, reduzida a um sussurro, soava como estática, mas ainda assim fiquei abismado.

– Por que você demorou tanto? – disse ela. – Estou de volta.

– É, estou vendo.

Eu estava radiante quando me ajoelhei para beijá-la do jeito mais carinhoso possível. Ainda havia dois cateteres intravenosos presos a Nana e um acesso arteriovenoso para seu coração, mas o respirador e os tubos de alimentação haviam sido retirados, portanto era como estar diante de uma pessoa que eu não via fazia semanas e semanas.

– O que eu perdi? – perguntou ela.

– Pouca coisa. Quase nada. O mundo parou de girar sem você.

– Muito engraçado – falou Nana, embora eu estivesse falando mais ou menos sério. Todo o resto poderia esperar.

Zadie e um dos cardiologistas, Dr. Steig, estavam no quarto monitorando o quadro de Nana.

– Regina vai precisar do que chamamos de DAVE – disse o médico. – Um dispositivo de assistência ventricular esquerdo. É a melhor alternativa a um transplante e irá ajudá-la a voltar para casa mais cedo. – Ele pousou uma das

mãos no ombro de Nana e aumentou um pouco o tom de voz. – Está ansiosa por algo em especial, Nana?

Ela assentiu, grogue.

– Por enquanto, por continuar viva – disse ela, o que fez com que todos nós ríssemos.

Seus olhos se fecharam novamente.

– Ela ficará apagando e recobrando a consciência por alguns dias – explicou o Dr. Steig. – Mas não precisam se preocupar.

Ele se demorou por mais alguns minutos para repassar os detalhes do tratamento conosco, então nos deixou ficar sozinhos no quarto um pouco.

Quando nos sentamos juntos ao lado da cama, Bree me disse que tinha visto o noticiário na noite anterior. Todos os principais canais estavam transmitindo ao vivo do Kennedy Center, da Casa Branca e da residência da família Vance na Filadélfia. Uma espécie de luto embaraçoso já havia começado a se espalhar pelo país.

– Então é isso? – perguntou Bree. – Acabou?

– Sim – respondi, pensando mais em Nana do que em Teddy Vance. – Até onde qualquer coisa possa acabar. Zeus está morto. Quanto a isso não resta dúvida.

EPÍLOGO

O RENASCIMENTO DA FÊNIX

capítulo 115

O PERÍODO DE FESTAS PASSOU VOANDO esse ano e não é modo de dizer. Damon voltou para casa no recesso de Natal e, já no ano-novo, Nana estava ativa o suficiente para fazer um cordeiro assado para a família com alguma ajuda de suas amigas. Foi a maneira perfeita de se despedir do ano, só nós seis – mesmo que Ali e Nana não tenham conseguido ficar acordados até a meia-noite.

O dia de ano-novo também começou tranquilo. Ouvi alguns capítulos do livro *A Free Life*, de Ha Jin, com Nana em seu quarto, preparei um *brunch* para as crianças e depois perguntei a Bree se ela gostaria de sair para passear de carro comigo à tarde.

– Um passeio pelo campo seria perfeito – disse ela. – Boa ideia. Eu topo.

A temperatura lá fora estava quase abaixo de zero, mas perfeitamente controlada dentro do carro. Coloquei um pouco de John Legend para tocar, segui para o norte e fiquei vendo o mundo passar por mais ou menos uma hora.

Bree só percebeu para onde estávamos indo quando saí da Interestadual 270 em Maryland.

– Ah, que delícia.

– Ah, que *delícia*?

– Você me ouviu. Ah, que delícia! Eu adoro este lugar!

O Catoctin Mountain Park é uma espécie de refúgio sentimental para nós. Foi o primeiro lugar para o qual Bree e eu tínhamos "fugido" juntos e já havíamos acampado várias vezes lá desde então, com as crianças e sozinhos. Ele é lindo o ano inteiro, mas descobrimos que fecha no primeiro dia do ano.

– Não tem problema, Alex – disse Bree. – A viagem até aqui é linda de qualquer maneira.

Estacionei próximo ao grande portão de pedra da entrada principal e desliguei o carro.

– Vamos dar nossa caminhada. O que eles podem fazer, prender a gente?

capítulo 116

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, BREE E eu tínhamos a trilha das cataratas de Cunningham Falls só para nós, aproveitando o máximo de solidão que conseguiríamos durante a tarde. A neve estava fresca; o céu, azul-anil – um daqueles dias em que a natureza acerta em cheio.

– Alguma resolução de ano-novo? – perguntei a ela.

– Claro – respondeu Bree. – Trabalhar demais, parar de ir à academia e comer até ficar gorda. E você?

– Vou parar de fazer coleta seletiva.

– Bom plano.

– Talvez passe um pouco menos de tempo com as crianças.

– Isso com certeza. Ótima ideia.

– E também quero ver se consigo convencer a mulher que eu amo a não se casar comigo.

Bree parou de andar na mesma hora – eu não esperava menos. Aproveitei a deixa e saquei o anel do meu bolso.

– Era de Nana – falei. – Ela também quer que seja seu.

– Oh, meu Deus! – Bree estava sorrindo e balançando a cabeça. Eu não conseguia interpretar muito bem sua expressão. – Alex, acabou de acontecer tanta coisa na sua vida. Tem certeza de que esta é a hora certa para você?

Se estivéssemos falando de outra mulher, eu poderia ter achado que aquilo era uma evasiva para me dispensar com delicadeza. Mas aquela era Bree; evasivas não faziam seu estilo.

– Bree, você se lembra da noite do meu aniversário? – perguntei.

– Claro – respondeu ela, um pouco confusa. – Quando tudo começou. Toda a confusão. Foi quando você teve a primeira notícia sobre Caroline.

– E, até Davies me ligar, era para ser também a noite em que eu iria pedir você em casamento. Então, já que não podemos ter isso de volta, eu diria que este

momento é perfeito. Quer se casar comigo, Bree? Eu te amo tanto que quase não consigo suportar.

O vento ficou mais forte e ela enfiou as mãos dentro do meu casaco para colocar os braços ao meu redor. Então nós nos beijamos por um bom tempo.

– Eu também te amo – sussurrou Bree.

Depois de uma pausa, ela enfim acrescentou:

– Então sim, Alex. Eu te amo demais. Sim para você. Sim para sua família maravilhosa...

– Nossa família maravilhosa – falei, tornando a beijá-la.

Ela assentiu, colando seu corpo ao meu, isolando o frio.

– Sim para tudo.

capítulo 117

VOLTAMOS A COMEMORAR NAQUELA NOITE, desta vez com direito a comida chinesa e depois uma garrafa de champanhe, com Sampson e Billie em casa para dar a grande notícia. Ninguém poderia estar mais empolgado que eu, mas Sampson e Billie chegaram bem perto. Não ouvi uma piadinha sequer sobre como Bree era louca por se casar comigo.

Bem mais tarde, estávamos deitados na cama – só Bree e eu –, já falando em um casamento de verão, quando meu celular tocou na mesinha de cabeceira.

– Não, não, não. – Coloquei um travesseiro sobre a cabeça. – *Esta* é a minha resolução de ano-novo. Chega de telefones. Talvez para sempre.

Nós dois deveríamos voltar ao trabalho na manhã seguinte, mas ainda faltavam oito horas.

– Querido – disse Bree, subindo em mim para pegar o celular –, estou me casando com um policial. Policiais atendem seus telefonemas. Aceite isso. – Ela me entregou o aparelho com outro beijo e rolou de volta para o seu lado da cama.

– Alex Cross – falei.

– Quis ser um dos primeiros a lhe dar os parabéns, Alex. A você e a Bree. Que belo final feliz!

Eu me sentei na cama. A voz não era apenas familiar. Era um pesadelo tornado *realidade*.

A maioria das pessoas conhecia Kyle Craig como o Estrategista. Eu o conhecia como um velho amigo que agora era meu pior adversário.

– Kyle, por que você está me ligando de verdade?

– Estou entediado, Alex. Ninguém brinca comigo como você. Ninguém me conhece tão bem quanto você. Talvez fosse uma boa hora para nos divertirmos um pouco. Só nós dois.

– Acho que nossas definições para essa palavra são diferentes – falei.

Ele riu baixinho.

– Tem razão. Além do mais, até eu consigo notar que você precisa de uma folga depois de Zeus. Considere isso meu presente de casamento. Só não fique muito à vontade, meu amigo. Nada dura para sempre. Mas isso você já está careca de saber, não é? Tudo de bom para Bree, para Nana e para as crianças, é claro. E, Alex, *um brinde à diversão*.

Sobre o autor

JAMES PATTERSON LANÇOU SEU PRIMEIRO LIVRO, *The Thomas Berryman Number*, em 1977 e ganhou o Edgar Allan Poe, importante prêmio literário.

Desde então ele escreveu inúmeros livros, abandonou a carreira publicitária e se tornou um dos maiores escritores de todos os tempos, com 230 milhões de livros vendidos.

Uma de suas séries é protagonizada pelo detetive Alex Cross. Os dois primeiros livros, *Na teia da aranha* e *O beijo da morte*, foram adaptados para o cinema e estrelados por Morgan Freeman.

Outra série de grande sucesso é o Clube das Mulheres contra o Crime, um grupo de quatro amigas que se dedicam a desvendar os mais diversos casos na cidade de São Francisco. A tenente Lindsay Boxer é chefe do Departamento de Homicídios. Cindy Thomas é repórter policial do *San Francisco Chronicle*. A médica-legista Claire Washburn é a única do grupo que é casada. Uma advogada jovem e ambiciosa, Yuki Castellano, é a mais nova integrante do clube. A série foi adaptada para a TV e exibida pelo canal Fox.

Em 2008, Patterson criou o site ReadKiddoRead.com, que ajuda pais e educadores a encontrar os melhores livros para as crianças. Esse projeto rendeu-lhe o prêmio de Inovação na Leitura da National Book Foundation.

Em 2009, foi lançada sua terceira série para jovens, A Bruxa e o Mago (título provisório). Wisty e Whit Allgood são um casal de irmãos que foram presos pelo regime totalitário vigente. Ao todo, milhares de crianças foram sequestradas e muitas continuam desaparecidas. Agora, Wisty e Whit tornaram-se líderes da Resistência e estão dispostos a fazer tudo o que for necessário para salvar os jovens das garras da Nova Ordem.

Em 2010, James Patterson venceu a categoria Autor do Ano do Children's Choice Book Awards. Mais de 15 mil crianças votaram nele, numa disputa que incluía outros grandes nomes da literatura juvenil mundial.

Todo esse sucesso explica por que, numa pesquisa realizada em 2010 nos Estados Unidos, James Patterson figurou como o autor de suspense preferido entre leitores de todas as idades.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO
LIVRO DA SÉRIE ALEX CROSS

Fogo cruzado

PRÓLOGO

ACHADO NÃO É ROUBADO

Um

FAZIA MESES QUE KYLE CRAIG matara pela última vez. Antigamente ele era do tipo que precisava de tudo para ontem, ou até mesmo antes. Mas agora, não. Se os anos de solidão infernal na penitenciária de segurança máxima de Florence, no Colorado, haviam lhe ensinado alguma coisa, era a esperar pelo que queria.

Sentou-se pacientemente no saguão do apartamento de sua vítima, em Miami, com a arma aninhada no colo, olhando as luzes do porto e aguardando. Não tinha pressa, desfrutava a paisagem, talvez finalmente aprendendo a curtir a vida. Sem dúvida, parecia à vontade: jeans desbotados, chinelos, uma camiseta que dizia NÃO DIGA QUE NÃO AVISEI.

Às 2h12 da madrugada uma chave girou na fechadura. Kyle se levantou imediatamente e apoiou as costas na parede, permanecendo tão silencioso quanto uma obra de arte.

O homem da vez, Max Siegel, entrou assobiando. Kyle reconheceu a melodia, uma velha lembrança da infância. Era de *Pedro e o lobo*. A seção de cordas: o tema da caçada de Pedro. Bastante irônico.

Esperou que o Sr. Siegel fechasse a porta e desse mais alguns passos para dentro do apartamento ainda escuro. Então mirou o ponto vermelho do laser e apertou o gatilho.

– Olá, Sr. Siegel. Prazer em conhecê-lo.

Um jato de solução salina carregada de eletricidade acertou Siegel nas costas, liberando uma descarga de 50 mil volts. Ele trincou os dentes e grunhiu. Seus ombros se encolheram para cima, em seguida o corpo ficou totalmente rígido e ele tombou como uma árvore.

Kyle não hesitou nem por um segundo. Passou uma corda de náilon pelo pescoço de Siegel, enrolou três vezes e começou a arrastá-lo num pequeno círculo para que se encharcasse com a solução salina que estava no piso. Em seguida puxou-o pelo apartamento na direção do banheiro principal, nos fundos.

Siegel estava fraco demais para lutar. Todos os seus esforços se concentravam na corda, tentando não ser estrangulado.

– Não lute comigo – disse Kyle por fim. – Não adianta.

Ele colocou Siegel na enorme banheira e amarrou as pontas da corda numa torneira cromada. Isso não era necessário fisicamente, porém mantinha a cabeça de Siegel levantada numa posição em que Kyle podia ver seu rosto.

– Você provavelmente nem sabe que essas coisas existem, não é? – perguntou, levantando a arma estranha que havia trazido. – Sei que você andou fora de circulação por um tempo, mas acredite, elas vão fazer o maior sucesso.

Aquilo parecia uma enorme pistola d'água e era, mais ou menos. Os Tasers comuns funcionavam por 30 segundos, no máximo. Essa coisinha era capaz de *atirar* e *atirar*, graças a um tambor de dois galões de líquido preso às costas.

– O que... você quer? – conseguiu dizer Siegel, engasgado, em resposta àquela loucura.

Kyle tirou do bolso uma pequena câmera digital Canon e começou a tirar fotos. Rosto inteiro, perfil esquerdo, perfil direito.

– Sei quem você é, agente Siegel. Vamos começar, certo?

O rosto do agente assumiu uma expressão confusa. Depois de amedrontada.

– Ah, meu Deus, isso é algum tipo de engano horrível. Meu nome é Ivan Schimmel!

– Não – disse Kyle, fotografando: testa, nariz, queixo. – Você é Max Siegel, do FBI. Está trabalhando disfarçado nos últimos 26 meses. Foi ascendendo no cartel de Buenez até que eles confiassem em você o suficiente para começar a fazer transportes. Agora, enquanto todo mundo vigia a Colômbia, você está transportando heroína de Phuket e Bangcoc para Miami.

Ele baixou a máquina fotográfica e olhou Siegel nos olhos.

– Esqueça o relativismo moral. É tudo em nome do grande desmonte que será realizado no fim. Não é, agente Siegel?

– Não sei de quem você está falando! – gritou ele. – Por favor! Olhe minha carteira!

Ele havia começado a lutar de novo, mas outra descarga elétrica acabou com isso rapidamente. A eletricidade ia diretamente aos nervos motores e sensores. A tolerância de Siegel à dor era irrelevante. E a munição, por assim dizer, escorria direto pelo ralo até a baía Biscayne.

– Acho que posso perdoá-lo por não me reconhecer – continuou Kyle. – O nome "Kyle Craig" significa alguma coisa para você? Ou talvez o *Estrategista*? É assim que me chamam no Palácio do Quebra-cabeça, em Washington. Na verdade, trabalhei lá. Há muito tempo.

Um clarão de reconhecimento surgiu nos olhos de Siegel e desapareceu em seguida, não que Kyle precisasse de qualquer confirmação. Sua capacidade de reconhecimento continuava impecável.

Mas esse tal de Max Siegel também era profissional. Não pararia com o jogo agora, *especialmente* agora.

– Por favor – balbuciou ele quando encontrou a voz de novo. – O que é isso? Quem é você? Não sei o que você quer.

– Tudo, Max. Absolutamente tudo.

Kyle tirou mais meia dúzia de fotos e voltou a guardar a câmera no bolso.

– Na verdade você é vítima da qualidade de seu próprio trabalho, se é que isso serve de consolo. Ninguém sabe que você está aqui, nem o escritório local do FBI. Por isso o escolhi. Selecionei entre todos os agentes que trabalham nos Estados Unidos. *Você*, Max. Adivinha por quê?

Sua voz havia mudado. Agora estava mais nasalada, com os mesmos tons do sotaque do Brooklyn que temperavam o verdadeiro modo de Max Siegel falar.

– Isso nunca vai dar certo! Você é louco! – gritou Siegel. – Você é louco, porra!

– Segundo alguns padrões, acho que pode ser verdade. Mas também sou o filho da puta mais brilhante que você terá o prazer de conhecer. – Então Kyle puxou o gatilho de novo e simplesmente deixou a coisa *rolar*.

Siegel ficou mudo e se retorceu no fundo da banheira. Até que começou a engasgar com a própria língua. Kyle olhou, observando cuidadosamente cada detalhe até o fim, estudando sua cobaia até não restar nada para aprender.

– Espero que isso funcione – disse. – Não gostaria que o senhor morresse em troca de nada, Sr. Siegel.

Dois

VINTE E DOIS DIAS DEPOIS, UM homem espantosamente parecido com Max Siegel fez o check out no Hotel Meliá Habana, no luxuoso bairro de Miramar, em Havana, Cuba. Ali, os turistas da medicina (medical tourists) eram tão comuns quanto os batedores de carteira. Ninguém olhou duas vezes para o homem de ombros largos que passava pelo saguão usando terno de linho, com hematomas em volta dos olhos e gaze sobre o nariz e as orelhas.

Ele fechou a conta com o novíssimo cartão American Express de Max Siegel, imitando com perfeição sua assinatura. As cirurgias, no entanto, tinham sido pagas em dinheiro.

Saindo do hotel, pegou um táxi e atravessou a cidade até o consultório do Dr. Cruz, discretamente enfiado numa das intermináveis arcadas neoclássicas da cidade. Lá dentro, havia uma clínica moderna, com todo tipo de funcionários e serviço completo, capaz de dar orgulho a um caro cirurgião plástico de Miami ou Palm Beach.

– Devo dizer, *señor* Siegel, que estou bem satisfeito – disse o médico, baixinho, enquanto removia a última bandagem. – É um dos melhores trabalhos que já fiz, se é que posso dizer. – Seus modos eram gentis, porém rápidos e eficientes, muito profissionais. Ninguém diria que ele estava disposto a cortar tantas arestas éticas junto com a pele e os ossos do rosto dos clientes.

O Dr. Cruz havia feito sete procedimentos diferentes, algo que poderia demorar meses ou mesmo um ano em outro lugar: uma blefaroplastia; uma rinoplastia com elevação completa da pele e do tecido mole na pirâmide nasal; novos implantes de MEDPOR para obter malares e queixo mais proeminentes; uma genioplastia deslizante no maxilar; um pequeno aumento da testa com silicone; e, como toque final, uma pequena covinha no queixo – exatamente igual à de Max Siegel.

A pedido do paciente, nenhuma imagem fora feita antes ou depois dos

procedimentos. Em troca do pagamento justo, o Dr. Cruz estivera mais do que disposto a trabalhar a partir de uma série de ampliações digitais impressas, sem fazer perguntas, sem qualquer interesse nos detalhes biofísicos.

Agora, quando segurou o grande espelho de mão para Kyle ver seu reflexo, o efeito foi espantoso. Os implantes, especialmente, eram como uma transformação milagrosa.

Max – e não Kyle – sorria de volta no espelho. Ele sentiu uma ligeira ardência nos cantos da boca, que não se movia exatamente como antes. De fato, ele não se reconhecia. Usara outros disfarces no passado, inclusive algumas próteses muito caras que o tiraram da prisão. Mas nada que se comparasse a isso.

– Quanto tempo vai levar para que os hematomas sumam? – perguntou. – E esse inchaço em volta dos olhos?

Cruz entregou uma pasta com informações sobre o pós-operatório.

– Com o descanso apropriado, o senhor deve parecer completamente normal dentro de sete a 10 dias.

As mudanças que faltavam ele poderia fazer sozinho – barbear-se, escurecer o cabelo e cortá-lo à escovinha, colocar um simples par de lentes de contato coloridas. Se havia alguma decepção, era que Kyle Craig havia sido muito mais bonito do que Max Siegel.

Mas dane-se. Ele precisava pensar no quadro geral. Da próxima vez poderia ser Brad Pitt, se quisesse.

Saiu da clínica de muito bom humor e pegou outro táxi direto para o Aeroporto Internacional José Martí. De lá, voou de volta a Miami, com conexão para Washington naquela mesma tarde. Para o evento principal.

Seus pensamentos já haviam começado a se fundir em torno de uma ideia: encontrar seu velho amigo e às vezes parceiro Alex Cross. Será que Alex havia esquecido as promessas que Kyle lhe fizera ao longo dos anos? Não parecia possível. Mas será que Cross teria ficado só um pouquinho mais complacente nesse meio-tempo? Talvez. De qualquer modo, o "grande" Alex Cross ia morrer, e ia morrer feio. Haveria dor, porém, mais do que isso, haveria arrependimento. Seria um final digno da espera, sem dúvida.

Antes, Kyle se divertiria um pouco. Afinal de contas, como o novo Max Siegel, sabia melhor do que ninguém que havia mais de um modo de tomar a vida de outro homem.

PARTE UM

ATIRADOR A POSTOS

capítulo 1

OUTRO BUEIRO HAVIA EXPLODIDO em Georgetown, fazendo a tampa voar a uma altura de quase 12 metros. Era uma epidemiazinha estranha, como se a velha infraestrutura da cidade chegasse a uma espécie de saturação crítica.

Com o passar do tempo, as tubulações subterrâneas haviam se corroído, preenchendo o espaço sob as ruas com gás inflamável. No fim – e com mais frequência nos últimos dias –, os fios expostos criavam um curto-circuito, acendendo uma bola de fogo no esgoto e lançando pelo ar mais uma tampa de ferro de 130 quilos.

Era dessa coisa estranha e apavorante que Denny e Mitch viviam. Toda tarde eles juntavam seus jornais para vender e iam até a biblioteca acessar o site do Departamento de Transporte Municipal para saber a que horas o tráfego estaria pior. Os engarrafamentos eram seu principal ganha-pão.

Mesmo num dia comum, a Key Bridge era digna de seu apelido: Ponte Estrangulada, mas hoje a chegada pela Rua M era algo entre um estacionamento e um circo. Denny foi pelo meio do tráfego e Mitch pegou a lateral.

– *True Press*, só 1 dólar. Ajude os sem-teto.

– Deus te ama. Ajude os sem-teto.

Formavam uma dupla estranha de se olhar: Denny, um cara branco de um metro e oitenta e tantos, com dentes podres e barba crescida que jamais escondia totalmente o queixo fundo, e Mitch, um negro com rosto de menino, corpo robusto que chegava no máximo a um 1,67m e *dreadlocks* na cabeça.

– Isto aqui é uma metáfora perfeita, não é? – dizia Denny.

Os dois conversavam por cima do teto dos carros. Ou melhor, Denny falava e Mitch bancava uma espécie de coadjuvante.

– A pressão vai crescendo lá embaixo, onde ninguém está olhando, porque tudo o que existe lá são ratos e merda, e quem se importa com isso, não é? Até que um dia... – Denny encheu as bochechas e fez um som parecido com uma

explosão nuclear. – Agora você *tem* que prestar atenção, porque os ratos e a merda estão por toda parte e todo mundo quer saber porque *ninguém* fez nada para impedir isso. Quero dizer, se isso não é a descrição perfeita de Washington, não sei que diabo é.

– Perfeita, malandro – disse Mitch, rindo. Em sua camiseta desbotada estava escrito: IRAQUE: SE VOCÊ NÃO ESTEVE LÁ, CALE A BOCA! A calça era de camuflagem, larga como a de Denny, só que cortada na altura do tornozelo.

Em vez de vestir sua camisa, Denny a carregava dobrada sobre o ombro, para mostrar seus músculos abdominais meio definidos. Nunca fazia mal mostrar alguma cosa agradável aos olhos, e o rosto não era exatamente seu ponto forte.

– É o estilo americano – continuou ele, alto o bastante para que qualquer um que estivesse com a janela aberta ouvisse. – Continuar fazendo o que sempre fez e continuar ganhando o que sempre ganhou. Estou certo ou não? – perguntou ele a uma bela mulher de tailleur dentro de um BMW. Ela chegou a sorrir e comprou um jornal. – Deus a abençoe, moça. Mas é *assim* que a gente faz as coisas, senhoras e senhores!

Continuou a perturbar a multidão, conseguindo que mais e mais motoristas estendessem a mão com dinheiro para fora das janelas.

– Ei, Denny! – Mitch esticou o queixo para uma dupla de policiais que vinham da Rua 34 na direção deles. – Acho que aqueles dois não estão gostando muito da gente.

Denny gritou antes que os policiais pudessem falar:

– Pedir não é ilegal, tiras. Pelo menos fora dos parques federais, pelo que verifiquei na última vez, e a Rua M não é um parque!

Um deles sinalizou para o engarrafamento de carros, caminhões da Pepco e veículos do departamento de trânsito.

– Vocês estão brincando comigo? Saiam daí!

– Qual é, cara, vai negar a dois *veteranos sem-teto* o direito de ganhar a vida honestamente?

– Você esteve no Iraque, cara? – perguntou Mitch. As pessoas começavam a olhar com curiosidade.

– Vocês ouviram – disse o segundo tira. – Vão embora. *Agora.*

– Ei, cara, só porque você tem um bundão não significa que precise *ser* um – provocou Denny, arrancando algumas risadas dos motoristas e passageiros.

Podia sentir a plateia cativa passando para o seu lado.

De repente houve alguns empurrões. Mitch não gostava muito de ser tocado e o policial que tentou fazer isso caiu sentado entre os carros. O outro pôs a mão no ombro de Denny, que, como um raio, empurrou-a para longe.

Hora de partir.

Ele deslizou por cima do capô de um táxi e seguiu na direção da Prospect, com Mitch atrás, no seu encalço.

– Parem aí mesmo! – gritou um dos policiais.

Mitch continuou correndo, mas Denny se virou. Vários carros estavam entre ele e os policiais.

– O que você vai fazer. Atirar num veterano sem-teto no meio do trânsito? – Em seguida abriu os braços. – Anda, cara. Me apague. Economize uns trocados para o governo.

As pessoas estavam buzinando e algumas gritavam de dentro dos carros.

– Deixe-o em paz!

– Apoiem as tropas!

Denny sorriu, fez um sinal firme com o dedo médio para o policial e correu para alcançar Mitch. Um segundo depois seguiram pela Rua 33 e logo sumiram de vista.

capítulo 2

AINDA ESTAVAM RINDO QUANDO VOLTARAM ao velhíssimo Suburban de Denny, parado no Estacionamento 9, perto da Biblioteca Lauinger, no campus de Georgetown.

– Aquilo foi irado! – O rosto gorducho de Mitch brilhava de suor, mas ele nem estava sem fôlego. Era do tipo cujos músculos se pareciam muito com gordura. – *O que você vai fazer?* – zombou. – *Atirar num veterano sem-teto no meio do trânsito?*

– *True Press*, 1 dólar – disse Denny. – Almoço no Taco Bell, 3 dólares. A cara do tira quando percebe que você venceu? Não tem preço. Queria ter tirado uma foto.

Tirou um envelope laranja de baixo do limpador de para-brisa e acomodou-se no banco do motorista. O carro ainda fedia aos cigarros que ele fumara um atrás do outro e aos burritos que comera na noite anterior. Travesseiros e cobertores estavam embolados na metade do banco de trás, perto de uma sacola de compras cheia de latas.

Atrás dele, sob uma pilha de caixas de papelão desmoronada, alguns velhos restos de tapete e um fundo falso de compensado, havia duas pistolas Walther PPS 9mm, um M21 semiautomático e um fuzil de atirador de elite M110 de uso restrito das Forças Armadas. E também uma mira telescópica térmica de longo alcance, uma luneta, um kit de limpeza para os fuzis e várias caixas de munição, tudo enrolado numa grande lona plástica presa com várias cordas elásticas.

– Você mandou bem lá, Mitchie – disse Denny. – Muito bem. Não perdeu a tranquilidade nem por um segundo.

– Não – respondeu Mitch, esvaziando os bolsos na bandeja plástica de lanchonete que estava entre os dois. – Não vou perder a calma, Denny. Eu sempre fico frio que nem... como é que se diz, mesmo?, que nem um picolé.

Denny contou a féria do dia. Quarenta e cinco dólares – nada mau para um

turno curto. Deu a Mitch 10 notas de 1 dólar e um punhado de moedas de 25 centavos.

– E aí, o que você acha, Denny? Estou preparado ou não? Acho que estou.

Denny se recostou e acendeu uma guimba que estava no cinzeiro. Entregou-a a Mitch e acendeu outra. Em seguida, pôs fogo no envelope laranja com a multa de estacionamento e largou-o aceso no chão do lado de fora.

– É, Mitch, acho que talvez você esteja pronto. A questão é: *eles* estão prontos para nós?

Os joelhos de Mitch começaram a tremer como uma britadeira.

– Quando a gente começa? Hoje à noite? Que tal hoje à noite? Que tal, hein, Denny?

Denny deu de ombros e se recostou.

– Aproveite a paz e o silêncio enquanto pode, porque logo, logo você vai ser famoso pra cacete. – Ele soltou um círculo de fumaça, depois outro, que passou bem no meio do primeiro. – Está preparado para ser famoso?

Mitch estava olhando pela janela para duas estudantes bonitas, de saia curta, que atravessavam o estacionamento. Seus joelhos ainda estavam balançando.

– Estou pronto para começar, é isso aí.

– Bom garoto. E qual é a missão, Mitchie?

– Limpar essa bagunça de Washington, como os políticos sempre dizem.

– Isso mesmo. Eles ficam falando...

– Mas a gente vai *fazer* alguma coisa. É isso aí. É isso aí.

Denny levantou a mão para que Mitch batesse nela, depois ligou o carro. Deu marcha a ré pelo caminho mais longo, para dar uma boa olhada nas garotas, por trás.

– Falando em tacos – disse e Mitch riu. – Onde você quer comer? A gente tem jornal para queimar hoje.

– No Taco Bell, cara – respondeu Mitch sem precisar pensar.

Denny empurrou a alavanca de câmbio com força e partiu.

– Por que não estou surpreso?

capítulo 3

O ASSUNTO PRINCIPAL NA MINHA VIDA nesses dias era Bree – Brianna Stone, conhecida na Polícia Metropolitana como a Rocha. Sim, ela era tudo isso: firme, profunda, linda. Havia se tornado parte da minha vida a ponto de eu não conseguir mais me imaginar sem ela. Fazia anos que as coisas não eram tão equilibradas para mim.

Claro, o fato de o Departamento de Homicídios estar tão calmo ultimamente também ajudava. Como policial, você não consegue deixar de se perguntar quando o mundo vai cair na sua cabeça de novo, mas, enquanto isso, Bree e eu tínhamos espantosas duas horas de almoço, naquela tarde de quinta-feira. Geralmente, o único modo de nos vermos durante o dia era trabalhando no mesmo caso.

Nós nos sentamos nos fundos do Ben's Chili Bowl, sob todas aquelas fotos autografadas de celebridades. O Ben's não é exatamente a capital mundial do romance, mas é uma instituição em Washington. Só as salsichas semidefumadas já valiam a visita.

– Sabe como as pessoas estão nos chamando no trabalho? – perguntou Bree, na metade do seu ice coffee. – Breelex.

– Breelex? Tipo Brad e Angelina? Isso é *medonho*.

Ela gargalhou. Não conseguia ficar séria diante disso.

– Estou dizendo, os tiras têm imaginação.

– Hum. – Pus a mão de leve na perna dela, por baixo da mesa. – Com exceções, claro.

– Claro.

Qualquer coisa além disso teria que esperar e não somente porque os banheiros do Ben's nem de longe eram uma opção. Na verdade nós tínhamos que ir a um lugar importante naquele dia.

Depois do almoço, caminhamos de mãos dadas pela Rua U até a joalheria de

Sharita Williams. Sharita era uma velha amiga do colegial e por acaso também fazia um trabalho fantástico com peças antigas.

Uma dúzia de sininhos minúsculos tilintou sobre nossas cabeças quando passamos pela porta.

– Ora, vejam se vocês não parecem apaixonados! – Sharita sorriu de trás do balcão.

– É porque estamos, Sharita – respondi. – E eu recomendo fortemente.

– Eu topo. Basta achar um bom homem para mim, Alex.

Ela sabia por que estávamos ali e tirou uma caixinha de veludo preto de baixo do balcão.

– Ficou lindo – falou. – Adoro esta peça.

O anel pertencera à minha avó, Nana Mama, que tinha mãos incrivelmente pequenas. Precisamos mandar alargá-lo para Bree. Era uma base art déco, de platina, com três diamantes incrustados, o que me pareceu perfeito: um para cada filho. Talvez seja brega, mas era como se aquele anel representasse tudo com que Bree e eu estávamos nos comprometendo. Afinal de contas, era um pacote completo, e eu me sentia o homem mais sortudo do mundo.

– Está bom? – perguntou Sharita quando Bree o colocou.

Bree não conseguia tirar os olhos do anel e eu não conseguia tirar os olhos dela.

– É, está bom – respondeu, pegando minha mão. – É a coisa mais linda que já vi.

capítulo 4

APARECI NO FIM DA TARDE no Edifício Daly. Era uma ótima hora para cuidar da papelada que vivia brotando na minha mesa.

No entanto, quando cheguei à sala da Divisão de Casos Especiais, o inspetor Perkins estava saindo para o corredor com alguém que não reconheci.

– Alex – disse ele. – Que bom! Você vai me economizar outra viagem. Pode nos acompanhar?

Obviamente algo estava acontecendo, e não era bom. Quando o chefe quer uma reunião, você vai até ele e não o contrário. Dei meia-volta e os segui na direção dos elevadores.

– Alex, este é Jim Heekin. Jim é o novo encarregado da Diretoria de Informações no FBI.

Apertamos as mãos. Heekin disse:

– Ouvi falar bastante de você, detetive Cross. Embora para o FBI tenha sido uma perda, foi um grande ganho para a Polícia Metropolitana você ter voltado para cá.

– Opa! – reagi. – Elogios nunca são bom sinal.

Todos rimos, mas era verdade. Muitos dos novos administradores no Bureau gostam de agitar as coisas quando começam, só para fazer com que as pessoas saibam que eles estão lá. A questão era: o que o novo cargo de Heekin tinha a ver comigo?

Assim que nos acomodamos na grande sala de Perkins, Heekin foi muito mais específico.

– Posso presumir que você é familiarizado com nossos GICs? – perguntou ele.

– Grupos de Informações de Campo – falei.

Os GIV tinham sido criados para reunir e compartilhar "produtos" de informações com as agências da lei em suas respectivas jurisdições. Na teoria, parecia uma boa ideia, mas alguns críticos viam isso como parte do costume que

o Bureau tinha de passar adiante a responsabilidade pelas investigações criminais no país depois do 11 de Setembro.

– Como você provavelmente sabe – prosseguiu Heekin –, o grupo de Washington tem contato com todos os departamentos de polícia da nossa área, inclusive a polícia metropolitana. E também a ANS, o ATF, o Serviço Secreto... Temos teleconferências mensais e nos encontramos pessoalmente quando é necessário, dependendo de onde seja a ação.

Aquilo começava a parecer papo de vendedor e eu tinha quase certeza do que ele vendia.

– Em geral, os chefes de polícia representam seus departamentos junto aos GIV – continuou ele com seu discurso firme, bem ritmado –, mas gostaríamos que você assumisse essa função na polícia metropolitana.

Olhei para Perkins e ele deu de ombros.

– O que posso dizer, Alex? Estou ocupado demais.

– Não deixe que ele o engane – disse Heekin. – Eu falei com o chefe aqui e, antes disso, com o diretor Burns, do Bureau. Seu nome foi *o único* citado nas duas reuniões.

– Obrigado – respondi. – Isso é muito gentil, mas estou bem como estou.

– É, exatamente. A Divisão de Casos Especiais é perfeita para essa função. No mínimo vai tornar mais fácil o seu trabalho.

Percebi que aquilo não era uma oferta, e sim uma nomeação. Quando voltei para a polícia, Perkins me dera praticamente tudo o que eu havia pedido. Agora eu lhe devia uma. Nós dois sabíamos disso e *ele* sabia que eu gostava de jogar limpo.

– Sem mudança de cargo – falei. – Em primeiro lugar, sou investigador, não administrador.

Perkins riu do outro lado da mesa. Ele também parecia aliviado.

– Por mim está ótimo. Mantém você no mesmo nível salarial.

– E meus casos terão prioridade sobre todas as outras tarefas?

– Não creio que isso seja problema – respondeu Heekin, já se levantando para sair. Ele apertou minha mão de novo junto à porta. – Parabéns, detetive. Você está subindo no mundo.

É, pensei. *Querendo ou não*.

LEIA UM TRECHO DE OUTRO TÍTULO DO AUTOR

5º cavaleiro

Série Clube das Mulheres contra o Crime

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

JAMES PATTERSON

E MAXINE PAETRO

5º CAVALEIRO

Ele tem nas mãos o poder de decidir quem deve viver ou morrer.
O **Clube das Mulheres contra o Crime** precisa deter um assassino à solta num hospital.

ARQUEIRO

PRÓLOGO

NA CALADA DA NOITE

capítulo 1

A CHUVA CASTIGAVA AS JANELAS QUANDO começou a ronda da madrugada no Hospital Municipal de São Francisco. Na UTI, Jessica Falk dormia profundamente no seu leito, como se boiasse num tranquilo lago de analgésicos.

Ela estava tendo um dos sonhos mais lindos da sua vida.

Jessica e seu precioso tesouro, a pequena Claudia, de três anos, nadavam nos fundos da casa da avó da menina. Usando apenas uma boia rosa-shocking em cada braço, Claudia brincava na piscina, seu cabelo molhado brilhando ao sol.

– Seu mestre mandou: beijo de borboleta, Claudia!

– Assim, mamãe?

Mãe e filha riam sem parar, dando cambalhotas na água e gritando de felicidade, quando, sem nenhum aviso, Jessica sentiu uma dor insuportável no peito.

Ela acordou com um grito e se sentou rapidamente, levando as duas mãos ao coração.

O que está acontecendo? Que dor é essa?

Então se deu conta de que estava internada – e que mais uma vez passava mal. Lembrou-se de como tinha chegado até ali, da sirene da ambulância, do médico dizendo que tudo estava sob controle, que ela não precisava se preocupar.

Relaxando o corpo sobre o colchão, quase desmaiando, procurou pela campainha para chamar a enfermeira. Ao encontrá-la, deixou que ela escorregasse de seus dedos, batendo contra a lateral da cama com um barulho metálico.

Meu Deus, não consigo respirar. O que está acontecendo? Estou sufocando. Que horrível! Estou passando mal.

Jogando a cabeça de um lado para outro, Jessica corria os olhos pelo quarto quando percebeu um vulto na sombra.

Um rosto conhecido.

– Graças a Deus! – Seu tom de voz era ofegante. – Por favor, me ajude! É meu coração!

Jessica esticou os braços, fechando os dedos sobre o nada, mas o vulto não se moveu.

– *Por favor!* – implorou ela.

O vulto não se mexia, não tomava nenhuma providência para ajudá-la. *Que diabos está acontecendo? Aqui é um hospital. A pessoa escondida nas sombras trabalha aqui.*

Minúsculos pontos pretos foram surgindo diante dos olhos de Jessica enquanto uma dor lancinante roubava o ar dos seus pulmões. Em poucos segundos, tudo o que ela conseguia enxergar era uma nesga de luz.

– Por favor, me ajude. Acho que estou...

– Sim – disse o vulto na sombra –, você está morrendo, Jessica. É bonito ver sua passagem.

capítulo 2

As mãos de jessica se debateram sobre o lençol, em desespero. Em seguida ficaram quietas. Ela havia acabado de morrer.

O Notívago deu três passos à frente e curvou o tronco sobre o leito. A pele da morta em pouco tempo ganharia uma coloração azulada, pegajosa ao toque, e suas pupilas estavam imóveis. Pulso zero. Nenhum sinal vital. Onde ela estaria agora? No céu? No inferno? Ou em lugar nenhum?

O vulto endireitou a campainha, esticou o lençol sobre a cama e realinhou o cabelo louro do cadáver, não se esquecendo da barra da camisola. Depois tirou um lenço do bolso e secou a saliva que escorria da boca da mulher.

Dedos ágeis ergueram o porta-retratos ao lado do telefone na mesinha de cabeceira. Aquela mãe que segurava a filhinha no colo era uma bela mulher... Claudia. Era esse o nome da menina, certo?

O Notívago colocou o porta-retratos de volta na mesa, fechou os olhos da morta e pôs sobre cada pálpebra um pequeno disco dourado, menor que uma moeda de 10 centavos. Os dois traziam gravados na superfície um caduceu, símbolo da medicina em que duas serpentes se entrelaçam num bastão com duas asas.

Um adeus foi sussurrado em meio ao ruído dos carros que, na rua, cinco andares abaixo, cruzavam o asfalto molhado.

– Boa noite, princesa.

PARTE UM

PREMEDITAÇÃO

capítulo 3

Eu examinava uma pilha de pastas com 18 casos de homicídio ainda não resolvidos quando atendi a ligação de Yuki Castellano, minha amiga advogada.

– Mamãe quer nos levar para almoçar no Café Armani – disse a mais nova integrante do Clube das Mulheres contra o Crime. – Você precisa conhecê-la, Lindsay. Ela é capaz de encantar uma serpente até o animal entregar a própria pele. Mas no bom sentido, claro.

Vejamos... o que fazer? Café frio com salada de atum na minha mesa ou um delicioso almoço mediterrâneo, com direito a salada fresca e lasquinhas de parmesão, uma taça de vinho e a companhia de Yuki e sua mãe encantadora de serpentes?

Arrumei as pastas, disse à nossa assistente, Brenda, que voltaria em poucas horas e saí sabendo que não precisaria retornar antes das três, horário de uma reunião com toda a equipe.

Aquele dia ensolarado de setembro encerrava uma longa temporada de chuva e com certeza seria um dos últimos dias de glória antes que o outono, frio e úmido, tomasse conta de São Francisco.

Era maravilhoso estar ao ar livre.

Eu me encontrei com Yuki e a mãe dela, Keiko, na sofisticada região comercial da Union Square e dali a pouco estávamos conversando sem parar, seguindo pela Maiden Lane rumo à Grant Avenue.

– Vocês, moças, modernas demais – disse Keiko, graciosa como um passarinho, miúda, bem vestida e bem penteada, com duas sacolas de butiques penduradas em cada braço. – Homem não gosta mulher independente – ela falou, tropeçando no idioma.

– *Mamãããe* – resmungou Yuki. – Dá um tempo, vai! Estamos no século XXI. E este país se chama Estados Unidos!

– Veja você, Lindsay – prosseguiu Keiko, dando as costas para a filha e

apertando meu braço. – Uma mulher com pistola!

Yuki e eu caímos na gargalhada, rindo tão alto que mal ouvimos a senhora de olhos puxados se explicar:

– Que homem querer mulher com arma na bolsa?

Diante do sinal fechado para pedestres, aproveitei para secar os olhos, àquela altura encharcados de tanto que eu ria.

– Mas eu *tenho* namorado – comentei.

– Se tem! – exclamou Yuki, entregando o jogo: – Joe é um italianão boa-pinta, igual ao papai. E tem um cargo importante no governo. Segurança Interna.

– Ele faz namorada Lindsay rir? – perguntou Keiko, ignorando completamente as credenciais de Joe.

– Ahã. Tem vezes que a gente se acaba de rir.

– Trata namorada bem?

– *Muuuuito* bem – respondi, rindo.

Keiko assentiu, dizendo:

– Conheço esse sorriso. Lindsay encontrou um homem desrespeitoso.

Mais uma vez Yuki e eu caímos na gargalhada e, a julgar pelo brilho nos olhos dela, Keiko estava adorando o papel de mãe interrogadora.

– Quando você ganha aliança desse Joe?

Eu fiquei vermelha. Keiko havia enfiado o dedo na ferida. Um dedo com a unha perfeitamente pintada, aliás. Joe morava em Washington, do outro lado do país. Na realidade, eu não fazia ideia de para onde estava indo nosso relacionamento.

– Ainda não estamos no estágio da aliança – respondi.

– Você ama esse Joe?

– Muito – admiti.

– E Joe ama Lindsay?

A mãe de Yuki ainda me avaliava com um olhar maroto quando de repente as feições de seu rosto se enrijeceram como pedra. Os olhos cheios de vida se reviraram e os joelhos cederam.

Ainda tentei socorrê-la, mas não houve tempo.

Keiko despencou na calçada com um gemido que fez meu coração gelar. Eu não acreditava no que estava acontecendo. Será que ela estava sofrendo um

AVC?

Yuki deu um grito e depois se abaixou ao lado da mãe, segurando o rosto dela e berrando:

– Mamãe! Mamãe, acorda!

– Yuki, deixe comigo! *Keiko.* Keiko, está me ouvindo?

Meu coração pulava dentro do peito quando levei os dedos à carótida de Keiko e contei seus batimentos cardíacos com a ajuda do relógio.

Ela estava respirando, mas a pulsação era tão fraca que eu mal conseguia sentila.

Peguei meu celular e liguei para a Central.

– Tenente Boxer, matrícula 2.721 – fui logo dizendo. – Preciso de uma ambulância na esquina da Maiden com a Grant. *Rápido!*

capítulo 4

O HOSPITAL MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO é enorme, praticamente uma cidade. Construído pela prefeitura, foi privatizado há alguns anos, mas ainda recebe uma grande quantidade de moradores de rua e pacientes transferidos de outros hospitais, atendendo mais de 100 mil pessoas por ano.

Keiko Castellano estava num dos leitos isolados por cortinas que ocupavam a grande e movimentada emergência. Na sala de espera, eu sofria ao lado da minha amiga, temendo que o pior acontecesse.

Não havia como não me lembrar da última vez em que eu estivera num hospital: as mãos fantasmagóricas dos médicos examinando meu corpo, os batimentos indecisos do meu coração, o medo de não conseguir sobreviver.

Naquela noite fatídica, embora meu turno já tivesse terminado, eu havia saído para uma ronda sem imaginar que ela pudesse acabar em tragédia. Eu e o inspetor Warren Jacobi, amigo e ex-parceiro, fomos baleados numa rua deserta. Jacobi ficou inconsciente, caído no chão, e eu ainda encontrei forças para atirar de volta.

E minha mira foi boa, talvez até demais.

Pode ser um triste sinal dos tempos o fato de a opinião pública sempre tomar o partido dos civis baleados por policiais, e nunca dos policiais baleados por civis. Acabei processada pela família das supostas "vítimas" e por muito pouco não perdi tudo o que tinha.

Eu mal conhecia Yuki Castellano naquela época.

Mas ela foi a advogada brilhante, determinada e talentosa que veio em meu socorro num momento tão difícil. Acabou conquistando minha eterna gratidão.

Com o rosto transtornado e atropelando as palavras com a voz embargada, ela agora dizia:

– Não faz sentido, Lindsay. Você viu. Mamãe estava ótima. Só tem 55 anos, caramba! É forte como um touro! Que diabos está acontecendo? Por que eles não

dizem nada? Por que não deixam que eu entre, só para ver como ela está?

Eu não tinha respostas, mas, assim como Yuki, já estava perdendo a paciência. Onde havia se metido a porcaria do médico? Aquilo era um absurdo. Algo simplesmente inaceitável. Por que ele demorava tanto?

Eu cogitava me levantar para tomar alguma providência quando um médico entrou na sala de espera. Correu os olhos pelo lugar e então chamou o nome de Yuki.

capítulo 5

No bolso do jaleco, o crachá informava: "Dr. Dennis Garza – Diretor da Emergência".

Não pude deixar de notar que ele era um homem bonito: 40 e poucos anos, mais de um metro e oitenta, ombros largos, em boa forma. A ascendência hispânica ficava evidente nos olhos escuros e no cabelo preto que lhe cobria a testa.

No entanto, o que mais me impressionava eram a tensão do corpo dele, a postura rígida e a impaciência com que o médico mexia na corrente do Rolex, como se dissesse: *Sou um homem importante e ocupado. Vou ser breve.* Não sei bem o motivo, mas não gostei dele.

– Sou o Dr. Garza – apresentou-se a Yuki. – Sua mãe provavelmente sofreu um insulto neurológico. É o que chamamos de AIT, ataque isquêmico transitório, ou um pequeno AVC. Em termos simples, trata-se de uma diminuição na irrigação e na oxigenação do cérebro. É possível que ela também tenha tido um pouco de angina, a dor causada pela obstrução das artérias coronárias.

– Isso é sério? Ela ainda está sentindo dor? Quando vou poder falar com ela?

Yuki encheu o médico de perguntas até ele erguer o indicador para pedir a palavra.

– Ela está um pouco confusa. A maioria das pessoas se recupera em 30 minutos, mas outras, e talvez seja o caso da sua mãe, precisam de 24 horas. Ela está sob observação. Visitas são terminantemente proibidas. Vamos ver como ela passa a noite, está bem?

– Mas ela vai ficar boa, não vai? *Não vai?* – insistiu Yuki.

– Srta. Castellano – respondeu o médico –, tente se acalmar. Assim que tiver mais notícias, eu a procuro.

A porta da emergência se fechou atrás do médico antipático e Yuki deixou o

corpo cair sobre a cadeira, dobrou o tronco e escondeu o rosto entre as mãos, chorando. Eu jamais tinha visto minha amiga chorar e era angustiante não poder fazer nada para aliviar sua dor.

Já havia feito tudo ao meu alcance.

Então passei o braço pelos ombros dela e disse:

– Está tudo bem, querida. Sua mãe está sendo bem cuidada. Logo, logo ela vai ficar boa.

Apesar da minha tentativa de consolá-la, Yuki não conseguia segurar o choro. Parecia frágil e assustada, quase uma garotinha.

capítulo 6

A SALA DE ESPERA NÃO TINHA janelas. Os ponteiros do relógio acima da máquina de café seguiam seu curso, deixando a tarde para trás, ganhando a noite, atravessando a madrugada. O Dr. Garza ainda não havia aparecido, tampouco mandara notícias.

Durante aquelas intermináveis 18 horas, Yuki e eu nos revezamos pegando café, indo ao banheiro, caminhando pela sala, lendo revistas, com apenas um sanduíche no estômago, comprado numa máquina no corredor. No restante do tempo ficamos sentadas e em silêncio, ouvindo a respiração uma da outra sob a luz fria das lâmpadas fluorescentes.

Por volta das três da madrugada, Yuki dormiu com a cabeça no meu ombro, mas acordou 20 minutos depois, assustada.

– Alguma novidade? – perguntou.

– Não, amiga. Tente dormir mais um pouco.

Mas ela não me deu ouvidos.

Sentadas lado a lado naquele lugar gelado e inóspito, observávamos os rostos que aos poucos iam mudando à nossa volta: o casal de mãos dadas com um olhar vazio, o pai e a mãe com os filhos dormindo no colo, um senhor solitário.

Quando a porta da emergência se abria, todos os rostos se voltavam na direção dela.

Às vezes um médico entrava.

Às vezes ouvíamos gemidos e choros.

Faltava pouco para as seis da manhã quando uma jovem residente de olhos cansados e jaleco sujo de sangue saiu da emergência e chamou o nome de Yuki.

– Como ela está? – perguntou minha amiga, levantando-se de um pulo.

– Mais lúcida agora, portanto está melhor – respondeu a moça. – Ela vai ficar internada por uns dias e fazer alguns exames, mas você poderá vê-la assim que a transferirmos para o quarto.

Yuki agradeceu à residente e mostrou um sorriso bastante razoável diante das circunstâncias.

– Graças a Deus, Lindsay, mamãe vai ficar boa! – desabafou, mais animada. – Nem sei como lhe agradecer por ter ficado comigo a noite toda. – Segurou minha mão e, com os olhos marejados, emendou: – Nem sei o que teria feito sem sua ajuda. Você foi minha salvação.

Apertei-a num abraço, dizendo:

– Yuki, nós somos amigas. Você sabe que pode contar comigo para qualquer coisa, não sabe? *Qualquer coisa!* Ligue mais tarde para dar notícias, está bem?

– O pior já passou – disse ela. – Você não precisa se preocupar mais com a gente, Lindsay. Muito obrigada. Obrigada mesmo!

Olhei para trás depois de sair para a rua pelas portas automáticas do hospital.

Yuki estava lá dentro, sorrindo para mim e acenando um adeus.

capítulo 7

Havia um táxi livre na porta do hospital. Milagre. Desabei no banco de trás sentindo-me um traste, com o corpo totalmente moído. Passar a noite em claro é coisa para jovens, não para mulheres – digamos – um pouco mais maduras.

Por sorte o motorista não puxou conversa enquanto rumávamos para Potrero Hill com o dia amanhecendo do lado de fora.

Em poucos minutos eu abria a porta do meu simpático sobrado vitoriano de fachada azul, de três andares, que divido com outros dois inquilinos. Saltando os degraus aos pares, subi a escada até o segundo pavimento.

Martha, minha adorável border collie, me esperava na porta como se eu tivesse ficado fora por um ano. Eu sabia que ela havia comido e passeado com a "babá" (Karen deixara a conta na mesa da cozinha), porém Martha estava com saudades de mim, e eu, dela.

– A mãe de Yuki está no hospital – disse à minha fiel amiga, pouco me lixando para quem acha loucura conversar com animais. Abracei-a e ela me deu um de seus beijos molhados, me seguindo até o quarto.

Minha vontade era me jogar na cama e me entregar a um bom sono de oito horas, mas acabei optando por vestir uma roupa esportiva amarrotada da Universidade de Santa Clara e levei Sua Majestade a Cadela para um passeio na rua, apesar da neblina espessa que ainda cobria a baía.

Às oito em ponto eu estava no trabalho, olhando através das vidraças do meu cubículo para a área ocupada pelo Departamento de Homicídios, que àquela hora passava pela mudança de turno.

A pilha de pastas à minha frente havia crescido e o botão na secretária eletrônica piscava furiosamente. Eu me preparava para arregaçar as mangas quando uma sombra se projetou sobre a mesa e a garrafa térmica de café.

Um homem enorme com uma calvície em estágio avançado estava à minha porta. Aquele rosto feio era um velho conhecido meu.

O inspetor Warren Jacobi aparentava o desgaste de um policial que havia ultrapassado a barreira dos 50 anos. Os poucos cabelos que ainda restavam na cabeça do meu ex-parceiro estavam brancos e seus olhos, com as pálpebras caídas, ficaram ainda mais sérios depois das balas que o atingiram na Larkin Street.

– Você está com cara de quem dormiu no banco da praça, Boxer.

– Obrigada, meu amor.

– Espero que tenha se divertido.

– Muito. E aí, Jacobi, quais são as novidades?

– Há 20 minutos, um corpo foi encontrado num Cadillac no estacionamento do Opera Plaza – disse. – Uma mulher. Muito bonita, segundo disseram.

capítulo 8

O ESTACIONAMENTO DO OPERA PLAZA É uma enorme caverna junto ao prédio que abriga cinemas, escritórios e lojas numa parte movimentada da cidade.

Jacobi parou nosso carro à frente das viaturas que bloqueavam a rampa de acesso à garagem na Golden Gate Avenue. Ninguém entrava nem saía. Os curiosos se aglomeravam na calçada.

– Fico impressionado com esse pessoal – comentou Jacobi. – Eles sentem o cheiro de presunto de longe. Sabem quando o chumbo é grosso.

Abrindo caminho através da pequena multidão, ouvi as reclamações dos clientes do estacionamento: "É você que está no comando?", "Ei, preciso do meu carro. Tenho uma reunião daqui a cinco minutos!"

Passei por baixo da fita amarela da polícia e me posicionei na base da rampa, fazendo bom uso do meu metro e cinquenta e cinco de altura. Disse meu nome e fui tratando de pedir desculpas pelo incômodo.

– Por favor, tenham um pouco de paciência. Lamento informar, mas o estacionamento está interditado em razão de um crime ocorrido no recinto. Espero tanto quanto vocês que tudo se resolva o mais rapidamente possível.

Esquivei-me de algumas perguntas e virei o rosto quando alguém me chamou. Era o inspetor Rich Conklin, novo parceiro de Jacobi, que vinha descendo a rampa ao nosso encontro.

Eu gostei de Conklin assim que o conheci, alguns anos antes, quando ele era um dedicado policial de rua. Após várias detenções bem-sucedidas e algumas medalhas por bravura, ele foi promovido ao Departamento de Homicídios com apenas 29 anos.

Conklin chamou bastante atenção das mulheres quando trocou o uniforme pelo distintivo dourado de inspetor. Com um metro e oitenta e cinco de altura, músculos bem distribuídos, olhos escuros e cabelo castanho-claro, ele tinha o aspecto saudável de um jogador de beisebol ou de um fuzileiro naval.

Não que eu prestasse atenção nessas coisas.

– O que temos aí? – perguntei a ele.

Encarando-me de modo sério e respeitoso, Conklin respondeu:

– A vítima é uma mulher branca, tenente. Vinte e um, 22 anos. As marcas no pescoço sugerem estrangulamento.

– Alguma testemunha?

– Infelizmente, não. Aquele sujeito ali trabalhou a noite inteira – disse Conklin, apontando para o cabeludo de aspecto desleixado que era responsável pelo estacionamento –, mas não viu nada de anormal, como era de esperar. O nome dele é Angel Cortez. Falava com a namorada pelo telefone quando uma cliente desceu a rampa aos berros. O nome dela é... – ele consultou suas anotações – Angela Spinogatti. Deixou o carro ontem à noite e quando veio buscar hoje de manhã viu o corpo no Cadillac.

– Você pesquisou a placa do carro? – perguntou Jacobi.

Conklin fez que sim com a cabeça, virando uma página no bloquinho de anotações.

– O veículo está em nome de Lawrence Guttman, dentista. Sem antecedentes criminais. Estamos tentando localizá-lo.

Agradeci a Conklin, mas pedi a ele que achasse o tíquete de estacionamento do Cadillac e as gravações do circuito interno.

Em seguida subi a rampa com Jacobi.

Apesar da noite maldormida, eu começava a sentir uma leve descarga de adrenalina no sangue, imaginando a cena do crime, cogitando por que diabos uma mulher tão jovem havia sido estrangulada naquele lugar.

Era possível ouvir passos no alto da rampa. Muitos passos. Minha equipe estava em ação.

Uma dúzia de oficiais da Polícia de São Francisco andava de um lado para outro naquela espiral de concreto, vasculhando as latas de lixo, anotando as placas, procurando por qualquer coisa que nos ajudasse antes que o lugar fosse reaberto.

Assim que dobramos a curva que levava ao quarto andar, Jacobi e eu vimos o Cadillac, um modelo preto antigo mas bem conservado, sem nenhum arranhão. Estava parado de frente para outro estacionamento, o do Civic Center, na

McAllister.

– De zero a 100 em menos de cinco segundos – piscou Jacobi, cantando razoavelmente bem a musiquinha da Cadillac.

– Dá um tempo, parceiro – respondi, rindo.

Charlie Clapper, chefe da equipe de perícia, levantou a cabeça com a habitual cara fechada e colocou a câmera fotográfica sobre o capô do Honda que estava ao lado do Cadillac. Ele usava um blazer de lã cinza que combinava com seus cabelos grisalhos.

– Lindsay e Jacobi, bom dia aos dois. Mais um presunto para vocês.

Calcei as luvas de borracha e me aproximei do carro. Vi que o porta-malas estava trancado. A vítima ocupava o banco do passageiro, com as mãos cruzadas no colo e os olhos claros arregalados numa expressão de ansiedade.

Como se esperasse pela chegada de alguém.

– Caramba! – disse Jacobi em tom de indignação. – Jovem, linda e bem-arrumada. É revoltante!

CONHEÇA OUTRO TÍTULO
DA SÉRIE ALEX CROSS

JAMES PATTERSON

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

A perseguição começou.
Alex Cross será a caça ou o caçador?



O dia da caça
James Patterson

Alex Cross perdeu os pais quando tinha 10 anos e então mudou-se para Washington, D.C., para viver com a avó, Nana Mama. É com a ajuda dela que

cria os três filhos desde que sua primeira esposa, Maria, morreu baleada num caso nunca solucionado.

Com uma longa e bem-sucedida carreira na polícia, o detetive, que é também ph.D. em psicologia, mantém um consultório particular e presta serviços ao Departamento de Crimes Hediondos da Polícia Metropolitana.

Em *O dia da caça*, Cross se vê diante de um dos piores crimes com que já se deparou: uma família inteira foi morta dentro de casa. O cenário não deixa dúvida quanto à crueldade dos assassinos – corpos esquartejados, móveis revirados, janelas e vidros estilhaçados.

Ao descobrir que uma das vítimas foi sua namorada na faculdade, Cross toma o caso como pessoal e se dispõe a pegar o assassino, custe o que custar.

Com a ajuda de sua atual namorada, a detetive Bree Stone, ele começa as investigações e é levado ao submundo de Washington. O que descobre é pior do que imaginava: os responsáveis por tamanha atrocidade são adolescentes – meninos, na verdade.

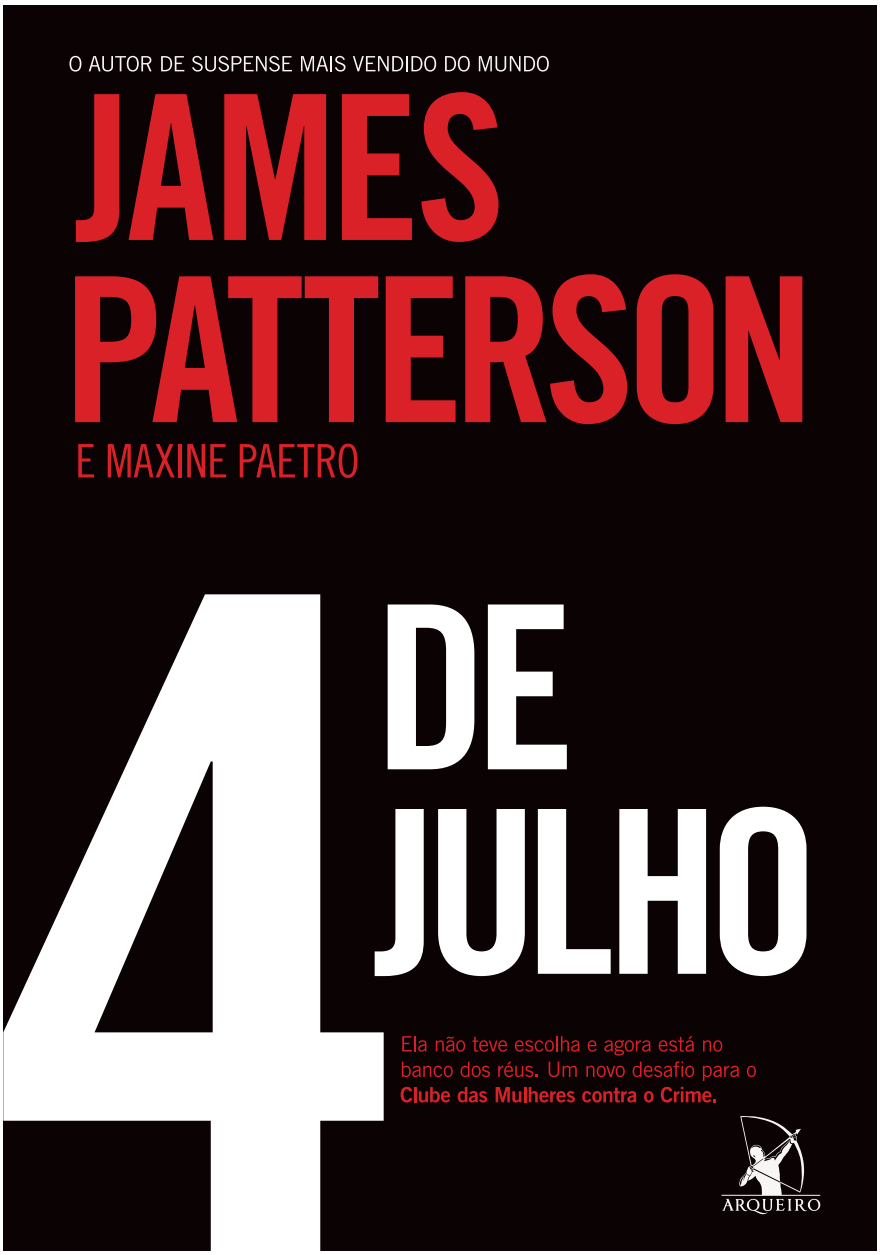
Quando outro crime com os mesmos traços de barbárie vitima mais uma família inteira, dando indícios de que o assassino viajou para a África, Cross não hesita nem por um instante. Apesar dos protestos de Bree e de Nana Mama, ele parte para a Nigéria em busca de justiça.

Ao chegar lá, percebe que as coisas não serão nada fáceis. Capturado, espancado e desprotegido, logo descobre que o criminoso – conhecido apenas como Tiger – não está sozinho. Na verdade, ele conta com a ajuda de pessoas muito poderosas e influentes.

Diante de uma conspiração que ultrapassa fronteiras, Alex Cross trava uma batalha pessoal contra a corrupção. No entanto, quando não se sabe mais quem são os mocinhos e quem são os bandidos, ninguém está em segurança.

Com um ritmo eletrizante, *O dia da caça* é uma aventura de tirar o fôlego e deixa claro por que James Patterson é o autor de suspense mais lido do mundo.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA SÉRIE
CLUBE DAS MULHERES CONTRA O CRIME



4 de Julho
James Patterson

Lindsay Boxer é uma policial exemplar. Chefe do Departamento de

Homicídios da Polícia de São Francisco, a tenente recebeu várias medalhas e menções honrosas durante seus 10 anos de serviço.

Ao fim de um cansativo dia de trabalho, Lindsay se encontra com Claire Washburn e Cindy Thomas num bar. As três amigas compõem o Clube das Mulheres contra o Crime, grupo que tenta solucionar os casos ocorridos na cidade.

Após alguns drinques, a tenente recebe uma ligação do inspetor Warren Jacobi. Ele acaba de localizar um veículo suspeito, visto na cena de um crime. Em poucos minutos Lindsay está no carro de Jacobi, cruzando a cidade na cola de um Mercedes preto.

Depois de uma longa perseguição, a abordagem policial acaba fugindo do controle. Os dois adolescentes que estavam no carro reagem, descarregando suas armas contra a dupla de policiais. A tenente atira em legítima defesa, mas o resultado é uma menina morta e um garoto tetraplégico.

Lindsay é acusada, entre outras coisas, de má conduta profissional e se vê num lugar que nunca imaginaria ocupar: o banco dos réus. Será o fim do Clube das Mulheres contra o Crime? A jovem advogada Yuki Castellano conseguirá provar a inocência da tenente?

Enquanto aguarda o julgamento, Lindsay decide passar uma temporada em Half Moon Bay. Mas a pacata cidade vem sendo palco de crimes brutais e a polícia parece não fazer nada. Mesmo de licença e fora de sua jurisdição, a tenente resolve investigar os assassinatos, com a ajuda de Claire e Cindy. Para sua surpresa, ela encontra ligações entre aquelas mortes e um caso ocorrido 10 anos antes, que ainda é uma mancha em sua carreira.

O Clube das Mulheres contra o Crime é uma das melhores séries de suspense de todos os tempos. Escrito de maneira ágil e envolvente, *4 de Julho* comprova por que os livros de James Patterson sempre chegam ao topo das listas de mais vendidos nos países onde são publicados.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital,* de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br